



# JUDÔ NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: REALIDADE E POSSIBILIDADES

## JUDO IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: REALITY AND POSSIBILITIES

## JUDO EN EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: REALIDAD Y POSSIBILIDADES

Douglas Yuji Takeda Violin

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil  
Email: douglas@amcf.com.br

Claudio Kravchychyn

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil  
Email: claudiokrav@gmail.com

Vânia de Fátima Matias de Souza

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil  
Email: vfmatias@gmail.com

Ieda Parra Barbosa-Rinaldi

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil  
Email: parrarinaldi@hotmail.com

Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil  
Email: amauribassoli@gmail.com

### RESUMO

Como disciplina ou conteúdo da disciplina de lutas, o judô tradicionalmente compõe o currículo de formação de professores de Educação Física no Brasil, mas sua efetiva aplicação na Educação Física escolar vem sendo pouco investigada. Assim, o estudo teve por objetivo analisar a aplicação do conteúdo judô por professores de escolas públicas estaduais de Maringá, Paraná. Participaram da pesquisa 24 professores, atuantes há pelo menos um ano letivo na Rede Estadual de Ensino, que responderam a um questionário sobre suas experiências com o judô: extracurriculares, como aluno do ensino básico, na graduação e em sua prática pedagógica. Verificou-se grande oferta do judô como conteúdo dos cursos de licenciatura e, em contraponto, pouca ou nenhuma oferta na Educação Física escolar. Tais resultados indicam necessidade de maior convergência entre o Ensino Superior e a realidade escolar e de formação continuada aos professores da rede pública, para a efetiva oferta do conteúdo.

**Palavras-chave:** Judô; Educação Física; Escola.

### ABSTRACT

As a discipline or content of the discipline of fighting, judo has traditionally been part of the Physical Education teacher formation curriculum in Brazil, but its effective application in school Physical Education has been little investigated. The study aimed to analyze the application of judo content by teachers of state public schools in the city of Maringá, Paraná. Twenty-four Physical Education teachers who worked for at least one school year at the State Education system participated in the research. The teachers answered a questionnaire whose questions addressed the teachers' profile and their experiences with judo:



extracurricular, as an elementary school, in Physical Education graduation and the pedagogical practice involving the sport. There was a great offer of judo as content of undergraduate courses in Physical Education and, in contrast, little or no offer in school Physical Education. These results indicate the need for greater convergence between higher education and the reality and pedagogical possibilities in schools, and continuing education for teachers working in the public school system, so that judo content is effectively offered.

**Keywords:** Judo; Physical Education; School.

## RESUMEN

Como disciplina o contenido de la disciplina de las peleas, el judo tradicionalmente compone el currículo de capacitación de maestros de Educación Física en Brasil, pero su aplicación efectiva en la Educación Física escolar ha sido poco investigada. El estudio tuvo como objetivo analizar la aplicación del contenido judo por parte de maestros de escuelas públicas estatales en la ciudad de Maringá, Paraná. Veinticuatro maestros de educación física que trabajaron durante al menos un año escolar en la Red Educacional del Estado participaron en la investigación. Los maestros respondieron un cuestionario cuyas preguntas abordaron el perfil de los maestros y sus experiencias con el judo: extracurricular, como estudiante de enseñanza superior en Educación Física y la práctica pedagógica. Hubo gran oferta de judo como contenido de cursos superiores en Educación Física y, en contraste, poca o ninguna oferta en Educación Física escolar. Estos resultados indican la necesidad de una convergencia entre la educación superior y la realidad y las posibilidades pedagógicas en las escuelas, así como la educación continua para los docentes que trabajan en el sistema escolar público, para que el contenido de judo ser ofrecido efectivamente.

**Palabras clave:** Judo, Educación Física, Escuela.

## INTRODUÇÃO

O judô ocupa posição de destaque entre as modalidades de lutas no Brasil. Introduzido no país por imigrantes japoneses no século XIX, teve ampla difusão no território nacional no século seguinte, inicialmente como arte marcial de defesa pessoal e de formação física e moral e, mais adiante, como modalidade esportiva (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2019).

Nessa expansão, o ensino do judô foi conduzido por professores (*senseis*) com graduação elevada na modalidade – preferencialmente “faixas pretas” – em diversos ambientes, tais como academias (específicas e de ginástica), clubes esportivos, espaços públicos e instituições de ensino (geralmente como atividade extracurricular), mediante seu reconhecimento social como atividade de formação integral (TRUSZ; DELL’AGLIO, 2010; SOUZA; SPESSATO; VALENTINI, 2014; GUEDES; MISSAKA, 2015).

Esse *status* formativo contribuiu substancialmente para levar o judô a integrar a

maioria dos currículos dos cursos superiores de Educação Física até a década de 1990, como disciplina “solo”. No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, com perspectivas ampliadas para a formação inicial em Educação Física, a modalidade passou a ser ofertada como conteúdo da disciplina de lutas na maioria dos currículos dos cursos brasileiros de licenciatura (ALVES JUNIOR, 2001; GOMES et al., 2013).

Desde o reconhecimento da Educação Física como componente curricular da Educação Básica (BRASIL, 1996), as lutas e o judô são conteúdos contemplados nos principais documentos norteadores oficiais para a organização curricular da disciplina no Brasil (BRASIL, 1997; 2017), nas diretrizes oficiais do Estado do Paraná, locus do presente estudo (PARANÁ, 2008) e de outros Estados brasileiros.

Durante as últimas décadas, tais conteúdos vêm sendo indicados na literatura científica nacional como essenciais para a Educação Física escolar, conforme apontam os trabalhos de Darido e Souza Junior (2008), Palma, Oliveira e Palma (2012), Alencar e colaboradores (2015), entre muitos outros.



No entanto, os conteúdos ligados às lutas parecem estar sendo preteridos ou trabalhados superficialmente pelos professores da disciplina na Educação Básica brasileira (GOMES et al., 2013; ALENCAR et al., 2015; RUFINO; DARIDO, 2015).

Diante do exposto, o presente estudo tem por objetivo analisar a aplicação do conteúdo judô por professores de escolas públicas estaduais do município de Maringá, Paraná.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, de característica prioritariamente qualitativa, que conta com o suporte de dados quantitativos para a análise dos resultados.

Participaram espontaneamente da pesquisa 24 professores de Educação Física de ambos os sexos, do município de Maringá, atuantes há pelo menos um ano letivo na Rede Estadual de Ensino, e ministrantes da disciplina para o 6º ano do Ensino Fundamental, etapa prevista nas Diretrizes Estaduais (PARANÁ, 2008) para o ensino do judô.

A pesquisa foi realizada com autorização do Núcleo Regional de Educação (NRE) de Maringá, e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá (COPEP/UEM) – parecer 2.240.014/2017.

Os dados foram coletados por meio de um questionário construído a partir de uma matriz analítica própria, composto por questões fechadas (gerando dados quantitativos), com possibilidade de justificativas e complementos para as respostas (possibilitando análises qualitativas). Além de questões para delinear o perfil dos participantes, foram apresentadas aos professores questões versando sobre o judô, abordando: experiências extracurriculares; experiências como aluno do ensino básico e durante a graduação em Educação Física;

conhecimentos e prática pedagógica envolvendo a modalidade.

O questionário foi validado por três professores Doutores da Universidade Estadual de Maringá (UEM), com experiência (ensino e pesquisa) em lutas e na Educação Física escolar. A coleta dos dados ocorreu durante reunião pedagógica do NRE, mediante assinatura do termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos participantes.

Os dados quantitativos foram analisados por meio de estatística descritiva, com a apresentação em frequência (absoluta e relativa). Já a análise dos dados qualitativos foi realizada sob o método de análise de conteúdo proposto por Ludke e André (1986), que considera mensagens expressas por meio de palavras, sentenças e parágrafos, de acordo com uma estrutura lógica de expressões e elocuições. Os resultados estão representados em seis gráficos (figuras), e três tabelas, para posterior discussão à luz da legislação e de trabalhos de pesquisadores sobre os temas “lutas”, “judô”, “Educação Física escolar” e temas afins. Nos quadros, para a apresentação das frases categorizadas, utilizamos a codificação “P” (de 1 a 24) para os professores, a fim de preservar a identidade destes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

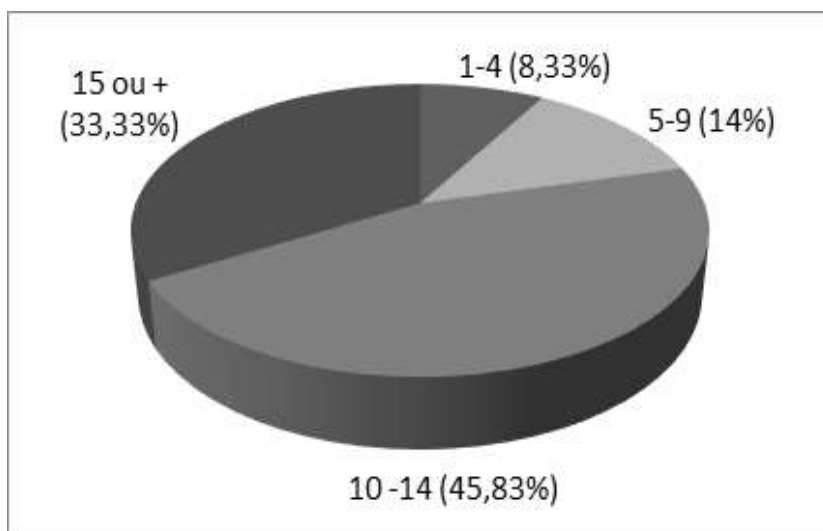
### Perfil dos participantes da pesquisa

Dos 24 professores participantes, 10 (41,66%) são do sexo masculino e 14 (58,33%) do sexo feminino, com média de idade de 40,9 anos.

As Figuras 1 e 2 fornecem, respectivamente, informações sobre o tempo de docência dos professores na rede estadual de ensino do Estado do Paraná e sobre a formação deles para além da graduação.



**Figura 1** – Tempo (em anos) de atuação na Rede Estadual de Ensino

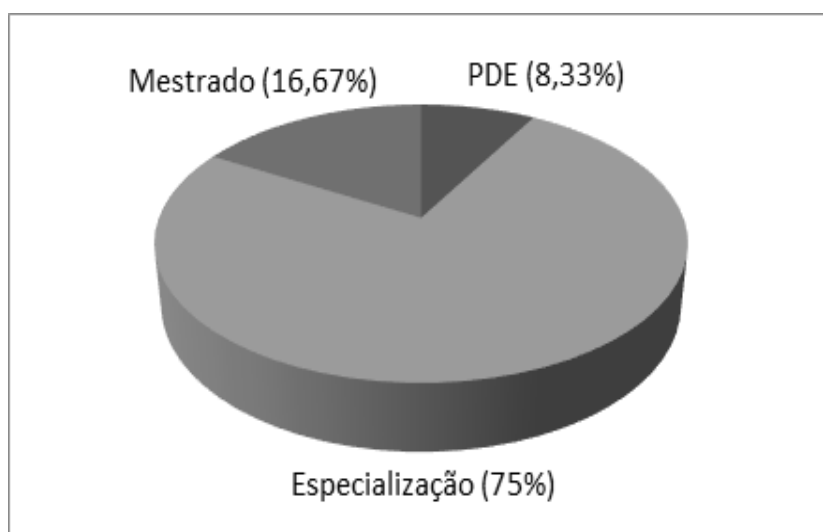


**Fonte:** construção dos autores

Sobre o tempo de docência dos professores na rede estadual de ensino do Estado do Paraná, dois professores (8,33%) atuam por períodos compreendidos entre um e quatro anos; três

(12,50%), entre cinco e nove anos; 11 (45,83%) entre 10 e 14 anos; e oito (33,33%) por 15 anos ou mais.

**Figura 2** – Pós-graduação ou Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE)



**Fonte:** construção dos autores

Todos os professores pesquisados possuem pós-graduação (especialização ou mestrado) ou a formação denominada “Programa de Desenvolvimento Educacional” (PDE), desenvolvida pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná, aqui incluída devido ao seu formato – estabelece diálogo entre professores do Ensino Superior (orientadores) e da Educação Básica, por meio de atividades teórico-práticas –

e à sua valorização no Plano de Carreira Docente da Rede Estadual, sendo requisito para a ascensão ao nível máximo (PARANÁ, 2010). Dois (8,33%) concluíram o PDE; 18 (75%) concluíram cursos de especialização; e quatro (16,67%) concluíram cursos de mestrado.

Trata-se, portanto, de uma amostra experiente na docência da Educação Básica, e



que demonstra interesse na continuidade de estudos para além da formação inicial.

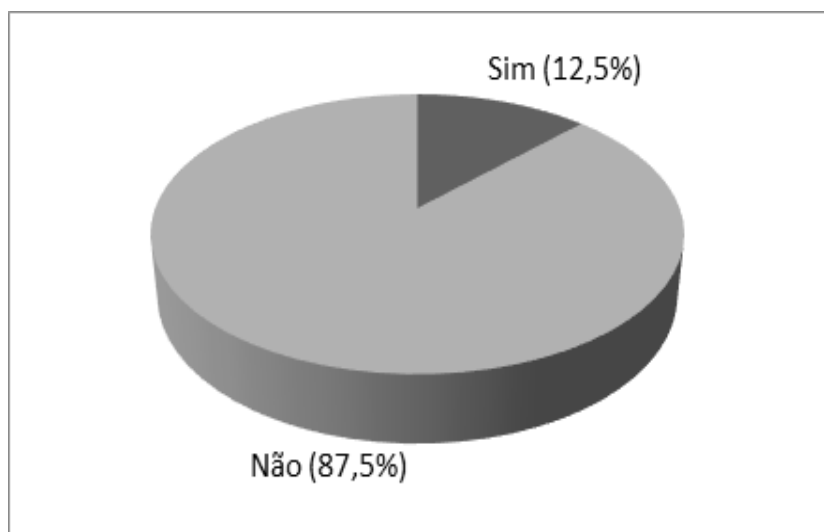
### Experiências dos professores com o judô

Sob o entendimento que experiências escolares e extraescolares anteriores influenciam a atuação de professores de Educação Física na Educação Básica (ROSÁRIO; DARIDO, 2005), questionamos os participantes sobre suas

experiências extracurriculares com a modalidade como alunos na educação básica e como acadêmicos, no Ensino Superior.

Enquanto alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, nenhum dos participantes estudou ou vivenciou o judô como conteúdo da disciplina Educação Física. Já no ambiente extraescolar, algumas experiências com a modalidade foram verificadas, conforme observado no Figura 3.

**Figura 3** – Prática do judô como atividade extraescolar



**Fonte:** construção dos autores

Apenas três professores (12,5%) praticaram judô durante as fases de infância e adolescência, todos fora do ambiente escolar.

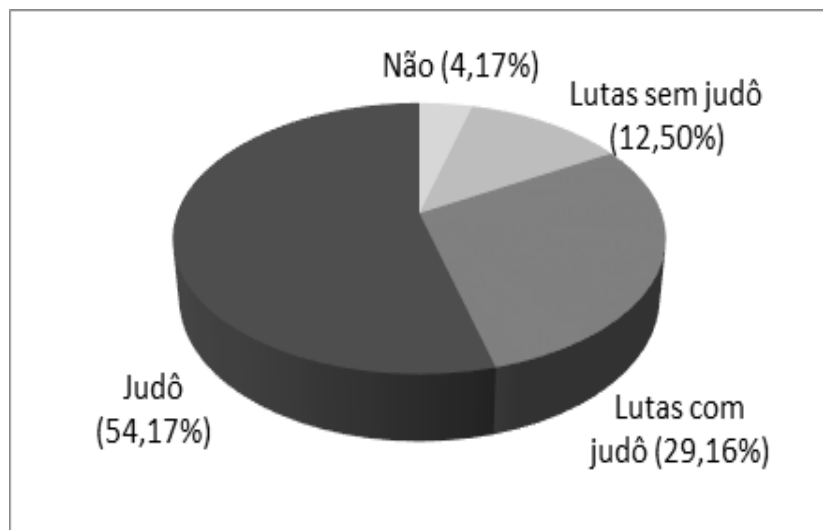
A falta de oferta da modalidade na experiência discente dos participantes corrobora com estudos sobre a efetiva presença das lutas e do judô na Educação Física escolar no Brasil (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2007; RUFINO; DARIDO, 2011; 2015). As respostas também reforçam o pressuposto de que a prática do judô

na sociedade ocorre predominantemente de forma extracurricular (TRUSZ; DELL'AGLIO, 2010; SOUZA; SPESSATO; VALENTINI, 2014).

Já no Ensino Superior, o quadro se inverte. É expressiva a presença do judô como disciplina ou conteúdo da disciplina de lutas, compondo currículos dos cursos de licenciatura em Educação Física, conforme explicita a Figura 4.



**Figura 4** – Lutas e judô na formação inicial em Educação Física.



**Fonte:** construção dos autores

Apenas um dos 24 participantes da pesquisa (4,17%) afirma não ter cursado disciplinas versando sobre lutas em sua formação inicial. Dentre os demais, três (12,50%) cursaram a disciplina de lutas, sem a abordagem específica do judô; sete (29,16%) tiveram acesso ao estudo e vivência do judô como parte da disciplina de lutas; e 13 (54,17%) cursaram a disciplina de judô. No total, portanto, 83,33% dos professores participantes da pesquisa contaram com o judô como componente dos currículos das Instituições de Ensino Superior (IES) em que obtiveram sua graduação.

Os dados apresentados reiteram a importância das lutas e o destaque do judô como modalidade tradicional e hegemônica entre as constantes nos currículos dos cursos de graduação em Educação Física, assim como na agenda de pesquisas acadêmicas sobre a temática (TRUSZ; NUNES, 2007; RUFINO; DARIDO, 2011; CAVAZANI et al., 2016).

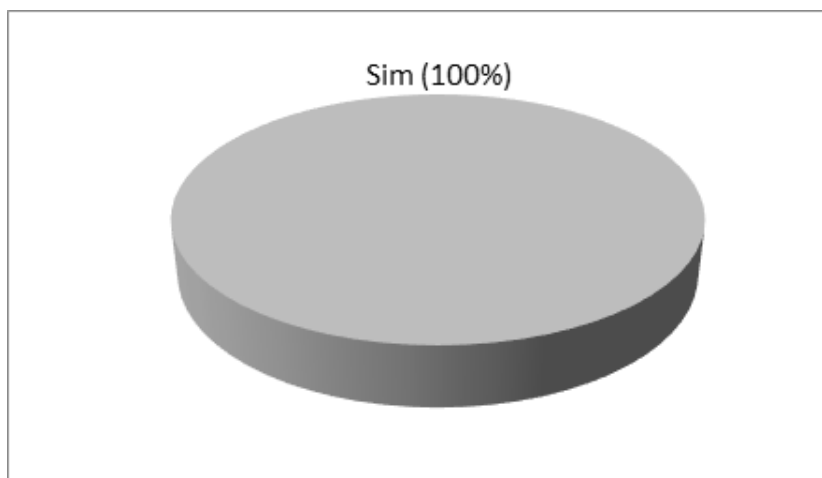
Mas afinal, a prática e os conhecimentos vivenciados na formação de professores de Educação Física se traduzem em aplicação

efetiva na docência da Educação Básica? Conforme citado na parte introdutória deste estudo, nossas leituras prévias sugerem que tal aplicação ocorre pontual ou timidamente, ou simplesmente não ocorre.

Tal hipótese sugere certo paradoxo entre o conhecimento apreendido nos bancos acadêmicos e sua transmissão na atuação docente. Assim sendo, contando com dados positivos quanto à oferta do judô como conteúdo acadêmico, passamos a apresentar os resultados dos questionamentos sobre sua efetiva aplicação no dia-a-dia da Educação Básica, “se” e “como” ela acontece.

### **O “lugar” do judô na Educação Física escolar**

O judô deve integrar o rol de conteúdos da Educação Física escolar? Por quê? Essas duas questões foram apresentadas aos professores participantes da pesquisa. A Figura 5 e a Tabela 1 contém, respectivamente, as respostas às duas indagações.

**Figura 5** – Necessidade do ensino do judô na Educação Física escolar.

**Fonte:** construção dos autores

Os 24 professores (100%) entendem que o judô deve ser ensinado nas aulas de Educação Física. Destes, apenas 16 apresentaram

justificativas, gerando sete categorias de análise que, além dos dados quantitativos, compõem a Tabela 1.

**Tabela 1** – Justificativas para a necessidade do ensino do judô na Educação Física escolar

<b>Categorias</b>	<b>Justificativa</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Desenvolvimento Integral	<i>P1: “conteúdo importante principalmente pela sua filosofia, regras positivas para o desenvolvimento integral dos alunos”; P3: “luta que disciplina, e bem orientada favorece o desenvolvimento global do praticante, com movimentos que favorecem algo saudável e aplicável em outras áreas”; P5: “por ser importante no desenvolvimento do nosso aluno como um todo”; P8: “possui um conteúdo atrelado a ele historicamente, além de um repertório motor rico”; P20: “é um esporte que consegue trabalhar todos os grupos musculares e a parte psicológica do aluno”.</i>	5	31,25
Conteúdo do componente curricular Educação Física	<i>P4: “faz parte dos conteúdos da Educação física e apresenta inúmeras formas de trabalhar várias questões”; P10: “porque é um conteúdo da disciplina de educação física”; P13: “faz parte do conteúdo lutas”; P17: “porque faz parte do conteúdo de lutas e está inserido no componente curricular obrigatório”.</i>	4	25
Respeito e disciplina	<i>P15: “como forma de auxiliar na disciplina dos alunos”; P18: “arte marcial que fomenta a importância do controle emocional e sua filosofia nos leva a refletir sobre a forma de respeito ao próximo”; P24: “hoje os alunos são bem agressivos, com o ensino do judô no currículo, seria bom pra que eles aprendessem a entender melhor a vida no sentido do respeito pelo próximo e da disciplina”.</i>	3	18,75
Melhora da estrutura	<i>P9: “as escolas teriam que viabilizar uma melhor estrutura, um espaço adequado para a realização”.</i>	1	6,25
Dependência da experiência	<i>P21: “é importante, mas para ensinar o judô depende muito da experiência que o professor possui em relação à luta”.</i>	1	6,25
Novidade	<i>P2: “seria uma forma de nova experiência para os alunos”.</i>	1	6,25
Admiração	<i>P19: “o judô é um esporte que admiro muito”.</i>	1	6,25
<b>TOTAL</b>		<b>16</b>	<b>100</b>

**Fonte:** construção dos autores



Categorizadas as justificativas de 16 professores, cinco deles (31,25%) entenderam que o judô deve ser ensinado na Educação Física escolar pelo potencial de desenvolvimento integral característico da modalidade; quatro (25%) por entenderem ser um conteúdo previsto legalmente no componente curricular Educação Física; três (18,75%) por promover o respeito e a disciplina. Quatro categorias apresentaram justificativas bastante peculiares e diferenciadas entre si, sendo compostas de uma justificativa cada, correspondendo a 6,25% do total. As justificativas isoladas apontam para: crença de que com a oferta do judô a escola se veria obrigada a melhorar sua estrutura física para abrigar a modalidade; experiência do professor em lutas como condição para que o ensino ocorra efetivamente; uma nova experiência para os alunos; e admiração do professor pela modalidade.

No total de justificativas oferecidas, é possível verificar a presença das três dimensões de conteúdos propostas por Coll et al. (2000): dimensão conceitual (o que se deve saber); dimensão procedimental (o que se deve saber fazer); e dimensão atitudinal (como se deve ser). Rufino (2014) preconiza que o ensino das lutas nas aulas de Educação Física na escola seja pautado nessas três dimensões. Sob essa perspectiva, o esporte passa a ser trabalhado considerando uma ampla abrangência de temas (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014).

É notório o destaque dado pelos professores à contribuição para o desenvolvimento integral por meio do judô. Há endosso científico ao reconhecimento da modalidade quanto a seu potencial de atuação positiva em aspectos como desempenho escolar, sociabilidade, resiliência, controle da agressividade, entre outros (TRUSZ; DEL'AGLIO, 2010; BATISTA; DELGADO, 2013; GUEDES; MISSAKA, 2015; MUGRABI; MARIA, 2016).

A referência ao judô como conteúdo legal e “obrigatório” (segundo um dos professores) do

componente curricular Educação Física na Educação Básica, ressalta a importância das lutas e do judô nesse contexto.

Visando contemplar a ampliação de possibilidades de trabalho com os diferentes elementos da cultura corporal de movimento, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresentam as lutas – e o judô em seu rol de possibilidades – como conteúdos fundamentais (BRASIL, 1997; 2017). Nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica para o componente curricular Educação Física do Estado do Paraná, as lutas figuram como conteúdo estruturante, apresentando o judô como conteúdo básico para o 6º ano do Ensino Fundamental (PARANÁ, 2008).

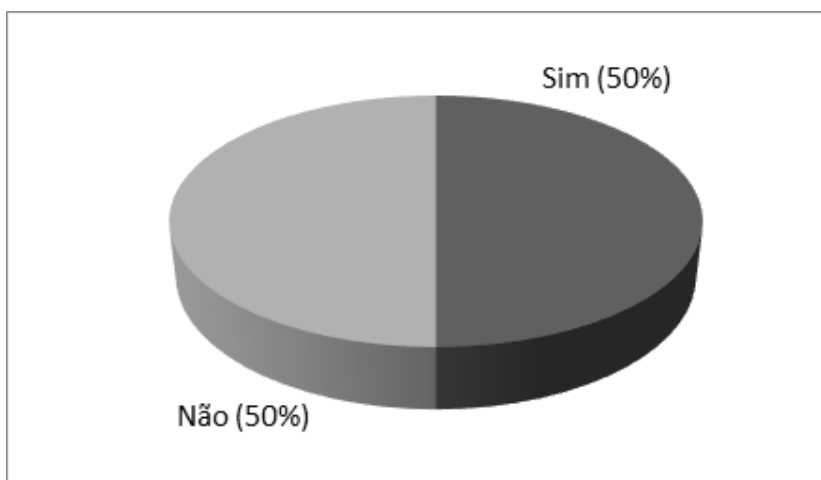
Entretanto, são raros os casos de contemplação de tais indicações, sendo mais comum a oferta de programas de lutas como atividade extracurricular, e mesmo assim em reduzido número de escolas pelo país (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2007; CORREIA; FRANCHINI, 2010; RUFINO; DARIDO, 2012).

Dessa escassez de oferta provavelmente decorram alguns conceitos expressados pelos professores participantes da pesquisa, que entendem o judô como um “novo conteúdo”, com capacidade de motivar ações até o aprimoramento da estrutura física da escola. Tais aspectos aparecem novamente em questões e discussões adiante.

## Ensino do Judô

Perguntamos aos professores se efetivamente ministram o conteúdo judô em suas aulas. Em caso negativo, solicitamos que apresentassem a principal justificativa para tanto. Em caso positivo, pedimos que apontassem as atividades desenvolvidas nas aulas. A Figura 6 e as Tabelas 2 e 3 apresentam os resultados desses questionamentos.



**Figura 6** – Ensino efetivo do judô nas aulas de Educação Física

**Fonte:** construção dos autores

Observa-se que 12 professores (50%) não ministram o conteúdo judô, e que 12 (50%) ministram. Pedimos aos que afirmaram não ministrar o conteúdo que explicitassem os motivos para tanto, e apenas oito apresentaram

justificativas (Tabela 2). Já aos que afirmaram ministrar, solicitamos que delineassem de que forma desenvolvem suas atividades com a modalidade, e nove deles o fizeram (Tabela 3).

**Tabela 2** – Motivos pelos quais os professores não ensinam o judô

Categorias	Justificativas	N	%
Estrutura física/ riscos e material esportivo	<i>P3: “na minha escola não há espaço físico, nem tatame, nem vestimentas adequadas para a prática”; P5: “esportes que envolvem riscos como quedas devem ter piso adequado, só temos a quadra”; P13: “o espaço físico é precário”; P21: “na faculdade eu emprestei quimono para fazer a disciplina, não dá para exigir isso dos alunos, e não temos local próprio também”.</i>	5	62,5
Pouco domínio do conteúdo/ insegurança	<i>P8: “nunca pratiquei o judô, a não ser no curso de Educação Física, já há muito tempo”; P19: “não tenho domínio do conteúdo, não me sinto seguro para ministrar”; P22: “nomenclatura dos golpes é difícil, precisa ser do judô, só com o que aprendemos na faculdade não dá base”.</i>	2	25
Aceitação pelos alunos/ receio	<i>P2: “os alunos já se acostumaram com os esportes, acho que não gostariam de fazer atividades de lutas”.</i>	1	12,5
<b>TOTAL</b>		<b>8</b>	<b>100</b>

**Fonte:** construção dos autores

Entre os oito professores que justificaram o não ensino do judô, cinco (62,5%) alicerçaram suas justificativas na falta de estrutura física e de material esportivo específico. Em segundo plano, o pouco domínio do conteúdo e uma consequente insegurança em ministrá-lo são as principais limitações apontadas por dois professores (25%). O receio da não aceitação pelos alunos aparece em uma das justificativas (12,5%). Encontramos convergências com tais apontamentos,

observadas por pesquisadores de diferentes realidades.

A falta de materiais e infraestrutura, a pouca ou nenhuma vivência pessoal dos professores e formação específica insuficiente durante o curso superior são aspectos enfatizados como limitadores, tanto em relação ao ensino das lutas em geral (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2007; TRUSZ; NUNES, 2007; RUFINO; DARIDO, 2015) quanto especificamente em relação ao judô



(RIZZO, 2011; PAGANI; ANDREOLA; SOUZA, 2012).

Um fator não apontado pelos professores participantes também se destaca na literatura, como o receio de ministrar conteúdos que possam incitar a violência, enquanto o contrário (inibi-la) se configura como objetivo plausível, caso ministrados corretamente (RUFINO; DARIDO, 2015; LOPES; KERR, 2015).

Entre os itens elencados pelos professores participantes da pesquisa e pelos autores supracitados, destaca-se a baixa transferência dos conhecimentos e vivências do Ensino Superior para a realidade escolar. O aparato físico similar ao ambiente de competição, em contraponto às condições das instalações escolares – sobretudo da rede pública – contribui para o quadro de ausência do conteúdo. Corroborar Tardif (2012), ao afirmar que o distanciamento entre os conhecimentos universitários e os saberes profissionais dos professores do Ensino Básico influencia negativamente sua prática pedagógica.

No contexto das lutas e do judô essa condição precisa ser urgentemente superada, assim como o conceito de que a escassa vivência pessoal dos professores geralmente afasta da sua prática pedagógica alguns esportes e práticas corporais que não são tradicionalmente trabalhados no ambiente escolar (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2007; KRAVCHYCHYN; OLIVEIRA; CARDOSO, 2008; NASCIMENTO, 2008; LOPES; KERR, 2015).

O posicionamento que aponta o temor pela aceitação dos alunos por um conteúdo “novo” também encontra conexão com a insegurança do professor em abandonar práticas tradicionais e já conhecidas pelos alunos (esportes coletivos de quadra, por exemplo). Segundo Kravchychyn, Oliveira e Cardoso (2008), é necessário que haja disposição por parte do professor em abandonar algumas “zonas de conforto” estabelecidas na Educação Física escolar.

**Tabela 3– Atividades que os professores desenvolvem com o conteúdo judô**

<b>Categorias</b>	<b>Justificativas</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Aulas teóricas e atividades de pesquisa	<i>P4: “Raramente trabalho judô com meus alunos e quando trabalho é em forma de pesquisa, ou seja, nunca trabalhei na prática”; P9: “infelizmente trabalho este conteúdo de forma teórica. Apresento vídeo sobre esta modalidade”; P15: “parte teórica sobre o conteúdo enfocando ataque e defesa pessoal do judô”; P20: “os alunos fazem pesquisa sobre o judô para apresentar em sala”; P24: “trabalho apenas a parte teórica, pois não estou apta para a prática”.</i>	5	55,56
Aulas teóricas e movimentos básicos da modalidade	<i>P1: “Aulas teóricas e praticas com movimentos básicos do judô que aprendi estudando, porque na minha formação acadêmica esse tipo de luta não fez parte do curso, então meu trabalho é bastante limitado”; P10: “Com relação ao judô trabalho alguns movimentos como o rolamento, mas não diretamente, e trabalho conteúdos teóricos relacionados ao judô”; P17: “histórico da luta, algumas movimentações de forma leve”; P18: “histórico através de textos e vídeos, golpes e movimentação básica”.</i>	4	44,44
<b>TOTAL</b>		<b>9</b>	<b>100</b>

**Fonte:** construção dos autores

Dos nove professores que apontaram atividades desenvolvidas com o conteúdo judô, cinco (55,56%) abdicam de aulas práticas, ministrando apenas aulas teóricas e conduzindo atividades de pesquisa, enquanto quatro (44,44%) ministram aulas práticas e poucos movimentos relacionados à modalidade.

Os relatos dos professores evidenciam um trabalho que contempla prioritariamente a dimensão conceitual, ao referenciar o

histórico, vídeos apresentando os golpes básicos e pesquisas, apesar da falta de detalhamento destas. A dimensão procedimental foi citada timidamente e também sem maiores detalhes (golpes e movimentos básicos). Já a dimensão atitudinal, que no judô pauta-se especialmente nas questões disciplinares e filosóficas, não foi explicitada diretamente na prática dos professores, apesar de ressaltada quando os professores defenderam a necessidade do ensino



da modalidade na Educação Física escolar (Tabela 1).

Conforme destaca Rufino (2012), o entendimento de que o ensino das lutas na escola deve ser uma replicação das práticas em ambientes extraescolares precisa ser superada. Essa possivelmente seja uma das causas da timidez com que as aulas práticas de judô são descritas. Dessa forma, o ensino deve ter como objetivo buscar o desenvolvimento humano, considerando as diferentes dimensões de conteúdo e a aprendizagem por meio de jogos e brincadeiras e, especialmente, dissociando a atividade de comportamentos violentos (GOMES et al., 2013; LOPES; KERR, 2015).

O limitado rol de atividades evidenciado na Tabela 3 coincide com os apontamentos de Rufino e Darido (2013), de que o conteúdo judô é pouco explorado por grande parte dos professores que incluem a modalidade em seus planejamentos.

Exemplos de como ensinar lutas compõem as Diretrizes Curriculares do Paraná, tais como o uso de jogos de oposição, confrontações que podem ocorrer individualmente, em duplas, trios ou até mesmo em grupos. A proposta acrescenta pesquisas – citadas pelos professores –, seminários e visitas a academias como estratégias de ensino (PARANÁ, 2008).

Mesmo com adaptações, a intervenção deve também ser capaz de contemplar regras oficiais, formas de competições, aspectos técnicos, táticos e estratégicos, conservando os aspectos históricos, éticos e filosóficos (RIZZO, 2011; RUFINO; DARIDO, 2015; CAVAZANI et al., 2016).

Para tanto, é importante proporcionar um ambiente de aprendizagem rico em tomadas de decisões e de possibilidades de experiências significativas, considerando o contexto e a realidade desses alunos, ou seja, o que eles já sabem sobre o judô, infraestrutura e materiais disponíveis e possibilidades de adaptação, entre outros fatores (RUFINO, 2012; GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014; CAVAZANI et al., 2016). Em relação aos procedimentos de ensino, atividades lúdicas, recreativas, brincadeiras e vivências de situações que favoreçam um

convívio em grupo são ações pedagogicamente indicadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lutas e, nesse contexto, o judô, são conteúdos frequentemente valorizados em leis e diretrizes (nacionais e regionais) para a Educação Física escolar no Brasil e pela literatura da área, situação reiterada na BNCC (BRASIL, 2017), documento normativo atual. Tal valorização ocorre tanto pela necessidade de oferta do judô como elemento da cultura corporal do movimento, quanto por valores de formação humana que permeiam a modalidade.

O diagnóstico sobre a oferta e efetiva aplicação do judô na disciplina Educação Física na realidade estudada corrobora com o apresentado pela literatura, em termos de importância e efetivação do ensino. Todos os professores pesquisados consideram o judô como um conteúdo essencial à Educação Física escolar, mas metade deles não o ministra. Nos casos de oferta, fica explícita a limitação, especialmente em ministrar vivências práticas consistentes.

Considerando que o judô compôs o currículo de quase todas as IES nas quais os professores cursaram sua formação inicial – apenas um professor não teve acesso ao conteúdo –, cabe destacar a desarmonia entre o ensino da modalidade nos cursos de licenciatura em Educação Física e suas possibilidades de replicação na realidade escolar, especialmente da rede pública de ensino.

Emerge, pois, a necessidade superação das dificuldades apontadas, dentre as quais se destacam o desinteresse ou a insegurança em incluir nos planejamentos unidades de ensino que contemplem o judô, dentro de um currículo escolar que considere: a) habilidades e capacidades motoras de cada faixa etária e nível de ensino; b) a possibilidade de ensino por parte de professores sem a formação específica do judô; c) a necessidade da oferta de conhecimentos e vivências sobre a modalidade a



alunos da educação básica, se necessário, com adaptações de espaços físicos e equipamentos.

Urge, pois, a necessidade de reavaliação do ensino das lutas na escola, com práticas pedagógicas modificadas e adaptadas, permitindo aos alunos conhecimentos e experiências significativas. Tal transformação passa não só pela reformulação de ementas e planos de ensino acadêmicos, mas também por políticas de formação continuada de professores na ativa.

Mesmo considerando a limitação do estudo, especialmente no que tange ao tamanho da

amostra e regionalidade, os dados obtidos vão ao encontro de outros diagnósticos realizados no Brasil. Esperamos, a partir dos resultados da pesquisa, poder contribuir para as reflexões sobre a temática e para a oferta de possibilidades pedagógicas para a abordagem desse conteúdo na Educação Física escolar.

Diante da observada escassez de estudos recentes sobre a aplicação e aplicabilidade do judô na Educação Física escolar, recomendamos uma intensificação de abordagem sobre a temática em pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Yllah Oliveira e colaboradores. As lutas no ambiente escolar: uma proposta de prática pedagógica. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 23, n. 3, p. 53-62, 2015.

ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. O judô na universidade: discutindo questões de gênero e idade. In: GUEDES, Onacir Carneiro. **Judô: evolução técnica e competição**. João Pessoa, PB: Idéia, 2001.

BATISTA, Marco; DELGADO, Sixto Cubo. A prática de judô em relação com o autoconceito, a auto-estima e o rendimento escolar de alunos do primeiro ciclo do ensino básico. **Revista de ciências del deporte**, v. 9, p. 193-210, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB** (Lei nº. 9394/96). Brasília: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC, 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 03/02/2018.

CAVAZANI, Reinaldo Naia e colaboradores. Pedagogia do esporte: tornando o jogo possível no judô infantil. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 177-190, 2016.

COLL, César e colaboradores. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre, RS: Artmed; 2000.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **História do judô**. Disponível em: [https://cbj.com.br/historia\\_do\\_judo/](https://cbj.com.br/historia_do_judo/). Acesso em: 11/09/2019.

CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, v. 16, n.1, p. 01-09, 2010.

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.



GOMES, Nathalia Chaves e colaboradores. O conteúdo das lutas nas séries iniciais do ensino fundamental: possibilidades para a prática pedagógica da Educação Física escolar. **Motrivivência**, ano XXV, n. 41, p. 305-320, 2013.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de (Orgs.). **Práticas corporais e a organização do conhecimento**: lutas, capoeira e práticas corporais de Aventura. Maringá, PR: EdUEM, 2014.

GUEDES, Dartagnan Pinto; MISSAKA, Marcelo Seiji. Sport participation motives of young brazilian judô athletes. **Motriz**, v. 21, n. 1, p. 84-91, 2015.

KRAVCHYCHYN, Claudio; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de; CARDOSO, Sônia Maria Vicente. Implantação de uma proposta de sistematização e desenvolvimento da Educação Física do Ensino Médio. **Movimento**, v. 14, n. 2, p. 39-62, 2008.

LOPES, Rafael Gregory Bazilio; KERR, Tiemi Okimura. O ensino das lutas na educação física escolar: uma experiência no ensino fundamental. **Motrivivência**, v. 27, n. 45, p. 262-279, 2015.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MUGRABI, Lenon Vinícius Solis; MARIA, Anderson Leandro. O judô na educação física escolar. **Acta brasileira do movimento humano**, v.6, n.2, p.11-19, 2016.

NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa; ALMEIDA, Luciano de. A tematização das lutas na educação física escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, v. 13, n. 3, p. 91-110, 2007.

PAGANI, Mario Mecnas; ANDREOLA, Remi; SOUZA, Francisco Tadeu Reis de. Lutas na escola: judô como opção de educação física para o ensino fundamental no município de Sorriso-MT. **Revista Científica FAEMA**, v. 3, n. 2, p. 40-56, 2012.

PALMA, Ângela Pereira Teixeira Victoria; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de; PALMA, José Augusto Victoria. **Educação física e a organização curricular**: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio. Londrina, PR: EdUEL, 2012.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Educação Física**. Paraná: Governo do Estado do Paraná. Curitiba, PR, 2008.

\_\_\_\_\_. **Lei Complementar 130, de 14 de julho de 2010**. Regulamenta o Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, instituído pela Lei Complementar nº 103/2004, que tem como objetivo oferecer Formação Continuada para o Professor da Rede Pública de Ensino do Paraná, conforme específica. Curitiba, 2010. Disponível em <<https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/listarAtosAno.do?action=exibir&codAto=56196&indice=1&anoSpan=2010&anoSelecionado=2010&isPaginado=true>>. Acesso em 10/02/2018.



RIZZO, Marco Antonio Lima. **As apropriações e objetivações do conteúdo judô nas aulas de educação física escolar**. 2011. 202f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2011.

ROSÁRIO, Luís Fernando Rocha; DARIDO, Suraya Cristina. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**, v. 11, n. 3, p. 167-178, 2005.

RUFINO, Luís Gustavo Bonatto. **“Campos de luta”**: o processo de construção coletiva de um livro didático na educação física no ensino médio. 2012. 364f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2012.

\_\_\_\_\_. Lutas. In: GONZÁLEZ, Fernando Jorge; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de (Orgs.). **Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura**. Maringá: EdUEM, 2014. p. 29-68.

RUFINO, Luís Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na educação física escolar: necessidade ou tradição. **Pensar a prática**, v. 14, n. 3, p. 1-17, 2011.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 26, n. 2, p. 283-300, 2012.

\_\_\_\_\_. O ensino das lutas nas aulas de educação física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas. **Revista da educação física/UEM**, v. 26, n. 4, p. 505-518, 2015.

SOUZA, Mariele Santayana de; SPESSATO, Barbara Coiro; VALENTINI, Nadia Cristina. Estratégias de aprendizagem e o ensino de judô para iniciantes: demonstração, dicas verbais e feedback. **Acta brasileira do movimento humano**, v. 5, p. 32-46, 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TRUSZ, Rodrigo Augusto; DELL’AGLIO, Débora Dalbosco. A prática do judô e o desenvolvimento moral das crianças. **Revista brasileira de psicologia do esporte**, v. 3, n. 2, p. 117-135, 2010.

TRUSZ, Rodrigo Augusto.; NUNES, Alexandre Velly. A evolução dos esportes de combate no currículo do curso de educação física da UFRGS. **Movimento**, v.13, n. 1, p. 179-204, 2007.

Dados do autor:

Email: douglas@amcf.com.br

Endereço: Av. Colombo, 5790, Bloco M-06, Jardim Universitário, Maringá, PR, CEP 87020-900, Brasil

Recebido em: 31/07/2019

Aprovado em: 19/09/2019

Como citar este artigo:

VIOLIN, Douglas Yuji Takeda e colaboradores. Judô na educação física escolar: realidade e possibilidades. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 03, p. 1-14, set./ dez., 2019.



# ANÁLISE DE FATORES QUE DIFICULTAM A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO

## ANALYSIS OF FACTORS HINDERING THE PEDAGOGICAL PRACTICE OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS IN THE SCHOOLS OF THE MUNICIPAL NETWORK OF SÃO PAULO

## ANÁLISIS DE LOS FACTORES QUE OBSTACULIZAN LA PRÁCTICA PEDAGÓGICA DE LOS DOCENTES DE EDUCACIÓN FÍSICA EN LAS ESCUELAS DE LA RED MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Daniel Teixeira Maldonado  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, São Paulo, Brasil  
Email: danielmaldonado@yahoo.com.br

Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva  
Centro Universitário FIEO, Osasco, São Paulo, Brasil  
Email: sheila.silva@uol.com.br

### RESUMO

Este estudo descritivo analisa e compara as dificuldades percebidas por professores de Educação Física que trabalham em escolas públicas municipais da cidade de São Paulo ao realizar suas práticas pedagógicas. Solicitou-se que 79 professores de Educação Física expressassem seu grau de desacordo/acordo em relação a 44 afirmações. O software SPSS, versão 21.0, foi usado para analisar estatisticamente as respostas, e o teste U de Mann-Whitney, com nível de significância de 5%, foi usado nas comparações. Vinte e cinco afirmações foram identificadas como pouco, muito ou extremamente prejudiciais para a prática pedagógica. Não houve diferença estatisticamente significativa na percepção de professores formados em diferentes décadas ou com diferentes tempos de experiência profissional. A maioria das dificuldades percebidas para a eficácia da prática pedagógica resultou de questões macroestruturais que afetam a rotina diária nas escolas. Nesse contexto, é necessária a participação efetiva dos docentes nas políticas públicas voltadas para a Educação Básica.

**Palavras-chave:** Prática Pedagógica; Educação Pública; Professores de Educação Física.

### ABSTRACT

This descriptive study analyzes and compares the difficulties perceived by Physical Education teachers, who work in municipal public schools of São Paulo City, at the time to carry out their pedagogical practice. Seventy-nine PE teachers were asked to express their degree of disagreement/agreement with 44 statements. The SPSS software, version 21.0, was used to statistically analyze the answers, and the Mann-Whitney U test was used in the comparisons, at 5% significance level. Twenty-five (25) statements were identified as little, very or extremely detrimental to the pedagogical practice. There was no statistically significant difference in the perception of teachers trained in different decades, with different professional experience times. Most of the perceived difficulties in the pedagogical practice effectiveness result from macrostructural issues affecting the daily routine in schools. In this context, the effective participation of teachers in public policies aimed at Basic Education is necessary.

**Keywords:** Pedagogical Practice; Public Education; Physical Education Teachers.



## RESUMEN

Este estudio descriptivo analiza y compara las dificultades percibidas por los docentes de Educación Física que trabajan en escuelas públicas municipales de la ciudad de São Paulo, en el momento de llevar a cabo su práctica pedagógica. Se pidió a 79 maestros de Educación Física que expresaran su grado de desacuerdo/acuerdo relativo a 44 declaraciones. El software SPSS, versión 21.0, se utilizó para analizar estadísticamente las respuestas, mientras que la prueba U de Mann-Whitney al nivel de significación del 5% se utilizó en las comparaciones. Veinticinco declaraciones fueron identificadas como poco, muy o muy perjudiciales para la práctica pedagógica. No hubo diferencias estadísticamente significativas en la percepción de los docentes. La mayoría de las dificultades percibidas resultan de problemas macroestructurales que afectan la rutina diaria de las escuelas. En este contexto, es necesaria la participación efectiva de los docentes en las políticas públicas dirigidas a la Educación Básica.

**Palabras clave:** Práctica Pedagógica; Educación pública; Profesores de Educación Física.

## INTRODUÇÃO

O cotidiano escolar é influenciado por uma rede de fatores que afetam a prática pedagógica dos professores da escola. Questões como a quantidade de funcionários disponíveis, os materiais didáticos, os espaços, o tempo e a sua distribuição, o tamanho das classes, o clima de controle, dentre outros fatores, acabam influenciando o processo de aprendizagem dos alunos (SACRISTÁN, 2017).

Tardif e Lessard (2017) também mencionam que vários fatores, que atuam em sinergia, podem influenciar a ação didática dos professores, tais como: *fatores ambientais e materiais*, como a quantidade de material adequado, de equipamentos de informática, de bibliotecas e de recursos financeiros; *fatores sociais*, como a situação socioeconômica do bairro onde a escola está localizada e dos alunos que a frequentam, a violência que existe na região e a utilização de drogas pelas crianças e adolescentes; *fatores ligados ao objeto de trabalho*, tais como o tamanho das turmas, a diversidade existente entre os alunos, a presença de discentes com algum tipo de deficiência, com dificuldade de adaptação e de aprendizagem; *fenômenos resultantes da organização do trabalho*, como o tempo de trabalho, a quantidade de disciplinas que o docente ministra, o seu vínculo empregatício (regular, precário, por contrato), a diversidade das outras tarefas além do ensino (recuperação, as atividades paradidáticas, etc.), as atividades à noite, no fim

de semana e nas férias; e as *exigências formais ou burocráticas a cumprir*, tais como o cumprimento dos horários, a avaliação dos alunos, atendimento aos pais, reuniões obrigatórias e tarefas e administrativas.

Portanto, ao se deparar com um cotidiano de trabalho complexo, caótico e imprevisível, é necessário que os pesquisadores que estudam essa realidade analisem o ambiente escolar com uma visão mais ecológica. Essa perspectiva de análise mais ampla não permite discursos ingênuos onde se afirma que o professor é o único responsável pelo processo de aquisição dos conhecimentos pelos estudantes.

Quando pensamos especificamente nos docentes de Educação Física, que lecionam na escola pública brasileira desde meados do século XIX, e já foram influenciados por diferentes e diversificadas perspectivas teóricas (biológicas, psicológicas, antropológicas, sociológicas, etc.), esse cotidiano se torna ainda mais complexo, pois esse profissional poderá efetivar a sua prática pedagógica a partir de variadas perspectivas epistemológicas (BRACHT, 1999; 2014).

Entretanto, uma parte considerável das pesquisas produzidas sobre as aulas de Educação Física escolar tem dado enfoque para diagnosticar as intenções didático-pedagógicas dos professores desse componente curricular, não levando em conta essa enorme gama de fatores que influenciam a prática pedagógica dos docentes de Educação Física que lecionam na





escola pública brasileira (MALDONADO; SILVA; MIRANDA, 2014).

Nesse sentido, o objetivo desse estudo foi analisar as principais dificuldades para a efetivação da prática pedagógica em Educação Física percebidas por professores dessa disciplina que atuavam nas escolas municipais de São Paulo e identificar, por meio de comparação, se a percepção desses docentes apresenta diferenças significativas devido à década em que concluíram sua formação inicial, o tempo de experiência de trabalho nessa rede de ensino, e o tempo de experiência de trabalho na escola onde se encontravam no momento da pesquisa.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Essa pesquisa teve caráter quantitativo-descritivo que, segundo Marconi e Lakatos (2010), consiste em investigações empíricas cuja finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos.

A pesquisa descritiva tem como essência estudar as características de um determinado fenômeno, descrevendo as suas particularidades e estabelecendo variáveis entre si, a partir dos seus problemas, podendo proporcionar uma nova visão do fenômeno, de acordo com as opiniões, atitudes e crenças de uma determinada população (LOPES, 2006).

A amostra foi composta por 79 professores de Educação Física, abrangeu 37 escolas de ensino fundamental da rede municipal pertencentes a uma Diretoria Regional de Educação da zona leste da cidade de São Paulo. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu, sob protocolo n.º. 470.030/2013.

Os professores responderam a um roteiro de entrevista em que foram solicitados a expressar seu grau de discordância/concordância em relação a 44 afirmações que poderiam influenciar a prática pedagógica dos professores de Educação Física provenientes da pesquisa qualitativa de Maldonado (2012), na qual professores responderam a questões abertas. Uma das questões do roteiro era referente ao

momento de reorientação curricular (SÃO PAULO, 2014) que ocorria na rede municipal no momento da pesquisa. Essa nova proposta curricular retirava a obrigatoriedade dos docentes de Educação Física emitirem uma nota no final de cada bimestre, diminuindo o status do componente curricular no cotidiano escolar. Deixamos em destaque essa questão porque ela não constava no estudo de Maldonado (2012).

Cada questão foi apresentada ao participante com sete possibilidades de resposta: 1 – Dificulta extremamente, 2 – Dificulta muito, 3 – Dificulta pouco, 4 – Não dificulta, nem facilita, 5 – Facilita pouco, 6 – Facilita muito, 7 – Facilita extremamente. O pesquisador explicava o significado de cada fator e assinalava o valor atribuído pelo pesquisado na folha do questionário. Nesse artigo apresentaremos apenas os fatores que foram percebidos como aqueles que dificultavam a prática pedagógica do docente de Educação Física.

A entrevista foi realizada em horário de trabalho do professor, quando ele costuma realizar tarefas inerentes ao trabalho que não contam com a presença dos alunos. Nesse sentido, o pesquisador sentava com o pesquisado em um ambiente da unidade escolar, fazia a leitura e a explicação de cada fator que poderia influenciar a organização da prática pedagógica das aulas de Educação Física escolar e anotava as respostas emitidas pelos colaboradores no instrumento de pesquisa.

A análise estatística foi realizada com o auxílio do software SPSS versão 21.0. Os resultados foram apresentados com frequência, porcentagem, média e desvio padrão para identificar o nível de percepção de influência de cada fator como algo que dificulta a prática pedagógica do professor Educação Física. A pontuação não seguiu a distribuição normal em nenhum fator.

Foi utilizado o teste U de Mann-Whitney, com nível de significância de 5%, para comparar a percepção dos professores com diferentes atributos: 1) formação inicial recebida até a década de 1980 e após a década de 1990; 2) com até 10 anos ou com mais de 10 anos de experiência na mesma escola; 3) com até 10 anos



de trabalho ou com mais de 10 anos de trabalho na rede municipal.

As razões da realização das comparações se relacionam a: 1) alteração das diretrizes curriculares para formação de professores de Educação Física ocorrida em 1987 que diferenciou a formação do profissional para atuar exclusivamente em contextos escolares daquele preparado para atuar em outros contextos (SOUZA NETO et al., 2004); 2 e 3) estudos que mencionam diferenças na atuação do docente devido ao tempo em que exerce a profissão (HUBERMAN, 1995).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria dos docentes de Educação Física que colaboraram com a pesquisa escolheu a profissão por gostar de esportes na adolescência. Por volta de 95% desses profissionais se formaram em Universidade privada e mais de 60% entre as décadas de 1990 e 2010. Os principais cursos de formação continuada realizados por eles foram: especialização, segundo curso superior e cursos de extensão. Mais de 50% dos professores de Educação Física possuíam mais de 10 anos de experiência profissional na rede municipal, mas em torno de 80% deles possuíam menos de 10 anos de experiência profissional na escola que atuavam.

Os principais fatores que dificultavam a prática pedagógica dos professores Educação Física nas escolas municipais de São Paulo estão descritos na tabela a seguir.

**Figura 1 –** Fatores que dificultavam a prática pedagógica dos professores de Educação Física

Fatores dificultadores	Frequência de respostas							Média	Desvio Padrão
Alteração da função social da escola	45	30	4	0	0	0	0	1,48	0,596
Formação continuada oferecida pela rede	34	35	6	3	1	0	0	1,76	0,851
Remuneração do professor	34	27	17	1	0	0	0	1,81	0,818
Condições para a educação inclusiva	38	22	12	7	0	0	0	1,85	0,988
Reorientação curricular	29	36	11	3	0	0	0	1,85	0,802
Postura do aluno com os estudos	27	36	8	8	0	0	0	1,96	0,926
Número de alunos por turma	33	25	14	5	2	0	0	1,96	1,043
Jornada de trabalho extensa	24	37	12	6	0	0	0	2,00	0,877
Participação da família na vida escolar	22	34	15	8	0	0	0	2,11	0,934
Indisciplina dos alunos	16	27	34	2	0	0	0	2,28	0,816
Influências climáticas para as aulas	24	21	24	9	0	1	0	2,28	1,097
Transferência de alunos	16	34	19	10	0	0	0	2,29	0,936
Descontentamento profissional	11	29	26	13	0	0	0	2,52	0,932
Dificuldade dos alunos com os conteúdos	6	35	27	10	1	0	0	2,56	0,859
Diálogo entre médico e professor	11	34	8	26	0	0	0	2,62	1,090
Visão da comunidade escolar sobre a Educação Física	20	18	20	15	5	1	0	2,62	1,294
Espaços de lazer próximos da escola	24	22	9	9	10	2	3	2,71	1,703
Relação da escola com a comunidade	13	20	23	14	3	6	0	2,90	1,392
Existência de cuidadores na escola	22	18	6	7	10	13	3	3,20	2,009
Resistência com novos currículos	5	12	28	29	1	4	0	3,27	1,106
Relação interpessoal entre os alunos	8	16	28	9	5	13	0	3,33	1,542
Respeito à diversidade cultural na escola	5	14	23	23	7	6	1	3,44	1,337
Barulho causado pelas aulas de Educação Física	0	1	13	63	0	1	1	3,87	0,607
Trânsito para chegar até a unidade escolar	3	8	8	49	1	7	3	3,89	1,251
Trabalho em conjunto entre as disciplinas	5	18	12	11	14	16	3	3,90	1,729

**Fonte:** construção dos autores

Podemos observar que foram identificados 25 fatores que dificultavam a ação didática do professor de Educação Física, sendo que oito

fatores *dificultavam extremamente* a prática pedagógica desse profissional.



Também foram identificados 10 fatores que *dificultavam muito* a prática pedagógica do docente de Educação Física e sete fatores que *dificultavam pouco* as possibilidades de intervenção pedagógica desse professor.

André (2008) menciona que todas as experiências vivenciadas no cotidiano escolar devem ser compreendidas em três dimensões: institucional ou organizacional, instrucional ou pedagógica e sociopolítica ou cultural, tendo sempre em mente que essas dimensões se

relacionam o tempo todo. Importante ressaltar que um mesmo fator pode ter características vinculadas com as três dimensões do cotidiano escolar. Entretanto, na interpretação dos dados dessa pesquisa, alocamos os fatores identificados naquela dimensão em que este possuía maior nível de influência.

O Quadro 1 contém a classificação dos fatores identificados pela pesquisa nas três dimensões do cotidiano escolar.

**Quadro 1** – Fatores que dificultavam a prática pedagógica dos professores de Educação Física classificados por dimensões do cotidiano escolar

<b>Sociopolítica/ Cultural</b>	<b>Institucional/ Organizacional</b>	<b>Institucional/ Pedagógica</b>
1. Alteração da função social da escola	1. Formação continuada oferecida pela rede	1. Trabalho em conjunto entre as disciplinas
2. Remuneração do professor	2. Reorientação curricular	
3. Condições para a educação inclusiva	3. Número de alunos por turma	
4. Postura do aluno com os estudos	4. Transferência de alunos	
5. Jornada de trabalho extensa	5. Existência de cuidadores na escola	
6. Participação da família na vida escolar	6. Barulho causado pelas aulas de Educação Física	
7. Indisciplina dos alunos		
8. Espaços de lazer próximos à escola		
9. Descontentamento profissional		
10. Influências climáticas para as aulas		
11. Visão da comunidade escolar sobre a Educação Física		
12. Relação da escola com a comunidade		
13. Resistência a novas propostas curriculares		
14. Dificuldade dos alunos com conteúdos		
15. Respeito à diversidade cultural na escola		
16. Relação interpessoal entre os alunos		
17. Falta de diálogo entre médico e professor		
18. Trânsito para chegar até escola		

**Fonte:** construção dos autores

A análise da dimensão Sociopolítica/Cultural se refere aos determinantes macroestruturais da prática educativa. Ela inclui o contexto histórico, as forças políticas e sociais,

as concepções e os valores presentes na sociedade, em busca de compreender a prática escolar em um nível mais profundo ao levar em



conta sua totalidade e suas múltiplas determinações (ANDRÉ, 2008).

A maioria dos fatores que dificultavam a prática pedagógica do professor de Educação Física foi classificada na dimensão Sociopolítica/Cultural e uma parcela significativa deles foi considerada como fatores que dificultam extremamente a prática pedagógica.

Nessa dimensão foram classificados 18 fatores, sendo 12 relacionados a questões de ordem social dos estudantes e de ordem cultural ligada à própria história do componente curricular na escola (*alteração da função social da escola; postura dos alunos com os estudos; participação da família na vida escolar do aluno; indisciplina dos alunos; descontentamento profissional; visão da comunidade escolar sobre a Educação Física; relação da escola com a comunidade; resistência dos professores de Educação Física a novas propostas curriculares; dificuldades dos alunos com os conteúdos; falta de respeito à diversidade cultural na escola; relação interpessoal entre os alunos; falta de diálogo entre médico e professor*) e seis relacionados a questões políticas, mencionando, principalmente, mais investimentos para melhorar a qualidade das escolas e do bairro onde se localizam (*condições para a educação inclusiva inadequada; remuneração do professor inadequada; jornada de trabalho extensa; falta de espaços de lazer próximos à escola; influências climáticas para as aulas; e trânsito para chegar até a escola*).

Na dimensão Institucional/Organizacional são incluídos aspectos como a organização do trabalho pedagógico, as estruturas de poder e de decisão, os níveis de participação dos seus agentes, a disponibilidade de recursos humanos e de materiais, ou seja, a rede de relações que ocorrem no cotidiano escolar (ANDRÉ, 2008).

Nessa dimensão foram mencionados seis fatores relacionados a dificuldades organizacionais de ordem institucional da rede municipal de ensino. Esse dado mostrou que os docentes de Educação Física percebem que algumas atitudes dos gestores públicos, de caráter organizacional, influenciavam de forma negativa a sua prática pedagógica.

Os docentes de Educação Física pesquisados estavam muito insatisfeitos com os determinantes macroestruturais que influenciavam o seu trabalho na escola.

A dimensão Instrucional/Pedagógica se refere às vivências de ensino, nas quais ocorre o encontro entre professor-aluno-conhecimento. Nela se inserem os objetivos e conteúdos de ensino, as atividades e o material didático, a linguagem e outros meios de comunicação entre educador e educando, e as maneiras de avaliação do ensino e da aprendizagem (ANDRÉ, 2008).

Apenas um fator pertencente à dimensão Instrucional/Pedagógica foi classificado como promotor de dificuldades para a ação didática do professor de Educação Física, o que permite inferir que a maioria dos docentes de Educação Física pesquisados não situa nessa dimensão os fatores que dificultam sua prática pedagógica.

Tardif (2013) confirma esse cenário sócio-político-cultural que afeta negativamente o trabalho docente ao mencionar que, principalmente nos países da América Latina, os salários pagos aos professores são muito menores do que os pagos a outros profissionais; muitos professores ainda não possuem empregos estáveis e permanentes; e que a intensificação do trabalho docente se deve, principalmente, ao fato de os professores serem obrigados a fazer mais com menos recursos.

Nesse cenário, houve uma diminuição do tempo gasto com os alunos devido à diversificação dos papéis atribuídos aos docentes (psicólogos, policiais, pais, motivadores, etc.), ao tempo dedicado ao trabalho coletivo obrigatório, à participação na vida escolar, à gestão cada vez mais pesada de alunos do ensino público em dificuldade, e às exigências crescentes das autoridades políticas e públicas que cobram atuação dos professores como se fossem trabalhadores da indústria, uma mão de obra flexível, eficiente e barata (TARDIF, 2013).

Os resultados de nossa pesquisa corroboram os encontrados por Oliveira e Fraga (2012) que descrevem que o cotidiano de trabalho dos professores, nas últimas décadas, foi marcado pela degradação profissional, pela perda da autonomia docente; pelo arrocho salarial combinado com a deterioração das condições de



trabalho, em muitos casos afetando a saúde dos trabalhadores; e pelo alto grau de intensificação do trabalho docente como consequência de assumirem novas funções e responsabilidades no contexto escolar.

Outras pesquisas realizadas em diferentes regiões brasileiras sobre o cotidiano escolar do docente de Educação Física que atua em escolas públicas confirmam os resultados encontrados em nossa pesquisa. Estes estudos revelam dificuldades relacionadas à baixa remuneração, precárias condições de trabalho e intensificação do trabalho docente.

Maldonado e Silva (2016) analisaram publicações do período entre 1989 e 2014 sobre as dificuldades dos professores de Educação Física para efetivarem a sua prática pedagógica na escola pública em 12 expressivos periódicos brasileiros da Educação Física e concluíram que os docentes que participaram desses estudos também possuíam dificuldades relacionadas à indisciplina e à falta de atenção dos alunos, problemas de relacionamento com a família dos estudantes, número elevado de alunos por turma, baixos salários e alta carga de trabalho, o que inviabilizava o seu processo de formação continuada.

Novos estudos foram publicados depois de 2014 descrevendo os mesmos aspectos do cotidiano da escola pública brasileira vivenciado pelo professor de Educação Física já mencionados em estudos anteriores.

Bossle, Molina Neto e Molina (2014), por exemplo, realizaram uma pesquisa autoetnográfica com o objetivo de compreender a realidade de um professor de Educação Física que ministrava aulas diariamente em uma escola localizada em um dos bairros mais violentos da cidade de Porto Alegre e notaram que essa violência adentrava os muros escolares, inviabilizando o trabalho coletivo dos professores, já que eles não conseguiam ensinar, conseguiam apenas sobreviver naquele contexto pleno de conflitos.

Figueiredo e colaboradores (2016) analisaram o cotidiano escolar de uma professora de Educação Física com o objetivo de compreender a relação entre o currículo escrito e

a sistematização da prática pedagógica dessa docente. Dentre vários aspectos que influenciavam a aplicação didática, foram relatadas dificuldades como a diminuição do número de aulas de Educação Física no decorrer do ano letivo, a jornada de trabalho extensa que impossibilitava maior tempo de estudo da professora, a falta de infraestrutura da escola e a inexistência de tempo inserido na jornada de trabalho para realizar a sua formação continuada. A conclusão é que essas condições adversas limitam a autonomia para ensinar dessa docente.

Bernardi e Molina Neto (2016), por sua vez, mostraram que docentes de uma rede de escolas públicas da região sul do Brasil enfrentavam precárias condições de trabalho, isolamento profissional, um intenso processo de burocratização da escola e eram impossibilitados de se organizar coletivamente para tentar minimizar as mazelas do cotidiano escolar.

Docentes de Educação Física que lecionavam em escolas públicas brasileiras da região sudeste foram pesquisados por Osborne, Belmonte e Peixoto (2016). Este estudo identificou como maiores dificuldades para efetivar a prática pedagógica os baixos salários, condições de trabalho precárias, a indisciplina dos estudantes, a dificuldade de relacionamento com as suas famílias e a desvalorização da disciplina de Educação Física na escola.

Ainda na região sudeste, professores de Educação Física brasileiros que lecionavam para crianças com algum tipo de deficiência mencionaram enfrentar, diariamente, diferentes obstáculos como falta de infraestrutura, pouco apoio dos outros profissionais da escola e dos familiares das crianças, nenhum tipo de formação continuada oferecida pela rede de ensino onde trabalhavam, e dificuldades de ter acesso aos diagnósticos das deficiências dos estudantes (TOLOI et al., 2016).

Em relação ao ensino de conteúdos voltados ao desenvolvimento de atitudes e de valores morais, Freire, Marques e Miranda (2018) identificaram que as três professoras de Educação Física pesquisadas possuíam diferentes dificuldades para alcançarem os seus objetivos educacionais, como, por exemplo, a



desvalorização da Educação Física por parte dos professores das outras disciplinas, pouco apoio dos gestores da escola, isolamento profissional, falta de atenção dos alunos durante as atividades propostas e até mesmo casos de insultos recebidos por parte dos estudantes.

Com o foco sobre a presença de *burnout* no exercício da profissão docente, Guedes e Gaspar (2016) concluíram que trabalhar mais de 40 horas por semana, ter mais de um emprego, receber baixos salários, aumentam significativamente as chances de ser acometidos pela exaustão profissional.

Ainda corroborando os dados do nosso estudo, pesquisas recentes mostraram que os condicionantes de ordem sociopolítica e cultural, como os salários, planos de carreira e condições de infraestrutura, tem influenciado de forma negativa na prática pedagógica dos professores de Educação Física que ministram as suas aulas na escola (HESS; MOREIRA; TOLEDO, 2018; MISSIAS-MOREIRA, 2017; RUFINO, 2017).

A literatura também mostra que, em várias partes do planeta, professores de Educação Física enfrentam dificuldades de ordem institucional, organizacional, sociopolítica e cultural para efetivar a sua prática pedagógica.

Na Austrália, Jenkinson e Benson (2010) identificaram que os 115 profissionais de Educação Física de escola pública pesquisados encontravam diferentes barreiras para ensinar, tais como: falta de instalações adequadas, materiais restritos para as aulas, desvalorização da Educação Física, falta de apoio de outros profissionais, trabalhar com muitas turmas, e falta de interesse dos alunos.

Na Turquia, Bozoglu e Gokturk (2016), por meio de depoimentos de 116 estudantes do Ensino Médio, mostraram que muitos alunos tinham sentimentos negativos sobre as aulas de Educação Física porque as suas escolas não contavam com infraestrutura adequada, as aulas só aconteciam quando o clima permitia, faltavam materiais didáticos e o número de alunos nas turmas era muito alto.

Quando o professor de Educação Física tem como propósito promover a inclusão de alunos

com deficiência nas aulas, enfrentam dificuldades como trabalhar com poucos materiais, contar com turmas com número excessivo de alunos, o que inviabiliza dedicar maior atenção para os estudantes com deficiência, falta de respeito dos estudantes sem deficiência em relação aos alunos com deficiência, ausência de formação continuada oferecida pela escola e inexistência de apoio dos familiares das crianças com deficiência. Esse estudo foi realizado por Qi, Wang e Ha (2016), em Hong Kong.

O estudo de Gaudreault, Richards e Woods (2018), por sua vez, mostrou que muitos docentes norte-americanos sentiam-se desprezados pelos docentes de outras disciplinas, pois estes pensavam que a função do professor de Educação Física se restringia a entregar os materiais para os estudantes, sem realizar nenhuma intervenção pedagógica. Para os docentes de outras disciplinas, as aulas de Educação Física constituíam momentos em que o professor de Educação Física se ocupava em cuidar dos estudantes. Nesses momentos, os demais professores ficavam livres para planejar suas aulas uma vez que os conteúdos transmitidos por suas disciplinas eram vistos como importantes para o desempenho dos estudantes nas avaliações padronizadas.

A percepção dos docentes de Educação Física a respeito dos aspectos que interferem em sua prática pedagógica pode ser influenciada pelo tipo de formação inicial que receberam e pelo tempo decorrido desde a conclusão de sua formação inicial. Partindo desta premissa e tendo em vista que, no Brasil, houve diferentes modelos curriculares aplicados à formação de professores nos últimos 30 anos, realizamos comparações entre grupos de acordo com a década em que concluíram sua formação inicial para tentar identificar possíveis diferenças nas percepções manifestadas.

Os resultados referentes aos docentes de Educação Física que realizaram a sua formação acadêmica até a década de 1980 e após a década de 1990 são apresentados na tabela 2.



**Tabela 2** – Comparação da percepção de fatores que dificultavam a prática pedagógica dos professores de Educação Física de acordo com a década de conclusão da formação inicial

Fatores que dificultavam a prática docente em Educação Física	Média ± Desvio Padrão		z <sup>a</sup>	p
	1960 – 1989 (n=28)	1990 – 2014 (n=51)		
Alteração da função social da escola	1,50 ± 0,694	1,47 ± 0,542	-0,147	0,883
Formação continuada oferecida pela rede	1,96 ± 0,838	1,65 ± 0,844	-1,926	0,054
Remuneração do professor	2,04 ± 0,922	1,69 ± 0,735	-1,626	0,104
Condições para a educação inclusiva	1,98 ± 0,737	1,69 ± 0,905	-1,920	0,055
Reorientação curricular	2,14 ± 1,079	1,84 ± 0,834	-0,205	0,837
Postura do aluno com os estudos	2,07 ± 1,016	1,90 ± 0,878	-0,623	0,533
Número de alunos por turma	2,25 ± 1,076	1,80 ± 1,000	-1,983	0,047*
Jornada de trabalho extensa	2,25 ± 0,928	1,86 ± 0,825	-1,906	0,057
Participação da família na vida escolar	2,14 ± 0,970	2,10 ± 0,922	-0,185	0,854
Indisciplina dos alunos	2,14 ± 0,848	2,35 ± 0,796	-1,180	0,238
Influências climáticas para as aulas	2,61 ± 1,034	2,10 ± 0,900	-1,647	0,099
Transferência de alunos	2,43 ± 0,959	2,22 ± 0,923	-1,034	0,301
Descontentamento profissional	2,54 ± 0,881	2,51 ± 0,967	-0,118	0,906
Dificuldade dos alunos com os conteúdos	2,43 ± 0,836	2,63 ± 0,871	-1,153	0,249
Diálogo entre médico e professor	2,43 ± 1,034	2,73 ± 1,115	-1,136	0,256
Visão da comunidade escolar sobre a Educação Física	2,89 ± 1,315	2,47 ± 1,270	-1,310	0,190
Espaços de lazer próximos da escola	2,46 ± 1,401	2,84 ± 1,848	-0,569	0,569
Relação da escola com a comunidade	3,04 ± 1,598	2,82 ± 1,276	-0,468	0,640
Existência de cuidadores na escola	3,25 ± 1,974	3,18 ± 2,047	-0,058	0,954
Resistência com novos currículos	3,04 ± 0,922	3,39 ± 1,185	-1,187	0,235
Relação interpessoal entre os alunos	3,36 ± 1,521	3,31 ± 1,568	-0,264	0,792
Respeito à diversidade cultural na escola	3,39 ± 1,449	3,47 ± 1,286	-0,127	0,899
Barulho causado pelas aulas de Educação Física	3,93 ± 0,262	3,84 ± 0,731	-1,349	0,177
Trânsito para chegar até a unidade escolar	4,11 ± 1,133	3,76 ± 1,305	-1,483	0,138
Trabalho em conjunto entre as disciplinas	4,11 ± 1,685	3,78 ± 1,759	-0,734	0,463

Fonte: construção dos autores

A percepção dos diferentes fatores que dificultavam a prática pedagógica não mostrou diferenças significativas entre os grupos comparados. Apenas um fator foi percebido de maneira diferente. Os professores que concluíram a formação inicial há menos tempo julgaram que o número elevado de alunos por turma dificultava mais a sua prática pedagógica do que aqueles formados há mais tempo.

Embora nos primeiros anos de docência o professor passe por momentos de aprendizagens intensas e, muitas vezes, sinta certo “choque” de realidade, por ter tido uma formação inicial idealizada sobre o ambiente escolar (WITTIZORECKI; FRASSON, 2016), no caso desse estudo, a maioria dos fatores que prejudicavam a prática pedagógica nas aulas de Educação Física escolar foram percebidos de forma semelhante por professores com pouco e muito tempo de experiência profissional. Talvez,

essa realidade tenha ocorrido, porque a maioria desses obstáculos se relaciona com questões sociopolíticas e culturais, onde o docente não possui controle dessas questões durante as suas aulas.

A percepção dos docentes de Educação Física sobre os aspectos aqui pesquisados também pode ser influenciada pela familiaridade que possuem com os ambientes encontrados nas escolas da rede pública pesquisada e pelo conhecimento sobre a evolução de diferentes propostas curriculares que chegam nestas escolas. Partindo desta premissa e tendo em vista que, nos últimos 30 anos a rede municipal de ensino pesquisada teve quatro propostas curriculares (SÃO PAULO, 1988; 1992; 2007; 2016), realizamos comparações entre grupos de acordo com o tempo de experiência profissional na rede municipal de ensino paulista.



Os professores foram agrupados em duas categorias: docentes com mais de 10 anos de experiência na rede de ensino, docentes com

menos de 10 anos na rede de ensino, e o resultado das comparações consta na tabela 3.

**Tabela 3** – Comparação da percepção de fatores que dificultavam a prática pedagógica dos professores de Educação Física segundo tempo de experiência na rede municipal de ensino

Fatores que dificultavam a prática docente em Educação Física	Média ± Desvio Padrão		z <sup>a</sup>	p
	< 10 anos (n=30)	> 10 anos (n=49)		
Alteração da função social da escola	1,47 ± 0,571	1,49 ± 0,617	-0,064	0,949
Formação continuada oferecida pela rede	1,80 ± 0,887	1,73 ± 0,836	-0,382	0,703
Remuneração do professor	1,67 ± 0,711	1,90 ± 0,872	-1,072	0,284
Condições para a educação inclusiva	1,73 ± 0,907	1,92 ± 1,038	-0,663	0,507
Reorientação curricular	1,63 ± 0,669	1,98 ± 0,854	-1,744	0,081
Postura do aluno com os estudos	2,00 ± 0,983	1,94 ± 0,899	-0,152	0,879
Número de alunos por turma	1,67 ± 0,884	2,14 ± 1,099	-1,965	0,049*
Jornada de trabalho extensa	1,90 ± 0,845	2,06 ± 0,899	-0,809	0,419
Participação da família na vida escolar	1,93 ± 0,868	2,22 ± 0,963	-1,236	0,216
Indisciplina dos alunos	2,47 ± 0,776	2,16 ± 0,825	-1,628	0,104
Influências climáticas para as aulas	2,07 ± 0,944	2,41 ± 1,171	-1,167	0,243
Transferência de alunos	2,03 ± 0,928	2,45 ± 0,914	-2,038	0,042*
Descontentamento profissional	2,70 ± 0,988	2,41 ± 0,888	-1,230	0,219
Dificuldade dos alunos com os conteúdos	2,63 ± 0,999	2,51 ± 0,767	-0,682	0,495
Diálogo entre médico e professor	2,53 ± 1,074	2,67 ± 1,107	-0,522	0,602
Visão da comunidade escolar sobre a Educação Física	2,37 ± 1,189	2,78 ± 1,343	-1,286	0,198
Espaços de lazer próximos da escola	3,00 ± 1,800	2,53 ± 1,634	-1,200	0,230
Relação da escola com a comunidade	2,73 ± 1,285	3,00 ± 1,458	-0,612	0,541
Existência de cuidadores na escola	3,30 ± 2,261	3,14 ± 1,860	-0,108	0,914
Resistência com novos currículos	3,40 ± 1,248	3,18 ± 1,014	-1,090	0,276
Relação interpessoal entre os alunos	3,13 ± 1,383	3,45 ± 1,634	-0,860	0,390
Respeito à diversidade cultural na escola	3,43 ± 1,305	3,45 ± 1,370	-0,192	0,847
Barulho causado pelas aulas de Educação Física	4,00 ± 0,788	3,80 ± 0,456	-0,795	0,427
Trânsito para chegar até a unidade escolar	3,73 ± 1,388	3,98 ± 1,164	-1,090	0,276
Trabalho em conjunto entre as disciplinas	3,73 ± 1,818	4,00 ± 1,683	-0,575	0,565

Fonte: construção dos autores

A percepção da maioria dos diferentes fatores que dificultavam a prática pedagógica não mostrou diferenças significativas entre os grupos comparados. Apenas dois fatores foram percebidos de forma diferente. Os docentes de Educação Física com menos de 10 anos de experiência acreditavam que o número de alunos por turma e a transferência de alunos durante o semestre letivo dificultavam muito sua prática pedagógica.

A percepção dos docentes de Educação Física sobre os aspectos aqui pesquisados também pode ser influenciada pela familiaridade que possuem com a escola em que trabalhavam no momento em que a pesquisa foi realizada. Partindo desta premissa, foram comparados dois grupos: o dos professores que atuavam na escola há mais de 10 anos com o grupo de professores que atuava na escola há menos de 10 anos. Os resultados da comparação constam na tabela 4.





**Tabela 4** – Fatores que dificultavam a prática pedagógica dos professores de Educação Física segundo tempo de experiência na mesma escola

Fatores que dificultavam a prática docente em EF	Média ± Desvio Padrão		z <sup>a</sup>	p
	< 10 anos (n=61)	> 10 anos (n=18)		
Alteração da função social da escola	1,46 ± 0,565	1,56 ± 0,705	-0,375	0,707
Formação continuada oferecida pela rede	1,70 ± 0,823	1,94 ± 0,938	-1,018	0,309
Remuneração do professor	1,70 ± 0,738	2,17 ± 0,985	-1,829	0,067
Condições para a educação inclusiva	1,80 ± 0,928	2,00 ± 1,188	-0,396	0,692
Reorientação curricular	1,79 ± 0,733	2,06 ± 0,998	-0,905	0,366
Postura do aluno com os estudos	2,00 ± 0,913	1,83 ± 0,985	-0,893	0,372
Número de alunos por turma	1,85 ± 0,963	2,33 ± 1,237	-1,512	0,131
Jornada de trabalho extensa	1,95 ± 0,825	2,17 ± 1,043	-0,760	0,447
Participação da família na vida escolar	2,10 ± 0,907	2,17 ± 1,043	-0,099	0,921
Indisciplina dos alunos	2,34 ± 0,793	2,06 ± 0,873	-1,464	0,143
Influências climáticas para as aulas	2,28 ± 1,097	2,28 ± 1,127	-0,018	0,985
Transferência de alunos	2,26 ± 0,947	2,39 ± 0,916	-0,605	0,545
Descontentamento profissional	2,56 ± 0,940	2,39 ± 0,916	-0,650	0,516
Dificuldade dos alunos com os conteúdos	2,57 ± 0,921	2,50 ± 0,618	-0,269	0,788
Diálogo entre médico e professor	2,52 ± 1,074	2,94 ± 1,110	-1,432	0,152
Visão da comunidade escolar sobre a Educação Física	2,51 ± 1,312	3,00 ± 1,188	-1,422	0,155
Espaços de lazer próximos da escola	2,92 ± 1,744	2,00 ± 1,372	-2,164	0,030*
Relação da escola com a comunidade	2,84 ± 1,368	3,11 ± 1,491	-0,720	0,472
Existência de cuidadores na escola	3,26 ± 2,057	3,00 ± 1,879	-0,412	0,681
Resistência com novos currículos	3,33 ± 1,151	3,06 ± 0,938	-0,763	0,446
Relação interpessoal entre os alunos	3,33 ± 1,578	3,33 ± 1,455	-0,024	0,981
Respeito à diversidade cultural na escola	3,30 ± 1,269	3,94 ± 1,474	-1,961	0,050*
Barulho causado pelas aulas de Educação Física	3,90 ± 0,625	3,78 ± 0,548	-0,217	0,828
Trânsito para chegar até a unidade escolar	3,92 ± 1,320	3,78 ± 1,003	-0,081	0,936
Trabalho em conjunto entre as disciplinas	3,85 ± 1,778	4,06 ± 1,589	-0,446	0,656

Fonte: construção dos autores

A percepção dos grupos comparados de acordo com o tempo de experiência na escola no momento em que a pesquisa foi realizada mostrou diferenças significativas em apenas dois fatores. Professores de Educação Física que trabalhavam há mais de 10 anos na escola percebiam que a falta de espaços de lazer próximos à escola era o fator que mais dificultava a sua prática pedagógica quando comparado aos demais. Por outro lado, os docentes com menos de 10 anos de atuação na escola percebiam que a falta de respeito à diversidade cultural era o fator que mais dificultava a sua prática pedagógica quando comparado aos demais fatores.

Portanto, a década de formação, o tempo de experiência na rede e o tempo de experiência na mesma escola onde esses docentes atuavam não modificou a percepção desses profissionais sobre a maioria dos fatores que dificultavam a sua prática pedagógica.

Todavia, deixamos a ressalva que a amostra se refere a um conjunto limitado de professores e o próprio instrumento pode não ter sido capaz de discernir adequadamente acerca das possíveis diferenças existentes entre esses grupos, sobretudo o tempo de experiência na docência.

Esse resultado nos leva a compreender com maior profundidade a realidade em que os docentes de Educação Física ministram as suas aulas, já que profissionais formados com características diferentes e com tempo de atuação no magistério diferenciado possuem percepções parecidas sobre os fatores que limitavam as diferentes possibilidades de intervenção pedagógica nas aulas de Educação Física.

Embora existam estudos que demonstram uma grande exaustão profissional e, por consequência, o abandono dos objetivos educacionais dos professores de Educação Física no final da carreira docente, ocasionando um



desinvestimento amargo da sua atuação profissional (PORATH et al., 2011), a literatura especializada também já começa a apontar indícios de que essas diferenças na formação e do tempo de experiência profissional não modificam a percepção sobre a realidade enfrentada pelos professores de Educação Física que ministram as suas aulas na escola pública.

Pozzatti e colaboradores (2015) analisaram as condições de trabalho dos professores de Educação Física que atuavam em escolas públicas do Espírito Santo e demonstraram que 55,3% dos docentes investigados tinham se afastado por licença médica no período analisado, independente do tempo que possuíam de experiência profissional. Os principais motivos do afastamento foram: estresse, depressão, ansiedade, nervosismo e problemas com a voz.

Nesse sentido, foi concluído que a síndrome do esgotamento profissional pode estar acometendo profissionais recém-formados e relativamente novos na profissão, assim como os com mais experiência profissional na escola, por conta da difícil realidade enfrentada na instituição escolar pública brasileira (POZZATTI et al., 2015).

Por conta dessa realidade, concordamos com a interpretação de Machado e colaboradores (2011) em relação ao desinvestimento da carreira docente pelo professor de Educação Física. Na interpretação dos autores, por conta da complexidade de fatores que influenciam de forma negativa a prática pedagógica desse profissional que leciona na escola pública, o abandono de qualquer perspectiva de intervenção do docente desse componente curricular pode ocorrer em diferentes fases da carreira, e não só no final dela.

Nessa perspectiva, o desinvestimento pedagógico não pode ser mais visto como uma fase, mas sim como um estado vivenciado pelos professores em algum momento da carreira, se distanciando da ideia que o abandono do compromisso do trabalho docente por um profissional que permanece no seu posto de trabalho possua algum tipo de cronologia ou linearidade (MACHADO et al., 2011).

O recente estudo publicado por Souza, Nascimento e Fensterseifer (2018) corrobora com a ideia de que as condições de trabalho podem influenciar de forma enfática para que os professores e as professoras de Educação Física Escolar abandonem os seus objetivos educacionais. Ao analisar a cultura escolar de duas unidades escolares distintas, em que uma professora do componente curricular comprometida com a sua prática pedagógica trabalhava, os autores concluíram que quando a docente lecionava em um ambiente de trabalho com pouco apoio da família e da equipe escolar, sem nenhum tipo de formação continuada oferecida pela rede de ensino, com infraestrutura precária e sem um currículo consistente, a profissional se sentiu muito mais desmotivada para continuar organizando as suas ações didáticas.

Embora a nossa pesquisa não tenha investigado se os professores de Educação Física que lecionavam na rede municipal de São Paulo abandonaram os seus objetivos educacionais por conta dos fatores que dificultavam a sua prática pedagógica, podemos afirmar que as condições em que esses profissionais trabalham, de acordo com a percepção deles, pode estimular o desinvestimento pedagógico em qualquer fase da carreira que esses docentes se encontram.

Esse dado é extremamente relevante para que possamos compreender a prática pedagógica dos professores de Educação Física que atuam na escola, pois se torna cada vez mais necessário melhorar a realidade em que esse profissional leciona para que ele possa se preocupar apenas em alcançar os seus objetivos educacionais durante as suas aulas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores de Educação Física que fizeram parte desse estudo perceberam uma enorme quantidade de fatores sociais, políticos e de caráter institucional que dificultavam a sua prática pedagógica. Em contrapartida, quase nenhum fator de ordem pedagógica foi mencionado por esses profissionais como fatores



que limitavam as suas possibilidades de intervenção didática.

A literatura especializada também demonstrou que os docentes de Educação Física que atuavam em diferentes estados brasileiros têm uma percepção muito parecida sobre a difícil realidade que enfrentam para lecionar na escola pública, principalmente pelo baixo salário, precárias condições de trabalho e intensificação do trabalho docente.

Demonstramos nessa pesquisa que independente da década de formação e do tempo de experiência profissional, os docentes de Educação Física percebiam de forma intensa uma quantidade enorme de dificuldades para efetivar a sua prática pedagógica, impossibilitando, muitas vezes, que esses profissionais alcançassem os seus objetivos educacionais com os estudantes.

Talvez, a perspectiva de mudança dessa realidade, esteja pautada na participação efetiva desses docentes nas políticas públicas voltadas para a educação, na tentativa de conquistar melhores condições para realizar a sua atividade profissional, de possuir maior autonomia na elaboração das propostas curriculares da rede em que trabalham e do projeto político pedagógico da sua escola.

Além disso, seria necessária uma modificação de relacionamento entre os órgãos

centrais que compõe essa rede de ensino com os profissionais que atuam na escola, no sentido de possibilitar troca de experiências entre esses profissionais em cursos de formação continuada, estimulando o posicionamento crítico desses docentes em relação a sua prática pedagógica e o trabalho coletivo.

Nesse contexto, para que o fenômeno analisado possa ser compreendido em toda a sua complexidade, deixamos ainda as seguintes reflexões que podem ser respondidas por outros estudos:

- A área da Educação Física precisa compreender melhor os motivos que levam docentes a darem maior ênfase aos aspectos macrosociais em comparação aos fatores de ordem pedagógica?

- Os cursos de Licenciatura e de formação continuada estão dando ênfase exacerbada à dimensão instrucional/pedagógica e esquecendo de trazer visões críticas à aspectos mais amplos da prática pedagógica?

- Os professores de Educação Física não estão com dificuldade de estabelecer autocríticas sobre suas próprias práticas?

- Será que os docentes do componente curricular não estão “terceirizando” em parte suas próprias responsabilidades?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaz Afonso **Etnografia da prática escolar**. 14. ed. São Paulo: Papirus, 2008.

BERNARDI, Guilherme Bardemaker; MOLINA NETO, Vicente. Implicações da proletarização do trabalho docente na educação física escolar. **Pensar a prática**, v. 19, n. 2, p. 339-349, 2016.

BOSSLE, Fabiano; MOLINA NETO, Vicente; MOLINA, Rosane Kreuzburg. The eye of the hurricane: autoethnography in the southern Brazilian school context. **International journal of qualitative studies in education**, v. 27, n. 10, p. 1226-1242, 2014.

BOZOGLU, Oğuzhan; GOKTURK, Söheyda. What's Going on in Physical Education Classes in Turkey? An Insight into Student Attitude Towards Physical Education, Curricular Issues and School Conditions. **Journal of Education and Practice**, v. 7, n. 33, p. 156-165, 2016.



BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno Cedes**, ano XIX, n. 48, p. 69-88, 1999.

BRACHT, Valter. **Educação física & ciência: cenas de um casamento infeliz**. 4. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2014.

FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos e colaboradores. Between the prescribed and the lived in physical education lessons. **Sport, education and society**, v. 21, n. 6, p. 945-962, 2016.

FREIRE, Elisabete Santos; MARQUES, Bruna Gabriela; MIRANDA, Maria Luiza Jesus. Teaching values in physical education classes: the perception of Brazilian teachers. **Sport, education and society**, v. 23, n. 5, p. 449-461, 2018.

GUEDES, Dartagnan; GASPAR, Eron. “Burnout” in a sample of brazilian physical education professional. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 30, n. 4, p. 1011-1022, 2016.

GAUDREAU, Karen Lux; RICHARDS, Andrew; WOODS, Amelia May. Understanding the perceived mattering of physical education teachers. **Sport, Education and Society**, v. 23, n. 6, 2018.

HESS, Cássia Maria; MOREIRA Evando Carlos; TOLEDO, Eliana. Dematerializing physical education in public schools: an indication of permanence. **Motriz**, v. 24, n. 2, e101820, 2018.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NOVOA, António. **Vidas de professores**. Porto, Portugal: Porto, 1995.

JENKINSON, Kate; BENSON, Amanada. Barriers to providing physical education and physical activity in Victorian State secondary schools. **Australian journal of teacher education**, v. 35, n. 8, p. 1-17, 2010.

LOPES, Jorge. **O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas**. Recife, PE: Editora Universitária da UFPE, 2016.

MACHADO, Thiago Silva e colaboradores. The practices of pedagogical divestiture in school physical education. **Movimento**, v. 16, n. 2, p. 129-147, 2010.

MALDONADO, Daniel Teixeira. **Implementação da proposta curricular de Educação Física do município de São Paulo: análise a partir do cotidiano escolar**. 344f. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2012.

MALDONADO, Daniel Teixeira.; SILVA, Sheila Aparecida Pereira Santos. Prática pedagógica e cotidiano escolar: os desafios enfrentados por professores de Educação Física. **Educação e cultura contemporânea**, v. 13 n. 32, p. 42-60, 2016.

MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Sheila Aparecida Pereira Santos; MIRANDA, Maria Luiza Jesus. Research of physical education in daily school life: the state of the art. **Movimento**, v. 20, n. 4, p. 1373 – 1395, 2014.

MARKONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.



MISSIAS-MOREIRA, Ramon. Percepções de professores de educação física sobre educação inclusiva. **Quaestio**, v. 19, n. 2, p. 291-306, 2017.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; VIEIRA, Livia Fraga. Condições de trabalho docente: uma análise a partir de dados de sete estados brasileiros. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; VIEIRA, Livia Fraga. **Trabalho na educação básica: a condição docente em sete estados brasileiros**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012.

OSBORNE, Renata e colaboradores. Obstacles for physical education teachers in public schools: an unsustainable situation. **Motriz**, v. 22, n. 4, p. 310-318, 2016.

POZZATI, Mariana e colaboradores. Condições de trabalho, tempo de carreira e dimensões da saúde de professores de educação física do Espírito Santo. **Motrivivência**, v. 27, n. 46, p. 99-118, 2015.

PORATH, Margareth e colaboradores. Fases de desinvestimento da carreira docente de professores de Educação Física. **Movimento**, v. 17, n. 4, p. 203-222, 2011.

QI, Jing; WANG, Lijuan; HA, Amy. Perceptions of Hong Kong physical education teachers on the inclusion of students with disabilities. **Asia pacific journal of education**, v. 37, n. 1, p. 86-102, 2017.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. O trabalho docente na perspectiva de professores de educação física: análise de alguns fatores condicionantes e suas restrições para o desenvolvimento da prática pedagógica. **Movimento**, v. 23, n. 4, p. 1257-1270, 2017.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 4. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2017.

SOUZA, Sinara Pereira; NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Atuação docente em educação física escolar: entre investimento e desinvestimento pedagógico. **Motrivivência**, v. 30, n. 54, p. 143-159, 2018.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Programa e implementação da educação física – 1ª a 8ª série**. São Paulo: SME/DOT, 1988.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Educação física: visão de área**. São Paulo: SME/DOT, 1992.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o ensino fundamental: ciclo 2: educação física**. São Paulo: SME/DOT, 2007.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Programa Mais Educação São Paulo: subsídios para a implantação**. São Paulo: SME/DOT, 2014.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Direitos de Aprendizagem dos ciclos interdisciplinar e autoral: Educação Física**. São Paulo: SME/COPEP, 2016.



SOUZA NETO, Samuel e colaboradores. A formação do profissional de educação física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal do século XX. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 25, n. 2, p. 113-128, 2004.

TARDIF, Maurice. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três passos para trás. **Educação e sociedade**, v. 34, n. 123, p. 551-571, 2013.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

TOLOI, Gabriela Gallucci e colaboradores. Inclusive classes in Physical education: teachers difficulties. **Journal of international special needs education**, v. 19, n. 1, p. 25-33, 2016.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz; FRASSON, Jéssica Serafim. Professores iniciantes: do choque com o real ao encontro da docência. In: CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos; FRASSON, Jéssica Serafim. **Textos e contextos sobre o trabalho do professor de educação física no início da docência**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2016.

\* Essa pesquisa contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Dados do autor:

Email: danielmaldonado@yahoo.com.br

Endereço: Estrada Velha da Penha, 265, bloco 4, apto 41, Tatuapé, São Paulo, SP, CEP 03090-020, Brasil

Recebido em: 13/04/2019

Aprovado em: 30/09/2019

Como citar este artigo:

MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Análise de fatores que dificultam a prática pedagógica dos professores de educação física nas escolas da rede municipal de São Paulo. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 03, p. 15-30, set./ dez., 2019.



# AS PERCEPÇÕES SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO SEGUNDO AS ÁRBITRAS DOS JOGOS ESCOLARES DA JUVENTUDE EM MATO GROSSO

THE GENDER VIOLENCE ACCORDING PERCEPTIONS IN REFEREES OF  
SCHOOL GAMES OF YOUTH IN MATO GROSSO

PERCEPCIONES DE VIOLENCIA DE GÉNERO SEGÚN LAS ÁRBITRAS  
DE LOS JUEGOS ESCOLARES JUVENILES EN MATO GROSSO

Viviane Teixeira Silveira

Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, Mato Grosso, Brasil  
Email: vivianeteixerasilveira@gmail.com

Kleber Tuxen Carneiro

Universidade Federal de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil  
Email: kleber2910@gmail.com

Dominique Stefany Gomes dos Santos

Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, Mato Grosso, Brasil  
Email: domy\_stefany@hotmail.com

João Carlos Martins Bressan

Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, Mato Grosso, Brasil  
Email: jocamabre@hotmail.com

## RESUMO

O presente artigo retrata uma pesquisa na qual se alvitrou compreender e cotejar às diferentes manifestações de violências, segundo a percepção das árbitras participantes dos Jogos Escolares da Juventude do Estado de Mato Grosso. Para tanto, desenvolveu-se uma investigação sob pressupostos qualitativos, de natureza exploratória, recorrendo a História Oral enquanto técnica de coleta de dados, entrevistando três árbitras que atuaram nesses jogos em 2017. Com base nos dados identificou-se a existência de atitudes de violência direcionadas a elas, sob a égide de incapacidade feminina mediante a sua posição de poder, controle e autonomia nos jogos, entendimento assentado em representações de gênero marcadamente machistas e sexistas e que são naturalizadas e instituídas historicamente. Por efeito traduz uma atmosfera de violência, cujo teor tolhe, de algum modo, o potencial formativo e o desenvolvimento dos jovens atletas inseridos nesse ambiente. Esse cenário permitiu-nos inferir quanto à necessidade imperativa de problematizar as questões de violência contra essas árbitras, na direção de rejeitar preconceitos e desestabilizar situações historicamente estabelecidas.

**Palavras-chave:** Arbitragem; Violência; Gênero; Jogos Escolares.

## ABSTRACT

This article aims to present a research conducted in the context of the Youth School Games of the State of Mato Grosso, which aimed to understand and check the different manifestations of violence, according to the perception of the referees participating in the referred sporting event. To this end, an investigation was conducted under qualitative assumptions of an exploratory nature, using Oral History as a data collection technique, interviewing three referees who played in these games in 2017. Based on the data, the existence of attitudes of violence was identified addressed to them, under the aegis of female disability through their



position of power, control and autonomy in games, understanding based on markedly macho and sexist representations. As a result, it reflects an atmosphere of violence, the content of which in some way hinders the formative potential and development of young athletes in this environment. This scenario allowed us to infer the imperative need to problematize the issues of violence against these referees, in order to reject prejudice and destabilize historically established situations.

**Keywords:** Arbitration; Violence; Gender; School Games.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar una investigación cuyo objetivo fue comprender y comparar las diferentes manifestaciones de violencia, de acuerdo con la percepción de las árbitras que participan en los Juegos Escolares Juveniles del Estado de Mato Grosso. Con este fin, se realizó una investigación bajo supuestos cualitativos, de naturaleza exploratoria, utilizando la Historia Oral como técnica de recolección de datos, entrevistando a tres árbitras que arbitraran en estos juegos en 2017. Con base en los datos, identificamos la existencia de actitudes de violencia dirigidas hacia ellas, bajo los auspicios de la discapacidad femenina a través de su posición de poder, control y autonomía en los juegos, comprensión basada en representaciones de género marcadamente machistas y sexistas que son naturalizadas y establecidas históricamente. Como resultado, refleja una atmósfera de violencia, cuyo contenido obstaculiza, de alguna manera, el potencial formativo y el desarrollo de los jóvenes atletas insertados en este entorno. Este escenario nos permitió inferir sobre la necesidad imperiosa de problematizar los problemas de violencia contra estas árbitras, a fin de rechazar prejuicios y desestabilizar situaciones históricamente establecidas.

**Palabras clave:** Arbitraje; Violencia; Género; Juegos Escolares.

## PREÂMBULO

Emergentes na Europa no final do século XVIII e início do século XIX, as práticas esportivas representam uma (espécie de) ruptura, ou nova configuração, por assim dizer, em relação às práticas até então hegemônicas, particularizando-se principalmente pelo seu alto grau de sistematização e normatização, o que mais tarde viria a favorecer e facilitar a sua universalização. O sociólogo alemão Norbert Elias, ao introduzir um de seus ensaios sobre o tema, retrata bem a dimensão mundial do esporte, sobretudo o de alto nível competitivo:

[...] a tendência no sentido de uma crescente competitividade, seriedade no modo de envolvimento e orientação para os resultados, observada em todos os níveis de participação, mas, principalmente, no desporto de alto nível. Dito de outra maneira, a orientação a que me refiro abrange a gradual e, tudo parece indicá-lo, inevitável erosão das atitudes, valores e estruturas amadoras e a sua correlativa substituição por atitudes, valores e estruturas que são profissionais em

qualquer sentido do termo. (ELIAS, 1992, p. 299)

Por efeito a presença de agressões e violências no âmbito esportivo, em quadra ou campo, em diferentes modalidades passa a repercutir a partir da fixação de regras universais que marcam o esporte moderno, do modo que hoje, o reconhecemos (GUTMANN, 1978). Como prática cultural, o esporte torna-se um modelo e um importante componente de subjetivação notadamente em uma sociedade cujo regime econômico opera sob os pressupostos do capitalismo. Essa cultura esportiva moderna forjou-se principalmente durante os séculos XIX e XX, e a sua intensidade e abrangência foram atentamente identificadas por alguns contemporâneos, a exemplo do já referido Norbert Elias. Segundo ele, nossa cultura traz em sua constituição as marcas de um *ethos* esportivo que foi se forjando em substituição ao *ethos* guerreiro, predominante na era Medieval.

Atualmente, as ocorrências de violências em diferentes espaços esportivos, repercutem na mídia, sob vários enfoques, sendo arautos de diferentes tipos de preconceitos. “Na mídia





esportiva, o tema violência vem ganhando constantes destaques, com episódios lamentáveis de agressões entre torcedores, com jogadores se agredindo fisicamente dentro de campo, com a presença de preconceitos raciais e de gênero, entre outros” (PAIM; STREY, 2006, p. 43). Malgrado, a violência não tenha sua gênese no universo esportivo, vale dizer, contudo, que negá-la, seria, no mínimo, estranho, já que as evidências são facilmente observáveis.

E muitas dessas expressões de violências refletem e incidem diretamente na arbitragem, por se tratar de uma atividade profissional cuja natureza acentua a exposição à mesma, uma vez que

[...] o árbitro está incumbido de demonstrar plena neutralidade e imparcialidade. Como é o responsável por aplicar as regras, sua autoridade é colocada à prova a todo o momento. As pressões podem vir de todos os lados: da necessidade pessoal e profissional de realizar um bom trabalho, das influências da mídia, das pressões de clubes e dirigentes, dos jogadores e, por fim, da hostilização por parte dos torcedores (BOSCHILIA, 2008, p. 108).

Todavia, essas situações mencionadas ainda mobilizam poucas investigações científicas, seja em virtude da distorção da representação do árbitro, para e no jogo, ou mesmo diante da depreciação que sua função recebe no interior do universo esportivo (BRESSAN, et al., 2019). Outro aspecto que contribui para incidência de agressões diz respeito ao fato da arbitragem não ser considerada uma profissão, logo, são raras as situações de reconhecimento profissional (MONTEIRO, 2016).

Um cenário que se complexifica quando se trata de árbitras mulheres, já que as estatísticas relativas às diferentes expressões de violências contra a arbitragem aumentam consideravelmente (MONTEIRO, 2016). Essas, por sua vez, sofrem agressões e, por efeito, são “desqualificadas” no plano profissional, sob a suspeição da competência, visto que se trata de um território historicamente e culturalmente masculino, sendo restrito às mulheres, sob a

égide do argumento do “gênero inferior” (PAIM, 2006).

Há dificuldades em se determinar o momento histórico em que mulheres principiaram-se na composição de uma conjuntura arbitral em estruturas esportivas. Monteiro (2016, p. 31) relata que “[...] os autores que discutiam a origem do árbitro sinalizaram certa dificuldade em precisar quando as mulheres começaram a atuar como árbitras”. Isso decorre em razão de uma estrutura social que condiciona a figura da mulher a um plano secundário, escamoteando suas ações, por efeito inviabilizando sua autonomia e participação.

Com isso, a inserção das mulheres nas práticas esportivas, primeiro enquanto atletas, posteriormente como técnicas, dirigentes e árbitras, ocorreu e vem se configurando de forma gradual, na medida em que buscam e lutam por espaços de representação e poder, em um território hegemonicamente masculinizado (CARON et al., 2015). Cabe, neste ponto, uma pequena digressão, na qual o teor denota um elucidativo exemplo para questão do tensionamento de ocupação de um território marcadamente masculino. Trata-se da narração da copa do mundo de 2018, realizada exclusivamente por mulheres, se tomarmos por base os comentários, em sua maioria assentados no lugar comum, quase nunca faziam alusão à competência formativa para o desempenho da apresentação narrativa, no entanto, em sua maioria, pautavam-se no assujeitamento do gênero feminino para ocupação daquele espaço esportivo nunca antes ocupado, daquela maneira, por mulheres.

Retomando, então, a questão do processo histórico de inclusão feminina na atividade arbitral, a guisa dessa formação histórica, os trabalhos direcionados à arbitragem composta pelo gênero feminino são relativamente recentes. Apesar dos esforços para se conquistar posição de liderança frente a uma partida esportiva como árbitra principal, havia interditos que regiam a não participação de mulheres. Como anotam Nascimento e Nunes (2014, p. 207) “Nos anos 1980, a mulher só poderia exercer a função de anotadora e cronometrista, pois lhe era negado o



direito de arbitrar uma partida oficial”. Ou seja, era impossibilitada a participação de mulheres na arbitragem principal, fato que recebe alteração a partir do ano de 1997, todavia, atualmente essa negação ainda se faz presente de outras maneiras, basta notar que mulheres árbitras raramente ocupam patamares elevados no interior da gestão esportiva.

Pois bem, o quadro exposto até aqui, conduziu-nos a engendrar a presente investigação, a qual procurou cotejar as dificuldades e as percepções das árbitras em relação às violências e as razões pelas quais as mesmas insurgem. O cenário investigativo foi os Jogos Escolares da Juventude do Estado de Mato Grosso, ocorridos no ano de 2017. Trata-se de um contexto esportivo promovido e organizado pela Secretaria de Estado de Educação, Esportes e Lazer, que figura na qualidade de um importante evento esportivo do estado de Mato Grosso. Participaram dele, escolares com idades entre 12 e 17 anos, em duas categorias, quais sejam: B de 12 a 14 anos e A de 15 a 17 anos. O acontecimento integra o calendário do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), envolvendo aproximadamente 1.500 mil jovens, ao longo de sete (7) dias, em cada uma das etapas.

A pesquisa assentou-se sob os pressupostos qualitativos em conformidade ao que anota Minayo et al (2010), segundo uma abordagem exploratória, alinhando-se metodologicamente a aceção conferida por Sampieri, Collado e Lucio (2013). Quanto ao público investigado, tratam-se três árbitras que atuaram no aludido evento, em diferentes modalidades esportivas. Compete-nos informar também, que a participação das mesmas ocorre mediante a indicação da federação estadual na qual estão registradas.

Para o recolhimento das informações foram realizadas entrevistas subsidiadas por um roteiro semiestruturado, organizado em dois blocos, sendo que: o primeiro disponha de questões fechadas, contendo o perfil das árbitras; enquanto que o segundo apresentava questões abertas, cujo teor versava por extrair a percepção das depoentes, quanto à violência no interior dos jogos realizados no evento supracitado. As narrativas foram registradas em um gravador digital (Sony ICD-PX312), por efeito, realizou-

se a transcrição na íntegra, em seguida fez-se a textualização dos conteúdos, conservando o sentido e significado dos depoimentos.

A pesquisa respeitou os aspectos éticos (Res. 466/12), dado que as depoentes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, manifestando aquiescência após as entrevistas. O estudo recebeu aprovação do comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT (CAAE: 55729716.7.0000.5166).

Em termos de procedimentos metodológicos, recorreu-se a História Oral na qualidade de método (FRANÇOIS, 2006). A História Oral diz respeito a uma forma de registro da história de vida de indivíduos que, ao focalizar suas memórias pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento da trajetória do grupo social ao qual pertence. A propósito, Alberti (2004) concebe a entrevista como a principal etapa da História Oral, pois é na realização de entrevistas que se situa efetivamente seu desdobramento.

Para a análise qualitativa das narrativas orais, utilizamos a técnica da triangulação dos dados. Para tanto, no primeiro processo interpretativo houve “uma valorização fenomênica e técnica dos dados primários, em si mesmos e à exaustão”. Posteriormente, num segundo movimento analítico, as narrativas orais foram “contextualizadas, criticadas, comparadas e trianguladas” (GOMES et al., 2010, p. 185). Por efeito de tais procedimentos analíticos, duas categorias de análise foram elaboradas, conforme doravante apresentaremos.

## **DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E GESTÃO ESPORTIVA**

Dadas as condições histórico-culturais que constituem as esferas sociais e contribuíram ao longo do tempo para a construção de posições e (ditos) papéis sexuais para homens e mulheres, se engendra, de algum modo, uma estruturação de divisão sexual social, que reflete diretamente em qualquer profissão que tenha como base material o trabalho (KERGOAT, 2009).



Nessa esteira anota Kergoat (2009, p. 1) que a divisão sexual “tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc...)”. Isto é, a partir da ótica biológica de sexo (macho/fêmea, homem/mulher), distinguiram-se as colocações de cada gênero na ordem social reverberando nos ambientes de trabalho, espaços estes associados à dominação e apropriação masculina, principalmente àqueles cargos que representam status de poder e autoridade.

O segmento da arbitragem não figura na condição de exceção dessa conformação de divisão sexual do trabalho, aliás, ele compreende de forma majoritária a presença masculina mantendo uma estrutura patriarcal num processo de relações de poder, no qual a supremacia masculina impera sobre a feminina, conforme já dito (CARON et al, 2015). Conserva, assim, tal estratificação profissional, malgrado os resistentes investimentos das mulheres de apropriação desse campo de atuação. Monteiro, Novais e Mourão (2017) retratam tal situação evidenciando que, mesmo quando algumas árbitras conseguem atingir padrões de rendimento nos testes físicos que oportunizem a atuação como árbitra principal em jogos/partidas esportivas, não são convocadas para tal exercício, sendo escaladas como árbitras assistentes.

Trata-se de relações que invisibilizam e excluem, de certa maneira, as mulheres no campo da arbitragem, conjuntura que se acentua quando se compreende que este espaço (do contexto da pesquisa) é configurado como um trabalho informal e não recebe a mesma valorização que um trabalho formal, conforme já expusemos. O trabalho informal é conceituado, atualmente, em um processo mais complexo que se nomeia como a “nova informalidade”, que estabelece relações com o mercado formal e, como apresentado por Araújo e Lombardi (2013, p. 460), “tem o potencial de captar o modo pelo qual a dinâmica da acumulação flexível incorpora e interconecta atividades e relações de

trabalho formais e informais e, ao mesmo tempo, de desvendar a amplitude da precarização que caracteriza o novo modelo produtivo da globalização”. As autoras referenciam, desse modo, que com o processo de globalização houve mudanças nessas relações de trabalho, nas quais atividades informais comumente vêm sendo realizadas dentro de empresas e corporações do setor formal, e vice-versa. Ao mesmo tempo em que provoca uma flexibilidade nas oportunidades de trabalho, promove a abertura para as iniciativas da privatização que, de certo modo, investem em uma busca por produtividade, redução de custos e maiores lucros, propiciando um desgaste dos/as trabalhadores/as e precarização do ambiente de trabalho (ARAÚJO; LOMBARDI, 2013).

Ao que tudo indica o trabalho arbitral se configura também no interior dessa nova (in)formalidade, dado os investimentos financeiros volumosos com a área esportiva pelo poder estatal e privado. Entretanto, árbitros e árbitras não têm empregos (vagas) garantidas dentro desse setor, mesmo que frequentemente tenham que estar se atualizando e demonstrando qualidade para conduzir uma partida, estando suscetíveis, constantemente, a não empregabilidade. Em razão disso, grande parte deles e delas possui outras profissões e/ou formações que subsidiam a sua sobrevivência mediante as suas necessidades básicas e para além destas. Um bom exemplo desse quadro são as árbitras entrevistadas nesta pesquisa, que cumprem outras funções, quais sejam: Agente Penitenciária (entrevistada 3), Estagiária de Educação Física (entrevistada 18) e estudante (entrevistada 10). Trata-se de ocupações que não têm, necessariamente, uma relação (direta) com o campo da arbitragem, o que demonstra constituir-se quanto uma área de difícil acesso e permanência.

Sob tal perspectiva se instaura a divisão sexual do trabalho para homens e mulheres, ao mesmo tempo em que se implanta uma ilusão de progresso nas relações igualitárias entre ambos. Particularmente no campo esportivo percebe-se o quanto esse espaço carece da presença de mulheres.



Goellner (2005, p. 94) relata que “Os anos 80 e 90 caracterizam-se pela maior inserção das mulheres em esportes antes considerados como violentos para a participação feminina em que o judô, o pólo aquático, o handebol e o futebol são exemplos a serem considerados”. Nesse sentido, essa introdução e busca de pertencimento em espaços antes inviabilizados para as mulheres no campo esportivo, contribuiu para uma desestruturação das injunções, ao passo que permitiu possibilidades de inserção em outras posições como técnicas e árbitras, mesmo que a presença do gênero feminino seja pequena (tratando-se de números) se comparada à parcela masculina.

Um elucidativo exemplo para o entendimento da resistência sexista das mulheres na esfera arbitral é a luta histórica de Léa Campos para se tornar árbitra de futebol na década de 1970, conforme discorre Goellner (2005, p. 95):

Vale ressaltar as inúmeras barreiras que Lea Campos enfrentou, na década de 1970, para se transformar em árbitra de futebol. Mineira de Belo Horizonte, Lea realizou curso de oito meses na escola de árbitros da Federação Mineira de Futebol, em 1967, mas só em 1971 teve seu diploma reconhecido pela FIFA.

Nota-se a dificuldade de reconhecimento de um título que foi conquistado arduamente e da mesma forma que os homens árbitros, entretanto, não recebeu as mesmas significações – *capital simbólico* nos termos de Bourdieu (2001) – por se tratar de uma mulher, sendo necessário ainda recorrer a outras instâncias, como ao presidente da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) na época, para que sua titulação fosse validada. São esses e outros percalços que as mulheres estão sujeitas nas esferas sociais externas, principalmente àquelas que transgridem a norma vigente.

Compete-nos realizar uma importante contextualização histórica, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) foi à entidade brasileira responsável pela organização esportiva no país. Sendo fundada em 20 de agosto de 1914, com a finalidade de fomentar “todas” as práticas desportivas no país. Contudo, em 24 de setembro de 1979, após sofrer modificações estruturais, a

até então CBD, passa a ser denominada de CBF (Confederação Brasileira de Futebol), em decorrência de um decreto da FIFA, segundo o qual, todas as entidades nacionais de futebol deveriam ser voltadas unicamente para o desenvolvimento desse esporte. Condição essa, que se distancia do escopo da CBD, que, à época, ocupava-se do fomento a todos os esportes olímpicos, incluindo o futebol.

O transpassar das barreiras existentes para o gênero feminino na sociedade, seja no domínio esportivo como: atleta, técnica, árbitra, gestora, ou em qualquer outro trabalho/emprego, ou outra instituição que objetiva às mulheres a submissão, advém de uma rede cultural e histórica de divisão sexual, a qual designa ações a serem executadas por homens e mulheres normalizando posições que seriam de um ou de outro, do masculino ou do feminino (KERGOAT, 2009). Essas determinações e hierarquizações refletem na produção e reprodução de expressões de violências, notadamente direcionadas às mulheres, visto que, no quadro social, devem ser obedientes e subordinadas aos homens, e posições de autoridade e poder como a ocupação da gestão esportiva em diferentes âmbitos, como já dissemos convindo redizer, um terreno impensável, se não pela via da transgressão daquilo que historicamente fora instituído.

## ARBITRAGEM E VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Um dos personagens que foi tornando-se importante e ganhando destaque nos eventos esportivos, é a figura do árbitro. Nas práticas esportivas, por volta de 1868, o árbitro não possuía o controle de jogo como possui hoje, esse “Só intervia no andamento da partida quando solicitado por algum representante das equipes disputantes” (BOSCHILIA; VLASTUIN; MARCHI JUNIOR, 2007, p. 9). Entretanto, no decurso dos anos, foi se tornando agente com expressiva influência nas decisões e participante ativo das situações que ocorrem na maior parte das modalidades esportivas.

Em razão de possuir um grande domínio e controle do jogo, frequentemente se torna alvo de violências, tanto física, quanto simbólica, fato



esse que acaba por influenciar o bom andamento da partida. Nota-se que as diferentes manifestações de violências são promovidas e provenientes dos jogadores, técnicos, dirigentes e da própria torcida. Para Barroso et al (2005, p. 65) “ela [a violência] faz parte da própria situação, ou seja, não se trata de algo esporádico, mas, em certos casos, de uma forma de promoção do espetáculo esportivo”. Nessa esteira de reflexões sobre a violência no espaço esportivo especialmente na esfera da arbitragem, pode-se afirmar que o cenário não é diferente com as mulheres.

A partir da inserção das mulheres, mesmo que progressivamente, no campo esportivo, estas foram ocupando posições que antes não lhes eram permitidas:

Aos poucos as mulheres vão aparecendo em novos espaços vinculados ao esporte. Exemplo disso é a visibilidade na mídia esportiva, a arbitragem em jogos de futebol masculino, participação de mulheres em esportes considerados masculinos como MMA, locais que ainda geram polêmicas e dúvidas a respeito da competência técnica das mulheres no esporte (CARON et al, 2015, p. 3).

Em que pese o crescimento da presença de mulheres em cargos concernentes ao universo esportivo – antes vinculados somente aos homens – ainda há desvalorização e questionamentos quanto às capacidades de atuação e competências para as funções, o que propicia reflexões sobre como está sendo a permanência e a interação entre homens e mulheres nesse contexto.

Diante disso, dedicaremos atenção à questão de gênero, dado que mulheres árbitras, via de regra, são personagens alvos de estereotipização e estigmatização enquanto profissionais e, muitas vezes, questionadas quanto às competências para exercer tal função, isso quando são visibilizadas, já que no campo esportivo há dificuldades de se encontrar registros de atuações de árbitras e seu início no cargo, posto que sempre há homens como referência (MONTEIRO, 2016).

Um bom exemplo pode ser extraído da própria constituição dessa pesquisa, visto que o

quadro total de participantes foi composto por 19 (dezenove) árbitros/as entrevistados/as, sendo que, somente 3 (três) eram mulheres, reparemos, portanto, a desproporcionalidade numérica do cenário exposto. É bem verdade, que outras razões (que extrapolam os limites deste estudo) possivelmente tenham afetado essa configuração numérica, conquanto, tal conjuntura não inviabiliza a constatação da existência de uma disparidade significativa. Por fins de delineamento – e coerência epistêmica – para estrutura deste artigo, limitamo-nos a utilizar apenas os depoimentos das árbitras. Pois bem, por intermédio das entrevistas realizadas com as árbitras que atuaram nos Jogos Escolares da Juventude em 2016/2017, constatou-se a existência (recorrente) de atitudes agressivas direcionadas às mesmas.

Quando perguntadas se já sofreram agressões físicas, verbais e/ou psicológicas (simbólicas) em suas atuações como árbitras esportivas, relataram:

“[...] na modalidade handebol as mulheres, as árbitras são muito respeitadas, [...] mas ainda há pessoas machistas, porque você não vê uma mulher desrespeitando uma árbitra mulher, você vê um professor homem desrespeitando” (Entrevistada 3).

“[...] comigo nunca aconteceu de alguém vir pra cima de mim ou qualquer outra coisa, mas eu também lido muito com machismo, tem isso também” (Entrevistada 10).

“A questão da violência verbal a gente de vez em quando ouve, né, principalmente no meu caso por ser mulher, ainda têm pensamentos machistas, ainda têm comportamentos machistas” (Entrevistada 18).

Depreende-se dos depoimentos expostos, a existência de preconceitos materializados em agressões, principalmente verbais, dirigidas às árbitras no contexto dos jogos esportivos escolares, notadamente àquelas de teor machista que depreciam a função da arbitragem e da mulher, por assim dizer. Isto ocorre devido à dificuldade de compreenderem (e aceitarem) a



presença delas em espaços que, historicamente, foram construídos e ocupados por homens, pois “o ideal feminino tradicionalmente incorporado pela sociedade é incompatível com a figura da mulher esportista. O contexto esportivo ainda é considerado um ambiente de domínio masculino” (PAIM, 2006, p. 11).

Observa-se também, a partir das narrativas apresentadas, que as atitudes de violências são originadas especialmente pelo gênero masculino, o que ratifica a conjectura que nos conduziu à realização da pesquisa, ou seja, há uma dissimetria e opressão de um gênero em detrimento do outro, incluindo técnico-professores das equipes, os pais e a própria torcida. Caron et al (2015, p. 4) anotam que, “A incorporação das estruturas de uma ordem simbólica ao qual estamos inseridos permite a reprodução do habitus das relações de exploração e dominação que determinam a hierarquia de gênero”, na qual o gênero masculino impera impondo posicionamentos que devem ser acatados pelas mulheres.

As narrativas a seguir, expressam e ratificam tal afirmativa:

“Há muitas, muitas pessoas ainda assim ainda que criticam, que falam ‘Ah, não quero essa mulher no meu jogo’, ‘Ela é fraca, ela é não sei o quê’, ‘Ela tem psicológico fraco’” (Entrevistada 3).

“Se estou eu e um homem apitando, se eu errar em determinado coisa, [...] o técnico se vê no direito de querer falar mais alto comigo ou qualquer outra coisa” (Entrevistada 10).

“E acontece muito ‘Aqui não é lugar de mulher’, principalmente competição adulta [...] ‘Lugar de mulher é na cozinha’, ‘Vai lavar roupa’, ‘Jogo desse nível mulher não tem condição de apitar’, então já ouvi bastantes besteiras desse tipo” (Entrevistada 18).

Com base nos depoimentos acima, observa-se que, substancialmente, as críticas e aviltamentos assentam-se nas questões relativas ao gênero da arbitragem (no caso feminino), como se ele, por si só, fosse determinante para qualidade do desempenho da atividade arbitral e houvesse uma relação peremptória entre o erro e

a condição de uma mulher ser a árbitra e estar apitando um jogo, haja vista os relatos das depoentes 3 e 10, ao evidenciarem o suposto “direito” de reclamação das decisões tomadas pelas mesmas durante a partida, exclusivamente por serem mulheres.

Também se percebe no teor do depoimento da participante 18, sobre o quanto os discursos reproduzem estereótipos e à associação do que é determinado para o gênero feminino no interior de uma dada cultura, quase sempre atrelados à casa e tudo a ela associado.

Como já exposto, de acordo com Sousa e Altmann (1999), o esporte foi sendo construído historicamente como um espaço generificador, ou seja, determinando-se práticas que eram consideradas do gênero feminino e/ou masculino. No geral, os esportes que envolvem força e virilidade remetem ao masculino e só a eles deveriam ser direcionados.

O que se constata nos excertos das entrevistas são as perspectivas machistas e sexistas de incapacidade feminina mediante a sua posição de poder, controle e autonomia nos jogos. Para Monteiro (2016, p. 64) há “[...] uma caricaturização da mulher na figura de árbitra, a um consenso preconceituoso sobre a ausência de competência em relação a elas para exercer tal função, e uma naturalização da expertise do homem”. De maneira que se acaba reproduzindo tais acepções, por efeito, essas apresentam desdobramentos no que se refere à violência simbólica (psicológica) nesses espaços.

Para além das exposições às violências que os/as árbitros/as estão sujeitos, de uma forma geral, dado o espaço de jogo e, particularmente, às árbitras pelo agravante de seu gênero, antevê-se que tal atmosfera – que supostamente deveria ser um espaço de potenciais oportunidades formativas – se converte num espaço reprodutor de violências (de gênero, mas não apenas), cujos efeitos têm implicações, em certa medida, para formação (ética) dos/as jovens inseridos/as nos espaços dos Jogos Escolares da Juventude, afetando assim, de certa forma, as potencialidades do desenvolvimento pessoal e (quicá) profissional dos/as envolvidos.

Conquanto o alcance da investigação não nos permita avaliar quanto à existência de uma



relação peremptória entre os fenômenos cotejados – notadamente no que diz respeito à dimensão formativo dos/as participantes –, já que os dados obtidos correspondem a um contexto em particular, todavia, as evidências trazidas à baila, suscitam importantes reflexões na correlação entre: à arbitragem feminina, violência (simbólica e efetiva) e o espaço formativo que (supostamente) tal competição engendra. Sinalizando, inclusive, a necessidade de outras pesquisas (mais abrangentes e longitudinais) que pudessem lançar luz aos fenômenos e as relações em questão.

Lembremos que “questões relacionadas à equidade de gênero no esporte em suas diferentes manifestações implica enfatizar que, para as mulheres, ainda são desiguais várias situações quando comparadas aos homens”, sendo, portanto, imperativo construir espaços de formação que dêem visibilidade e suscitem questionamentos sobre tais desigualdades historicamente situadas (GOELLNER, 2012, p. 2).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por efeito de uma compreensão histórico-cultural de produção e reprodução de lugares determinados para homens e mulheres, foi possível verificar a existência de violências contra as árbitras que atuaram nos Jogos Escolares da Juventude no Estado de Mato Grosso, violências essas, que se personificam em formato de agressões e pressões psicológicas, isto é, por intermédio de agressões simbólicas. Para tal, os agressores – em sua maioria homens, o que de certa maneira caracteriza uma violência de gênero – desqualificam seu desempenho profissional, sob a suspeição da qualificação, por se tratar de um território historicamente e culturalmente masculino (PAIM, 2006).

A despeito disso, constata-se certo aumento da presença feminina no universo esportivo, em decorrência de muitos esforços no decurso dos últimos anos para essa expansão, seja na condição de: atleta, técnica, árbitra, dirigente, ou outras ocupações profissionais, contudo, trata-se

de um percentual tímido, quase imperceptível ainda, se comparado ao contingente masculino, e nossos dados, de alguma maneira, evidenciam isso. Muito provavelmente sejam resquícios da invisibilidade das mulheres para ocupações e funções que estiveram sob domínio masculino, assim como a associação irrestrita da figura feminina em relação aos cuidados domésticos, conforme evidenciou o depoimento da entrevistada 18.

Por efeito, cargos importantes e que demandam posicionamentos decisivos ainda são ocupados, majoritariamente, pelos homens, restando às mulheres um espaço periférico, condicionado a submissão hierárquica, ou a invisibilidade. Esses traçados que controlam o lugar de cada gênero (masculino e feminino) advém de determinações históricas e culturais respaldadas no argumento da existência de um sexo biológico desses sujeitos, que designa quais são seus lugares de apropriação, no qual esses processos culminam para uma constituição dos espaços de trabalho pautado na divisão sexual. Há falta de incentivo e patrocínios, e excesso de estereótipos e preconceitos envoltos às mulheres na esfera esportiva e, por se dizer, na sociedade como um todo. O quadro social tem implicações sobre a configuração do papel social da mulher, por efeito nas experiências – ou ausência delas – no campo esportivo e arbitral, muito provavelmente esta seja a razão pela qual a arbitragem feminina – mas não apenas ela – careça de reconhecimento (profissional) e valorização.

É premente, portanto, instituir questionamentos e reflexões relativos às questões de violências contra essas árbitras no contexto esportivo dos Jogos Escolares da Juventude – indo além dele, inclusive –, na medida em que tais agressões são impingidas de preconceitos de gênero, além do que evidenciam situações que foram naturalizadas historicamente, sendo imprescindível desestabilizar tais crenças e concepções, ao passo que se seja possível construir espaços esportivos que em todos os aspectos seja formativo, e, que, por efeito, incentive a equidade de direitos e a luta por uma sociedade mais justa e democrática.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual da história oral**. São Paulo: FGV, 2004.

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; LOMBARDI, Maria Rosa. Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI. **Cadernos de pesquisa**, v.43, n.149, p. 452-477, mai./ago. 2013.

BARROSO, Mario Luiz C.; VELHO, Nivia Marcia; FENSTERSEIFER, Alex Christiano Barreto. A violência no futebol: revisão sócio-psicológica. **Revista brasileira cineantropometria e desempenho humano**, v. 7, n. 1, p.64-74, 2005.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC**, v. 2, n. 1, p.68-80, jan./ jul., 2005.

BOSCHILIA, Bruno. **Futebol e violência em campo: análise das interdependências entre árbitros, regras e instituições esportivas**. 192f. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2008.

BOSCHILIA, Bruno; AFONSO, Gilmar Francisco; ALVES, Pedro Belivaqua Pupo Ferreira. Os árbitros e a violência no futebol. In: 1º Encontro da ALESDE, 2008. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2008.

BOSCHILIA, Bruno; VLASTUIN, Juliana; MARCHI JR, Wanderley. Futebol, violência e arbitragem: algumas leituras figuracionistas. In: XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. **Anais...** Guadalajara, México, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRESSAN, João Carlos Martins e colaboradores. Arbitragem no contexto do esporte escolar: percepções de violência narradas por árbitros. **Journal Physical Education**, v. 30, e3056, 2019.

CARON, Ana Elisa Guginski e colaboradores. A mulher e o poder na estrutura esportiva do estado do Paraná – Brasil. **Revista da ALESDE – Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporto**. Curitiba, v. 6, n. 2, p. 1-14, set., 2015.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa, Portugal: DIFEL, 1992.

FERNANDES, Maria das Graças Melo. O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. **Revista de saúde coletiva**, v. 19, n. 4, p. 1051-1065, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Coords.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, mar., 2010.





\_\_\_\_\_. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jul. 2005.

\_\_\_\_\_. Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios. **Revista do observatório Brasil da igualdade de gênero**, ano II, n. 4, p. 72-75, 2012.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RS: Vozes, 2010.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: EDUNESP, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo História Oral e Memória. **Cadernos CERU**, n. 5, série 2, p. 52-60, 1994.

\_\_\_\_\_. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza e colaboradores. Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de. (Orgs). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

MONTEIRO, Igor Chagas. **Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem de futebol profissional**. 129f. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física, Movimento Humano e Diversidade). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2016.

MONTEIRO, Igor Chagas; NOVAIS, Mariana Cristina Borges; MOURÃO, Ludmila. Treinando para passar: representações de árbitras de futebol sobre o teste físico. In: XX Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte. 2017. **Anais...Goiânia, GO: CBCE**, 2017, v. 1, p. 2154-2158.

NASCIMENTO, Aline Santos; NUNES, Mário Luiz Ferrari. A mulher árbitra de futsal: entre a norma e a resistência. **Interseções**, v. 16, n. 1, p. 197-216, jun. 2014.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. **Violência contra a mulher no esporte sob a perspectiva de gênero**. 121f. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Rio de Janeiro: Tempo, 1996.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria de Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre, RS: Penso, 2013.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n 48, p. 52-68, ago., 1999.



\* Essa pesquisa contou com o apoio:

- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso – FAPEMAT.
- Ministério da Cidadania, Secretaria Especial do Esporte, Rede CEDES – MT.
- Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso de Mato Grosso.

Dados do autor:

Email: [vivianeteixeirasilveira@gmail.com](mailto:vivianeteixeirasilveira@gmail.com)

Endereço: Rua Conde de Porto Alegre, 1305, apto. 304, Santana do Livramento, RS, CEP 97573-673, Brasil

Recebido em: 14/08/2019

Aprovado em: 04/10/2019

Como citar este artigo:

SILVEIRA, Viviane Teixeira e colaboradores. As percepções sobre violência de gênero segundo as árbitras dos jogos escolares da juventude em Mato Grosso. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 03, p. 31-42, set./dez., 2019.



# ENTRE TATAMES E ACEITES: PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O JUDÔ EM PERIÓDICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

BETWEEN TATAMI MATS AND ACCEPTED: OVERVIEW OF SCIENTIFIC  
PRODUCTION ON JUDO IN PORTUGUESE LANGUAGE PERIODICS

ENTRE TATAM Y ACEPTA: PANORAMA GENERAL DE LA PRODUCCIÓN  
CIENTÍFICA EN JUDO EN REVISTAS DE LENGUA PORTUGUESA

Tatiana Sviesk Moreira

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil  
Email: tatisviesk@hotmail.com

Leonardo do Couto Gomes

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil  
Email: leo\_gomes.97@hotmail.com

Leila Salvini

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil  
Email: leila.salvini@gmail.com

Wanderley Marchi Junior

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil  
Email: wmarchijr@gmail.com

Marcelo Moraes e Silva

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil  
Email: Moraes\_marc@yahoo.com.br

## RESUMO

O presente artigo visa traçar um panorama da produção do conhecimento sobre Judô publicados em periódicos de língua portuguesa. Diante disso, elencaram-se artigos indexados nas seguintes bases de dados: *Lilacs* e *Medline*, *Scielo* e Portal de Periódicos da Capes. Encontraram-se 51 artigos distribuídos no período de 1998 a 2014. As temáticas que mais despertaram interesse nos pesquisadores foram as de Treinamento e Saúde, correspondendo, juntas, a 57,14% da produção total. Apesar do predomínio dos referidos eixos, encontrou-se uma diversidade de abordagens de pesquisas contemplando aspectos psicológicos; sociais, culturais e históricos; iniciação esportiva e categorias de bases; nutricionais; e administração financiamento/políticas públicas. Conclui-se, portanto, que existe um cenário amplo para uma área que pretende se consolidar cientificamente, sendo necessária a crescente de estudos amparados nas demais maneiras de se abordar o esporte, ascendendo essas produções quantitativamente e qualitativamente.

**Palavras-chave:** Judô; Produção do Conhecimento; Periódicos.

## ABSTRACT

The present article aims at mapping the production of Judo knowledge published in Portuguese language. Faced with this, indexed articles were listed in the following databases: *Lilacs* and *Medline*, *Scielo* and *Capes Journal Portal*. There were 51 articles distributed between 1998 and 2014. The themes that most interested the researchers were those of Training and Health, corresponding, together, to 57.14% of the total production. Despite the predominance of the mentioned axes, a diversity of research approaches was



observed contemplating psychological aspects; social, cultural and historical factors; sport initiation and categories of bases; nutritional; and administration finance / public policies. It is concluded, therefore, that there is a broad scenario for an area that intends to consolidate scientifically, being necessary the growing of studies supported in the other ways to approach the sport, ascending these productions quantitatively and qualitatively.

**Keywords:** Judo; Knowledge Production; Newspapers.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo mapear la producción de conocimiento sobre Judo publicado en portugués. Ante esto, se enumeraron los artículos indexados en las siguientes bases de datos: Lilacs and Medline, Scielo y Portal of Capes Journals. Hubo 51 artículos distribuidos entre 1998 y 2014. Los temas que más despertaron el interés de los investigadores fueron Capacitación y Salud, que en conjunto correspondieron al 57,14% de la producción total. A pesar del predominio de estos ejes, se encontró una diversidad de enfoques de investigación que contemplan aspectos psicológicos; social, cultural e histórico; iniciación deportiva y categorías de base; nutricional y administración financiera / política pública. Se concluye, por lo tanto, que existe un amplio escenario para un área que pretende consolidarse científicamente, siendo necesario el crecimiento de estudios apoyados en las otras formas de acercarse al deporte, aumentando estas producciones cuantitativa y cualitativamente.

**Palabras clave:** Judo; Producción de conocimiento; Revistas.

## INTRODUÇÃO

O esporte, como objeto de estudo, ocupa um espaço característico no qual circulam estudiosos das mais variadas áreas, como a Economia, Engenharias, Administração, Medicina, Biologia, Enfermagem, Fisioterapia, Farmácia, Nutrição, Sociologia, História, Antropologia, Psicologia, Pedagogia, Direito e, em maior escala, a própria Educação Física (SOUZA; MORAES E SILVA; MOREIRA, 2016). Esta última é a área tradicionalmente reconhecida pela proximidade maior com o objeto e também pelo envolvimento prático com o mesmo. Contudo, conforme aponta Moreira (2017), a dimensão aplicada nem sempre é sinônimo de legitimidade científica, visto que a lógica, a cronologia e os interesses no interior da esfera esportiva, por si só, são dotados de complexidade que divergem em relação ao universo acadêmico-científico.

No caso específico das Lutas, Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate, Correia e Franchini (2010) assinalam que a literatura científica brasileira ainda se mostra carente. Os autores também denotam que tal produção se encontra desequilibrada em termos de temáticas atendidas, sendo a Biodinâmica o carro-chefe (40%), seguida dos estudos Socioculturais do

Movimento Humano (32%) e do Comportamento Motor (8%).

Ao investigarem o estado da arte sobre o judô em revistas internacionais e sem delimitação de idioma, Peset e colaboradores (2013) identificaram que, embora essa modalidade fosse um esporte mundialmente conhecido quando comparada com publicações sobre futebol e basquetebol, as publicações sobre esse tema ainda apresentam um volume reduzido no cenário mundial. Os autores argumentam que esse panorama pode ser compreendido basicamente pelo alto grau de complexidade técnica empregado nos golpes, os quais dificultam as análises científicas de parâmetros anatômicos e fisiológicos em relação a modalidades mais cíclicas, como a natação e o triátlon.

Moreira (2017), ao comparar a produção científica escrita em português relativa ao Judô, ao Voleibol e à Natação, corrobora com os argumentos anteriormente apresentados. A autora conclui que, numericamente, a Natação é mais explorada pela literatura científica devido ao seu caráter cíclico que favorece a aferição de medidas de desempenho e parâmetros de avaliação física. O caráter técnico e os tipos de



nado, por exemplo, são pouco estudados em detrimento às questões supracitadas.

Peset e colaboradores (2013) apontam, também, a respeito das tradições e dos rituais que o Judô preserva desde que foi concebido. Os autores mencionam que, embora tenha perdido seu significado tradicional, a maioria dos rituais ainda é presente, fazendo com que o universo das práticas que orienta o funcionamento do Judô seja mais resistente às mudanças implicadas pela produção acadêmica no que tange novas ideias de treinamento e/ou desempenho dos praticantes.

Ao considerar as questões mencionadas, o objetivo central deste estudo consiste em traçar um panorama da produção científica sobre o Judô, publicada em português na temporalidade compreendida entre os anos de 1998 a 2014. Já os objetivos específicos são: 1) evidenciar o perfil temático da produção sobre o Judô e; 2) indicar as conexões entre as autorias/coautorias e instituições, destacando as redes de colaboração envolvidas.

Para tanto, estrutura-se o raciocínio apresentando, inicialmente, o que se denomina um retrato ou um recorte da produção científica sobre Judô. E, por fim, desenvolve-se uma análise da relação estabelecida entre as temáticas mais e menos exploradas pela literatura, os centros produtores e os pesquisadores mais e menos atuantes na constituição desse panorama de produção científica relativa ao Judô.

## METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como quanti-qualitativo (SOUZA; KERBAUY, 2017). A respectiva escolha metodológica possibilita compreender os fenômenos investigados acerca do panorama sobre judô em periódicos de língua portuguesa, através de múltiplas facetas, apresentando aspectos mensuráveis e analíticos, contribuindo metodologicamente para que novos estudos possam ser realizados através dos mais distintos enfoques.

Para a composição do escopo da pesquisa, elencaram-se artigos científicos na íntegra e em língua portuguesa indexados nas seguintes bases

de dados: *Lilacs* e *Medline*, *SciELO* e Portal de Periódicos da Capes. Devido à diversidade de materiais encontrados nesta última base de dados, para garantir a homogeneidade das informações coletadas, abstraíram somente os artigos publicados nas revistas com *Qualis* classificados entre A1 e B2 em qualquer área de conhecimento. A opção por compilar textos apenas com as referidas qualificações se deu, por entender-se, que os extratos mais altos apresentam-se no campo da produção do conhecimento científico como objetos de disputas maiores em se comparados aos trabalhos com outras classificações (MOREIRA, 2017).

Os descritores utilizados para a coleta foram *judô*, *judô*, *judoca*, *judocas*, *judoka*, *judokas*. Para ser selecionado, o artigo deveria conter o descritor no resumo e/ou assunto. Sendo assim, selecionou-se toda produção científica disponível entre 1998 e 2014. O recorte temporal indicado não foi uma definição metodológica estabelecida *a priori*. Os artigos encontrados durante a fase de coleta nas bases de dados (primeira metade do ano de 2016) indicam este período como um dos aspectos que, inclusive, prescrevem o panorama da produção analisada.

Contabilizaram-se, inicialmente, 73 artigos. No que se refere à exclusão, os artigos duplicados e/ou encontrados em mais de uma base de dados foram considerados apenas uma vez, contabilizando, portanto, 51 produções, tendo o Judô como enfoque temático central.

Desses 51 artigos, abstraíram-se os seguintes dados, que foram inseridos em uma planilha eletrônica: a) título; b) enfoque temático; c) autores; d) área de formação dos autores; e) inserção na pós-graduação; f) inserção na esfera esportiva. As informações referentes aos autores foram retiradas dos currículos disponíveis *online*.

As etapas de coleta, processamento, identificação e análise dos dados foram realizadas com base na classificação de temáticas sistematizadas por Souza, Moraes e Silva e Moreira (2016), seguindo as contribuições de Van Tulder e colaboradores (2003). O sistema de *cross-checking* foi utilizado para classificar os artigos nos eixos temáticos, o que incluiu um minucioso processo de averiguação por parte dos autores, em que, após a leitura dos resumos dos



textos - e, quando necessário, da sua íntegra - no mínimo três autores envolvidos na pesquisa deveriam concordar com a categorização. Alguns artigos possuíam dois eixos temáticos predominantes, eles também averiguados e atestados pelo sistema *cross-checking*. As temáticas principais, emergentes nos artigos selecionados, foram classificadas dentro dos seguintes eixos:

- Treinamento: espaços e equipamentos relacionados a *performance*, aspectos motores, fisiológicos, técnicos, táticos e biomecânicos relacionados ao rendimento;
- Iniciação Esportiva e Categorias de Base: metodologia de ensino, aprendizagem motora, treinamento de jovens atletas e seleção de talentos esportivos;
- Saúde: promoção, manutenção e reabilitação da saúde, lesões e patologias;
- Administração, Financiamento e Políticas Públicas: legislação, gestão, financiamento e administração esportiva;
- Aspectos Sociais, Culturais e Históricos;
- Aspectos Psicológicos: motivação, emoções, autoimagem, transtornos psicológicos/alimentares, personalidade, concentração, comportamento e humor;
- Aspectos nutricionais: perfil dietético e suplementação alimentar.

Para a exposição dos resultados da pesquisa, inicialmente apresentam-se os números gerais, indicando, na sequência, a quantidade de publicações sobre o Judô referente a cada um dos enfoques temáticos. Posteriormente, são descritos os assuntos abordados em cada um dos eixos. As descrições quantitativas e do quadro temático prescrevem o panorama da produção em foco, tornando-se fundamentais para subsidiar a análise das conexões pretendidas no artigo. Por fim, elencaram-se os autores com maior quantidade de publicações sobre Judô, buscando explorar algumas das relações desses agentes tanto no campo acadêmico-científico quanto no esportivo, dando certa inteligibilidade ao panorama da produção intentada. Neste sentido, após os detalhamentos quantitativos,

utilizou-se como referencial para tecer considerações acerca da produção científica sobre o Judô a *Teoria dos Campos* do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

Bourdieu (1983; 1998) entende o campo como um espaço social detentor de uma lógica própria e relativamente autônoma de funcionamento. Essas características que delimitam um campo são historicamente constituídas pelas relações entre agentes e instituições que, detentores de interesses em comum, renovam suas relações constantemente no interior deste espaço. As relações estabelecidas no campo conferem aos seus agentes, referências próprias para ver e se portar socialmente. Tais referências, interesses e objetos aos quais conferem maior ou menor valor movimentam um campo de disputas onde se tem posições hierárquicas de poder pelas quais os agentes disputam. Segundo Bourdieu (1983; 1998), o que garante o posicionamento hierárquico dominante ou dominado no interior de um campo é a soma dos capitais dos agentes (econômico, cultural e social). A posição dentro deste universo é conferida pelas ações de reconhecimento dos agentes do próprio campo (pares) em relação à tal posição. Essa lógica que guia os relacionamentos sociais faz com que os indivíduos incorporem, de maneira lenta e gradativa, uma disposição para a ação chamada *habitus*, que, por sua vez, se torna inteligível na relação entre a subjetividade do agente e a objetividade da estrutura social à qual o mesmo é exposto.

Ao seguir esse raciocínio, a ferramenta bourdieusiana possibilita conhecer aspectos referentes à lógica de funcionamento do campo acadêmico-científico dos estudos sobre o Judô por meio da: 1) apresentação dos agentes e instituições atuantes no campo; 2) identificação dos capitais em jogo; 3) caracterização das disposições para agir neste universo (*habitus*) e dos objetos de disputa considerados legítimos.

## UM PANORAMA TEMÁTICO DA PRODUÇÃO SOBRE JUDO



Com base nos dados levantados, apresenta-se, a seguir, a distribuição dos 51 artigos

encontrados, classificados nos eixos temáticos detalhados anteriormente.

**Tabela 1** – Distribuição da produção sobre Judô em eixos temático

Treinamento	14
Saúde	14
Aspectos Nutricionais	11
Aspectos Psicológicos	10
Iniciação Esportiva e Categorias de Base	6
Aspectos Sociais, Culturais e Históricos	5
Administração, Financiamento e Políticas Públicas	1

**Nota:** construção dos autores

Detecta-se que as temáticas do Treinamento e da Saúde são as mais utilizadas, sendo que cada uma contempla aproximadamente 28,57% da produção (14 artigos). Na sequência, os enfoques mais abordados são Aspectos Nutricionais, com aproximadamente 22,45% de representatividade (11), Aspectos Psicológicos, que representou aproximadamente 20,41% da produção mapeada (10-dez), e Iniciação Esportiva e Categorias de Base, com aproximadamente 12,24% (6-seis). Os Aspectos Sociais, Culturais e Históricos totalizaram 9,8% dos artigos (5-cinco). Localizou-se um único artigo que aborda aspectos referentes a Administração, Financiamento e Políticas Públicas, e não se encontraram artigos sobre o Judô com os enfoques temáticos Educação e Lazer no mapeamento dessas produções científicas.

Em relação aos assuntos tratados nos artigos do eixo temático Treinamento (14), nove deles envolvem *componentes da aptidão física*, três produções relacionam *composição corporal e performance esportiva* e dois exploram as *técnicas da modalidade esportiva Judô e lesões*. Dentre os artigos deste eixo, três tratam de outras modalidades esportivas, ou seja, não são estudos que abordam especificamente o Judô. Uma dessas pesquisas é sobre modalidades esportivas paralímpicas.

Dos 14 artigos que enfocam a perspectiva da Saúde, 13 abordam *lesões* e somente um trata da reflexão acerca do *Judô como uma possibilidade para melhorias em casos de Epilepsia*. Vale ressaltar que seis dos 13 artigos que investigam as lesões no Judô voltam a compreender *dor*,

*desconforto e lesão relacionados ao impacto do corpo do judoca no tatame*. Este eixo temático abarca dois artigos que contemplam outras modalidades esportivas juntamente ao Judô. Torna-se necessário salientar que dois textos são referentes a judocas com deficiência visual.

Dos 11 artigos mapeados referentes aos Aspectos Nutricionais no Judô, quatro produções são sobre *perda de peso em períodos pré-competitivos*, dois relacionam *nutrientes e desempenho esportivo*, dois são relativos a *distúrbios e perturbações alimentares*, outros dois versam sobre *hidratação*, um trata da questão da *sudorese e fome* e um outro aborda a *suplementação com carboidrato e função imune*. Dois artigos desse eixo temático não se referem especificamente ao Judô, porém, mesmo assim, um deles aborda esportes de combate. Nenhum artigo alocado nesse eixo temático versa sobre questões relacionadas ao esporte paralímpico.

Dos nove artigos que abordam Aspectos Psicológicos, dois envolvem *personalidade*, dois versam sobre *distúrbios alimentares*, um trata de *motivação*, um relaciona-se ao *comportamento*, um aborda *liderança*, um a *dor* e outro refere-se a *fatores psicossociais no desenvolvimento do talento esportivo*. Três dos nove artigos alocados nesse eixo temático abordam paralelamente outras modalidades esportivas. No levantamento, não se encontrou artigo abordando a perspectiva psicológica para o Judô paralímpico.

Dos seis artigos que abordam a Iniciação Esportiva e Categorias de Base, três versam sobre o *componente da aptidão física* (preensão manual, tempo de reação e aptidão física em



geral). Os outros três textos exploram *questões motivacionais para jovens atletas, carreira esportiva de judocas olímpicos e tempo de recuperação entre pesagens de jovens judocas*. Dos seis artigos que constituem o eixo temático Iniciação Esportiva e Categorias de Base, apenas dois não abordam o Judô, especificamente.

Os cinco estudos alocados no eixo Aspectos Sociais, Culturais e Históricos são compostos por dois *estudos históricos*, outros dois envolvem *questões filosóficas da Arte Marcial Judô*, sendo um *estudo etnográfico*. Todos os artigos contemplados nesse eixo temático abordam questões relativas ao Judô especificamente, porém nenhum artigo envolve o Judô paralímpico. O único artigo encontrado acerca de Administração, Financiamento e Políticas Públicas trata-se de uma análise documental do Judô brasileiro envolvendo as instituições esportivas de tal modalidade.

Diante dos dados numéricos acima descritos, destaca-se que os assuntos mais evidenciados pela literatura sobre o Judô basicamente circulam entre: 1) elementos da aptidão física relacionados ao desempenho dos judocas (nove dos 14 artigos sobre Treinamento e três dos seis em Iniciação Esportiva e Categorias de Base); 2) lesões decorrentes da prática (13 dos 14 artigos sobre Saúde, sendo que seis se relacionam com o tatame e três artigos são relacionados ao eixo Treinamento) e; 3) perda de peso em períodos pré-competitivos (três artigos alocados no eixo temático Treinamento, quatro artigos dos 11 relacionados aos Aspectos Nutricionais e um no eixo temático Iniciação Esportiva e Categorias de Base).

O eixo temático Aspectos Psicológicos é representado no mapeamento, porém essa literatura se apresenta de forma pulverizada entre diversos assuntos. O eixo temático Aspectos Sociais, Culturais e Históricos também é atendido pela produção científica, porém de maneira restrita (apenas cinco artigos) e fragmentada. Esse fato denota que, possivelmente, não há grupos de pesquisas e instituições interessados em publicar sobre esse tipo de abordagem, embora o Judô possua, conforme aponta Santos (2006) particularidades

culturais muito próprias a serem exploradas por essa vertente analítica.

Cabe destacar que não se localizou um artigo sequer sobre Aspectos Educacionais e sobre Lazer. O que se considera ser um hiato na literatura sobre o Judô, pois a modalidade pode também ser vista como uma Arte Marcial de princípios filosóficos que valorizam elementos educacionais (SANTOS, 2006).

Sendo assim, a descrição desenvolvida objetivou apresentar uma ilustração macro da produção científica sobre o Judô em termos de temáticas mais, menos e/ou não atendidas pela literatura. Após esse detalhamento, apresentam-se os autores, vislumbrando compreender as suas relações entre si, com as instituições científicas/esportivas. Ao associar os temas/assuntos evidenciados na descrição acima realizada aos atores sociais do campo acadêmico-científico que produziram tais artigos, busca-se atribuir, mesma inicialmente, uma inteligibilidade sociológica ao cenário da produção científica em língua portuguesa sobre o Judô.

## **AUTORIA E CENTROS PRODUTORES NO JUDÔ: RELAÇÃO ENTRE OS AGENTES E AS INSTITUIÇÕES DO CAMPO**

Neste item, abordam-se os elementos autoria, coautoria, orientações e institucionalização dos Grupos de Pesquisa. Com isto, vislumbra-se averiguar as possíveis regularidades que se inscrevem nas relações entre os agentes do campo acadêmico-científico e que podem desvelar os nexos da prática científica que compõem a produção sobre Judô. A apresentação dos autores, bem como das suas posições e das relações de poder estabelecidas, possivelmente aponta para a lógica que movimenta o panorama dessa produção, visto que um eixo temático e/ou assunto é mais evidente do que outro. Foi a partir da relação entre os agentes e as instituições do campo acadêmico-científico que se pôde identificar a lógica da produção científica sobre a modalidade esportiva em questão.





Para tanto, inicialmente localizam-se os autores que tiveram maior contribuição quantitativa em termos de artigos mapeados. A partir dessa seleção, identificam-se as áreas de formação dos pesquisadores e as posições que eles ocupam nas universidades, principalmente nas suas inserções nos Programas de Pós-Graduação. Buscou-se saber também se esses autores possuem inserção e/ou passagem pelo campo esportivo e qual é/foi o posicionamento deles nesse segmento. Essa disposição dos agentes da produção científica sobre Judô, segundo assinala a teoria sociológica relacional *bourdieusiana*, imprime a eles capacidades criativas e criadoras para, a partir de sua posição, pensarem, agirem e se relacionarem com os seus pares a fim de obterem representatividade no interior dos espaços sociais nos quais operam. Foi por meio do posicionamento desses agentes nas estruturas sociais dos *locus* em que transitam que se entende ser possível abstrair os possíveis efeitos de campo acadêmico-científico da Educação Física (seus capitais e *habitus*) no fazer científico.

Para essa análise, optou-se por selecionar os autores que possuem dois ou mais artigos publicados sobre o Judô, o que totalizou 22 pesquisadores. No entanto, sinaliza-se que foram encontrados 147 autores no total com produções sobre Judô no referido recorte. Afinal, entende-se que, a partir da leitura das relações estabelecidas entre os autores “mais produtivos”, pode-se aferir certa inteligibilidade das ações no campo acadêmico-científico que traduzem a opção por publicar sobre determinado assunto e certa perspectiva teórica. Caso possa-se clarear tal inteligibilidade e justificar a “opção” pelas temáticas mais privilegiadas desse panorama, pode-se afirmar que, neste caso, o fazer científico não está somente ajustado às demandas sociais de determinado contexto (no caso, o esportivo), mas também se encontra subordinado às demandas acadêmico-científicas constituintes da estruturação do campo acadêmico-científico da Educação Física no Brasil. Foi o que buscou-se atestar a seguir, com base nos dados de pesquisa.

**Tabela 2 – Autoria e Produção sobre Judô**

Nº	Autor(a)	Número artigos	Graduação	Inserção na pós-graduação/ Instituição	Inserção no campo esportivo
1	Saray Giovana dos Santos	10	Educação Física	Docente/ UFSC	Ex-judoca participante do primeiro Campeonato Brasileiro de Judô. Professora de Judô da UEM e da UFSC por 10 e 19 anos respectivamente. Treinadora da equipe de Judô da UFSC.
2	Sebastião Iberes Lopes Melo	5	Educação Física	Docente/ UDESC	Atleta de Canoagem.
3	Antonio Herbert Lancha Junior	4	Educação Física	Docente/ USP	Judoca
4	Ciro José Brito	4	Educação Física	Docente/ UFSC	Judoca faixa preta.
5	Emerson Franchini	4	Educação Física	Docente/ USP	Judoca há 29 anos. Faixa preta, segundo dan. Preparador físico de atletas de Judô medalhistas olímpicos.
6	Guilherme Giannini Artioli	4	Educação Física	Docente/ USP	Judoca faixa preta.
7	Bruno Gualano	3	Educação Física	Docente/ USP	-



8	João Carlos Bouzas Marins	3	Educação Física	Docente/ UFV	-
9	Maria Tereza Silveira Böhme	3	Educação Física	Docente/ USP	-
10	Alexandre Velly Nunes	2	Educação Física	Docente/ UFRGS	Judoca faixa preta.
11	Antônio Renato Pereira Moro	2	Educação Física	Docente/ UFSC	-
12	Daniele Detanico	2	Educação Física	Docente/ UFSC	Judoca faixa preta.
13	Diogo Cunha dos Reis	2	Educação Física	Discente pós-doutorado/ UFSC	-
14	Edmar Lacerda Mendes	2	Educação Física	Docente/ UFTM	-
15	Félix Guillén García	2	N.I.	Docente/ Palmas Gran Canaria – Espanha	-
16	Luiz Carlos Scipião Ribeiro	2	Psicologia	Professor aposentado UGF	Psicofisiologista do Clube de Regatas do Flamengo. 2 medalhas Olímpicas ao atuar com o Atleta do Judô Leandro Guilherme.
17	Marcelo Massa	2	Educação Física	Docente/ USP	Corredor de longas distâncias ( <i>Iroman</i> , Maratona e Ultramaratona) e triatleta. Foi jogador profissional de futebol no Japão.
18	Maurício Gattás Bara Filho	2	Educação Física	Docente/ UFJF	Coordenador do projeto Voleibol UFJF.
19	Noé Gomes Borges Junior	2	Engenharia Elétrica	Docente/ UDESC	-
20	Roberto Müller Heidrich	2	N.I.	N.I.	-
21	Rodrigo Álvaro Brandão Lopes Martins	2	Ciências Biológicas	Docente/ UNICAMP	-
22	Rudney Uezu	2	Educação Física	-	-

**Fonte:** Currículo Lattes (2017)

**Nota:** construção dos autores

Diante da dificuldade de se encontrar os dados sobre a inserção dos autores no campo esportivo em fontes fidedignas, entrou-se em contato com os pesquisadores Saray Giovana dos Santos e Emerson Franchini, que prontamente ajudaram a preencher esse tópico da tabela.

Com base nos dados dispostos na Tabela 2, destacam-se algumas questões para identificar o perfil dos pesquisadores que publicam sobre o Judô para, na sequência, posicioná-los e relacioná-los entre si e com as temáticas e

assuntos mais abordados pela literatura catalogada. A primeira delas é que 86,36% (19) dos autores elencados estão credenciados como docentes em Programas de Pós-Graduação em cursos da área de Educação Física, pertencente à Área 21 da CAPES.

Dos 22 autores listados na Tabela 1, apenas três não são graduados em Educação Física (são os autores de número 16 – Psicologia; 19 – Engenharia Elétrica; e 21 – Ciências Biológicas). Outros dois autores não possuem Currículo



*Lattes* disponibilizado na plataforma e/ou não há essa informação em seus currículos.

Aproximadamente 77,27% (17) desses pesquisadores possuem graduação em Educação Física. Nesse sentido, pode-se afirmar que a produção científica que se tem disponível sobre o Judô nas revistas de estrato *Qualis* mais alto foi produzida predominantemente no campo acadêmico-científico da Educação Física. Em outras palavras, esses autores fazem ou em determinado momento fizeram parte de um mesmo espaço de trocas sociais definido historicamente por embates epistemológicos e disputas pelo monopólio da verdade baseados nas prerrogativas estruturantes dentro de um determinado *locus*.

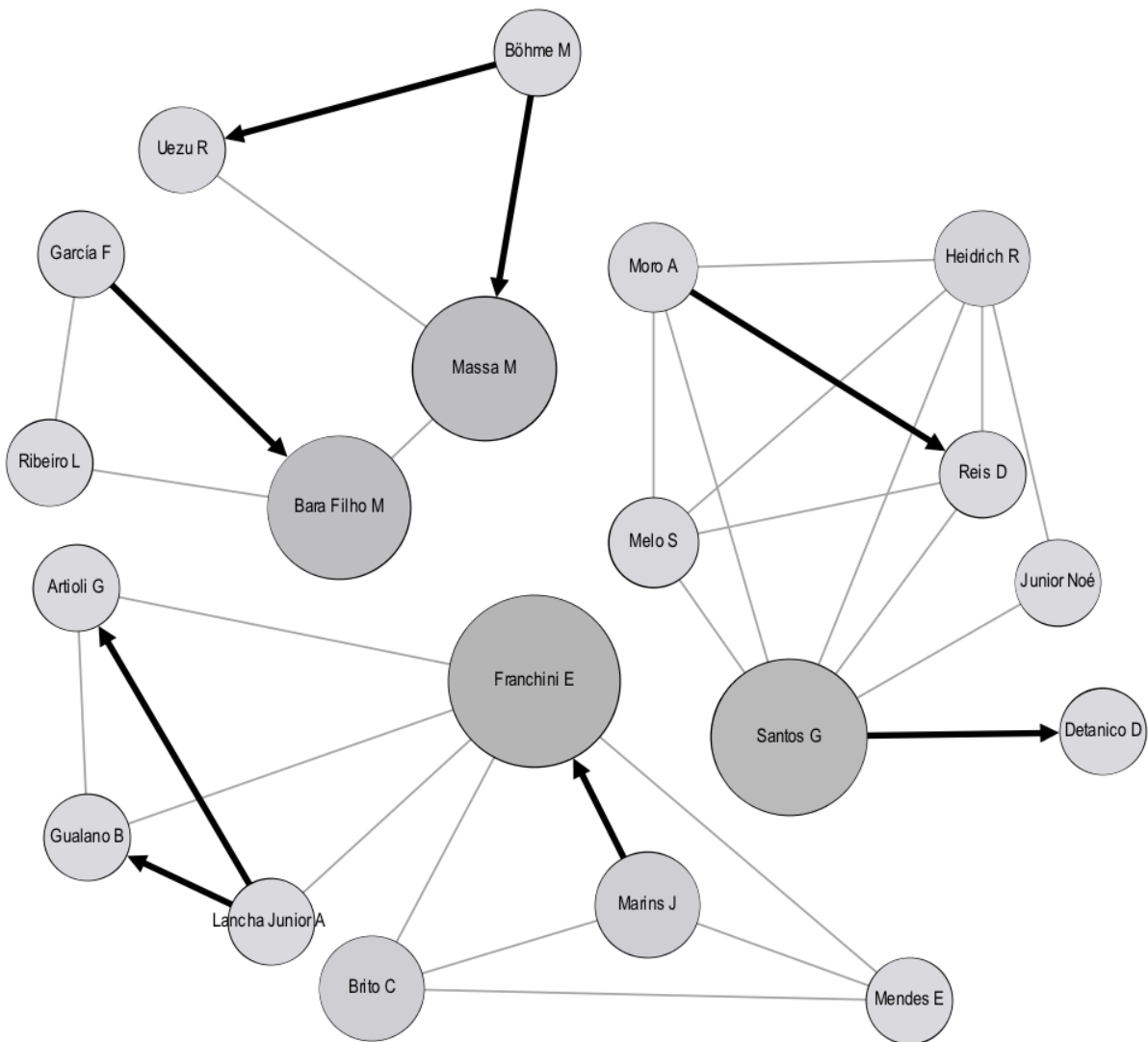
Outra questão abstraída da Tabela 1 é que aproximadamente 45,45% (10-dez) dos 22 autores responsáveis pelas publicações mapeadas sobre o Judô, além de transitarem no campo acadêmico-científico da Educação Física, têm alguma vivência na esfera esportiva. Ademais, aproximados 36,36%, ou seja, oito autores, estão diretamente relacionados com o Judô, sendo seis deles judocas e/ou ex-judocas. Essa informação dá subsídios para identificar de onde vem o embasamento científico sobre esse esporte e, por consequência, também ajuda a dar inteligibilidade a assuntos, abordagens e temáticas referentes a essa produção.

Dos 20 autores que estão inseridos em Programas de Pós-Graduação, sete estão na USP,

quatro na UFSC, dois na UDESC e os outros sete pulverizados na UFS, UFV, UFRGS, UFTM, Palmas Gran Canaria – Espanha, UFJF e UNICAMP. Desses pesquisadores, os únicos que não estabeleceram parceria com os 22 autores elencados na Tabela 1 foram os pesquisadores Alexandre Velly Nunes (UFRGS) e Rodrigo Álvaro Brandão Lopes Martins (UNICAMP). De acordo com Castiel, Valero (2007), Rigo, Ribeiro, Hallal (2011), Rosa e Leta (2011), Lazzarotti Filho e colaboradores (2012), Souza, Moraes e Silva, Moreira (2016), a produção científica em espaços científicos seletos, como são os periódicos da Educação Física classificados como A1, A2, B1 e B2, é uma “moeda” importante no jogo das trocas simbólicas em busca do reconhecimento pelos pares – autoridade científica (BOURDIEU, 2004; 2008; 2013) – no âmbito científico da Educação Física brasileira. Nesse sentido, algumas estratégias são costumeiramente adotadas para viabilizar a produção de acordo com as regras implícitas do subcampo acadêmico-científico da Educação Física. Uma delas refere-se ao esquema de coautorias entre orientador e orientando (LAZZAROTTI FILHO *et al.* 2012; PEREIRA DA SILVA; GONÇALVES-SILVA; MOREIRA, 2014; ROJO; MEZZADRI; MORAES E SILVA, 2019), conforme buscou-se atestar por meio da Figura 1:



**Figura 1** – Orientações e coautorias: produções científicas sobre Judô



**Fonte:** Currículo Lattes (2017)

**Nota:** construção dos autores

A Figura 1 ilustra as redes de colaboração que alavancam a literatura científica sobre Judô catalogada para a presente análise. As setas indicam relações de orientação de dissertações de mestrado, doutorado e pós-doutorado estabelecidas entre os autores que encabeçam a produção científica analisada. Todas as relações de orientação visualizadas desdobram-se em produções científicas conjuntas. Pode-se notar também que apenas seis autores não estiveram envolvidos em relações de orientação, embora também façam parte de alguma maneira dos arranjos sociais que mobilizam a produção científica sobre o Judô.

O percentual de 100% relativo aos processos de orientação resultantes em uma ou mais publicações conjuntas sobre a temática acena para um cenário no qual, consciente e/ou inconscientemente, os agentes sociais do campo acadêmico-científico da Educação Física se organizam entre si com vistas a fazer valer seu assunto/tema/abordagem como relevante dentro da estrutura organizada desse *locus*. Afinal, a produção científica em periódicos é uma das principais condições de existência para o pesquisador se manter no campo acadêmico-científico brasileiro, conforme apontam Castiel e Sanz-Valero (2007) e Castiel, Sanz-Valero e Vasconcellos-Silva (2011).



A disputa pelos locais profícuos de publicação interessa tanto ao professor credenciado no Programa de Pós-Graduação quanto ao próprio programa e ao seu aluno, candidato ao título de mestrado ou doutorado. A busca pelos lucros simbólicos obtidos por meio do reconhecimento dos pares se objetiva nesses veículos de produção do conhecimento científico, conforme salienta Bourdieu (2008; 2013). A publicação de artigos nas revistas se constitui como um rito de passagem dos orientandos, convalidando a sua inserção no campo acadêmico-científico e o posicionando em escalas hierárquicas de poder dentro do espaço universitário.

Entretanto, vale ressaltar que as condições de produção extrapolam as relações de coautoria entre orientadores e orientandos. Apesar de todas as orientações entre os agentes dispostos na Tabela 1 se materializarem na forma de produção científica, como demonstra a Figura 1, não é necessariamente essa regra que justifica as coautorias, haja vista que nem todos os coautores possuem essa relação de orientação.

## DOS GRUPOS DE PESQUISA AO PANORAMA TEMÁTICO DA LITERATURA CIENTÍFICA SOBRE O JUDÔ

Com o intuito de entender mais a fundo as condições da produção do conhecimento sobre o Judô que extrapolam as relações de orientação, embora as mesmas permeiem grande parte das coautorias identificadas na Figura 1, mapearam-se também os Grupos de Pesquisa, via Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico: <http://dgp.cnpq.br>, nos quais esses pesquisadores se institucionalizaram e, possivelmente, passaram a produzir as suas pesquisas. Essa abordagem auxilia na explicação da questão das coautorias, o que acaba por justificar também as temáticas mais ou menos privilegiadas contidas na produção científica sobre o Judô.

O Grupo de Estudos e Pesquisadores em Lutas, Artes Marciais e Modalidades de

Combate, liderado por Emerson Franchini (5), é formado por Saray Giovana dos Santos (1), Ciro José Brito (4) e Guilherme Giannini Artioli (6). Os participantes desse grupo são judocas experientes e graduados, como aponta a Tabela 1, que pesquisam diferentes aspectos relacionados ao Judô. Emerson Franchini estuda principalmente aspectos fisiológicos e de avaliação e prescrição de treinamento, Saray Giovana dos Santos pesquisa desempenho e lesões em judocas, Ciro José Brito e Guilherme Giannini Artioli se dedicam aos aspectos nutricionais relacionados à perda de peso para competições e hidratação em judocas, porém não produziram juntos os artigos contidos no mapeamento do presente artigo. De acordo com a Figura 1, denota-se que esses autores mobilizam dois dos três principais grupos de coautorias detectados. Os pesquisadores Antônio Renato Pereira Moro (11) e Diogo Cunha dos Reis (13) lideram o Grupo de Estudo do Movimento Humano (GEMH) na UFSC do qual também participa Daniele Detanico (12). Já Antonio Herbert Lancha Junior (3), Guilherme Giannini Artioli (6) e Bruno Gualano (7) integram o Laboratório de Nutrição e Metabolismo Aplicados à Atividade Motora na Escola de Educação Física da USP.

A pesquisadora Maria Tereza Silveira Böhme (9) dirige o Grupo de Estudo e Pesquisa em Esporte e Treinamento Infanto-juvenil (GEPETIJ). Juntamente com seus orientandos Rudney Uezu (22) e Marcelo Massa (17), a pesquisadora produziu textos relacionados aos intervenientes do desenvolvimento de talentos esportivos no Judô. O pesquisador Sebastião Iberes Lopes Melo (2) lidera o Grupo de Pesquisa Biomecânica da Locomoção e do Esporte na UDESC do qual a pesquisadora Saray Giovana dos Santos (1) também faz parte.

Como visto, os principais polos da produção científica sobre o Judô encontram-se nos Programas de Pós-Graduação em Educação Física da UFSC e USP. Fruto desse quadro, a literatura se mostra preponderantemente centrada em assuntos relacionados à aptidão física, aos métodos empregados para perda de peso em competições e às lesões em jovens e adultos



praticantes de Judô em decorrência de técnicas e de tipos de tatames.

O professor da USP Emerson Franchini publica seus textos fundamentalmente em língua inglesa, e, portanto, no presente artigo, ele não figura como o principal pesquisador acerca do objeto de estudo Judô. Porém, vale ressaltar que Franchini foi considerado um dos principais pesquisadores que produz cientificamente sobre o Judô em nível mundial. O referido autor transfere os conhecimentos científicos para sua prática enquanto preparador físico de atletas olímpicos de Judô que foram medalhistas em 2008, 2012 e 2016.

A pesquisadora Saray Giovana dos Santos, que estuda lesões decorrentes das técnicas empregadas pelos judocas nos tipos de tatames, é a que possui maior quantidade de artigos (10-dez) publicados sobre o Judô em língua portuguesa. Essa investigadora foi uma das primeiras judocas do Paraná, participou do Campeonato Paranaense e do primeiro Campeonato Brasileiro de Judô e ministrou a disciplina de Judô na UEM e UFSC por 19 e 10 anos respectivamente, informações obtidas por meio de contato via rede social estabelecido no dia 3 de julho de 2017 com a própria pesquisadora. A produção sobre o Judô parece estar centralizada nesses dois agentes, já que eles possuem maior quantidade de ligações, ou seja, de coautorias representadas pela Figura 1.

Tal informação agregada à representatividade dessa autora para a produção científica sobre o Judô leva à conclusão de que a sua vivência enquanto atleta foi um fator relevante que merece ser considerado no que diz respeito à sua visão sobre o Judô e à sua abordagem e aos assuntos tratados. Da mesma forma parece ocorrer com Antonio Hebert Lancha Junior, Emerson Franchini, Guilherme Gianinni Artioli, Alexandre Velly Nunes e Daniele Detanico. Torna-se interessante perceber que tais autores, que transitam entre o campo acadêmico e o esportivo, são os que movimentam a produção sobre o Judô. Esse ponto aparece enquanto uma característica da produção científica sobre essa Arte Marcial que, de acordo com a sua própria filosofia, transpõe o

âmbito esportivo e alcança o cotidiano de uma forma mais ampla.

Por outro lado, a predominância dos assuntos estudados pelos Grupos de Pesquisa listados mascara uma lacuna importante no que diz respeito aos diversos assuntos que poderiam ser tratados no âmbito do Judô, mesmo nos eixos temáticos que possuem produção, como o Treinamento e a Saúde. Também se evidenciou a existência de uma lacuna em relação às outras temáticas, como Aspectos Sociais, Culturais e Históricos (7-sete), Lazer (0-zero), Administração, Financiamento e Políticas Públicas (0-zero) e Educação (0-zero). Isso sugere que, em geral, no caso do Judô, a produção científica está atrelada aos esforços de pesquisadores envolvidos com a prática, mas que, por conta disto, os temas e assuntos tornam-se restritos a temáticas/abordagens/assuntos estudados por esses atores.

Os temas e assuntos mais relacionados pela literatura científica em tela traduzem a inserção, o posicionamento e a teia de relações estabelecidas entre agentes e instituições no campo acadêmico-científico da Educação Física. Denota-se por meio da Figura 1 que os principais autores do Judô se articulam entre si principalmente em duas tipologias diferentes de relações: a) entre orientadores e orientados; e b) no interior dos Grupos de Pesquisa descritos.

O complexo remontado neste artigo, composto de 22 autores em suas 29 relações de coautorias e oito de orientações e aos seus cinco Grupos de Pesquisa cadastrados no Diretório do Cnpq, representa aproximadamente 54,9% do total da produção científica referente ao Judô na temporalidade aqui mapeada. O restante encontra-se pulverizado em publicações esporádicas, mas que não constituem um sistema de relações ordenadas e interessadas neste fim. A pouca representatividade numérica de artigos encontrados sobre o Judô e o visível desequilíbrio existente entre os eixos temáticos atendidos, conforme atesta o Gráfico 1, reforçam tal assertiva.

Pode-se denotar que, embora existam esforços individuais de pesquisadores envolvidos com a modalidade esportiva e de alguns outros grupos, a lacuna apresentada em termos



quantitativos e de possibilidades que o Judô oferece para a análise das suas diferentes facetas e manifestações demonstra que ainda não se encontra consolidada no interior do campo acadêmico-científico da Educação Física uma estrutura de relações entre agentes e instituições que atente para demandas científicas provenientes desse objeto de estudo em específico. Esse ponto parece sustentar a pouca quantidade de artigos científicos disponibilizados nas bases de dados utilizadas.

O panorama da literatura científica sobre o Judô demonstra lacunas importantes a serem observadas, pois, mesmo nos eixos temáticos que englobam mais artigos, os temas e assuntos são os mesmos e abordados com base nos mesmos enfoques. Embora denotem a força da institucionalização dos grupos de estudo, como são poucos os grupos, a produção científica sobre o Judô acaba por se apresentar limitada a alguns temas, métodos e abordagens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns pressupostos passam a nortear as considerações sobre a lógica que prescreve o panorama da produção científica sobre o judô. De acordo com a realidade observada e descrita: 1) o panorama dos artigos encontrados não parece coadunar para resolver problemas advindos do campo esportivo, no sentido de subsidiar cientificamente o desenvolvimento do Judô no Brasil; 2) tampouco, percebe-se que a literatura em foco está propensa a suprir as lacunas científicas concernentes à produção sobre esta modalidade. A partir dos dados descritos neste estudo, evidencia-se que existe uma lógica legitimada no campo acadêmico-científico da Educação Física brasileira que torna inteligível o entendimento das temáticas mais, menos e não atendidas pela literatura.

O caso do Judô demonstrou que os pesquisadores que mobilizam as redes acadêmicas de colaboração responsáveis pela produção científica sobre essa modalidade possuem o *habitus* de uma prática esportivizada. No entanto, as temáticas mais atendidas são

também as mais valorizadas no âmbito da Educação Física brasileira, ou seja, aquelas voltadas ao treinamento, à aptidão física e à saúde (MOREIRA, 2017). Dessa forma, pode-se inferir que, embora a experiência no campo esportivo os tenha levado a pesquisarem sobre o Judô e sobre certos aspectos sobre o Judô, foi passando pelo crivo (leis específicas) do campo acadêmico-científico da Educação Física que essas produções puderam se materializar nos periódicos.

Nota-se também que, mesmo frente ao processo de esportivização pelo qual o Judô tem passado, os valores orientais vinculados ao respeito e à hierarquia entre os mestres e praticantes, aos rituais de entrada e saída do tatame e às formas de ensinar e praticar tal modalidade mantiveram-se ao longo do tempo. Essa tradição de alguma maneira orienta como ocorre a escolha das temáticas e as formas de investigação científica e acadêmica do Judô, mesmo que indiretamente.

Torna-se pertinente advertir sobre as limitações práticas do artigo apresentado, uma vez que foram utilizados somente artigos publicados em língua portuguesa e em periódicos nacionais com estratos demarcados entre B2 a A1 produzidos até o ano de 2014, ainda mais se considerar, conforme apontam Moraes e Silva *et. al.* (2017) e Ramos (2018), que a comunidade científica atravessa um contexto em que a internacionalização tornou-se algo incontestável. Sendo assim, aponta-se que a utilização de bases de dados mais abrangentes alteraria a metodologia, bem como os resultados da pesquisa. Logo, entende-se que um novo desenrolar para pesquisas neste cunho são as possíveis comparações entre os achados acerca da modalidade nas mais distintas localidades, bem como um olhar para outros produtos, como as dissertações e teses. Outra recomendação diz respeito à elaboração de novas categorias temáticas, afinal para este utilizou-se o olhar de outros pesquisadores. Entende-se, portanto, que com novas perspectivas pode-se emergir novos eixos temáticos.

Por fim, considera-se que o presente estudo pode apresentar uma contribuição para a



comunidade acadêmica, apontando o *modus operandi* relativo à produção do conhecimento acerca do Judô, incentivando uma maior produção sobre a temática nas suas diversas vertentes passíveis de investigação. Conclui-se que este artigo oferece subsídios metodológicos práticos para ampliar o entendimento sobre o atual quadro da produção do conhecimento acerca do Judô e os dados apresentados, tal como a compreensão dos mesmos, o que pode contribuir como fomento de conhecimento. Por

fim, compreende-se que com este escrito pode-se instigar os pesquisadores interessados no tema a iniciarem novos estudos, principalmente no que se diz respeito às temáticas com menores incidências. Sinaliza-se também a necessidade prática, assim como afirma Lourenço (2003), de ocorrerem mais pesquisas que possam efetivamente contribuir com o trabalho daqueles que fazem a modalidade cotidianamente acontecer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: EdUNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008.

\_\_\_\_\_. **Homo academicus**. Florianópolis: EdUFSC, 2013.

CASTIEL, Luis Davi; SANZ-VALERO, Javier. Entre fetichismo e sobrevivência: o artigo científico é uma mercadoria acadêmica? **Cadernos de saúde pública**, v. 23, n. 12, p. 3041-3050, 2007.

CASTIEL, Luis David; SANZ-VALERO, Javier; VASCONCELLOS-SILVA, Paulo Roberto. **Das loucuras da razão ao sexo dos anjos: biopolítica, hiperprevenção, produtividade científica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, v. 16, n.1, p. 1-9, jan./ mar., 2010.

FRANCHINI, Emerson; DEL VECCHIO, Fabrício Boscolo. Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 25, n. esp. p. 67-81, dez., 2011.

LAZZAROTTI FILHO, Ari e colaboradores. Modus operandi da produção científica da educação física: uma análise das revistas e suas veiculações. **Revista da educação física/UEM**, v. 23, n. 1, p. 1-14, 1. trim., 2012.

MORAES E SILVA, Marcelo e colaboradores. Pós-graduação em educação física: apontamentos sobre o livro “Dilemas e desafios da pós-graduação em Educação Física”. **Journal of physical education**, v. 28, n. 1, e2840, 2017.





MOREIRA, Tatiana Sviesk. **Condições para a produção científica sobre modalidades esportivas no Brasil: sociogênese do subcampo acadêmico científico da educação física.** 206f. 2017. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2017.

PEREIRA DA SILVA, Junior Vagner; GONÇALVES-SILVA, Luiza Lana; WEY MOREIRA, Wagner. Produtivismo na pós-graduação: nada é tão ruim, que não possa piorar: é chegada a vez dos orientandos! **Movimento**, v. 20, n. 4, p. 1423-1445, out./ dez., 2014.

PESET, Fernanda e colaboradores. Scientific literature analysis of Judo in Web of Science. **Archives of Budo**, v. 9, n. 2, p. 81-91, abr., 2013.

RAMOS, Milena Yumi. Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos. **Educação e pesquisa**, v. 44, p. e161579-e161579, 2018.

RIGO, Luis Carlos; RIBEIRO, Gabriela M.; HALLAL, Pedro Curi. Unidade na diversidade: desafios para a educação física no século XXI. **Revista brasileira de atividade física & saúde**, v. 16, n. 4, p. 339-345, 2011.

ROJO, Jeferson Roberto e colaboradores. A produção do conhecimento sobre políticas públicas para o esporte e lazer no Brasil: uma análise dos pesquisadores e instituições. **PODIUM Sport, leisure and tourism review**, v. 8, n. 1, p. 128-139, jan./ abr., 2019.

ROSA, Suely; LETA, Jacqueline. Tendências atuais da pesquisa brasileira em educação física. Parte 2: a heterogeneidade epistemológica nos programas de pós-graduação. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 25, n. 1, p. 7-18, jan./ mar., 2011.

SANTOS, Saray Giovana dos. Judô: onde está o caminho suave? **Revista brasileira de cineantropometria e desempenho humano**, v. 8, n. 1, p. 114-119, 2006.

SOUZA, Doralice Lange; MORAES E SILVA, Marcelo; MOREIRA; Sviesk Tatiana. O perfil da produção científica online em português relacionada às modalidades olímpicas e paralímpicas. **Movimento**, v. 22, n. 4, p. 1105-1120, out./ dez., 2016.

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e filosofia**, v. 31, n. 61, p. 21-44, jan./ abr., 2017.

VAN TULDER, Maurits e colaboradores. Updated method guidelines for systematic reviews in the Cochrane Collaboration Back Review Group. **Spine**, v. 28, n. 12, p. 1290-1299, 2003.

\* Essa pesquisa contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Dados do autor:

Email: tatisviesk@hotmail.com

Endereço: David Geronasso, 1611, apto. 31, Boa Vista, Curitiba, PR, CEP 82560-360, Brasil

Recebido em: 30/07/2019

Aprovado em: 02/10/2019



Como citar este artigo:

MOREIRA, Tatiana Sviesk e colaboradores. Entre tatames e aceites: panorama da produção científica sobre o judô em periódicos de língua portuguesa. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 03, p. 43-58, set./dez., 2019.



# GINÁSTICA LABORAL: PRERROGATIVAS PARA DISSEMINAÇÃO

## LABOR GYMNASTICS: PREROGUES FOR DISSEMINATION

## GINÁSTICA LABORAL: PRERROGATIVAS PARA DISEMINACIÓN

Érika Lobo da Silva

Universidade Salgado de Oliveira, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Email: erikalobo.as@gmail.com

Rafael Carvalho da Silva Mocarzel

Universidade do Porto, Porto, Portugal

Email: professormocarzel@gmail.com

### RESUMO

A ginástica laboral como forma de manutenção da qualidade de vida dos trabalhadores busca novas formas de aplicabilidade voltadas à saúde. Tais abordagens oferecem atividades que vislumbrem melhor rendimento dos trabalhadores através de atividades físicas contribuindo na prevenção de patologias adquiridas no ambiente de trabalho. Este estudo tem intuito de analisar o índice de adesão da ginástica laboral selecionando possíveis estratégias para sua implantação. Efetuou-se uma revisão de literatura elencando artigos dentre os anos de 2013 a 2017 vinculados à base de dados Bireme-Lilacs e Scielo e elencados através das palavras chaves: atividade física, ginástica laboral, saúde do trabalhador e qualidade de vida. Concluiu-se a ginástica laboral contribui significativamente para redução do afastamento dos trabalhadores por motivos salútares contribuindo para melhoria da qualidade de vida dos participantes. Fazem-se necessárias recomendações para implantação do programa laboral visando a melhor instauração do mesmo conforme os parâmetros éticos da atividade física.

**Palavras-chave:** Ginástica Laboral; Atividade Física; Saúde do Trabalhador; Qualidade de Vida; Gestão.

### ABSTRACT

The work gymnastics as a form of maintenance of the quality of life of the workers seeks new forms of applicability towards the health. Such approaches offer activities that envisage better workers' performance through physical activities contributing to the prevention of pathologies acquired in the work environment. This study intends to analyze the adherence index of the labor gymnastics selecting possible strategies for its implantation. A review of the literature was made listing articles from the years 2013 to 2017 linked to the Bireme-Lilacs and Scielo database and listed through the key words: physical activity, work gymnastics, worker health and quality of life. It was concluded that the work gymnastics contributes significantly to the reduction of workers' retirement for healthy reasons contributing to the improvement of the quality of life of the participants. Recommendations are needed for the implementation of the work program aiming at the best implementation of the same according to the ethical parameters of physical activity.

**Keywords:** Labor Gymnastics; Physical Activity; Worker's Health; Quality of Life; Management.

### RESUMEN

La gimnasia laboral como forma de mantenimiento de la calidad de vida de los trabajadores busca nuevas formas de aplicabilidad dirigidas a la salud. Estos enfoques ofrecen actividades que vislumbra mejor rendimiento de los trabajadores a través de actividades físicas contribuyendo en la prevención de patologías adquiridas en el ambiente de trabajo. Este estudio tiene el propósito de analizar el índice de adhesión de la gimnasia laboral seleccionando posibles estrategias para su implantación. Se realizó una revisión de literatura que contenía artículos entre los años de 2013 a 2017 vinculados a la base de datos Bireme-Lilacs y Scielo y enumerados a través de las palabras claves: actividad física, gimnasia laboral, salud del



trabajador y calidad de vida. Se concluyó la gimnasia laboral contribuye significativamente para reducir el alejamiento de los trabajadores por motivos saludables contribuyendo para mejorar la calidad de vida de los participantes. Se hacen necesarias recomendaciones para la implantación del programa laboral para la mejor instauración del mismo conforme a los parámetros éticos de la actividad física.

**Palabras clave:** Gimnasia Laboral; Actividad Física; Salud del Trabajador; Calidad de Vida; Gestión.

## INTRODUÇÃO

Evidências historiográficas constataam que a prática de atividade física voltada para trabalhadores teve início nas primeiras décadas do século XX, sendo as indústrias têxteis e metalúrgicas precursoras de programas de atividades físicas para seus trabalhadores, tornando o Brasil um dos países pioneiros na divulgação do esporte e lazer por meio de empresas que almejavam o fortalecimento de vínculos com seus empregados no sentido de desenvolvimento físico, psíquico e social através da oferta de atividades de lazer (CONFEEF, 2015). O período de expansão das empresas que proporcionou a criação de clubes esportivos coincidiu com o movimento dos operários sindicalizados que almejavam uma resposta direta para o conflito de classes, que acabou tornando-se uma forma paliativa para resolução ou minimizar as consequências deste conflito que perdura pela história (CONFEEF, 2015).

Dentro de tal temática, a qualidade de vida é definida como um estágio para o desenvolvimento da humanidade, onde objetiva-se compensar o esforço despendido pelo processo de trabalho (CORRÊA et al., 2017). Assim, a Ginástica Laboral entra como grande aliada da manutenção da qualidade vida, agregando ainda lazer no dia a dia do trabalhador, aproximando a relação com a empresa e otimizando as relações de trabalho. Por conseguinte, expandem e aprimoram a produtividade, fornecendo melhores condições de saúde e de segurança, concomitantemente reduzindo patologias diretamente combatidas pela atividade laboral, além de criar pausas em que o trabalhador pode abstrair os problemas e se concentrar somente em seu bem-estar, para então suportar a carga de trabalho (CONFEEF, 2015).

Após estudo e reflexão dos trabalhos de Grande e colaboradores (2014), Swerts e

Robazzi (2014) e Corrêa e colaboradores (2017) que conceituam a expressão “Ginástica Laboral”, sintetiza-se aqui o conceito de Ginástica Laboral como: um conglomerado de exercícios físicos que possuem caráter preventivo e específico, que devem ser planejados por um profissional competente levando em consideração as características de cada tarefa laboral desenvolvida durante o trabalho, com vistas a promover melhores condições laborais e subsequente a qualidade de vida.

Dessa forma, pode-se dizer em consonância com a OMS (2018a) que a promoção de saúde e qualidade de vida no trabalho precisa desenvolver uma avaliação para constatar níveis de saúde dos trabalhadores, compreendendo o estilo de vida e todo o aparato profissional que os cerca a fim de construir programas que vislumbrem novos incentivos criativos para melhorar a produtividade e motivação do trabalhador, culminando em benefícios pessoais e profissionais.

Para Moretto e colaboradores (2017) o modelo atual de trabalho tem incidido na elevação do índice de patologias adquiridas no ambiente laboral, pois estes têm relação direta com a limitação dos movimentos naturais ou até mecanizados que em sua totalidade ocasionarão mazelas, sejam elas lesões por esforço repetitivo, más posturas e até mesmo fadigas mentais. Todavia, para Martins e colaboradores (2015) a promoção de programas de Ginástica Laboral contribui para evitar transtornos psicossociais, fadiga, tensão, cansaço e desconforto postural. Estes devem ser desenvolvidos através da educação continuada dos trabalhadores, com ajustes nos hábitos rotineiros, promoção de exercícios e descansos de acordo com a necessidade de cada ambiente de trabalho, culminando em uma resposta fisiológica positiva como a redução de dores músculo-articulares, aumento da amplitude de movimento, estímulo



de circulação sanguínea, desenvolvimento da consciência corporal, relaxamento e alívio de estresse. Deste modo, Silva e colaboradores (2014, p.410) acrescentam:

As diferentes atividades ofertadas por determinado período influenciaram os hábitos de vida de trabalhadores, seja pelo aumento dos níveis de atividade física, pelo aumento da motivação ou pela vivência dos ensinamentos e repasse das informações para o meio social. Os resultados dessas pesquisas contribuem para o entendimento sobre a necessidade de estimular a participação efetiva do trabalhador em programa de Ginástica Laboral, a fim de que os benefícios do programa sejam significativos e duradouros.

Nessa direção, é considerado que um Programa de Promoção da Saúde do Trabalhador através da Ginástica Laboral está interligado às demandas de políticas e atividades que são utilizadas no ambiente de trabalho com vistas a fomentar a qualidade de vida a partir do ambiente laboral, observando as características da empresa, do trabalhador e da comunidade a qual está inserido (SILVA et al., 2014). Sendo assim, faz-se necessária a implantação e sistematização de programas de Ginástica Laboral que atendam as necessidades dos trabalhadores, possibilitando acesso às informações e acompanhamento de saúde, integração e resgate do equilíbrio e bem-estar do trabalhador.

Diante do exposto, o profissional de Educação Física deve contribuir na assistência à saúde do trabalhador, direcionando sua intervenção à prevenção, promoção e aperfeiçoamento da qualidade de vida no que concernem as suas atribuições como profissional da área da saúde, não somente por meio de atividades físicas de caráter continuado, como também, na orientação e acolhida dos trabalhadores independentemente do local de atuação. Assim, no contexto mercadológico que é ressaltado por Laux e colaboradores (2016), a Ginástica Laboral é uma grande aliada no processo de ampliação da produtividade em consonância com a redução da ocorrência de

afastamentos de funcionários devido as patologias adquiridas e/ou ocasionadas pelo processo de trabalho.

Todavia, o profissional de Educação Física precisa estar apto a exercer suas funções com assiduidade e pontualidade no ambiente empresarial, sendo necessários atualizações e aprimoramentos permanentes de seus conhecimentos. Isso resultará na confiança transmitida ao trabalhador bem como à empresa, que ao identificar evolução, compromisso e atenção às peculiaridades da mesma, respeitando sua cultura organizacional, políticas, valores e regras, permitirão e mesmo incentivarão a continuidade do programa (CONFEEF, 2015).

Ao proferir sobre saúde do trabalhador faz-se necessário expor as necessidades e os motivos da preocupação com as condições e trabalho nos tempos atuais, levando em consideração a precariedade e vulnerabilidade das condições de trabalho moldadas pela influência direta e indireta das novas tecnologias e das condições sócio políticas e econômicas do país, onde se traz à luz a necessidade de buscar novos mecanismos de intervenção e aplicabilidade de programas que possam mostrar o quanto é indispensável os cuidados com a saúde do trabalhador dentro e fora do seu ambiente laboral. Visto que para as empresas/instituições não é somente uma forma de aumentar a produtividade, mas expor de forma mais abrangente a diminuição dos índices de patologias relacionadas ao trabalho e promover melhora da qualidade de vida. De acordo com o exposto, dados recentes da OMS (2018b), indicam o surgimento de desafios atuais e futuros no que se refere aos problemas associados a fatores biotecnológicos, envelhecimento precoce, imigrações, doenças ocupacionais e dentre outros, incidem diretamente na saúde dos trabalhadores que precisarão de estratégias de acompanhamento/tratamento nesse sentido.

Os programas de exercícios físicos nos ambientes laborais devem fornecer garantias aos trabalhadores e aos empregadores de forma ampla, visto que é necessário o bem comum a todos, onde o funcionário melhora sua saúde ao invés de apenas tratar as patologias e



consequentemente previne problemas, reduzindo os índices de afastamento do trabalho por motivos de lesões e de custos com despesas médicas (ACHOUR JÚNIOR, 2009).

Na perspectiva da atuação do profissional de Educação Física, o CONFEF (2015) destaca a necessidade de uma gestão compartilhada das funções da Ginástica Laboral e seus desdobramentos acerca de promoção interprofissional (Educação Física, Segurança do Trabalho, Medicina Ocupacional, Recursos Humanos, dentre outros) buscando sempre o aprimoramento das relações no ambiente laboral, ressaltando as atribuições e atuação de cada profissional e suas especificidades, não deixando de levar em consideração que a prática da ginástica pertence ao profissional de Educação Física, que trabalhará diretamente no desenvolvimento físico e comportamental dos trabalhadores.

O estudo apresentado possui o intuito de analisar o índice de adesão da Ginástica Laboral, através da forma de disseminação da prática nas empresas/instituições com vistas à melhoria da saúde e qualidade de vida levando em consideração suas influências positivas para os funcionários/colaboradores. Especificamente objetiva-se aqui elencar possíveis estratégias para implantação da Ginástica Laboral visando alcançar o bem comum a todos os envolvidos através da prática de exercícios físicos para prevenção e manutenção da saúde.

## METODOLOGIA

O estudo foi elaborado a partir de revisão narrativa de literatura, permitindo a inclusão de pesquisas relacionadas à temática proposta, leitura exploratória e seletiva, oportunizando análise dos resultados apresentados. No que se refere à metodologia utilizada para estruturação do trabalho e os objetivos da revisão de literatura Thomas, Nelson e Silverman (2012, p. 49) salientam que:

Revisões da literatura servem para vários propósitos. Com frequência, estimulam o raciocínio indutivo. O acadêmico pode tentar localizar e sintetizar toda a literatura relevante sobre determinado

tópico para desenvolver uma explicação mais geral ou uma teoria para explicar certos fenômenos. Para a tese ou a dissertação, a revisão será mais focada, apresentando diretamente as questões e os métodos de estudo.

Foram elencadas as seguintes expressões como palavras-chave: “atividade física”, “ginástica laboral”, “saúde do trabalhador” e “qualidade de vida”. Como parâmetros delimitadores desta pesquisa, foram selecionados estudos datados entre 2013 a 2017, os quais abordam a prática de Ginástica Laboral e os seus benefícios, tanto para os trabalhadores quanto para as empresas que optaram por implantar o programa laboral. O levantamento bibliográfico foi realizado a partir de pesquisa no banco de dados de publicações em revistas com classificação de A1 a B3, relacionados à Ginástica Laboral que estão vinculados à Biblioteca Virtual da Saúde (BVS): Bireme-Lilacs e Scielo, onde foram elencados 8 artigos para realização da revisão: 1 com classificação A1, 1 com classificação B1, 3 com classificação B2 e 3 com classificação B3. E também em livros específicos acerca da temática e sobre atividade física e saúde. Tais dados podem ser entendidos como limitadores de pesquisa, agregando-se a isso a amplitude genérica que se propôs, tendo em vista que sua função era captação de informações de cunho teórico-acadêmico, não sendo sua proposta o aprofundamento em diferentes eixos do mercado de trabalho e campo profissional ou ainda estudos de caso de grupos ou locais específicos.

A princípio foram encontrados 23 artigos no banco de dados Scielo e 152 artigos no banco de dados Bireme-Lilacs, totalizando 175 artigos relacionados à Ginástica Laboral. Após análise preliminar, elencaram-se 8 publicações, sendo os demais descartados por não estarem em português ou espanhol, não serem publicadas dentro do período selecionado, não possuírem o *Qualis* de classificação ou mesmo por não explorarem de maneira específica ou significativa a temática desta pesquisa, percorrendo apenas breves palavras ou pouquíssimas linhas sobre a temática de forma muito sucinta não trazendo significativas colaborações. Os artigos selecionados são

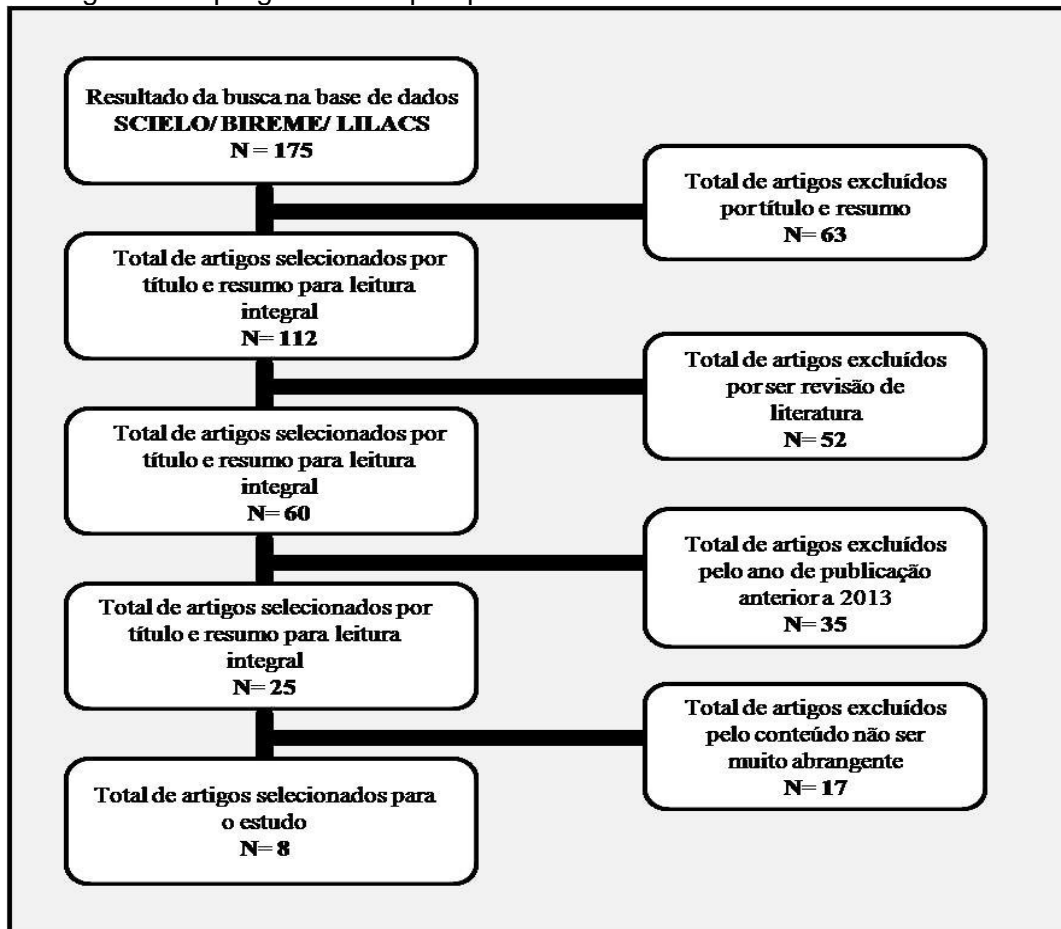


originais de diversas fontes: 1 da revista Medicina, 1 da Revista Brasileira Ciência e Movimento, 1 da Revista Einstein, 1 da Revista Ciencia & Trabajo, 1 da Motriz: Revista de Educação Física, 1 da Revista Fisioterapia e Pesquisa, 1 da Revista Brasileira em Promoção da Saúde e 1 as Revista Latino-Americana de Enfermagem, todos advindos de revistas *online*,

sendo 7 em português e 1 em espanhol, sendo descartados 17 artigos menos abrangentes.

A apuração dos artigos selecionados foi realizada no dia 25 de fevereiro até 3 de março de 2018. Apresenta-se abaixo o fluxograma com a progressão da pesquisa descrevendo todo o procedimento de seleção do conteúdo utilizado.

**Figura 1** – Fluxograma de progressão de pesquisa



**Nota:** construção dos autores

## APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após leitura e análise dos artigos selecionados, pode-se afirmar que em sua maioria, o tema proposto é acometido como uma forma de promover a saúde e a qualidade de vida dos trabalhadores no próprio ambiente laboral, não deixando de levar em consideração que a empresa/instituição que oferece este tipo de programa a seus colaboradores, fica evidenciado

que um dos fatores primordiais para a lucratividade da empresa está diretamente relacionado à saúde dos trabalhadores. Quando este começa a desenvolver patologias relacionadas à atividade laboral acaba corroborando para a diminuição da produção daquela empresa, que conseqüentemente precisará encontrar alternativas para suprir tais necessidades e com isso aumentando despesas médicas entre outros fatores associados. Abaixo seguem os dados e discussões pontuais.



Tabela 1 – Síntese dos artigos selecionados para o estudo

<b>Autores</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Amostra</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Principais Resultados</b>
<b>Swerts e Robazzi (2014)</b>	Avaliar o efeito de um programa de Ginástica Laboral compensatória em trabalhadores, visando redução de estresse ocupacional e dores osteomusculares.	30 trabalhadores administrativos de uma instituição pública de ensino superior.	Pesquisa de delineamento quase-experimental, com análise quantitativa dos dados e coleta por meio de questionário de Escala de Estresse no Trabalho e Diagrama de Colett após a realização do programa de Ginástica Laboral.	A Ginástica Laboral promoveu redução significativa de algias na coluna vertebral, não promoveu redução significativa dos níveis de estresse ocupacional.
<b>Revista Latino-Americana de Enfermagem:</b> <b>Qualis Capes – A1</b>				
<b>Monosso e colaboradores (2014)</b>	Comparar os níveis de estresse e estilo de vida de praticantes e não praticantes de Ginástica Laboral.	228 funcionários de ambos os sexos, divididos em G1 (114 praticantes) e G2 (114 não praticantes).	Foi aplicado o Inventário de Sistemas de Stress de Lipp (ISSL) e o Perfil de Estilo de Vida (PEVI).	Indica que praticantes de Ginástica Laboral tendem a serem menos estressados e a ter um estilo de vida mais saudável em relação aos não praticantes.
<b>Revista Brasileira Ciências e Movimento:</b> <b>Qualis Capes – B2</b>				
<b>Laux e colaboradores (2014)</b>	Analisar a influência de um programa de Ginástica Laboral na redução da quantidade de atestados de uma empresa de tratamento de resíduos industriais da cidade de Chapecó – SC.	31 trabalhadores sendo 22 do sexo masculino e 09 do sexo feminino e, ambos com idade média de $32,48 \pm 8,28$ .	Todos os dados foram coletados a partir dos prontuários dos funcionários. O programa de Ginástica Laboral foi desenvolvido 02 vezes por semana durante 12 meses contínuos.	Conclui-se que com a diminuição no número de atestados, houve também melhoria na saúde e qualidade de vida dos praticantes.
<b>Revista Ciencia y Trabajo:</b> <b>Qualis Capes – B3</b>				
<b>Grande e colaboradores (2014)</b>	Investigar a efetividade da Ginástica Laboral para a saúde dos trabalhadores por meio de componentes da aptidão física relacionados à saúde.	20 trabalhadores realizando o programa de Ginástica Laboral por 03 meses.	Estudo randomizado não controlado por 03 meses.	As alterações verificadas nos desfechos analisados não foram significativas, as variáveis encontram-se dentro da normalidade proposta por instituições acadêmicas.
<b>Revista Einstein</b> <b>Qualis Capes – B3</b>				
<b>Martins e colaboradores (2015)</b>	Avaliar o efeito de um programa de Ginástica Laboral na flexibilidade, força e sintomas	26 trabalhadores do sexo masculino, sendo 16 do almoxarifado e 10 da administração.	O programa de Ginástica Laboral foi realizado por 6 meses e após aplicou-se um	O programa de Ginástica Laboral reduziu o número de sintomas osteomusculares,





<b>Motriz: Revista de Educação Física</b> <b>Qualis Capes – B1</b>	osteomusculares nos trabalhadores dos setores almoxarifado e administração de uma empresa.		questionário de atividades físicas e de sintomas osteomusculares finalizando com avaliação de flexibilidade e força de preensão manual.	melhorou a flexibilidade e a força de preensão consideravelmente.
<b>Silva e colaboradores (2016)</b>	Verificar a influência de informações de saúde no estilo de vida de participantes de Ginástica Laboral.	14 indivíduos de ambos os sexos praticantes de Ginástica Laboral.	Aplicação de programa de Ginástica Laboral por 03 meses, após foi realizada avaliação antropométrica e entrevista semi-estruturada.	A transmissão de dados salutareis concisos provenientes do programa de Ginástica Laboral pode ter reflexos positivos no estilo de vida.
<b>Revista Brasileira em Promoção de Saúde</b> <b>Qualis Capes – B2</b>				
<b>Corrêa e colaboradores (2017)</b>	Avaliar a qualidade de vida e os parâmetros antropométricos dos praticantes da Ginástica Laboral para melhorar a rotina de trabalho.	21 trabalhadores, 19% masculino e 81% feminino com idade média de $35,47 \pm 12,90$ anos; peso de $63,26 \pm 5,80$ ; estatura de $1,64 \pm 3,90$ e média de IMC de $23,25 \pm 2,90$ .	Foi realizado um programa de Ginástica Laboral para os participantes com aplicação do questionário SF-36 e após foi feita avaliação física nos participantes.	Os participantes estão satisfeitos e motivados com a prática da Ginástica Laboral que contribuiu para os resultados positivos.
<b>Revista Medicina</b> <b>Qualis Capes – B3</b>				
<b>Moretto e colaboradores (2017)</b>	Avaliar os sintomas osteomusculares e a qualidade de vida em profissionais do ramo de costura do município de Indaial, SC.	118 costureiras de 48 empresas no município de Indaial, SC.	Aplicação de 03 questionários: 01 sociodemográfico, 01 de sintomas osteomusculares e 01 de qualidade de vida após a realização do programa de Ginástica Laboral.	Associação de medidas preventivas e aplicação da Ginástica Laboral influenciaram na redução de dores, preveniram doenças e aprimoraram a qualidade de vida.
<b>Revista Fisioterapia e Pesquisa:</b> <b>Qualis Capes – B3</b>				

**Nota:** construção dos autores

Fazendo correlação entre os artigos, identificou-se resultados positivos em relação à implementação da Ginástica Laboral nas instituições selecionadas para realização do estudo levando em consideração suas especificidades. Vê-se aqui como de relevância salientar que os artigos evidenciaram significativa redução de patologias associadas à atividade laboral, além de proporcionar ao trabalhador a possibilidade de adoção de um novo estilo de vida, ocasionando melhora da sua saúde e qualidade de vida sem deixar de levar em

consideração a melhora do desempenho profissional.

Tendo em vista que cada artigo utilizou uma amostra diferente, pode-se afirmar que mesmo com as variações de locais, público diversificado, horários e outras variáveis, a eficácia e eficiência do programa de Ginástica Laboral obtiveram resultados significativos, contribuindo de forma direta para melhora nas condições de saúde de cada participante. Destaca-se ainda o aumento da produtividade que de forma direta corrobora com a ampliação de vários fatores para as instituições participantes como aumento da lucratividade,



diminuição de custos por afastamento do trabalho, redução de afastamento dos trabalhadores por acidentes durante a rotina de trabalho, valorização do profissional e promoção de melhores condições de trabalho.

Após a explanação anterior da síntese analítica e interpretativa dos artigos, buscou-se fazer uma breve descrição dos mesmos de forma individualizada, para auxiliar na reflexão do tema, tanto de forma macro quanto microssociológicas. Posteriormente, foram aqui originados campos de discussão oriundos das abordagens elevadas pelos artigos selecionados na revisão, trazendo maior clareza para a discussão e auxiliando no corolário.

O primeiro artigo expressa os efeitos da Ginástica Laboral compensatória na redução do estresse ocupacional e dor osteomuscular, comprovando que o programa de Ginástica Laboral aplicado promoveu redução significativa de algias da coluna vertebral, mas não reduziu significativamente os níveis de estresse ocupacional nos participantes da pesquisa. O segundo artigo expressa uma comparação dos níveis de estresse e estilo de vida entre praticantes e não praticantes da Ginástica Laboral, indicando que os praticantes avaliados tendem a ser menos estressados e a ter um estilo de vida mais saudável em relação aos não praticantes. O terceiro artigo exprime sobre o programa de Ginástica Laboral e a redução de atestados médicos que, por conseguinte obteve um resultado significativo em relação à melhoria da saúde e qualidade de vida dos participantes avaliados. O quarto artigo propõe uma pesquisa sobre a efetividade do programa de Ginástica Laboral na aptidão física através de um estudo randomizado não controlado que infere sobre as alterações verificadas durante a execução do programa que se encontram dentro da normalidade. O quinto artigo discorre sobre esticar as pausas na configuração do trabalho para melhorar a flexibilidade e a força de preensão e reduzir as queixas musculoesqueléticas, onde se atingiu a redução do número de sintomas osteomusculares, melhorando a flexibilidade e a força de preensão consideravelmente. O sexto artigo incide na influência de informações de saúde no estilo de

vida dos praticantes de Ginástica Laboral, onde se constatou que a transmissão de dados salutaros concisos provenientes do programa de Ginástica Laboral corrobora para reflexos positivos relacionados ao estilo de vida e aplicabilidade da prática. O sétimo artigo se refere à avaliação da qualidade de vida dos praticantes de Ginástica Laboral, o que segundo a pesquisa realizada incidiu diretamente na melhoria da saúde da amostra avaliada proporcionando resultados satisfatórios com relação à aplicabilidade da prática. O oitavo e último artigo evidencia os sintomas osteomusculares e a qualidade de vida em costureiras de um município catarinense, onde através da associação de medidas preventivas e aplicação do programa de Ginástica Laboral influenciaram na redução de dores, além de prevenir patologias e aprimorar a qualidade de vida do grupo avaliado.

Em síntese fica explícito que um programa de Ginástica Laboral adequado a cada necessidade do trabalhador, respeitando as especificidades anatômicas e fisiológicas dos envolvidos, proporcionando a estes melhores condições para a atividade laboral e de qualidade de vida, contribuindo também para o aumento da produtividade da empresa, o que legitima para implantação e disseminação da prática além de favorecer o trabalhador quanto o empregador.

### **Atividade física: fator condicionante da saúde**

No que tange os programas de atividades físicas no ambiente laboral, torna-se imprescindível contextualizar fisiologicamente os efeitos positivos que a atividade física proporciona ao praticante. De acordo com as diretrizes da ACSM (2014), em relação às considerações a serem desempenhadas na prescrição de exercícios físicos e para promover a saúde e qualidade de vida, sugere-se a adequação dos programas de treinamento ao somatotipo do praticante considerando os princípios científicos do treinamento como individualidade biológica, adaptação, interdependência volume e intensidade, continuidade, especificidade, sobrecarga e reversibilidade, previamente identificados



durante a avaliação física. Nesse sentido, McArdle, Katch e Katch (2015, p. 504) assinalam que:

As atividades físicas são classificadas em geral pelo sistema específico de transferência de energia que elas ativam predominantemente. Um programa de exercícios efetivo treina os sistemas energéticos apropriados para aprimorar uma função fisiológica desejada ou um determinado objetivo de desempenho. O treinamento com exercícios induz adaptações celulares e alterações fisiológicas mais óbvias que aprimoram a capacidade funcional e o desempenho nos exercícios.

Para que o programa atinja seu objetivo, a execução do treinamento deve ser elaborada de acordo com tais especificidades, para que os efeitos fisiológicos possam causar adaptações em diversos níveis do organismo, fazendo com que as alterações bioquímicas (no sistema energético propiciem a geração de energia necessária para contrações musculares, bem como as alterações específicas nas diversas estruturas acionadas durante o processo de treinamento), alterações aeróbicas (aumento no conteúdo de mioglobina das fibras musculares conseqüentemente também aumenta a capacidade de oxidação de carboidratos e catabolização de lipídios), alterações anaeróbicas (todas as enzimas tem sua atividade aumentada, propiciando melhora na capacidade de ressíntese do ácido láctico que em conjunto com o aumento de reservas alcalinas, torna o organismo capaz de suportar níveis elevados de ácido láctico no sangue) viabilizem melhora na capacidade do organismo para controle dos componentes de condicionamento cardiorrespiratório, força muscular e resistência muscular localizada, flexibilidade, composição corporal e condicionamento neuromotor.

### **Os benefícios da ginástica laboral na saúde do trabalhador**

Antes de discorrer sobre os benefícios que a Ginástica Laboral proporciona, devem-se ponderar as terminologias utilizadas frequentemente, onde a ACSM (2014) relaciona

como a “atividade física”, algo que consiste em qualquer movimento do corpo ocasionado pela contração da musculatura esquelética que acabam resultando na elevação considerável das necessidades calóricas sobre o gasto energético em repouso. A “aptidão física” pode ser definida como um aglomerado de características que uma pessoa possui ou adquire e está relacionada com sua habilidade de efetuar uma atividade física. O “exercício” é um tipo de atividade física que engloba movimentos corporais previamente formatados, planejados e repetitivos desenvolvidos com o intuito de manter ou aprimorar um ou vários componentes da aptidão física.

Ao consultar as literaturas para compor esse estudo constata-se uma série de benefícios que a prática de Ginástica Laboral pode proporcionar. Corrêa e colaboradores (2017) discorrem sobre a premissa de que os indivíduos passam a maior parte de suas vidas exercendo atividades laborais e, conseqüentemente, deixam de praticar atividade física, o que contribui para o surgimento de patologias relacionadas ao trabalho. Nesse sentido, a Ginástica Laboral surge como agente transformador e multiplicador de qualidade de vida, trazendo benefícios para seus praticantes, tais como: redução de algias, alívio de tensões e redução do estresse, melhora da autoestima, ampliação das relações interpessoais, melhora do condicionamento físico como resistência à fadiga, proporciona disposição, ou seja, aprimora a saúde em todo seu contexto, seja físico, mental, social, e até mesmo espiritual. Grande e colaboradores (2014) fazem alusão a Ginástica Laboral como uma prática interventiva elaborada a partir de exercícios físicos intrínsecos para os trabalhadores/ colaboradores a serem executados no local de trabalho, com o intuito de viabilizar melhorias não só na qualidade de vida como durante a jornada de trabalho. Nesse sentido, Laux e colaboradores (2016) expressam que além dos benefícios básicos que a Ginástica Laboral oportuniza, sua aplicabilidade está correlacionada com a diminuição de patologias ocupacionais e diminuição de atestados médicos em decorrência da melhoria da saúde e qualidade



de vida dos praticantes. Seguindo a afirmativa Manosso e colaboradores (2014, p. 66) discursam:

A Ginástica Laboral consiste em exercícios realizados no local de trabalho, priorizando os alongamentos e exercícios para a redução da sobrecarga nas estruturas musculares utilizadas durante as tarefas ocupacionais. Além disso, a Ginástica Laboral atua na prevenção e no combate ao estresse, visto que durante a atividade física é liberado um neurotransmissor chamado endorfina, o que causa bem-estar e alívio das tensões. Estudos têm mostrado que a Ginástica Laboral é capaz de prevenir lesões pelos esforços repetitivos e melhorar a relação interpessoal além de proporcionar um melhor rendimento profissional.

Portanto, quando abordados os benefícios que Ginástica Laboral pode proporcionar, remete-se à premissa de que não basta somente realizar a atividade em si, é preciso como em qualquer outro programa que vise melhoria das condições trabalhistas, avaliar, planejar para então implementar a prática. Sempre levando em consideração as especificidades cada trabalhador/colaborador com relação à atividade laboral desempenhada. Pesquisas relacionadas à temática dissertam sobre a eficiência e eficácia

de um programa de Ginástica Laboral, todavia a abordagem descrita é superficial para exemplificar os benefícios que esse tipo de prática pode trazer. Para Martins e colaboradores (2015), os programas que visem a promoção de saúde no ambiente de trabalho são importantes para incentivar não só a melhora física, como também a conscientização sobre a valorização da saúde do trabalhador, expandindo assim a perspectiva de que pode-se garantir uma melhor qualidade de vida melhorando as condições de trabalho para alcançar a promoção da saúde.

É necessário que a empresa/ instituição dissemine através de educação continuada programas voltados à saúde e bem-estar do trabalhador, como: programas de retorno ao trabalho, informações semanais sobre saúde e qualidade de vida, informações sobre os benefícios da prática regular de atividade física, dentre outros. Dessa maneira, configuram-se meios de condução à mudança de hábitos com fins preventivos e de controle de fatores de riscos a serem considerados para auxiliar no desenvolvimento das relações de trabalho (SILVA et al., 2014).

Diante de tais evidências, elencam-se benefícios que a prática regular e sistemática da Ginástica Laboral proporciona aos funcionários/colaboradores e também a empresa/ instituição.

#### Quadro 2 – Benefícios da prática da Ginástica Laboral

<b>Benefícios da ginástica laboral</b>
Redução do sedentarismo
Melhora do condicionamento físico
Prevenção de doenças laborais
Combate a tensão e diminui o estresse
Melhora a autoestima
Melhora dos componentes fisiológicos do sistema cardíaco, respiratório e musculoesquelético
Aumenta a produtividade
Diminui o afastamento do trabalho por motivos de saúde
Promove a socialização
Contribui para disseminação da importância da promoção de qualidade de vida

**Nota:** construção dos autores

Entende-se que os benefícios da prática de Ginástica Laboral podem ser mais eficazes quando praticados em consonância com outros tipos de promoção à saúde para remodelar a cultura da promoção de saúde e ampliação da qualidade de vida, originando-se do trabalho

elaborado e executado por equipe multiprofissional (SWERTS; ROBAZZI, 2014).

#### **Prerrogativas do profissional de educação física na ginástica laboral**



Sob a ótica avaliativa da atuação profissional, pode-se dizer que a Ginástica Laboral corrobora para múltiplas questões, sejam de cunho metodológico, teórico-prático, administrativo-participativo, psicológico, físico e social, que envolve discussões acerca do desempenho profissional de Educação Física nesta área. Como conduta básica, o profissional de Educação Física precisa ter o conhecimento específico necessário para então desenvolver o programa procurando entender o funcionamento do ambiente corporativo, suas especificidades levando em consideração os aspectos que permeiam a prática de atividade física, tais como adaptações, estímulos e promoção e prevenção de saúde. Cabe a este profissional, respeitar normas de segurança, conhecer previamente o público a ser atendido, analisar e planejar estratégias de ação de acordo com suas competências para que as atividades possam atingir os objetivos efetivamente (CONFEF, 2015). Nesse sentido, Laux e colaboradores (2016) discorrem sobre a importância do programa de Ginástica Laboral ser desenvolvido por um profissional de Educação Física capacitado e registrado no Conselho Regional Profissional, para então fornecer um trabalho de qualidade, sempre pautado na ética assegurando as atribuições legais da profissão.

Com a incidência de patologias relacionadas à atividade laboral, as empresas/ instituições empregadoras passaram a desenvolver preocupação com seus funcionários/ colaboradores, visto que a produção depende diretamente do trabalhador. Problemas com a saúde do trabalhador relacionados ao ambiente de trabalho, implicam em diminuição de produtividade, fazendo com que a empresa deixe de lucrar e tenha perdas financeiras, que na maioria dos casos poderia ter sido evitada com a implantação de um Programa de Ginástica Laboral eficiente. A Resolução do CONFEF 046/2002, art. 1º dispõe:

O Profissional de Educação Física é especialista em atividades físicas, nas suas diversas manifestações – ginásticas, exercícios físicos, desportos, jogos, lutas, capoeira, artes marciais, danças, atividades rítmicas, expressivas e

acrobáticas, musculação, lazer, recreação, reabilitação, ergonomia, relaxamento corporal, ioga, exercícios compensatórios à atividade laboral e do cotidiano e outras práticas corporais -, tendo como propósito prestar serviços que favoreçam o desenvolvimento da educação e da saúde, contribuindo para a capacitação e/ou restabelecimento de níveis adequados de desempenho e condicionamento fisiocorporal dos seus beneficiários, visando à consecução do bem-estar e da qualidade de vida, da consciência, da expressão e estética do movimento, da prevenção de doenças, de acidentes, de problemas posturais, da compensação de distúrbios funcionais, contribuindo ainda, para consecução da autonomia, da auto-estima, da cooperação, da solidariedade, da integração, da cidadania, das relações sociais e a preservação do meio ambiente, observados os preceitos de responsabilidade, segurança, qualidade técnica e ética no atendimento individual e coletivo.

Cabe ainda ressaltar que o Art. 1º da Resolução CONFEF 073/2004 estabelece que:

É prerrogativa privativa do Profissional de Educação Física planejar, organizar, dirigir, desenvolver, ministrar e avaliar programas de atividades físicas, particularmente, na forma de Ginástica Laboral e de programas de exercícios físicos, esporte, recreação e lazer, independente[mente] do local e do tipo de empresa e trabalho.

Diante das afirmações, faz-se necessário o desenvolvimento de estratégias conjuntas de profissionais ligados a saúde, com vistas à valorização do trabalho multidisciplinar e interdisciplinar, cada profissional exercendo suas atribuições, sempre respeitando as diferentes áreas de atuação, proporcionando maior eficiência e eficácia do trabalho proposto. Nesse contexto, vale salientar que o profissional de educação física deve promover a saúde por meio da execução de exercícios e atividades físicas prescritos de forma concisa, procurando atender as necessidades, considerando as especificidades dos participantes (CONFEF, 2015).



## Benefícios para os trabalhadores e para as empresas

Ao elaborar e implantar um programa de Ginástica Laboral coerente com a realidade do trabalhador é necessário que a empresa contratante esteja convencida da grandiosidade e importância da prática de atividade física para manutenção da qualidade de vida. Nesse sentido, um programa que proporcione melhorias tangíveis aos funcionários e à empresa possui via de mão dupla, precisa ser eficaz para ambos, corroborando para atingir o principal objetivo que é a saúde do trabalhador por completo e não somente a recuperação deste.

Por oportunizar um impacto positivo na saúde dos funcionários, o incentivo aplicado para instauração de um estilo de vida mais saudável ganha cada vez mais espaço, visto que para que a empresa aumente sua produtividade e conseqüentemente à lucratividade, faz-se necessário que seus colaboradores estejam aptos a desenvolver a atividade laboral e assim almejar uma possível redução na incidência de atestados médicos. Os empresários conscientes da eficácia do programa estarão de forma subjetiva prevenindo problemáticas que interferem no funcionamento da empresa, pois ocorrerá a diminuição o afastamento do trabalho por patologias relacionadas à atividade laboral e conseqüentemente, diminuição dos custos de despesas médicas com os funcionários. Para que o programa alcance seu objetivo, cabe não somente ao idealizador como também à empresa incorporar o valor estratégico para aplicabilidade deste, precisando ser disseminado em todos os setores da empresa sem exceções, tornando este um desafio para o bem-estar como elemento perceptível e presente no decorrer da atividade aplicada (ACHOUR JÚNIOR, 2009).

Seguindo esse contexto Laux e colaboradores (2016) discursam que para o trabalhador/ colaborador obter todos os benefícios que o programa proporciona, é necessário acontecer avaliações que indiquem as problemáticas a serem trabalhadas para então chegar a um planejamento referente às ações a serem realizadas e assim, incidir de forma

positiva para adesão dos trabalhadores/ colaboradores e das empresas/instituições. Portanto, para que se mantenha um padrão de qualidade e viabilização das questões trabalhistas com vistas à saúde e conseqüente melhora nas relações entre funcionário e empregador, é preciso que sejam realizadas avaliações de qualidade de vida, visto que este mecanismo auxilia na identificação de problemáticas decorrentes dessa relação para que então sejam traçadas estratégias de resolubilidade dessas situações adversas no ambiente de trabalho (MORETTO; CHESANI; GRILLO, 2017).

No contexto de aplicabilidade do programa, Swerts e Robazzi (2014) consideram o prévio planejamento para não interromper de forma prejudicial à rotina de trabalho, visto que a prática consiste em uma pausa ativa da atividade laboral para então ser realizado um programa de exercícios com alongamentos estáticos, dinâmicos, fortalecimento da musculatura que mais sofre com a ação do trabalho com intuito de melhorar algias decorrentes da rotina. Torna-se imprescindível a construção de um programa que atenda as necessidades dos funcionários/ colaboradores e em conjunto com as especificidades da empresa/instituição, a gestão responsável pelo programa precisa levar em consideração todos os fatores intervenientes que possam influir direta e indiretamente na prática laboral. Ações organizadas com intuito de fornecer melhores condições de trabalho contribuem para o desenvolvimento da empresa/instituição de forma positiva, evidenciando a preocupação da instituição com seus funcionários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando-se as vertentes apresentadas neste estudo a Ginástica Laboral consiste em uma prática de atividade física de baixa intensidade, realizada de modo coletivo no ambiente de trabalho, durante sua jornada diária com o intuito de melhorar as condições físicas e psicossociais dos trabalhadores, promovendo adaptações fisiológicas que contribuem para o desenvolvimento da qualidade de vida dos



praticantes. Este tipo de atividade física não sobrecarrega o trabalhador, pois são exercícios voltados para alongamento, flexibilidade e relaxamento dos grupamentos musculares mais acionados durante a rotina de trabalho, possuem um período de curta duração de aproximadamente 10 a 20 minutos de aula por dia, antes ou após o expediente de trabalho.

O programa de Ginástica Laboral é realizado por um profissional de Educação Física contratado pela empresa/ instituição com prévia avaliação dos participantes, visto que cada setor possui uma especificidade e estas precisam ser levadas em consideração para que o programa seja desenvolvido com máxima eficiência e eficácia para obtenção de resultados positivos. Os exercícios incidem na reeducação postural, permitindo maior consciência corporal para minimizar as tensões acumuladas, sendo muito eficiente no alívio do estresse, aumentando o ânimo para o trabalho, diminuindo os índices de sedentarismo, prevenindo lesões e traumas como a LER (Lesão por Esforços Repetitivos) e DORT (Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho) decorrentes da atividade laboral.

As empresas/ instituições que investem na aplicação do programa de Ginástica Laboral evidenciam sua preocupação com a qualidade de vida de seus funcionários/colaboradores e com outros benefícios que prática proporciona como também a redução de faltas por afastamento causado por doenças ocupacionais, diminuição de acidentes de trabalho e redução dos custos médicos advindos desses tipos de situações. Pode-se considerar que o programa de Ginástica Laboral oportuniza benefícios como o aumento da produtividade, aperfeiçoamento da atenção e concentração nas atividades desempenhadas, maior disposição física e mental do funcionário e incide positivamente na imagem da empresa/instituição junto aos funcionários/colaboradores e a sociedade. Devidos aos bons resultados obtidos, a prática da Ginástica Laboral vem conquistando mais espaço, a empresas investem à medida que essas práticas aliviam a carga de trabalho e se tornam importantes para o crescimento e desenvolvimento da instituição, pois funcionários saudáveis, satisfeitos e motivados são essenciais para a evolução da empresa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHOUR JUNIOR, Abdallah. **Flexibilidade e alongamento: saúde e bem-estar**. São Paulo: Manole, 2009.

ACSM. American College of Sports Medicine. **Diretrizes do ACSM para testes de esforço e sua prescrição**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

CORRÊA, Thânia R. M. F. e colaboradores. Avaliação da qualidade de vida de praticantes de ginástica laboral. **Medicina**, v. 50, n. 1, p. 11-17, 2016.

GRANDE, Antônio J.; SILVA, Valter; PARRA, Sérgio Alencar. Efetividade da ginástica laboral na aptidão física: estudo randomizado não controlado. **Einstein**, v. 12, n. 1, p. 55-60, 2014.

LAUX, Rafael C. e colaboradores. Programa de ginástica laboral e a redução de atestados médicos. **Revista ciência & trabalho**, v. 18, n. 56, p. 130-133, 2016.

MARTINS, Patrícia F O; ZICOLAU, Evelin A. A; BOAVENTURA, Maria F. C. Esticar as pausas na configuração do trabalho melhora a flexibilidade e a força de preensão e reduz as queixas musculoesqueléticas. **Motriz**, v. 21, n. 3, p. 263-273, 2015.



MCARDLE, Willian D.; KATCH, Frank I.; KATCH, Victor L. **Fisiologia do exercício**: nutrição, energia e desempenho humano. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

MONOSSO, Marlucci e colaboradores. Comparação dos níveis de estresse e estilo de vida entre praticantes e não praticantes de ginástica laboral. **Revista brasileira ciência e movimento**, v. 22, n. 2, p. 65-71, 2014.

MORETTO, Anacléia F; CHESANI, Fabíola H; GRILLO, Luciane P. Sintomas osteomusculares e qualidade de vida em costureiras do município de Indaial, Santa Catarina. **Fisioterapia e pesquisa**, v. 24, n. 2, p. 163-168, 2017.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Qualidade de vida**. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com%20\\_content&view=article&id=1394:qualidade-de-vida-no-trabalho&Itemid=685](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com%20_content&view=article&id=1394:qualidade-de-vida-no-trabalho&Itemid=685)>. Acesso em: 09 de março de 2018a.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Saúde do trabalhador**. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com%20\\_content&view=article&id=378:saude-do-trabalhador&Itemid=595](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com%20_content&view=article&id=378:saude-do-trabalhador&Itemid=595)>. Acesso em 09 de março de 2018b.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Resolução CONFEF Nº 046/2002**. Intervenção do Profissional de Educação Física e respectivas competências e define os seus campos de atuação profissional. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/confef/resolucoes/82>>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Resolução CONFEF Nº 073/2004**. Dispõe sobre a Ginástica Laboral e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.confef.org.br/confef/resolucoes/127>>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

SILVA, Raquel S. B. e colaboradores. Influência de informações de saúde no estilo de vida de participantes de ginástica laboral. **Revista brasileira em promoção de saúde**, v. 27, n. 3, p. 406-412, 2014.

SWERTS, Fabiana. C. T. F.; ROBAZZI, Maria L. C. C. Efeitos da ginástica laboral compensatória na redução do estresse ocupacional e dor osteomuscular. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 22, n. 4, p. 629-636, 2014.

THOMAS, Jerry R; NELSON, Jack K; SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

Dados do autor:

Email: erikalobo.as@gmail.com

Endereço: Rua Curitiba, 609, Trindade, São Gonçalo, RJ, CEP 24457-530, Brasil

Recebido em: 15/05/2019

Aprovado em: 14/10/2019

Como citar este artigo:

SILVA, Érika Lobo da; MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva. Ginástica laboral: prerrogativas para disseminação. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 03, p. 59-72, set./ dez., 2019.





# ASSOCIAÇÃO ENTRE ATIVIDADE FÍSICA DE ADOLESCENTES E VARIÁVEIS CONTEXTUAIS FAMILIARES

## ASSOCIATION BETWEEN PHYSICAL ACTIVITY AND FAMILIAL AND CONTEXTUAL VARIABLES AMONG ADOLESCENTS

## ASOCIACIÓN ENTRE ACTIVIDAD FÍSICA DE ADOLESCENTE Y VARIABLES CONTEXTOS FAMILIARES

Alexandre Nascimento

Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil  
Email: prof.alexandrenascimento@gmail.com

Alessa Melo Antonio Borges

Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil  
Email: alessa.melo01@gmail.com

### RESUMO

O objetivo deste estudo foi associar as variáveis contextuais familiares e a prática de atividade física de adolescentes. Foram utilizados os dados do projeto desenvolvido pelo Laboratório de distúrbios de Aprendizagem e do Desenvolvimento (LADADE) da Universidade do Estado de Santa Catarina. A população foi composta por 3.240 adolescentes, com idade entre 14 e 18 anos. Foram utilizados o questionário Internacional de Atividade Física; questionário para caracterização sócio demográfico e o questionário da Associação Brasileira de Empresas e Pesquisa. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e inferencial, sendo utilizados os testes Qui-Quadrado e regressão Logística Binária. Os principais resultados indicaram associação significativa entre inatividade física e contexto familiar, quando os pais praticam atividade física e esperam este comportamento dos filhos. O trabalho vem a contribuir com os estudos referentes ao nível de atividade física de adolescentes, com compreensão das variáveis associadas ao comportamento familiar.

**Palavras-chave:** Atividade Física; Adolescente; Família.

### ABSTRACT

The aim of this study was to associate familiar contextual variables with the practice of physical activity among adolescents. Data from Laboratory of Learning and Development Disorders (LADADE) were used in this work 3240 adolescents, between 14 and 18 years old, were interviewed. The following questionnaires were employed in this study: International Questionnaire of Physical Activity; Questionnaire for Social-Demographic Characterization; and Questionnaire from the Brazilian Association of Business and Survey. The data were analyzed by means of descriptive and inferential statistics, where the Chi-Square and Binary Logistic Regression tests were used. The main results showed a significant association between physical inactivity, when the parents were used to do sports and expected this behavior for their children. This work contributed with studies regarding the amount of physical activities practiced by adolescents, understanding variables associated with the familiar behavior.

**Keywords:** Physical Activity; Adolescents; Family.

### RESUMEN

El objetivo de este estudio fue asociar las variables contextuales familiares y la práctica de actividad física entre los adolescentes. Los datos fuente fueron obtenidos del proyecto desarrollado por el Laboratorio de



Distúrbios e aprendizagem do Desenvolvimento (LADADE) de Universidade del estado de Santa Catarina (UDESC). La población estaba compuesta por 3240 adolescentes, con edad entre 14 y 18 años. Fue utilizado: - cuestionario internacional de Actividad Física; - cuestionario para caracterización socio demográfica y el cuestionario de la Associação Brasileira de Empresas e Pesquisas. Los datos fueron analizados por medio de la estadística descriptiva e inferencial, siendo utilizados las pruebas de Qui-Cuadrado y regresión logística binaria. Los principales resultados indicaron una asociación significativa entre inactividad física, cuando los padres practican actividad física y esperan este comportamiento de los hijos. El trabajo contribuye con los estudios referentes al nivel de actividad física de adolescentes, con una comprensión de las variables asociadas al comportamiento familiar.

**Palabras clave:** Actividad Física; Adolescente; Familia.

## INTRODUÇÃO

A importância da atividade física como fator de promoção da saúde e de prevenção de doenças vem crescendo e sendo reconhecida entre as pessoas, porém a prevalência de exposição a baixos níveis de atividade física é elevada, afetando pessoas de todas as idades (DESHPANDE et al., 2017; MULLOR et al., 2017; TASSITANO et al., 2007). De acordo com os dados da Organização Mundial de Saúde – OMS (2014), a inatividade física é considerada o quarto principal fator de risco para as mortes em todo o mundo.

O sedentarismo vem sendo identificado como a principal causa dos cânceres de mama, colo do útero, diabetes e doença isquêmica do coração (FARIAS JUNIOR et al., 2012; GONÇALVES et al., 2018), sem contar no papel importante que a inatividade física pode causar à economia quando vinculada à saúde pública (BUENO et al., 2016).

Na adolescência o nível de atividade física tem sido objeto de estudo na literatura científica (MCKENZIE et al., 2015; SANTOS et al., 2010). A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) realizada no ano de 2015, avaliou o nível de atividade física total em escolares do 9º ano do ensino fundamental das 26 capitais estaduais e do Distrito Federal e revelou que 60,8% dos escolares eram inativos fisicamente.

Estudos identificam que uma possível explicação para essa incidência de inatividade física ocorre mediante a possíveis influências contextuais familiares (RAMOS et al., 2017), tais como: barreiras à prática de atividade física no lazer, falta de companhia, não ter ninguém para levar (DIAS; LOCH; RONQUE, 2015;

SANTOS et al., 2014), aspectos socioeconômicos, com destaque para classe social e grau de escolaridade dos pais (DUMITH et al., 2016), relações pessoais entre pais e amigos, por meio de apoio e modelação de comportamento (HASHEMI et al., 2013) características pessoais, como o sexo e influências diretas do contexto familiar.

Investigações em torno da atividade física em adolescentes são essenciais para identificar os fatores que podem associar-se a tais comportamentos e assim proporcionar a elaboração de políticas públicas de educação em saúde de jovens. Com base nessas informações e justificativas, o objetivo do estudo foi associar as variáveis contextuais familiares e a prática de atividade física em adolescentes.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo epidemiológico, de cunho descritivo com abordagem quantitativa e correlacional.

### População

A população foi composta por adolescentes com idades entre 14 e 18 anos completos, matriculados no ensino médio de escolas públicas estaduais localizadas na Grande de Florianópolis/SC. A população de adolescentes pertencente a faixa etária pretendida, estimada no ano de 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi de 24.353 adolescentes matriculados em 67 escolas estaduais públicas que oferecem o Ensino Médio, divididas em 13 municípios, sendo inseridos a



uma população total de 878.952 habitantes na região.

## Amostra

A seleção da amostra iniciou com o sorteio das escolas e das turmas de Ensino Médio nas cidades participantes, cujas unidades escolares são regidas pela Gerência Regional de Ensino da Grande Florianópolis, com sede no município de São José/SC, a qual autorizou todos os procedimentos planejados para o estudo. Além da autorização da Gerência de Ensino, todas as escolas selecionadas para o estudo foram consultadas para a solicitação das autorizações por parte das equipes diretivas.

Participaram do estudo 25 escolas, 19 foram selecionadas por sorteio e 06 automaticamente recrutadas por serem as únicas em seus municípios. O sorteio das turmas seguiu o mesmo critério das escolas, nas instituições em que havia apenas uma turma de cada ano escolar, todas fizeram parte da pesquisa.

A amostragem foi realizada de forma aleatória e proporcional, por conglomerados, de acordo com o número de alunos matriculados nas escolas públicas e estaduais em cada município, com base na fórmula de descrição de proporções.

Para calcular o tamanho da amostra foi admitido um erro amostral de 3%, nível de confiança de 95%, percentual mínimo de 50% e efeito do desenho de 2,0. O que tornou necessário selecionar uma amostra de 2048 estudantes. Somou-se a este valor um percentual de 50%, visando à prevenção de possíveis perdas amostrais por questionários mal preenchidos e desistências. Houve a possibilidade de aumentar o tamanho da amostra em algumas escolas, chegando-se a um total de 3.700 questionários, dos quais houve o descarte de 460, devido ao mau preenchimento, e idade acima de 18 anos. A amostra final totalizou 3.240 participantes, com média de idade de 16,12 (1,03) anos.

## Instrumentos

Para avaliar a atividade física foi utilizado o Questionário Internacional de Atividade Física

(IPAQ) (GUEDES; LOPES; GUEDES, 2015), sendo a variável nível de atividade física proposto pelo Grupo Internacional para Consenso em Medidas da Atividade Física, constituído sob a chancela da Organização Mundial da Saúde (GUEDES; LOPES; GUEDES, 2015), versão curta do instrumento. Os tipos de atividades físicas são caracterizados como vigorosas, moderadas e caminhadas. Para a análise e classificação do nível de prática de atividade física, são considerados os dias/semana e minutos/semana nos quais os participantes realizam atividades físicas (vigorosas e moderadas), sendo classificados como ativos aqueles que atingiram 300 minutos semanais segundo recomendações da Organização Mundial da Saúde (Organização mundial da saúde; nº385/2014).

Junto ao IPAQ, foram adicionadas questões referentes à percepção dos adolescentes sobre as expectativas dos pais quanto à prática de atividades físicas e adesão a um estilo de vida saudável pelos estudantes. Duas questões referentes à disponibilidade de recursos ambientais para a prática de atividades físicas no bairro onde residem os participantes do estudo. Estas questões auxiliaram na investigação das variáveis contextuais familiares.

O Questionário utilizado para caracterização socioeconômica foi o da Associação Brasileira de Empresas e Pesquisas (ABEP) padrão 2014, afim de coletar a caracterização sócio demográfica, econômica e escolar, identificando determinadas variáveis: classificação socioeconômica, idade, sexo, local de residência, turno de estudo, série, estado civil, atividade profissional, escolaridade dos pais, com quem mora e se possui irmãos.

## Procedimentos de coleta

Os procedimentos adotados contaram com a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos (parecer nº 501.582), capacitação para a equipe de pesquisa, composta por acadêmicos do curso de graduação em Educação Física da UDESC/CEFID, e mestrado e doutorado integrantes do Laboratório de



Distúrbios da Aprendizagem e do Desenvolvimento (LADADE) e do Laboratório de Psicologia (LAPE).

Inicialmente, foram realizadas explicações da forma como os jovens deveriam proceder, visando a maior veracidade possível no preenchimento. A coleta dos dados com os adolescentes ocorreu nas escolas, no segundo semestre de 2018, durante o período letivo. Foram avaliados estudantes de primeiros, segundos e terceiros anos do Ensino Médio, nos turnos matutino, vespertino, integral e noturno. Os escolares sorteados, e autorizados para a participação na pesquisa, responderam aos questionários em suas salas de aula, em um tempo médio de 40 minutos, no turno em que estudavam sempre acompanhados pelos pesquisadores.

### Análise de dados

Os dados foram analisados no software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 20.0 for Windows. A normalidade da distribuição dos dados foi analisada por meio do teste de Kolmogorov-Smirnov. A amostra foi caracterizada por meio de estatística descritiva, com médias, frequências e desvios-padrões. Nas análises inferenciais recorreu-se ao teste de Qui-quadrado ( $X^2$ ) de heterogeneidade para tendência linear e associação entre as variáveis categóricas.

A Regressão Logística foi utilizada para verificar possíveis associações entre os níveis insuficientes de atividade física com as variáveis sociodemográficas, ambientais e escolares, uma vez que esse modelo de regressão é a técnica mais utilizada quando se deseja controlar possíveis fatores de confusão, apontando razões de chances mais estáveis. Para fins de análise, tendo em vista as diferentes prevalências de inatividade física entre rapazes e moças optou-se em separar os resultados por sexo. Foram analisados modelos não ajustados e ajustados, onde considerou-se na análise bruta  $p < 0,25$  no teste do Qui-quadrado. Adotou-se, em todas as análises estatísticas nível de significância de 5%.

### RESULTADO

O presente estudo foi realizado com 3.240 adolescentes, com média de idade de 16 (1,03) anos, onde 55,9% são do sexo feminino. Sendo que, 53,9% das moças e 40,4% dos rapazes foram considerados inativos fisicamente. Referente às variáveis de contexto familiar a maior parte da amostra é de classe média alta, mora com pai e mãe, e esses em sua maioria possuem do ensino fundamental até o ensino médio completo. Embora a maior proporção dos pais não pratique atividade física, eles esperam que seus filhos sejam ativos (Tabela 1).

**Tabela 1** – Caracterização da amostra

Variáveis	Feminino		Masculino		P-valor
	N	%	N	%	
<b>Classe socioeconômica</b>					$p < 0,01$
Baixa	459	30,3	272	22,9	
Média/Alta	055	69,7	915	77,1	
<b>Grau de instrução do pai</b>					$p = 0,031$
Analfabeto / Fund. I incompleto	260	15,1	173	12,7	
Fundamental até médio completo	1338	77,9	1066	78,4	
Superior completo	119	6,9	121	8,9	
<b>Grau de instrução da mãe</b>					$p < 0,01$
Analfabeto / Fund. I incompleto	212	12	114	8,2	
Fundamental até médio completo	1365	77,2	1091	78,3	
Superior completo	192	10,9	188	13,5	
<b>Com quem mora</b>					$p = 0,170$
Pai e mãe	1218	67,5	980	69	



Somente pai	59	3,3	63	4,4	
Somente mãe	407	22,6	292	20,5	
Não mora com os pais	120	6,7	86	6,1	
<b>Irmãos</b>					p=0,478
Não tem irmãos	166	9,4	130	9,3	
Mais velho	768	43,3	583	41,7	
Mais novo	426	24	369	26,4	
Ambos	415	23,4	315	22,5	
<b>Pais esperam a prática de Atividade Física</b>					p=0,034
Sim	1525	86,9	1218	89,4	
Não	229	13,1	144	10,6	
<b>Pai pratica Atividade Física</b>					p<0,01
Sim	610	35,2	563	41,9	
Não	1121	64,8	780	58,1	
<b>Mãe pratica Atividade Física</b>					p=0,257
Sim	764	43,5	562	41,5	
Não	991	56,5	792	58,5	

**Nota:** construção dos autores

Referente ao sexo feminino, na análise não ajustada, as variáveis: com quem mora, se pais esperam a prática de atividade física e a prática de atividade física tanto do pai quanto da mãe, indicaram associação com inatividade física. Na análise ajustada, foi possível identificar que as moças que moram somente com a mãe têm 1,58 vez mais chance de serem inativas, ao compararem com as que moram com pai e mãe.

Aquelas que os pais não esperam a prática de atividade física apontam 2,33 vezes mais chances de inatividade em comparação as suas opostas. As adolescentes em que a mãe não pratica atividade física tem 1,71 vez mais chance de não atingirem os níveis suficientes de atividade física comparando as que as mães praticam atividade física (Tabela 2).

**Tabela 2 – Variáveis familiares para a prática de atividade física de adolescentes do sexo feminino**

Variáveis	%	Não ajustada			Ajustada		
		OR	IC95%	p-valor	OR	IC	p-valor
<b>Classe socioeconômica</b>				0,217			0,634
Baixa	56,3	1,16	(0,92-1,47)		1,06	(0,83-1,36)	
Média/Alta	52,6	1			1		
<b>Grau de instrução do pai</b>				0,99			
Analfabeto/ Fund. I incompleto	53,2	0,97	(0,61-1,56)				
Fundamental até médio completo	53,1	0,97	(0,65- 1,45)				
Superior completo	53,8	1					
<b>Grau de instrução da mãe</b>				0,67			
Analfabeto / Fund. I incompleto	51,4	0,82	(0,54-1,26)				
Fundamental até médio completo	53,7	0,9	(0,65 - 1,25)				
Superior completo	56,2	1					
<b>Com quem mora</b>				0,001			0,01



Pai e mãe	50,6	1			1		
Somente mãe	60,3	1,48	(1,16-1,90)	0,002	1,58		0,002
Somente pai	71,7	2,48	(1,29-4,76)	0,006	1,81		0,105
Não mora com os pais	58,3	1,36	(0,90-2,05)	0,139	1,16		0,521
<b>Irmãos</b>				0,949			
Não tem irmãos	53,3	1,02	(0,70-1,50)				
Mais velho	53,6	1,04	(0,80-1,34)				
Mais novo	54,9	1,1	(0,81-1,46)				
Ambos	52,7	1					
<b>Pais esperam a prática de Atividades Física</b>				<0,001			<0,001
Sim	50,9	1					
Não	72,1	2,5	(1,81-3,45)		2,33	(1,62-3,36)	
<b>Pai pratica Atividade Física</b>				<0,001			0,189
Sim	46,2	1					
Não	58,2	1,62	(1,31-2,00)		1,19	(0,92-1,55)	
<b>Mãe pratica Atividade Física</b>				<0,001			<0,001
Sim	44,9	1					
Não	60,6	1,88	(1,54-2,31)		1,71	(1,33-2,9)	

**Nota:** construção dos autores

Para o sexo masculino, na análise não ajustada as variáveis de classe socioeconômica, grau de instrução da mãe, se os pais esperam a prática de atividade física e se pai e mãe praticam atividade física, foi associada com inatividade física. Quanto a análise ajustada, os adolescentes de classe social baixa apontaram 1,59 vez mais chance de não atingirem os níveis recomendados de atividade física ao compararem

com os de classe social média/alta. Os rapazes em que os pais não esperam que pratiquem atividade física tem 2,35 vezes mais chance de serem inativos em comparação aos que os pais apresentam essa expectativa. Por fim os adolescentes em que o pai não pratica atividade física tem 1,39 vez mais chance de serem inativos em comparação aos que o pai tem o comportamento ativo.

**Tabela 3** – Variáveis familiares para a prática de atividade física de adolescentes do sexo masculino

Variáveis	%	Não ajustada		Ajustada		
		OR	IC95%	p-valor	OR	IC
<b>Classe socioeconômica</b>				0,003		0,011
Baixa	50	1,59	(1,17-2,17)		1,55	(1,10-2,17)
Média/Alta	38,5	1				
<b>Grau de instrução do pai</b>				0,597		
Analfabeto / Fund. I incompleto	43	1,32	(0,77- 2,24)			
Fundamental até médio completo	40,2	1,18	(0,76 - 1,81)			
Superior completo	36,4	1				
<b>Grau de instrução da mãe</b>				0,058		0,063
Analfabeto/ Fund. I incompleto	52,9	1,7	(1,00-2,90)	0,049	2,25	0,026
Fundamental até médio completo	39,6	0,99	*(0,70-1,40)	0,964	1,36	0,277
Superior completo	39,8	1				
<b>Com quem mora</b>				0,139		0,132



Pai e mãe	40,8	1			
Somente mãe	44,3	1,15	(0,86-1,55)	1,15	(0,80-1,64)
Somente pai	31,5	0,67	(0,37-1,20)	0,59	(0,29-1,19)
Não mora com os pais	31,3	0,66	(0,39-1,13)	0,57	(0,29-1,13)
<b>Irmãos</b>				0,193	0,417
Não tem irmãos	48,5	1,39	(0,88-2,22)	1,22	(0,72-2,09)
Mais velho	37,9	0,9	(0,66-1,24)	0,9	(0,63-1,30)
Mais novo	43	1,11	(0,79-1,57)	1,16	(0,79-1,73)
Ambos	40,3	1			
<b>Pais esperam a prática de Atividade Física</b>				<0,01	<0,001
Sim	38,2	1			
Não	58,4	2,27	(1,56-3,31)	2,35	(1,50-3,69)
<b>Pai pratica Atividade Física</b>				0,001	0,046
Sim	34,9	1			
Não	44,4	1,49	(1,17-1,91)	1,39	(1,01-1,91)
<b>Mãe pratica Atividade Física</b>				0,032	0,953
Sim	36,5				
Não	42,9	1,31	(1,02-1,67)	1,36	(0,78-2,38)

Nota: construção dos autores

## DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi associar as variáveis contextuais familiares e a prática de atividade física em adolescentes, por meio de uma amostra representativa em termos de tamanho e confiabilidade de seleção. Os principais resultados indicaram associação significativa quando os pais praticam atividade física e esperam esse comportamento dos seus filhos.

A instituição familiar é muitas vezes designada como o primeiro grupo social do qual o indivíduo faz parte (BIASOLI-ALVES, 2004), sendo vista como a célula inicial e principal da sociedade na maior parte do mundo ocidental ou ainda como a unidade básica da interação social e como o núcleo central da organização humana (BIASOLI-ALVES, 2004).

Desde a década de 1920 que a psicologia do desenvolvimento se mostra interessada em estudar a influência parental no desenvolvimento das competências sociais e instrumentais das crianças e dos adolescentes (DARLING, 1999). Os pais exercem muita influência na aquisição de hábitos e comportamentos, por serem os

principais agentes de enculturação, socialização e modelos de referência para os seus filhos (RAMOS, 2009). É no período da infância que esta influência se torna mais intensa e notória, mas os comportamentos parentais também afetam o desenvolvimento e a adaptação dos seus filhos durante o período da adolescência (PRATTA; SANTOS 2007). Este período é comumente designado de transição da infância para a idade adulta, durante o qual ocorrem mudanças biológicas (crescimento físico e maturação sexual), que contribuem para alterações sociais, psicológicas e para a aquisição de várias competências que permitem aos indivíduos tornarem-se membros ativos da sociedade (RAMOS, 2009).

É neste contexto de interação entre pais e filhos, considerando que alguns autores caracterizam a família, como um sistema ativo que está em constante processo de transformação e de evolução, e que se move por meio de ciclos (PRATTA; SANTOS 2007), o qual são valorosas as investigações ao torno da atividade física de adolescentes, a fim de identificar os fatores que podem associar-se a tais comportamentos de inatividade física e assim proporcionar a



elaboração de políticas públicas de educação em saúde voltada a realidade dos jovens, estendendo ao longo da fase adulta.

Os estudos confirmam a tendência de redução nos níveis de atividade física durante a adolescência (MATIAS et al., 2010; ALLISON et al., 2007). A Revista Brasileira de Epidemiologia, o ano de 2010, ao analisar o cumprimento das recomendações de atividade física, identificou que uma pequena proporção dos jovens de ambos os sexos atinge a recomendação de atividade física, sendo que entre os rapazes esta proporção foi de 22,03%, e de 9,06% para as moças.

Ainda, estudos demonstram que adolescentes do sexo feminino são mais inativas que os rapazes (RAMOS et al., 2017; SANTOS et al., 2014). As variações quanto aos níveis de atividade física de adolescentes podem ocorrer por diversos fatores e independente da instrumentalização utilizada.

Os rapazes tendem a ser mais ativos devido ao maior reforço positivo exercido pela família e amigos. Além disso, essa diferença entre os sexos, possivelmente está relacionada com aspectos de maturação biológica, socioculturais, comportamentais e psicológicos (FARIAS; REIS; HALLAL, 2014), pois as alterações hormonais nessa fase da adolescência resultam no menor envolvimento das moças em atividades que exigem esforço físico (IBGE), além do que normas sociais podem exercer certa regulação sobre a prática de AF, o que tem contribuído para que, desde a infância, o estímulo à atividade física seja distinto entre meninos e meninas (FARIAS JUNIOR et al., 2012; SEABRA et al., 2008).

Mesmo diante desse elevado índice de inatividade física para o sexo feminino, o estudo identificou que para as filhas, há uma associação significativa com a prática de atividade física da mãe, o que não ocorreu com os rapazes que foram mais associados ao comportamento do pai. Uma das explicações para esse achado é que adolescentes do sexo masculino normalmente identificam-se mais com os pais e as suas práticas, enquanto que os do sexo feminino com as das mães (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015). Essa relação possivelmente ocorre

devido à maior proximidade da mãe, fazendo com que os adolescentes sigam o modelo da figura materna (WICKER; FRICK, 2016).

A família corresponde a um lugar privilegiado de afeto, no qual estão inseridos relacionamentos íntimos, expressão de emoções e de sentimentos (EDWARDSON; GORELY, 2010). Portanto, pode-se dizer que é no interior da família que o indivíduo mantém seus primeiros relacionamentos interpessoais com pessoas significativas, estabelecendo trocas emocionais que funcionam como um suporte afetivo importante quando os indivíduos atingem a idade adulta. Estas trocas emocionais estabelecidas ao longo da vida são essenciais para o desenvolvimento dos indivíduos e para a aquisição de condições físicas e mentais centrais para cada etapa do desenvolvimento psicológico (RAMOS et al., 2017).

Aqueles adolescentes os quais os pais não esperam o comportamento ativo, apresentaram mais chance de serem inativos fisicamente comparados com os que percebem esse apoio. O estudo de Spurr, Bally, Trindre (2015), apontou que a influência da família também foi um preditor significativo para a atividade física de adolescentes. Nesse sentido, ao esperarem que seus filhos pratiquem atividade física, os pais atuam como facilitadores por meio de diferentes mecanismos, como o encorajamento a situações que favoreçam as atividades, auxílio em diferentes estratégias para a prática, apoio instrumental e praticar junto (HASHEMI et al., 2013). No que tange à função social da família, o cerne está na transmissão da cultura de uma dada sociedade aos indivíduos, bem como na preparação dos mesmos para o exercício da cidadania (RAMOS et al., 2017).

Sendo assim, é a partir do processo socializador que o indivíduo elabora sua identidade e sua subjetividade, adquirindo, no interior da família, valores, normas, crenças, ideias, modelos e padrões de comportamento necessários para a sua atuação na sociedade (HASHEMI et al., 2013). Ressalte-se que as normas e os valores que interiorizamos na família permanecem conosco durante toda a vida, atuando como base para a tomada de decisões e atitudes que apresentamos no decorrer





da fase adulta. Além disso, a família continua mesmo na etapa adulta, a dar sentido às relações entre os indivíduos, funcionando como um espaço no qual as experiências vividas são elaboradas (CHENG; MENDONÇA; FARIAS JUNIOR, 2014).

No que diz respeito à classificação socioeconômica, apenas entre os rapazes a inatividade física apresentou associação. Sendo que aqueles de classe média têm menos chances de ser inativos quando comparados aos de classe baixa. Assim como em um estudo realizado em Macapá-AP, o qual indicou que os rapazes de classe C têm duas vezes mais chances de serem inativos quando comparado aos de classes superiores (ALBERTO; FIGUEIRA JUNIOR, 2015; SILVA et al., 2018).

Já na cidade de Curitiba, região sul do país, essa associação não ocorreu com o sexo masculino (FIRMINO et al., 2010; SANTOS et al., 2010). Destaca-se que no presente estudo não foi identificada associação entre inatividade física e classe social alta quando comparado a classe baixa.

Nessa perspectiva, entende-se que ter acesso à prática de atividade física e de esportes relaciona-se com o fato da família ter condições financeiras para ofertar o acesso às práticas

devido a falta de disponibilidade de locais públicos (EIME et al., 2015; FARIAS JUNIOR; REIS; HALLAL, 2014; SILVA et al., 2014).

## CONCLUSÃO

Assim este estudo conclui que ocorre uma associação significativa entre inatividade física e contexto familiar, quando os pais praticam atividade física e esperam este comportamento dos filhos. O trabalho vem a contribuir com os estudos referentes ao nível de atividade física de adolescentes, com compreensão das variáveis associadas ao comportamento familiar. Espera-se ainda, que a partir dos dados provenientes do presente estudo, seja possível uma reflexão sobre as políticas públicas, relacionadas à promoção da saúde na adolescência, inserindo nesse contexto toda a família.

Contudo este estudo limitou-se a utilizar uma medida indireta para analisar o nível de atividade física. Porém, destaca-se como ponto positivo do estudo a utilização de uma amostra representativa que fortalece as análises e associações identificadas, dando a possibilidade de generalização e comparações dos resultados encontrados com outras populações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTO, Alvaro Adolfo Duarte; FIGUEIRA JUNIOR, Aylton José. Prevalência de inatividade física e sua associação com variáveis sociodemográficas em adolescentes do Município de Macapá/AP. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 23, n. 4, p. 80-93, 2015.

ALLISON, Kenneth R. e colaboradores. The decline in physical activity among adolescent students. A cross-national comparison. **Canadian journal public health**, v. 98, n. 2, p. 97-100, 2007.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Pesquisando e intervindo com famílias de camadas sociais diversificadas. In: ALTHOFF, Coleta Rinaldi; ELSÉN, Ingrid; NITSCHKE, Rosane G. (Orgs.). **Pesquisando a família: olhares contemporâneos**. Florianópolis, SC: Papa-Livro, 2004.

BUENO, Denise Rodrigues e colaboradores. Os custos da inatividade física no mundo: estudo de revisão. **Ciência & saúde coletiva**, v. 21, n. 4, p. 1001-1010, 2016.



CHENG, Luana Alexandra; MENDONÇA, Gerefson; FARIAS JÚNIOR, José Cazuza de. Physical activity in adolescents: analysis of the social influence of parents and friends. **Jornal de pediatria**, v. 90, n. 1, p. 35-41, 2014.

DARLING, Nancy; STEINBERG, Laurence. Parenting style as context: na integrative model. **Psychological bulletin**, v. 113, n. 3, p. 487-496, 1993.

DESHPANDE, Sameer K. e colaboradores. Association of Playing High School Football With Cognition and Mental Health Later in Life. **JAMA Neurology**, v. 74, n. 8, p. 909-918, 2017.

DIAS, Douglas Fernando; LOCH, Mathias Roberto; RONQUE, Enio Ricardo Vaz. Barreiras percebidas à prática de atividades físicas no lazer e fatores associados em adolescentes. **Ciência & saúde coletiva**, v. 20, n. 11, p. 3339-3350, 2015.

DUMITH, Samuel Carvalho e colaboradores. Prática de atividade física entre jovens em município do semiárido no Brasil. **Ciência & saúde coletiva**, 21, p. 1083-1093, 2016.

EDWARDSON, Charlotte. L.; GORELY, Trish. Parental influences on different types and intensities of physical activity in youth: a systematic review. **Psychology of sport and exercise**, v. 11, n. 6, p. 522-535, 2010.

EIME, Rochelle M. e colaboradores. Participation in sport and physical activity: associations with socio-economic status and geographical remoteness. **BMC public health**, v. 15, n. 1, p. 434, 2015.

FARIAS JÚNIOR, José Cazuza de e colaboradores. Prática de atividade física e fatores associados em adolescentes no Nordeste do Brasil. **Revista de saúde pública**, v. 46, n. 3, p. 505-515, 2012.

FARIAS JÚNIOR, José Cazuza de; REIS, Rodrigo Siqueira; HALLAL, Pedro Curi. Physical activity, psychosocial and perceived environmental factors in adolescents from Northeast Brazil. **Cadernos de saúde pública**, v. 30, n. 5, p. 941-951, 2014.

FIRMINO, Rogério César e colaboradores. Atividade física e fatores associados em adolescentes do ensino médio de Curitiba, Brasil. **Revista de saúde pública**, v. 44, n. 6, p. 986-995, 2010.

GODINHO-MOTA, Jordana C. M. e colaboradores. Abdominal adiposity and physical inactivity are positively associated with breast cancer: a case-control study. **BioMed research international**, v. 11, n. 8, p. 1871, 2018.

GUEDES, Dartagnan Pinto; LOPES, Cynthia Correa; GUEDES, Joana Elisabete Ribeiro Pinto. Reprodutibilidade e validade do Questionário Internacional de Atividade Física em adolescentes. **Revista brasileira de medicina do esporte**, v. 11, n. 2, p. 151-158, 2005.

HASHEMI, Mahdi e colaboradores. The comparison of socio-economic status of families and social support of parents for the physical exercises of their children. **Procedia - social and behavioral sciences**, v. 82, n. 3, p. 375-379, 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 17 de Abril 2019.



MATIAS, Thiago e colaboradores. Satisfação corporal associada a prática de atividade física na adolescência. **Motriz**, v. 16, n. 2, p. 370-378, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Vigitel 2014**: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

MCKENZIE, Monica M. e colaboradores. Religious involvement and health-related behaviors among black seventh-day adventists in Canada. **Health promotion practice**, v. 16, n. 2, p. 264-270, 2015.

MULLOR, David e colaboradores. Effectiveness of a Program of Physical Activity in People with Serious Mental Disorder. **Revista internacional de medicina y ciencias de la actividad física y del deporte**, v. 17, n. 67, p. 507-521, 2017.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Folha informativa nº385/2014**. Disponível em: <[http://actbr.org.br/uploads/conteudo/957\\_FactSheetAtividadeFisicaOMS2014\\_port\\_REV1.pdf](http://actbr.org.br/uploads/conteudo/957_FactSheetAtividadeFisicaOMS2014_port_REV1.pdf)>. Acesso em: 20 de out. 2019.

PeNSE. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/pense>>. Acesso em: 10 de mai. 2019.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em estudo**, v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007.

RAMOS, J. **Avaliação de atividade física habitual em adolescentes**: influência da atividade física parental: relação com a obesidade. Porto, Portugal: Documento não publicado. 2009

RAMOS, Cynthia Graciane Carvalho e colaboradores. Contexto familiar e atividade física de adolescentes: cotejando diferenças. **Revista brasileira de epidemiologia**, v. 20, n. 3, p. 537-548, 2017.

SANTOS, Géssika e colaboradores. Atividade física em adolescentes: uma comparação entre os sexos, faixas etárias e classes econômicas. **Revista brasileira de atividade física & saúde**, v. 19, n. 4, p. 455-464, 2014.

SANTOS, Mariana Silva e colaboradores. Prevalência de barreiras para a prática de atividade física em adolescentes. **Revista brasileira de epidemiologia**, v. 13, n. 1, p. 94-104, 2010.

SEABRA, André F. e colaboradores. Determinantes biológicos e sócio-culturais associados à prática de atividade física de adolescentes. **Cadernos de saúde pública**, v. 24, n. 4, p. 721-736, 2008.

SILVA, Igor Joaquim de Oliveira e colaboradores. Atividade física: espaços e condições ambientais para sua prática em uma capital brasileira. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 22, n. 3, p. 53-62, 2014.

SILVA, Juliana e colaboradores. Níveis insuficientes de atividade física de adolescentes associados a fatores sociodemográficos, ambientais e escolares. **Ciência & saúde coletiva**, v. 23, n. 12, p. 4277-4288, 2018.



SPURR, Shelley; BALLY, Jill; TRINDRE, Krista. Predictors of physical activity in positive deviant adolescents. **Journal of pediatric nursing**. v. 31, n. 3, p. 311-318. 2015.

TASSITANO, Rafael Miranda e colaboradores. Atividade física em adolescentes brasileiros: uma revisão sistemática. **Revista brasileira de cineantropometria & desempenho humano**, 9, n. 1, p. 55-60, 2007.

WICKER, Pamela; FRICK, Bernd. Intensity of physical activity and subjective well-being: an empirical analysis of the WHO recommendations. **Journal of public health**, 39, n. 2, p. e19-e26, 2016.

Dados do autor:

Email: prof.alexandrenascimento@gmail.com

Endereço: Rua João Vieira, 18, Capoeiras, Florianópolis, SC, CEP 88070-210, Brasil

Recebido em: 10/07/2019

Aprovado em: 12/11/2019

Como citar este artigo:

NASCIMENTO, Alexandre; BORGES, Alessa Melo Antonio. Associação entre atividade física de adolescentes e variáveis contextuais familiares. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 03, p. 73-84, set./dez., 2019.



# LA NATACIÓN DE COMPETICIÓN Y LA IDENTIDAD FÍSICA Y PSICOLÓGICA DEL NADADOR: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA NARRATIVA

A NATAÇÃO DE COMPETIÇÃO E A IDENTIDADE FÍSICA E PSICOLÓGICA DO NADADOR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA NARRATIVA

THE COMPETITION SWIMMING AND THE PHYSICAL AND PSYCHOLOGICAL IDENTITY OF THE SWIMMER: A NARRATIVE SYSTEMATIC REVIEW

Ana Carolina Lima Costa

Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil  
Email: carolcostabr@gmail.com

## RESUMEN

Este estudio centra la atención en la natación de competición; en las particularidades que presenta este deporte y también en las personas que lo practican de manera competitiva. Tratamos así de aproximarnos a las características del deporte y de las personas que lo practican, en la idea de que un mejor conocimiento de su realidad constituye un aspecto clave para cualquier proceso de intervención con los nadadores de competición. Con ese objeto, se ha realizado una búsqueda en las bases de datos EBSChost la combinación de las palabras claves en inglés: natación y competición. Se han rastreados artículos académicos escritos en inglés, español y portugués con limitación de franja etaria entre 13 hasta 44 años, abarcando la literatura desde 1972 hasta abril de 2019. Se ha encontrado una predilección en estudios desarrollados con nadadores de competición encontrar efectos, influencias o analizar aspectos del rendimiento deportivo.

**Palabras clave:** Atletas; Rendimiento Atlético; Estilo de Vida; Traumatismos en Atletas.

## RESUMO

Este estudo concentra-se na atenção as particularidades da natação e das pessoas que a realizam como prática competitiva. Tratamos de aproximar as características do esporte e das pessoas que o praticam, na ideia de que um melhor conhecimento da realidade constitui como aspecto chave para qualquer processo de intervenção com nadadores de competição. Com esse objetivo, se realizou uma busca nas bases de dados EBSChost a combinação das palavras chaves em inglês natação (swimming) y competición (competition). Foram pesquisados artigos académicos escritos em inglês, espanhol e português com faixa etária limitada entre 13 e 44 anos, que abrange a literatura de 1972 a abril de 2019. Os resultados revelaram que os estudos desenvolvidos com nadadores de competição indicam uma predileção em tratar de encontrar efeitos, influências ou analisar aspectos do rendimento esportivo.

**Palavras-chave:** Atletas; Desempenho Atlético; Estilo de Vida; Traumatismos em Atletas.

## ABSTRACT

This study focuses on the attention to competitive swimming, the particularities of the sport presents and the people who practice as a competitive sport. We try to get closer to the characteristics of the sport and the people who practice, in the idea that a better knowledge of their reality is a key aspect for any intervention process with competition swimmers. To this end, a search was made in the databases EBSChost the combination of the key words in english swimming and competition. It was searched academic articles written



in English, Spanish and Portuguese with limited age group between 13 and 44 years, which covers the literature from 1972 to April of 2019. It has been found that, studies developed with competitive swimmers indicate a preference in trying to find effects, influences or analyze aspects of sports performance.

**Keywords:** Athletes; Athletic Performance; Life Style; Athletic Injuries.

## INTRODUCCION

La natación es un deporte singular, la particularidad del deporte es expuesta por Pla-Campas (2015, p. 91) como “uno más de los deportes que expresa una dificultad intrínseca manifiesta. Una dificultad que es propia del dominio de un medio físico inestable que demanda de una fuerza muscular, una agilidad y unas destrezas particulares”. Igualmente, la natación es considerada una actividad que, cuando es ejecutada adecuadamente, posee beneficios asociados a la salud y a la mejora de la calidad de vida. Dentro los beneficios, entre otros, se cita el control de peso, reducción porcentual de grasa, función cardiopulmonar, construcción y manutención de los huesos, articulaciones y músculos (UE, 2008). Además, se atribuye a la práctica deportiva el fortalecer la confianza en sí mismos, mejorar el estado general de la mente, reducir los niveles de estrés, mejorar la capacidad de dormir profundamente y proteger a la persona de enfermedades psicossomáticas (MÁRQUEZ, 1994).

En nuestros días, la Federación Internacional de Natación (FINA) es la entidad que establece las normas unificadas para la natación, asienta la importancia en saber nadar por medida de seguridad en caso de existir la necesidad de salvarse a sí mismo o a otros en el caso de una situación que lo requiera (FINA, [s.d.]). Al mismo tiempo, añade la ventaja de estar listo para disfrutar de ambientes acuáticos.

No obstante, de “saber nadar” a “ser atleta de natación” existe un largo proceso y una gran diferencia de objetivos, dedicación e intereses. En el primer caso, el de aquellos que se acercan a la práctica de la natación por motivos no asociados al rendimiento y la competición, los beneficios de la natación son irrefutables, y han sido señalados en diversas publicaciones con carácter general para la población infantil y juvenil (HOWELLS; JARMAN, 2016), o bien

con carácter específico asociado a grupos de población con diversas enfermedades o con diversidad funcional (DECLERCK et al., 2016; FORESTIER; BENDER; LAMBECK, 2014).

Sin embargo, en el segundo caso, como sucede en otras modalidades, la práctica en exceso, o la práctica de la natación competitiva en búsqueda del alto rendimiento, también origina perjuicios que afectan a salud de las personas y que precisan ser minimizados con una atención al deportista, como se pretende hacer en esta investigación. De hecho, como señalan Wanivenhaus y colaboradores (2012), apoyados en la revisión de artículos que realizan entre 1972 y 2011, los nadadores de competición están predispuestos a las lesiones musculoesqueléticas de la extremidad superior, la rodilla y la columna vertebral, siendo necesarias estrategias de prevención que puedan ayudar al personal de los equipos médicos de apoyo al deportista a formular orientaciones para la rehabilitación del nadador después de haber sufrido una lesión.

En este estudio, el interés recae para el nadador de competición en que los individuos centran y demuestran su desempeño o competencia en competiciones oficiales, con reglas establecidas por las federaciones y confederaciones afiliadas a la FINA. Es comúnmente admitido que “los cuerpos de los atletas deben soportar lesiones, dolor, evaluaciones físicas y análisis críticos para seguir siendo competitivos en el deporte de élite” (TRACEY; ELCOMBE, 2004, p. 245). De hecho, existe una clara diferenciación de las repercusiones positivas y/o negativas que puede tener la natación cuando se trata de su acción en personas de grupos de población que buscan una práctica recreativa o bien terapéutica, o cuando se trata de grupos de personas con una práctica de tipo competitivo.

En efecto, un aspecto de atención que influye en la preparación de los atletas, son las enfermedades y lesiones (PYNE et al., 2005). A



pesar de tener en cuenta que el dolor limita la participación en el entrenamiento y las competiciones (CHASE et al., 2013), se admite que las lesiones forman parte del deporte de competición y “el dolor puede ser casi ignorado hasta el punto en que se vuelve tan común como la hidratación y el estiramiento.” (TRACEY; ELCOMBE, 2004, p. 246).

De igual manera preocupa la existencia de depresión en atletas, no excluyendo a grandes nadadores de la actualidad. Sirva de ejemplo, el nadador con mayor número de medallas olímpicas ganadas, Michael Phelps expuso públicamente su batalla contra la depresión en un evento que buscaba mejorar la salud mental de las personas, *The Kennedy Fórum-2017*.

El objetivo del estudio de revisión sistemática narrativa, ayudó a conocer la realidad de los nadadores de competición, que son expuestos a largos procesos para poder llegar a obtener el nivel deseado en un deporte olímpico con significativa presencia en muchos países. Además, presentar que el hecho de ser nadador de competición, indica supervivencia, superación, dedicación, inversión y entrenamiento para lograr resultados.

## METODOLOGÍA

Con ese objeto, se ha realizado una búsqueda en las bases de datos EBShost. Esta aplicación presenta una interfaz en línea a la cual es posible acceder mediante las 2 bases de datos de información científica: MEDLINE y SPORTDiscus with Full Text. Se utilizó la combinación de las siguientes palabras claves en inglés: natación (*swimming*) y competición (*competition*). Se rastrearon artículos académicos escritos en inglés, español y portugués con limitación de franja etaria entre 13 hasta 44 años, abarcando la literatura desde 1972 hasta abril de 2019. La búsqueda inicial constó de 349 artículos académicos. Después de la lectura de los títulos y resúmenes fueron excluidos 127 estudios con deportistas paralímpicos, triatletas, jugadores de polo acuático, maratón acuática y de natación sincronizada. De los 222 artículos restantes, se

han utilizado artículos que contribuyen a presentar el concepto de nadador de competición, a fin de formar una identidad y al mismo tiempo presentar una combinación de abordajes con aspectos fisiológicos y psicológicos. Se presentan a continuación dichos estudios.

## RESULTADOS

Como era de esperar, los estudios desarrollados con nadadores de competición indicaron una predilección en tratar de encontrar efectos, influencias o analizar aspectos del rendimiento deportivo. Sin embargo, se han utilizado artículos que contribuyen a presentar el concepto de nadador de competición, a fin de formar una identidad y al mismo tiempo presentar una combinación de abordajes con aspectos fisiológicos y psicológicos. Se presentan a continuación dichos estudios.

Indiscutiblemente, por tratarse de una actividad con alto nivel de técnica y demanda física, la importancia a los aspectos biomecánicos y fisiológicos para el rendimiento deportivo se ve reflejada en las opciones o expectativas de éxito o de fracaso en el propio desempeño. De facto, los mejores nadadores poseen una técnica de nado más eficiente y poseen un gasto energético más económico que los nadadores noveles (BARBOSA et al., 2010; VITOR; BÖHME, 2010).

En deportes de competición el perfil antropométrico indica la forma y proporción ideal para obtener éxito en cada especialidad deportiva. No es diferente en la natación de competición que posee una variabilidad de estilos y distancias de pruebas que orientan para diferentes y determinados tipos de cuerpos (LAVOIE; MONTPETIT, 1986; SAMMOUD et al., 2018; SHAW; MUJKA, 2018). Desde la perspectiva más general, los nadadores hombres poseen una prevalencia de característica ectomorfo-mesomorfo. Y las nadadoras poseen una distribución endomorfo-mesomorfo y son significativamente menores, ligeras y con menor masa magra que deportistas de baloncesto, voleibol, sóftbol, fútbol, corredores de velocidad



y saltadoras (CARBUHN et al., 2004; MARTÍNEZ-SANZ; MIELGO-AYUSO; URDAMPILLETA, 2014; QUITERIO et al., 2011; STANFORTH et al., 2014).

Otro punto de interés en la formación necesaria para lograr niveles excepcionales de desempeño en natación lo constituye el estudio del entorno social en el que convive cotidianamente el deportista. Se considera que no existe un patrón, debido a la diversidad de cada persona y a sus rasgos de personalidad. Sin embargo, Ferreira y colaboradores (2012) encontraron en la calidad de apoyo de la familia un factor determinante para la progresión y motivo de iniciación. Además, el técnico y el apoyo de la familia/amigos también tiene un papel relevante para la continuidad de la actividad (CHAN; LONSDALE; FUNG, 2012). No obstante, el apoyo de la familia es un punto de conflicto que puede afectar a la motivación, ya que Aroni, Sousa (2011) revelan que los nadadores, entre 12 y 20 años, que percibían un comportamiento más directivo de sus padres demostraban una menor motivación intrínseca.

Se ha constatado también lo que motiva la participación en natación de competición. Los motivos más relatados hacen referencia a estar felices y divertirse, estar con amigos, estar en forma, fuerte y saludable (AGUIAR et al., 2010; GUILLÉN; ÁLVAREZ-MALÉ, 2010; JAKOBSSON, 2014; LÓPEZ-TORRES; TORREGROSA; ROCA, 2007). En opuesto, los estudios apuntan como la razón más mencionada en el abandono de la natación de competición el tener “otras cosas a hacer” (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008; MOLINERO et al., 2006; SALGUERO et al., 2003; ULATE; VARGAS, 2007).

En relación con el abandono, cabe destacar la relación con el bienestar. Para Maccosham y colaboradores (2015) los atletas que dejaron el deporte de competición “expresaron la dificultad de vivir un estilo de vida de ocio óptimo mientras juegan un deporte competitivo debido a la cantidad de tiempo que pasaron entrenando y practicando su deporte” (MACCOSHAM et al., 2015, p. 27).

## Aspectos físicos del nadador de competición

La natación posee una baja incidencia de lesiones en comparación a otros deportes como el fútbol, gimnasia y el tenis (BAXTER-JONES; MAFFULLI; HELMS, 1993; VANDERLEI et al., 2014). No obstante, para cualquier deportista la ausencia de lesiones es importante y si ocurriese, es necesaria una pronta recuperación (GIMENO; BUCETA; PÉREZ-LLANTADA, 2007; PINK; TIBONE, 2000).

Las lesiones de los nadadores suceden con mayor frecuencia en competidores de nivel internacional y regional que en los de nivel recreativo (ABRALDES et al., 2016; AGUIAR et al., 2010; BAXTER-JONES; MAFFULLI; HELMS, 1993; GIMENO; BUCETA; PÉREZ-LLANTADA, 2007; PYLE et al., 2003; VANDERLEI et al., 2014; WALKER et al., 2012). Además, Gimeno y colaboradores (2007) asociaron la ocurrencia de lesiones en nadadores a una baja confianza en sus posibilidades, siendo éste un factor que puede tener relevancia para esta investigación, ya que consideramos la posible incidencia de esta intervención en la variable de percepción de la propia eficacia.

Se ha señalado anteriormente, haciendo referencia a la revisión realizada por Wanivenhaus y colaboradores (2012) entre 1972 y 2011, la lesión más recurrente y más estudiada en nadadores de competición es sobre el músculo esquelético y se localiza en el hombro (POLLARD; CROKER, 1999). Otras lesiones más frecuentes mencionadas ocurren en la espalda y rodilla (CHASE et al., 2013). Los estudios indican qué es lo que ocurre como consecuencia probable del sobreuso, de intensidad y de duración necesaria para competir en alto nivel sin un descanso suficiente (CHASE et al., 2013; JOHNSON, 2008; JOHNSON, 2003; SEIN et al., 2010; WALKER et al., 2012; WELDON; RICHARDSON, 2001).

Para Kennedy, Tamminen y Holt (2013) esta situación puede ser fruto de la dificultad de gestionar con equilibrio la práctica deportiva con las demás actividades diarias y mantener un tiempo de sueño adecuado para la recuperación, lo que genera, como consecuencia, fatiga. Para





los autores, lo que causa tal desequilibrio es la estructura del programa de entrenamiento que dificulta el equilibrio entre la práctica deportiva y las demás actividades diarias.

Además, la fatiga llama la atención en esta investigación por limitar la habilidad del nadador y un posible efecto perjudicial a largo plazo. Al mismo tiempo, cuando es una fatiga crónica que se deriva del sobreentrenamiento puede afectar al humor y el rendimiento (JOHNSON, 2003).

En este sentido se comprende la importancia de la calidad del sueño de atletas para la recuperación por existir la correlación entre la mala calidad de sueño con altos niveles de estados de hostilidad a los otros, depresión y fatiga (BRANDT et al., 2014). Felizmente, aún según el estudio de Brandt et al. (2014) en una muestra de 54 atletas con edad entre 12 y 32 años, los nadadores se autoevaluaron como poseedores de: excelente y buen sueño en 55,5%; sueño regular, 38% y; mal sueño, 3.7%. Al mismo tiempo, un 96,3% no hacía uso de medicamentos para dormir.

Por otra parte, Juliff, Halson y Peiffer (2015) observaron el sueño de 283 nadadores australianos antes de una competición importante. Los resultados indicaron que 64% de su muestra tenían dificultad para dormir antes de una competición importante causados por los pensamientos y el nerviosismo. Dato complementario del estudio es que la relajación fue citada como método para mejorar el sueño.

### **Aspectos psicológicos del nadador de competición**

Este apartado considera que los beneficios de orden físico no constituyen la única ventaja de la adopción de un estilo de vida activo. De hecho, Pyle y colaboradores (2003), al comparar estudiantes (1580 participantes, edad media de 15 años) practicantes de deportes de competición con estudiantes menos activos, observaron que la participación en deporte está asociada a menos problemas de salud mental, menos cantidad total riesgos y menos problemas alimenticios y dietéticos.

En ese sentido, es aceptado que las experiencias en el ámbito deportivo pueden favorecer atributos personales como la autoestima, confianza, resiliencia (D'ANNA; RIO; PALOMA, 2015; FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009), del mismo modo que dichos atributos son considerados como aspectos claves en el rendimiento de los nadadores de competición.

Más aún, para llegar a un alto nivel de competición, los nadadores reconocen que necesitan compromiso, disciplina y perseverancia para el proceso de alcanzar la máxima forma física, y técnica. Y, además, observaron que el estrés del deporte es considerado por los deportistas como enseñanza de vida psicológica (FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009).

Además de lo señalado, es interesante conocer lo que el nadador piensa sobre sí y también cómo ello afecta a sus pensamientos y sentimientos en el deporte y en la vida diaria. Según Cocca y colaboradores (2007, p. 211) “los nadadores se consideran a sí mismos unos deportistas comprometidos, respetuosos con sus adversarios, con las reglas y el arbitraje” y se caracterizan por poseer una motivación intrínseca elevada con un sentimiento de realización dentro del propio deporte (ABRALDES et al., 2016; ANDRADE; SALGUERO; MÁRQUEZ, 2006; LÓPEZ-TORRES; TORREGROSA; ROCA, 2007).

De igual manera, existe la sugerencia de Bernier y colaboradores (2009) que nadadores de élite poseen cierta propensión a ser más conscientes y propensos a experiencias de *flow* con práctica autotélica o de total concentración en natación de competición, lo que puede facilitar las intervenciones que, como la que se propone para este estudio, están orientadas a incidir en la atención a las propias sensaciones propioceptivas. No obstante, los atletas reconocen que el contexto deportivo y las exigencias del deporte pueden contribuir con el estrés por la presión mental y emocional en la busca de los desempeños deportivos no siendo inmunes por ejemplo a la depresión, ansiedad y *burnout* (BARTHOLOMEW et al., 2011;



GILLHAM; GILLHAM, 2014; KRISTIENSEN; ROBERTS, 2010; SILVA III, 1990).

Sin embargo, Velásquez y Rojas (2007) sugieren que el nivel de ansiedad encontrado en nadadores de competición no es elevado. No obstante, algunos estudios revelan que deportistas individuales, incluyendo nadadores, se encuentran más estresados con relación a los de deportes colectivos (NIXDORF et al., 2013). Además, los atletas de deportes individuales “reconocían desarrollar con mayor frecuencia manifestaciones fisiológicas y emocionales de ansiedad, más que los practicantes de deportes colectivos, utilizando también en mayor medida estrategias de evitación” (MÁRQUEZ, 1994, p. 13).

Otro aspecto de la ansiedad, que es por definición un estado de sentimiento negativo, fue observado por Malheiro y Gouveia (2001), en 25 nadadoras con edades entre 14 y 25 años. Se ha observado que a medida que crece la ansiedad, aumentan las actitudes y comportamientos característicos de perturbaciones alimentarias como bulimia, deseo en adelgazar, insatisfacción corporal y, en mayor grado, el malestar interoceptivo.

Es necesario mencionar que los aspectos señalados dependen de la individualidad y del grado de estrés y ansiedad competitiva que son derivadas de las relaciones personales (p. ej. observaciones y/o expectativas de los otros) y de los factores fisiológicos (cansancio, fatiga, dolor). Con una apropiada y positiva adaptación es posible obtener resultados positivos y mejora de los factores asociados al rendimiento como la autoconfianza (ABEDALHAFIZ; ALTAHAYNEH; AL-HALIQ, 2010; GILLHAM; GILLHAM, 2014; JONES; HANTON, 2001; JONES; HANTON; SWAIN, 1994; LUNDQVIST; KENTTÄ; RAGLIN, 2011; MABWEAZARA; LEACH; ANDREWS, 2017; MCDONOUGH et al., 2013; MORITZ et al., 2000).

Hay que mencionar, además, que los resultados afectan el bienestar emocional de los deportistas. Para ser más específico, Robazza y colaboradores (2008) investigaron el impacto de las emociones en el rendimiento a partir de la observación de tres resultados deportivos

(buenos, en la media y malos) de 27 nadadores (edad media de 21 años). Utilizaron la escala de la ansiedad cognitiva y somática (CSAI-2 - *cognitive and somatic anxiety scales* de Martens, Burton, Vealey, Bump y Smith, 1990), el *Competitive Trait Anxiety Inventory-2* (CTAI-2 de Albrecht y Feltz, 1987), dos listas con emociones y síntomas corporales que representaban las experiencias en las competiciones y una escala de autoevaluación del rendimiento. Los resultados indicaron que los atletas de buenos resultados perciben niveles emocionales óptimos y placenteros en contraste al mal resultado en que los niveles emocionales son debilitantes-desagradables.

Volviendo a la individualidad expuesta anteriormente, Eklund y DeFreese (2015) indican que probablemente la mayoría de los atletas no experimentarán síntomas de *burnout* en ningún grado significativo en sus esfuerzos deportivos. Sin embargo, el fenómeno *burnout* es una preocupación por el impacto en el bienestar de los atletas y estudios revelaron que los practicantes de deportes individuales (incluyendo natación) posee una posibilidad al síndrome de *burnout* (BARA-FILHO et al., 2002; SILVA III, 1990) con una propensión más elevada con relación a deportistas de deportes colectivos (BARA-FILHO et al., 2002).

Acerca de la depresión hay que mencionar el estudio de Hammond, Gialloredo, Kubas y Davis (2013) que encontró una prevalencia de depresión más alta (25%) en los nadadores de élite que la frecuencia reportada en la población general entre 19 y 34 años (17%). La investigación con 50 nadadores (28 hombres, 22 mujeres) con edad entre 18 y 26 años utilizó como medidas de análisis de entrevistas y el Inventario de Depresión de Beck (BECK; STEER; BROWN, 1996). Adicionalmente, los resultados revelaron que las nadadoras sienten más depresión que sus compañeros nadadores. Asimismo, apuntaron una asociación significativa entre el fracaso y la depresión. Es decir, nadadores que experimentan un resultado de bajo rendimiento, experimentaron a su vez, mayores niveles de depresión.



## CONCLUSION

Esta investigación se ha centrado en nadadores de competición tratando de conocer los efectos que dicha participación pudiera tener en un conjunto de variables, las características del propio grupo de participantes y de las circunstancias de la competición que derivan algunas limitaciones de esta investigación, así como expresan futuras líneas de investigación como incluir otros deportes acuáticos, que pudieran dar continuidad a este estudio.

En los hallazgos, se ha encontrado que, en cuanto a la actividad física, la natación posee varios matices y significados que van desde una práctica de ocio hasta transformarse en estilo de vida como ocurre con nadadores de alto nivel. En este estudio el enfoque es la natación de competición que es practicada de manera organizada y planeada. El impacto de esta actividad en la vida de uno es determinado individualmente debido a varios factores como la importancia y dedicación.

Como deporte competitivo, posee una demanda física y psicológica derivadas del entrenamiento y competición comunes a otros atletas de deportes individuales. Un desequilibrio en la relación actividad y descanso puede causar daños, se destaca, el aumento de frecuencia de lesiones por un mayor nivel competitivo, el alto nivel ansiedad, estrés y *burnout*.

La especificidad del deporte sitúa a los hombros como el lugar con mayor frecuencia de lesiones y la característica que se destaca en los nadadores de competición es poseer una motivación intrínseca. El análisis de estas características es relevante para determinar el tipo de intervención que es posible articular para la prevención y cuidado del nadador.

Los estudios realizados con nadadores de competición buscan, como es lógico, una mejora del rendimiento deportivo. Considerando que la evolución de los nadadores de competición acontece en milésimas de segundo, encontrar resultados positivos, aun cuando puedan no ser significativos, deben ser considerados.

Como conclusión, la competición y la cantidad de actividad física desplegada durante los entrenamientos de natación, suman una gran carga de trabajo para los participantes que siempre están sometidos a la constante comparación y evaluación en contra del tiempo. Además, existen los compromisos con el proceso de escolarización y con la habitual dedicación a situaciones familiares y sociales. Al mismo tiempo que, el elemento agua, no es un medio natural para el ser humano y puede ser considerado como un tanto hostil. Por ende, ante este escenario, se comprende la utilidad de esta investigación para poder proporcionar el interés y necesidad para nuevos estudios que busquen contribuir y mejorar las condiciones de los nadadores de competición.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEDALHAFIZ, Abedalbasit; ALTAHAYNEH, Ziad; AL-HALIQ, Mahmoud. Sources of stress and coping styles among student-athletes in Jordan universities. **Procedia - social and behavioral sciences**, v. 5, p. 1911-1917, 2010.

ABRALDES, José Arturo e colaboradores. Orientaciones de meta, satisfacción, creencias de éxito y clima motivacional en nadadores. **Revista internacional de medicina y ciencias de la actividad física y del deporte**, v. 16, n. 63, p. 583-599, 2016.

AGUIAR, Patrícia Raquel Carvalho de e colaboradores. Lesões desportivas na natação. **Revista brasileira de medicina do esporte**, v. 16, n. 4, p. 273-277, 2010.

ALBRECHT, Richard R.; FELTZ, Deborah L. Generality and specificity of attention related to



competitive anxiety and sport performance. **Journal of sport psychology**, v. 9, p. 231-248, 1987.

ANDRADE, Afranio DE; SALGUERO, Alfonso; MÁRQUEZ, Sara. Motivos para participação esportiva em nadadores brasileiros. **Fitness & performance journal**, v. 5, n. 3, p. 363-369, 2006.

ARONI, André; SOUSA, Catarina. Motivação e percepção do envolvimento parental na prática esportiva de jovens nadadores. **Coleção pesquisa em educação física**, v. 10, n. 6, p. 103-110, 2011.

BARA-FILHO, Maurício G. e colaboradores. A redução dos níveis de cortisol sanguíneo através da técnica de relaxamento progressivo em nadadores. **Revista brasileira medicina esporte**, v. 8, n. 4, p. 139-143, 2002.

BARBOSA, Tiago M. e colaboradores. Energetics and biomechanics as determining factors of swimming performance: Updating the state of the art. **Journal of science and medicine in sport**, v. 13, n. 2, p. 262-269, 2010.

BARTHOLOMEW, Kimberley J. e colaboradores. Psychological need thwarting in the sport context: assessing the darker side of athletic experience. **Journal of sport and exercise psychology**, v. 33, n. 1, p. 75-102, 2011.

BAXTER-JONES, Adam Dominic George; MAFFULLI, Nicola; HELMS, Peter. Low injury rates in elite athletes. **Archives of disease in childhood**, v. 68, n. 1., p. 130-132, 1993.

BECK, Aron T.; STEER, Robert A.; BROWN, Gregory K. **Beck depression inventory**. 2. ed. San Antonio, TX: The Psychological Corporation, 1996.

BERNIER, Marjorie e colaboradores. Mindfulness and acceptance approaches in sport performance. **Journal of clinical sport psychology**, v. 3, n. 4, p. 320–333, 2009.

BRANDT, Ricardo e colaboradores. Estados de humor e fatores associados no desempenho de nadadores no período competitivo. **Revista brasileira de ciências da saúde**, v. 12, n. 40, p. 36–41, 2014.

CARBUHN, Aaron F. e colaboradores. Sport and training influence bone and body composition in women collegiate athletes. **Journal of strength and conditioning research**, v. 24, n. 7, p. 1710–1717, 2004.

CHAN, Derwin King Chun; LONSDALE, Chris; FUNG, Helene H. Influences of coaches, parents, and peers on the motivational patterns of child and adolescent athletes. **Scandinavian journal of medicine and science in sports**, v. 22, n. 4, p. 558–568, 2012.

CHASE, Kristin I. e colaboradores. A prospective study of injury affecting competitive collegiate swimmers. **Research in sports medicine**, v. 21, n. 2, p. 111-123, 2013.

COCCA, Armando e colaboradores. La deportividad de los nadadores frente a otras modalidades deportivas de equipo. In: COLOMINA, Raúl Arellano e colaboradores (Eds.). **Swimming science I**. Granada: [s.n.]. p. 209–214.

D'ANNA, Cristiana; RIO, Laura; PALOMA, Filippo Gomez. Competitive sport and self-concept in adolescent. **Journal of human sport and exercise**, v. 10, n. Proc1, p. S425–S429, 2015.



DECLERCK, Marlies e colaboradores. Benefits and enjoyment of a swimming intervention for youth with cerebral palsy: An RCT study. **Pediatric physical therapy**, v. 28, n. 2, p. 162–169, 2016.

EKLUND, Robert; DEFREESE, J. D. Athlete burnout: what we know , and what we should be finding out about. **International journal of applied sports sciences**, v. 27, n. 2, p. 63–75, 2015.

FERREIRA, Renato Melo e colaboradores. Nadadores medalhistas olímpicos: contexto do desenvolvimento brasileiro. **Motriz**, v. 18, n. 1, p. 130–142, 2012.

FINA. **Manual natación para todos - natación para la vida.**

FORESTIER, Romain; BENDER, Tamas; LAMBECK, Johan. Health benefits of immersion and therapeutic aquatic exercise in swimming pools and spas in health care, with focus on rheumatologic, orthopaedic and. **The journal of the japanese society of balneology, climatology and physical medicine**, v. 77, n. 5, p. 417–418, 2014.

FRASER-THOMAS, Jessica; CÔTÉ, Jean. Understanding adolescents' positive and negative developmental experiences in sport. **The sport psychologist**, v. 23, n. 1, p. 3–23, 2009.

FRASER-THOMAS, Jessica; CÔTÉ, Jean; DEAKIN, Janice. Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. **Psychology of sport and exercise**, v. 9, p. 645–662, 2008.

GILLHAM, Eva; GILLHAM, Andrew D. Identifying athletes' sources of competitive state anxiety. **Journal of sport behavior**, v. 37, n. 1, p. 37–55, 2014.

GIMENO, Fernando; BUCETA, José Maria; PÉREZ-LLANTADA, Maria Carmen. Influencia de las variables psicológicas en el deporte de competición: Evaluación mediante el cuestionario: Características psicológicas relacionadas con el rendimiento deportivo. [The influence of psychological variables on sports performance: assessment. **Psicothema**, v. 19, n. 4, p. 667–672, 2007.

GUILLÉN, Félix; ÁLVAREZ-MALÉ, Maria Luisa. Relación entre los motivos de la práctica deportiva y la ansiedad en jóvenes nadadores de competición. **Revista de iberoamericana de psicología del ejercicio y el deporte**, v. 5, n. 2, p. 233-252, 2010.

HAMMOND, Thomas e colaboradores. The prevalence of failure based depression among elite athletes. **Clinical journal of sport medicine**, v. 23, n. 4, p. 273-277, 2013.

HOWELLS, Kristy; JARMAN, Deborah. Benefits of swimming for young children. **Physical education matters**, v. 11, n. 3, p. 20-21, 2016.

JAKOBSSON, Britta Thedin. What makes teenagers continue? A salutogenic approach to understanding youth participation in Swedish club sports. **Physical education and sport pedagogy**, v. 19, n. 3, p. 239-252, 2014.

JOHNSON, James H. Overuse injuries in young athletes: cause and prevention. **Strength condition J**, v. 30, n. 2, p. 27-31, 2008.



JOHNSON, James N. Competitive swimming illness and injury: common conditions limiting participation. **Current sports medicine reports**, v. 2, n. 5, p. 267-271, 2003.

JONES, Graham; HANTON, Sheldon. Pre-competitive feeling states and directional anxiety interpretations. **Journal of sports sciences**, v. 19, n. 6, p. 385-395, 2001.

JONES, Graham; HANTON, Sheldon; SWAIN, Austin. Intensity and interpretation of anxiety symptoms in elite and non-elite sports performers. **Personality and individual differences**, v. 17, n. 5, p. 657-663, 1994.

JULIFF, Laura E.; HALSON, Shona L.; PEIFFER, Jeremiah J. Understanding sleep disturbance in athletes prior to important competitions. **Journal of science and medicine in sport**, v. 18, n. 1, p. 13-18, 2015.

KENNEDY, Michael D.; TAMMINEN, Katherine A.; HOLT, Nicholas L. Factors that influence fatigue status in canadian university swimmers. **Journal of sports sciences**, v. 31, n. 5, p. 554-564, 2013.

KRISTIANSSEN, Elsa; ROBERTS, Glyn C. Young elite athletes and social support: coping with competitive and organizational stress in “Olympic” competition. **Scandinavian journal of medicine and science in sports**, v. 20, n. 4, p. 686-695, 2010.

LAVOIE, Jean-Marc; MONTPETIT, Richard R. Applied physiology of swimming. **Sports medicine**, v. 3, n. 3, p. 165-189, 1986.

LÓPEZ-TORRES, Miguel; TORREGROSA, Miguel; ROCA, Josep. Características del “flow”, ansiedad y estado emocional, en relación con el rendimiento de deportistas de elite. **Cuadernos de psicología del deporte**, v. 7, n. 1, p. 25-44, 2007.

LUNDQVIST, Carolina; KENTTÄ, Göran; RAGLIN, John S. Directional anxiety responses in elite and sub-elite young athletes: intensity of anxiety symptoms matters. **Scandinavian journal of medicine and science in sports**, v. 21, n. 6, p. 853-862, 2011.

MABWEAZARA, Smart Z.; LEACH, Lloyd; ANDREWS, Barry S. Predicting swimming performance using state anxiety. **South african journal of psychology**, v. 47, n. 1, p. 110-120, 2017.

MACCOSHAM, Bradley e colaboradores. Leisure lifestyle and dropout: exploring the experience of amateur athletes in competitive sport. **International journal of sport management recreation and tourism**, v. 20, p. 20-39, 2015.

MALHEIRO, Ana Sofia; GOUVEIA, Maria João. Ansiedade física social e comportamentos alimentares de risco em contexto desportivo. **Análise psicológica**, v. 19, n. 1, p. 143-155, 2001.

MÁRQUEZ, Sara. Diferencias en componentes de la ansiedad competitiva entre practicantes de deportes individuales y colectivos. **Revista de entrenamiento deportivo**, v. 8, n. 3, p. 11-14, 1994.

MARTENS, Rainer e colaboradores. Development and validation of the competitive state anxiety inventory-2. In: R. MARTENS, Rainer; VEALEY, Robert S.; BURTON, Damon (Eds.). **Competitive anxiety in sport**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1990.



MARTÍNEZ-SANZ, José Miguel; MIELGO-AYUSO, Juan; URDAMPILLETA, Aritz. Composición corporal y somatotipo de nadadores adolescentes federados. **revista española nutrición humana y dietética**, v. 16, n. 4, p. 130-136, 2014.

MCDONOUGH, Meghan H. e colaboradores. Stress and coping among adolescents across a competitive swim season. **The sport psychologist**, v. 27, p. 143-155, 2013.

MOLINERO, Olga e colaboradores. Dropout reasons in young spanish athletes: relationship to gender, type of sport and level of competition. **Journal of sport behavior**, v. 29, n. 3, p. 255-269, 2006.

MORITZ, Sandra E. e colaboradores. The relation of self-efficacy measures to sport performance: a meta-analytic review. **Research quarterly for exercise and sport**, v. 71, n. 3, p. 280-294, 2000.

NIXDORF, Insa e colaboradores. Prevalence of depressive symptoms and correlating variables among german el...: EBSCOhost. **Journal of clinical sport psychology**, v. 7, p. 313-326, 2013.

PINK, Marilyn M.; TIBONE, James E. The painful shoulder in the throwing athlete. **Orthopedic clinics of north america**, v. 31, n. 2, p. 247-261, 2000.

POLLARD, Henry; CROKER, Danny. Shoulder pain in elite swimmers. **Journal of the chiropractic & osteopathic college of Australasia**, v. 8, n. 3, p. 91-95, 1999.

PYLE, Renee P. e colaboradores. High school student athletes: associations between intensity of participation and health factors. **Clinical pediatrics**, v. 42, n. 8, p. 697-701, 2003.

PYNE, David B. e colaboradores. Characterising the individual performance responses to mild illness in international swimmers. **British journal of sports medicine**, v. 39, n. 10, p. 752-756, 2005.

QUITERIO, Ana Dias e colaboradores. Skeletal mass in adolescent male athletes and nonathletes: relationships with high- impact sports. **Journal of strength and conditioning research**, v. 25, n. 12, p. 3439-3447, 2011.

ROBAZZA, Claudio e colaboradores. Functional impact of emotions on athletic performance: comparing the IZOF model and the directional perception approach. **Journal of sports sciences**, v. 26, n. 10, p. 1033-1047, 2008.

SALGUERO, Alfonso e colaboradores. Identification of dropout reasons in young competitive swimmers. **Journal of sports medicine and physical fitness**, v. 43, n. 4, p. 530-534, 2003.

SAMMOUD, Senda e colaboradores. 100-m breaststroke swimming performance in youth swimmers: the predictive value of anthropometrics. **Pediatric Exercise Science**, v. Ahead of P, p. 1-9, 2018.

SEIN, Mya Lay e colaboradores. Shoulder pain in elite swimmers: primarily due to swim-volume-induced supraspinatus tendinopathy. **British journal of sports medicine**, v. 44, n. 2, p. 105-113, 2010.

SHAW, Gregory; MUJKA, Iñigo. Anthropometric profiles of elite open-water swimmers. **International journal of sports physiology and performance**, v. 13, n. 1, p. 115-118, jan. 2018.



SILVA III, John M. An analysis of the training stress syndrome in competitive athletics. **Journal of applied sport psychology**, v. 2, n. 1, p. 5-20, 1990.

STANFORTH, Philip R. e colaboradores. Body composition changes among female NCAA division 1 athletes across the competitive season and over a multiyear time frame. **Journal of strength and conditioning research**, v. 28, n. 2, p. 300-307, 2014.

TRACEY, Jill; ELCOMBE, Tim. A lifetime of healthy meaningful movement: have we forgotten the athletes? **Quest**, v. 56, p. 241–260, 2004.

UE. **Directrices de actividad física de la EU**. Actuaciones recomendadas para apoyar la actividad física que promueve la salud. Bruselas, 2008.

ULATE, Fabián Víquez; VARGAS, Gerardo Alonso Araya. Determinación de factores relacionados con el abandono de la práctica deportiva en ex nadadores costarricenses. **Movimiento humano y salud**, v. 4, n. 2, p. 1, 2007.

VANDERLEI, Franciele Marques e colaboradores. Lesões desportivas e seus fatores de risco em adolescentes praticantes de natação. **Journal of human growth and development**, v. 24, n. 1, p. 73-79, 2014.

VELÁSQUEZ, M. T. V.; ROJAS, N. G. Regulación emocional en nadadores en proceso de formación deportiva, categoría infantil. **Avances en psicología latinoamericana**, v. 25, n. 2, p. 112-125, 2007.

VITOR, Fabrício de Melo; BÖHME, Maria Tereza Silveira. Performance of young male swimmers in the 100-meters front crawl. **Pediatric exercise science**, v. 22, n. 2, p. 278-287, 2010.

WALKER, Helen e colaboradores. Shoulder pain in swimmers: a 12-month prospective cohort study of incidence and risk factors. **Physical therapy in sport**, v. 13, n. 4, p. 243-249, 2012.

WANIVENHAUS, Florian e colaboradores. Epidemiology of injuries and prevention strategies in competitive swimmers. **Sports health**, v. 4, n. 3, p. 246-251, 2012.

WELDON, Edward J.; RICHARDSON, Allen B. Upper extremity overuse injuries in swimming: A discussion of swimmer's shoulder. **Clinics in sports medicine**, v. 20, n. 3, p. 423-438, 2001.

Dados do autor:

Email: carolcostabr@gmail.com

Endereço: Rua Izabel Magalhães, 51, Boa Viagem, Recife, PE, CEP 51030-330, Brasil

Recebido em: 10/10/2019

Aprovado em: 02/12/2019

Como citar este artigo:

COSTA, Ana Carolina Lima. La natación de competición y la identidad física y psicológica del nadador: una revisión sistemática narrativa. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 03, p. 85-96, set./dez., 2019.





# I FESTIVAL DE GINÁSTICA UNIVERSITÁRIA EM CAMPO GRANDE/MS: PERFIL E PERCEPÇÕES DOS PARTICIPANTES

## I UNIVERSITY GYMNASTICS FESTIVAL OF THE CAMPO GRANDE/MS: PARTICIPANT PROFILE AND PERCEPTIONS

## I FESTIVAL UNIVERSITARIO DE GIMNASIA EN CAMPO GRANDE/MS: PERFIL Y PERCEPCIONES DEL PARTICIPANTE

Sarita Bacciotti

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil  
Email: saritabacciotti@hotmail.com

Cláudia Diniz

Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil  
Email: profclaudiadms@gmail.com

Rubens Silva Arguelho

Faculdade Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil  
Email: arguelho6@hotmail.com

Zadriane Gasparetto

Faculdade Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil  
Email: zadriane@gmail.com

### RESUMO

Este estudo objetivou apontar as percepções acadêmicas dos participantes do I Festival de Ginástica Universitária. A pesquisa é descritiva do tipo transversal de abordagem mista e teve como sujeitos 52 discentes de Educação Física. Foi utilizado um questionário online com questões abertas e fechadas, elaborado especificamente para a pesquisa. Os dados foram analisados de forma mista utilizando o Software SPSS 24 e técnica de elaboração e análise de Unidades de Significado. O estudo apontou que: as coreografias foram elaboradas de forma coletiva; houve atuação do professor como mediador e agente criador na elaboração das coreografias. Adicionalmente, a relação de troca entre os acadêmicos e professores foi observada na fala dos participantes. Conclui-se que festival foi instrumento de promoção da ginástica e socialização entre os envolvidos, além de ser um campo de pesquisa em plena exploração e que indica novos caminhos para a prática da ginástica no Brasil e no mundo.

**Palavras-chave:** Ginástica; Formação; Festival; Universidades.

### ABSTRACT

This study aimed to point out the academic perceptions of the participants of the I University Gymnastics Festival. The research is descriptive cross-sectional and mixed approach. The subjects were 52 students of Physical Education. An online questionnaire was used containing open and closed questions, designed specifically for the research. Data were analyzed in a mixed way using the SPSS 24 Software and technique of elaboration and analysis of meaning units. The study pointed out that: the choreographies were elaborated collectively; the teacher acted as mediator and creative agent in the elaboration of the choreographies. Additionally, the exchange relationship between academics and teachers was observed in the participants' speech. We concluded that the festival was an instrument of gymnastics promotion and socialization among the involved ones, besides being a research field in full exploration and that indicates new ways for the gymnastics practice in Brazil and in the world.



**Keywords:** Gymnastics; Formation; Festival; Universities.

## RESUMEN

El estudio tuvo como objetivo señalar las percepciones académicas de los participantes del I Festival Universitario de Gimnasia. La investigación es de tipo transversal descriptivo de enfoque mixto e tuvo como sujetos 52 estudiantes de Educación Física. Se utilizó un cuestionario en línea com perguntas abertas y cerradas, diseñado específicamente para la investigación. Los datos se analizaron de forma mixta utilizando el software SPSS 24 y la técnica de elaboración y análisis de unidades de significado. El estudio señaló que: las coreografías se elaboraron colectivamente; el professor actuó como mediador y agente creativo en la elaboración de la coreografía. Además, la relación de intercambio entre académicos y docentes se observó en el discurso de los participantes. Se concluye que el festival fue um instrumento de promoción y socialización de la gimnasia entre los involucrados, además de ser um campo de investigación em exploración completa y que indica nuevas formas para la práctica de gimnasia em Brasil y em el mundo.

**Palabras clave:** Gimnasia; Entrenamiento; Festival; Universidades.

## INTRODUÇÃO

Os festivais ginásticos, consolidados em diferentes países, principalmente na Europa central, são eventos com tradição secular. A Federação Internacional de Ginástica (FIG) realizou a primeira Gymnaestrada Mundial em 1953 (TOLEDO, 2017) e no Brasil, o primeiro evento nacional de GPT (Festival de Ginástica e Dança - FEGIN) foi realizado em 1982, e substituído pelo Festival Gym Brasil em 1992 (SOUZA, 1997). Nestes festivais celebra-se a prática esportiva enfatizando as particularidades da cultura local, regional ou nacional.

A ginástica consolidou os festivais em eventos majoritariamente não-competitivos, consistindo em espaços de fomento à sua prática, visando congraçamento e intercâmbio entre os participantes e contribuindo para promoção da saúde e bem-estar físico, social, intelectual e psicológico.

Patricio, Bortoleto e Carbinatto (2016) enfatizam que os festivais possibilitam o conhecimento de diferentes manifestações ginásticas e dão oportunidade de pessoas de qualquer idade, raça, classe social, nível físico e técnico participarem.

O I Festival de Ginástica Universitária (FGU) realizado em Campo Grande/MS, em junho de 2019, surgiu do diálogo entre docentes de instituições de ensino superior (IES) e a Federação de Ginástica de Mato Grosso do Sul

(FGMS), compreendendo a necessidade de estruturar um evento envolvendo a comunidade acadêmica. O evento estimulou a vivência das ginásticas e se propôs a ser culminância de disciplinas de ginástica dos cursos de Educação Física da capital do estado. Contou com 140 participantes, 8 apresentações, 4 IES.

Bortoleto e colaboradores (2017) enfatiza que são escassas as publicações sobre o perfil dos grupos que representam o país nas edições das Gymnaestradas. Neste sentido, apesar de nosso estudo ter origem em um evento bem menor que a Gymnaestrada, é importante a análise do perfil dos participantes de eventos de GPT universitária como o que foi realizado pela primeira vez em nosso estado.

Segundo Patricio e Bortoleto (2015) os Festivais Ginásticos consistem em eventos que apresentam diversas possibilidades gímnicas visando a socialização e a interação entre os praticantes. Assim, a proposição do festival procurou contribuir na formação acadêmica e humana dos participantes. Nesta perspectiva, este trabalho teve como objetivo apontar as percepções acadêmicas dos participantes do I Festival de Ginástica Universitária que ocorreu em junho de 2019.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa descritiva do tipo transversal, com abordagem mista (GIL, 2008), que teve como sujeitos 52 discentes de Educação Física de 4 IES, sendo 1 pública e 3 privadas. Respeitando Diretrizes e



Normas para Pesquisa em Seres Humanos - Resolução CNS 196/96 (MARQUES FILHO, 2007) foi solicitada antecipadamente aos participantes a autorização para participação da pesquisa mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário *online*, aplicado posteriormente ao festival, elaborado especificamente para a pesquisa, contendo 12 questões fechadas e 4 abertas.

As questões abordaram o perfil do indivíduo; instituição de origem (se privada ou pública); aspectos relacionados à preparação (elaboração da coreografia e ensaios) e participação no festival (o que a participação no festival proporcionou?); apontamentos positivos e negativos do festival; e questionamento sobre a sua motivação para a participação no festival, questões estas que permitiram compreender a percepção dos acadêmicos a respeito da participação no festival. O festival foi realizado em um único dia (08/06/2019), no qual foi distribuído o TCLE. A aplicação do questionário *online* aconteceu na semana subsequente (no período de 08 a 16/06/2019).

Os dados foram analisados de forma mista (qualitativa e quantitativa). A análise

exploratória e descritiva foi realizada no Software SPSS 24 (média e desvio padrão). A análise qualitativa utilizou a técnica de elaboração e análise de Unidades de Significado (descrição, redução e interpretação), elaborada por Moreira e colaboradores (2005).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram inicialmente quantificados e apresentados em tabelas, para melhor visualização, possibilitando, juntamente com as análises qualitativas, a melhor compreensão dos objetivos do estudo.

O perfil dos indivíduos é apresentado na Tabela 1. A idade dos participantes variou de 17 a 44 anos (média de 22,54±5 anos), sendo que os indivíduos com idade entre 17 e 22 anos representam 69,2% (n=36) dos sujeitos. Sendo a maioria do sexo masculino (59,6%), provenientes de universidades privadas 88,5% (n=46); 65,4% (n=34), frequentam os três primeiros semestres da graduação e mais da metade o bacharelado (53,8%, n=28). A maior parte (53,8%, n=28) já cursou a disciplina de ginástica ou a cursava no período de realização do festival (42,3%, n= 22).

**Tabela 1** – Perfil dos participantes do FGU

<i>Idade</i>	<i>Frequência</i>	<i>Frequência relativa</i>
17 a 20 anos	24	46,1%
21 a 25 anos	16	30,7%
26 a 29 anos	7	17,2%
Acima de 30 anos	5	9,5%
<i>Sexo</i>		
Masculino	31	59,6%
Feminino	21	40,4%
<i>Semestre</i>		
1º e 2º semestres	8	15,3%
3º e 4º semestres	27	51,9%
5º e 7º semestres	17	32,7%
<i>Curso</i>		
Bacharelado	28	53,8%
Licenciatura e Bacharelado	13	25,0%
Licenciatura	11	21,2%
<i>Instituição de Origem</i>		
Privadas	46	88,5%
Pública	6	11,5%



<i>Cursou a disciplina de ginástica</i>		
Não	2	3%
Sim	28	53,8%
Está cursando	22	42,3%

**Nota:** construção dos autores

A idade evidenciada no estudo e a predominância do sexo masculino vem de encontro aos dados do Censo da Educação Superior de 2017 (BRASIL, 2018), uma vez que as matrículas no ensino superior se concentram em maior quantidade nessa faixa etária, e o número de matriculados nos cursos de Educação Física tanto da Licenciatura quanto do Bacharelado são do sexo masculino (BRASIL, 2018).

Apesar de haver um certo preconceito na participação de meninos na ginástica no Brasil, Toledo e Paoliello (2010) evidenciam que a ginástica propicia a prática de movimentação em grupo e disponibiliza formas de ação comum para os dois sexos, criando espaço aberto à elaboração entre eles para a crítica ao sexismo socialmente imposto. Além disso, de acordo com Publio (1998) a prática da ginástica historicamente tem seu início com os homens.

Apesar da predominância de participantes do sexo masculino no FGU, estudos de Carbinatto, Soares e Bortoleto (2016) e de Tsukamoto e Cavallieri (2016) observaram a predominância de participantes do sexo feminino nos festivais de ginástica nacionais e internacionais.

O maior número de participantes do bacharelado corrobora com os dados do Censo da Educação Superior de 2017. No Brasil o maior número de matrículas nos cursos superiores de forma geral (abrangendo todas as áreas de formação) se concentrou nos cursos de bacharelado, sendo 61% contra 20% nos cursos de licenciatura e 19% nos cursos tecnológicos (BRASIL, 2018).

Ao todo existem 7 cursos de formação em Educação Física na cidade de Campo Grande/MS, onde a pesquisa foi realizada, sendo que destes somente uma é proveniente de instituição pública. Assim, pode-se compreender o número maior de indivíduos oriundos das IES privadas.

Segundo Ayoub (2013) é interessante verificar as contribuições da Ginástica para

Todos para o processo formativo em educação física, pois essa é uma prática capaz de atender a dimensão humana do indivíduo, que possibilita a reconstrução da ginástica como prática corporal. A participação no festival de GPT foi visivelmente uma ação pedagógica que envolveu os acadêmicos durante o período em que cursavam disciplinas relacionadas à ginástica nas suas mais diversas manifestações.

Bortoleto e colaboradores (2017) identificou que dentre a delegação brasileira na Gymnaestrada de 2011, 55% das instituições participantes eram provenientes de escolas, universidade e clubes. É um perfil que tem apresentado influência de um grande número de universidades que vêm desenvolvendo atividades gímnicas de modo regular, consolidando projetos de extensão universitária.

As informações relacionadas às percepções acadêmicas a respeito da participação no evento estão apresentadas na Tabela 2. No que diz respeito à elaboração das coreografias e participação no evento, nove indivíduos (17,3%) se identificaram como participantes e coreógrafos, os demais (82,7%, n=43) como coadjuvantes.

A maior parte dos grupos (48,1%, n=25) dedicou de 4 a 8 encontros na elaboração e ensaio das coreografias e 44,2% (n=23) de 9 a 12 encontros. Os estudantes foram motivados pelos seus professores (48,1%, n=25), pela nota que receberiam na disciplina (34,6%, n=18), pelos colegas (5,8%, n=3) ou por motivação individual (11,5%, n=6).

O estudo de Santos, Rocha e Prazeres (2016) indicou a relação motivacional entre acadêmicos e professores na elaboração de coreografias de GPT observando que após serem convidados a elaborar as coreografias, pareceram desafiados e motivados a cada ensaio.

No que tange ao sentimento proporcionado pela participação dos acadêmicos no festival, satisfação (40,4%, n=21), superação (34,6%, n=18) e alegria (21,2%, n=11) foram termos



relevantes encontrados. Assim, podemos inferir que a maior parte dos indivíduos teve uma boa experiência, uma vez que 96,2% (n=50) declarou que voltaria a participar de evento similar.

Santos, Rocha e Prazeres (2016) enaltece os vínculos de amizade criados durante a preparação para festivais e a motivação dos participantes dos mesmos quando são postos frente à desafios diversos envolvidos em uma composição e apresentação, o que pode explicar a respostas positivas dos participantes do I FGU.

As modalidades ginásticas mais presentes nas coreografias foram a ginástica artística (50%, n=26) e a ginástica rítmica (26,9%, n=14) pois

essas modalidades são as mais clássicas e mais divulgadas pela mídia, tendo assim maior número de praticantes. Ademais, os movimentos da ginástica artística são fundamentais para o trampolim acrobático e para a ginástica acrobática, recebendo maior atenção no processo ensino-aprendizagem. Já a ginástica rítmica traz a facilidade na utilização de seus aparelhos bem como o transporte destes, baixo custo e a possibilidade de confeccioná-los, sejam oficiais ou com materiais alternativos e recicláveis. Sendo assim, a maioria das coreografias (75%, n=39) utilizaram algum tipo de material.

**Tabela 2 –** Percepções acadêmicas a respeito do festival

<i>Forma de participação</i>	<i>Frequência</i>	<i>Frequência relativa</i>
Participantes e coreógrafos	9	17,3%
Como coadjuvantes	43	82,7%
<i>Encontros necessários para preparação</i>		
Menos de 4 encontros	4	7,7%
4 a 8 encontros	25	48,1%
9 a 12 encontros.	23	44,2%
<i>Motivação para participar do festival</i>		
Motivados pelos seus professores	25	48,1%
Nota que receberiam na disciplina	18	34,6%
Motivação individual	6	11,5%
Motivado pelos colegas	3	5,8%
<i>Sentimento proporcionado pela participação</i>		
Satisfação	21	40,4%
Superação	18	34,6%
Alegria	11	21,2%
<i>Voltaria a participar do evento</i>		
Não	2	3,8%
Sim	50	96,2%
<i>Ginástica mais presente na coreografia</i>		
Ginástica artística	26	50%
Ginástica rítmica	14	26,9%
Ginástica de trampolim	6	11,5%
Outras (acrobática e aeróbica)	6	11,5%
<i>Utilização de materiais</i>		
Não	13	25%
Sim	39	75%

**Nota:** construção dos autores

Na Ginástica Para Todos as apresentações se dão através de composições coreográficas em grupo, como já mencionado anteriormente, constituído por pessoas de diferentes idades e nível de aptidão, porém com um único objetivo

de proporcionar aos praticantes boa experiência em ginástica e apresentá-la em público para maior exposição e divulgação deste tipo de atividade (GERLING, 2017).



De acordo com Carbinatto, Soares e Bortoleto (2016) a formação coreográfica é o produto do trabalho da Ginástica Para Todos capaz de transmitir uma mensagem através da combinação dos diferentes movimentos corporais intrinsecamente ligados à uma música que se transformam em uma forma de comunicação. Para Gerling (2017), a coreografia significa o processo e os produtos da criação. A autora sugere ainda que ao iniciar um processo de criação coreográfica, algumas questões sejam feitas pelo líder do grupo, para si mesmo como “Que tipo de habilidades seus atletas têm?”, “O que você realmente quer mostrar?”, “O que você apresenta para seu público?”, “Você tem uma música especial ou história para trabalhar?”. Perguntas como estas, segundo a autora, vão auxiliar a ideia inicial da coreografia.

Na criação das coreografias de GPT a criatividade é um item importantíssimo e deve estar alinhado com a presença de caracterização ginástica das apresentações. Assim, cada grupo utiliza as potencialidades dos seus integrantes e explora de diversas formas a “tendência” a utilizar elementos mais comuns a uma ou outra modalidade de ginástica competitiva. Em pesquisa com integrantes dos grupos brasileiros na Gymnastrada de 2011 em Lausane, Bortoleto e colaboradores (2017) identificaram que 40% dos grupos fundamenta as suas coreografias na própria GPT. No entanto, os grupos citam outras modalidades de base como a ginástica artística (10%), ginástica rítmica (10%), ginástica

acrobática (25%), dança (50%) e outras expressões folclóricas (10%).

As informações (unidades de análise) sobre o processo de elaboração das coreografias analisado de forma qualitativa são apresentadas na Tabela 3. Nas questões abertas as respostas foram trabalhadas de forma qualitativa, observando as unidades de análises (palavras chaves). Assim, foi verificado na resposta da pergunta “como foi o processo de elaboração das coreografias?”, as unidades de análises que foram mais evidenciadas nas falas dos sujeitos: elaboração coletiva, professor mediador, desafios e superação.

Os resultados indicaram que as coreografias foram elaboradas de forma coletiva entre os envolvidos, com escolha de movimentos que todos conseguiam realizar. A atuação efetiva do professor como mediador e como agente criador na elaboração da coreografia foi observada na fala dos participantes, assim como a criação da coreografia a partir da escolha da música e a relação de troca entre os próprios acadêmicos e professores. Foram citados os desafios e superação destes, assim como o cansaço físico na elaboração da coreografia.

Nos pontos positivos foram observadas as seguintes unidades de análises: cooperação, alegria, esforço, superação, integração e boa organização do evento. Nos pontos negativos apontaram pouca divulgação, pouco público, o horário (sábado pela manhã), a falta de materiais/estrutura, o cansaço e o pouco tempo disponível.

**Tabela 3 – Unidade de análise**

<b>Questão</b>	<b>Unidades de análise</b>
Elaboração da coreografia	Elaboração coletiva, professor, Mediador, Desafios, Superação
Pontos Positivos	Cooperação, alegria, esforço, superação, integração e boa organização do evento
Pontos Negativos	Pouca divulgação, pouco público, o horário, a falta de materiais/estrutura, o cansaço e o pouco tempo disponível

Fonte: autores (2019)

Santos (2009) enfatiza que a criação de uma coreografia de GPT deve ser centrada nos ginastas que irão executá-la e que a troca constante de ideias e a procura por novas formas

de expressão deve balizar todo o trabalho para dar possibilidades de surgir propostas originais. Ainda sobre o processo de criação, Gerling (2017) ressalta que coreografia significa muito



mais do que desenvolver uma dança, expressa ideias de movimentos criativos, posiciona os movimentos como num quebra cabeça, numa grande figura, e é um processo interminável.

Nesse sentido quando se trabalha com as composições coreográficas em GPT o papel do professor (a) é de um (a) mediador (a) das ações desenvolvidas apontando as possibilidades de trabalho, mas sem criar os gestos a serem executados pelos participantes. Dessa forma, o processo ocorre de forma participativa pois todos podem demonstrar aquilo que aprenderam, dentro de suas limitações (AYOUB, 2013).

Para Santos (2009) a habilidade de criar e de adaptar formas de trabalho depende das experiências e sensibilidade do professor, além dos seus conhecimentos práticos e teóricos, sendo que a música deve ser adequada à proposta de trabalho e às características dos integrantes do grupo observando o nível de aptidão física dos participantes, adequando as formas de trabalho às condições individuais dos mesmos. Stanquevisch (2004) enfatiza que a GPT desenvolve as habilidades motoras, e deve propor desafios e experiências que contribuam também para melhoria das habilidades físicas.

Sobre a cooperação, alegria e integração, Soares (2009) afirma que é por meio da ginástica que pode se apropriar de seu conteúdo dispondo de atividades de caráter lúdico, artístico, entre outras categorias que são construídas pela coletividade.

Sobre essas unidades de análises dos pontos negativos foi possível observar que houve o público, o que é importante para o festival, pois a GPT tem característica de apresentar um espetáculo e para isso é necessário o público apreciador.

Por fim, o estudo de Paoliello e colaboradores (2012) evidencia a importância dos festivais como ação promotora da Ginástica por entender que o desenvolvimento do trabalho com a GPT deve oportunizar não apenas experiências diversas dos elementos ginásticos mas propiciar ambiente de reflexão, troca de experiências e prazer.

Estamos cientes de que seria impossível compreender todos os aspectos da realidade em questão, e, salientamos o entendimento que somos parte do que estamos analisando. Assim como todo estudo, a pesquisa apresenta limitações, não podendo ser generalizado, porém se faz necessário enfatizar os pontos forte como o registro e reconhecimento da ação promovida do diálogo entre docentes de instituições de ensino superior (IES) e Federação de Ginástica de Mato Grosso do Sul (FGMS), que resultou no evento envolvendo a comunidade acadêmica. Entretanto, torna-se necessário mais ações como esta para estimular a dar continuidade à prática de GPT em todo o estado, paralelamente a pesquisas científicas que aprofundem os conhecimentos sobre a área e contribuam para a construção de novos conhecimentos.

Desta forma, sugerimos que sejam realizados estudos que identifiquem as demais contribuições da GPT para a formação profissional em Educação Física. Ressaltamos também a necessidade de estudo junto à FGMS responsável pela difusão e organização dessa prática ginástica, em consonância com as prerrogativas teóricas que a fundamenta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou evidenciado no estudo a elaboração coletiva de coreografias e atuação do professor como mediador e agente criador na elaboração das coreografias, assim como a relação de troca entre os acadêmicos e professores. Assim, o estudo identificou potencialidades educativas neste tipo de evento como a oportunidade de ter experiências diversas dos elementos ginásticos e de propiciar ambiente contributivo para o crescimento e desenvolvimento do ser humano como um todo, possibilitando a criatividade e a interação. Conclui-se, que a GPT pode ser usada como instrumento de promoção da ginástica e socialização entre os envolvidos, além de ser um campo de pesquisa em plena exploração e que indica novos caminhos para a prática da ginástica no Brasil e no mundo.



## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2013.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho e colaboradores. O perfil da delegação brasileira na World Gymnaestrada de Lausane, Suíça- 2011. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth. **Ginástica para todos: um encontro com a coletividade**. Campinas, SP: Unicamp, 2017.

BRASIL. **Censo da Educação Superior 2017**. Ministério da Educação MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira INEP. Brasília-DF. Setembro de 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file>>. Acesso em: 06 de out. 2019.

CARBINATTO, Michele Viviene; SOARES, Daniela Bento; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. GYM BRASIL: Festival Nacional de Ginástica para todos. **Motrivivência**, v. 28, n. 49, p. 128-145, 2016.

GERLING, Ilona E. Criando apresentações em grupo – os elementos da coreografia. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth. **Ginástica para todos: um encontro com a coletividade**. Campinas, SP: Unicamp, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARQUES FILHO, José. Ética em pesquisa: dez anos da resolução CNS 196/96. **Revista brasileira de reumatologia**, v.47, n.1, p. 2-3, 2007.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; PORTO, Eline. Análise de conteúdos: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista brasileira de ciência e movimento**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 107-114, 2005.

PATRÍCIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Festivais ginásticos: princípios formativos na visão de especialistas. **Conexões**, v. 13, p. 98-114, 2015.

PATRÍCIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antônio Coelho; CARBINATTO, Michele Viviene. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 30, n. 1, p. 199-216, 2016.

PÚBLIO, Nestor Soares. **Evolução histórica da ginástica olímpica**. Guarulhos: Phorte, 1998.

SANTOS, José Carlos Eustáquio. **Ginástica geral: elaboração de coreografias, organização de festivais**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009.

SANTOS, Lidia Amalia Cardamoni dos; ROCHA, Renato; PRAZERES, Fernanda Rabelo. A motivação dos alunos no grupo de ginástica para todos na Unitau. In: **Anais do VIII Fórum Internacional de Ginástica para Todos**. Laurita Marconi Schiavon e colaboradores (Orgs.). Campinas, SP: FEF- Unicamp, Sesc, 2016.





SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. **Ginástica geral**: uma área do conhecimento da Educação Física. 163f. 1997. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1997.

STANQUEVISCH, Patricia. **Possibilidades do corpo na ginástica geral a partir do discurso dos envolvidos**. 97f. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP: 2004.

TOLEDO, Eliana. Notas sobre o papel das demonstrações ginásticas na Europa e no Brasil: reflexões sobre a ginástica para todos. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth. **Ginástica para todos**: um encontro com a coletividade. Campinas, SP: Unicamp, 2017.

TOLEDO, Eliana; PAOLIELLO, Elizabeth. **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010.

TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cuz; CAVALHIERI, Ana Carolina Maran. Perfil dos praticantes de um grupo universitário de ginástica para todos. In: **Anais do VIII Fórum Internacional de Ginástica para Todos**. Laurita Marconi Schiavon e colaboradores (Orgs.). Campinas, SP: FEF-Unicamp, Sesc, 2016.

Dados do autor:

Email: saritabacciotti@hotmail.com

Endereço: Avenida Costa e Silva, Pioneiros, Campo Grande, MS, CEP 79070-900, Brasil

Recebido em: 15/10/2019

Aprovado em: 04/12/2019

Como citar este artigo:

BACCIOTTI, Sarita e colaboradores. I Festival de Ginástica Universitária em Campo Grande/MS: perfil e percepções dos participantes. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 03, p. 97-105, set./dez., 2019.



# CONSTRUINDO PONTES: O CASO DO CONGRESSO DE GINÁSTICA PARA TODOS NO CENTRO-OESTE

## BUILDING BRIDGES: THE CASE OF THE GYMNASTICS FOR ALL CONGRESS IN WEST CENTRAL

## CONSTRUYENDO PUENTES: EL CASO DEL CONGRESO DE GIMNASIA PARA TODOS EN EL CENTRO OCCIDENTAL

Michelle Ferreira de Oliveira  
Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil  
Email: michelle.oliveira@ueg.br

Eliana de Toledo  
Universidade Estadual de Campinas, Limeira, São Paulo, Brasil  
Email: eliana.toledo@fca.unicamp.br

### RESUMO

Os congressos, simpósios, fóruns, entre outros eventos, se constituem no meio acadêmico como importantes ambientes de formação. O objetivo deste artigo é identificar como o Congresso de Ginástica para Todos no Centro-Oeste tem contribuído para formação e disseminação dos conhecimentos sobre a Ginástica para Todos (GPT), analisando suas implicações em âmbito regional e nacional. Realizou-se um estudo de caso, com pesquisa documental, tendo como fontes acervos institucionais (2010 a 2019), e os Anais do evento. Identificou-se que esse evento tem colaborado para difusão científica da GPT, para a criação de novos projetos, para o maior envolvimento das regiões Norte e Nordeste neste debate, e para a introdução da GPT nos currículos de Instituições de Ensino Superior (IES). Concluiu-se que o evento apresenta uma organização estrutural aplicável a outros contextos sociais, podendo sanar essa lacuna de promoção da GPT em outros estados e regiões do país, cujo fomento à GPT faz-se necessário.

**Palavras-chave:** Extensão Universitária; Ginástica Geral; Formação Profissional.

### ABSTRACT

Congresses, symposiums, forums, among other events, constitute the academic environment as important training environments. The purpose of this paper is to identify how an event held in the Midwest region of the country has contributed to the formation and dissemination of knowledge about Gymnastics for All (GfA) in this region, analyzing its implications at the national level. We conducted a case study, with documentary research, having as sources institutional collections (2010 to 2019), and the Book of Abstract of the event. It was identified that this event has contributed to the scientific dissemination of GfA, the creation of new projects, the greater involvement of the North and Northeast regions in this debate, and the introduction of GfA in the curricula of higher education institution. It was concluded that the event presents a structural organization applicable to other social contexts, and can fill this gap of promotion of GfA in other states and regions of the country, whose promotion of GfA is necessary.

**Keywords:** University Extension; General Gymnastics; Professional Qualification.

### RESUMEN

Congresos, simposios, foros, entre otros eventos, constituyen el entorno académico como entornos de formación importantes. El propósito de este documento es identificar cómo un evento realizado en la región del Medio Oeste del país ha contribuido a la formación y difusión del conocimiento sobre Gimnasia para



Todos (GPT) en esta región, analizando sus implicaciones a nivel nacional. Realizamos un estudio de caso, con investigación documental, que tenía como fuente colecciones institucionales (2010 a 2019) y los Anales del evento. Se identificó que este evento ha contribuido a la difusión científica de GPT, la creación de nuevos proyectos, la mayor participación de las regiones del Norte y Nordeste en este debate y la introducción de GPT en los planes de estudio de Institución de enseñanza superior. Se concluyó que el evento presenta una organización estructural aplicable a otros contextos sociales, y puede llenar este vacío de promoción de GPT en otros estados y regiones del país, cuya promoción de GPT es necesaria.

**Palabras clave:** Extensión Universitaria; Gimnasia; Formación Profesional.

## **SOBRE A CONSTRUÇÃO**

*Ler é abrir janelas, destramar portas,  
enxergar com outros olhares,  
estabelecer novas conexões, construir  
pontes que ligam o que somos com o que  
outros, tantos outros, imaginaram,  
pensaram, escreveram [...]. (GIL, 2004).*

Há inúmeras formas de se realizar leituras: textuais, dinâmicas, de imagens, da arte, do corpo, do mundo... A expansão de horizontes, de novos saberes, possibilita ao indivíduo dar sentido e (re) significar suas ações, ampliando a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. É a partir desse olhar, da possibilidade de diferentes leituras de mundo, de novas conexões, da construção de pontes, que buscamos identificar olhares sobre um congresso que promove a Ginástica para Todos (GPT), como uma possibilidade que instiga (re) leituras sobre o corpo, formação, mundo e sobre as práticas corporais, pedagógicas, científicas, entre outras.

A organização e participação de eventos de GPT têm se constituído como espaços de consolidação de redes pessoais, científicas, artísticas e sociais. Segundo Oliveira, Mastrodi e Toledo (2018) esses eventos oportunizam a participação de diferentes perfis de grupos, com variação de faixa etária e contextos sociais (escolas, Universidades, clubes, ONGs etc), que envolvem-se em diferentes âmbitos: festivais, cursos, oficinas, discussões acadêmicas e, momentos únicos de rodas de conversa. Os autores ainda salientam o quanto estes festivais, como parte da programação de eventos científicos, se constituem também como linguagens tão importantes como as científicas, para a formação dos participantes.

Assim, nosso olhar acadêmico se debruça sobre o Congresso de Ginástica para Todos no Centro-Oeste (CIGNUS, 2019), que, atualmente, contempla:

- momentos científicos - com apresentação de pesquisas, estudos e relatos das experiências;
- momentos pedagógicos - com cursos de formação e oficinas teórico-práticos;
- momentos artísticos - com a realização dos festivais.

Uma formatação que foi inspirada no Fórum Internacional de Ginástica para Todos (FIGPT), existente desde 2001 e cuja nona edição ocorreu em 2018, na cidade de Campinas, numa parceria entre a Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e o Serviço Social do Comércio – SESC (FIGPT, 2019). Essa estrutura dos eventos possibilita a constituição de espaços de diálogos pedagógicos entre treinadores, professores e pesquisadores do Brasil, e no caso do Fórum Internacional, também com perspectivas de pesquisadores internacionais.

Os festivais, de maneira isolada, têm se constituído como importantes lugares de promoção da Ginástica (incluindo a GPT), Patricio e Bortoleto (2015, p. 98) apontam a importância que os “festivais possuem tanto no campo da ginástica como para a formação humana, principalmente na manutenção das tradições gímnicas, na troca de experiências (técnicas e estéticas), no intercâmbio cultural e na valorização da participação, do voluntariado e da coletividade”.

E eles têm sido ofertados em diferentes formatos e contextos sociais, como apontado por Patricio, Carbinatto e Bortoleto (2016, p. 210-211), especificamente em relação aos festivais na região sudeste do Brasil:



A organização de festivais, proposto por diferentes órgãos, passou a ser constante e se intensificou nos últimos 20 anos, como: Festival Paulista de Ginástica Geral; Festival Sul Mineiro de Ginástica Geral; Festival Aberto de Ginástica e Dança do Guarani Futebol Clube; Festival Texaco de Ginástica Geral; Festival de Ginástica Geral Friburgo Country Club; Festival de Ginástica do Clube Semanal de Cultura Artística; Festival Interno de Ginástica Geral da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas; Festival de Ginástica do Colégio Porto Seguro; Festival de Ginástica do Clube Campineiro de Regatas e Natação; Festival de Ginástica do Clube Bonfim Futebol Clube; Mostra de Ginástica Geral do Fórum Brasileiro de Ginástica Geral; International Gym Festival, Pouso Alegre; Festival de Ginástica UNIARARAS; Fórum Internacional de Ginástica Geral SESC/UNICAMP/ISCA; I Mercosul International Gym Festival; Festival de Ginástica da Universidade São Judas Tadeu; Festival de Ginástica do Clube Guarani; Festival de Ginástica do Clube Nossa Senhora das Dores; Fórum Estadual de Ginástica Geral - FPG - FEFISA; Festival de Ginástica e Dança de Limeira; Festival de Ginástica e Dança da Faculdade de Americana; Festival de Ginástica e Dança da Escola Salesiana São José; Festival de Ginástica da PUCC; Festival de Ginástica da Faculdade de Educação Física de Espírito Santo do Pinhal; Faculdade de Educação Física Anchieta; Universidade Estadual de Maringá - Seminário de Ginástica.

Ao consultarmos os Anais do Fórum Internacional de Ginástica Para Todos (FIGPT, 2019), evento esse que congrega diferentes publicações de regiões brasileiras, encontramos no período de 2010 a 2019, para além dos festivais acima citados da região sudeste, menção a outros de outras regiões brasileiras como exemplo:

- **Região Sul:** II Festival Universitário de Ginástica para Todos do Paraná (PAOLIELLO et al., 2010), Festival de Ginástica para Todos

Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Paraná (SCHIAVON et al., 2016);

- **Região Sudeste:** I Mostra de Ginástica Geral da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina MG (PAOLIELLO et al., 2010), 3º Festival de Ginástica Geral do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS) em Muzambinho MG (SCHIAVON et al., 2016);

- **Região Nordeste:** Festival Ginástica: Alegria na escola (BORTOLETO et al., 2012), I Festival de Ginástica ‘Ginasticando: aprendendo e brincando na Escola’ de Alagoas (BORTOLETO et al., 2014), Festival “Micheli Ortega Escobar” Salvador – BA (BORTOLETO et al., 2014), I Festival de Ginástica realizado pela Escola Estadual Santa Cecília, do município de Arcoverde- PE (BORTOLETO et al., 2014), Festival de Ginástica da Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde (AESA) em Arcoverde PE (SCHIAVON et al., 2016), o Festival Gym Ceará (TOLEDO et al., 2018), Festivais de Ginástica e Dança organizados pelo Curso de Educação Física/Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), nos Campus de Pau dos Ferros, RN (TOLEDO et al., 2018);

- **Região Centro-Oeste:** Congresso de Ginástica para Todos e Dança (BORTOLETO et al., 2012; SCHIAVON et al., 2016), Festival de Ginástica Escolar de Ginástica Geral no Mato Grosso (BORTOLETO et al., 2014), Festival de Ginástica no Mato Grosso (SCHIAVON et al., 2016);

- **Região Norte:** Festival de Ginástica para Todos (FGPT) no interior da Amazônia (TOLEDO et al., 2018).

Ponderamos que, refletindo acerca da dimensão continental do Brasil, e do período de consulta nos anais do fórum, 2010 a 2019, ainda não haver registros de todos os festivais em nível nacional; outrora, festivais e momentos científicos em formato de congresso ou fórum, apenas o FIGPT e Congresso de Ginástica para Todos no Centro-Oeste (CONGPT).

Neste contexto, o objetivo deste artigo é identificar como um evento realizado na região Centro-Oeste do país tem contribuído para formação e disseminação dos conhecimentos



sobre a Ginástica para Todos (GPT) em nível regional e nacional.

Outrossim, essa pesquisa justifica-se à medida que, conhecendo e compreendendo o processo de constituição de tal evento – considerando as dimensões continentais do Brasil, o mesmo movimento pode ser realizado em outras regiões brasileiras com as devidas adaptações, contribuindo para a difusão científica e também corporal dessa prática. Além disso, tais eventos tendem a propulsionar a GPT na região, tanto no que diz respeito à produção científica quanto nas produções coreográficas e constituições de grupos ginásticos.

## O ALICERCE DA OBRA

Trata-se de uma pesquisa com abordagem histórica, e do tipo estudo de caso, que segundo Molina (2010, p.106) caracteriza-se por “realizar um recorte sobre uma realidade particular e concreta e, reconstruir e criar uma história em diálogo com outras no espaço sociocultural que lhes dá sentido”. Estuda-se o caso do evento “CONGPT” - Congresso de Ginástica para Todos do Centro-oeste (CIGNUS, 2019).

Esta pesquisa caracteriza-se como documental, se considerando que esse tipo de pesquisa tem como propósito a “[...] busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação” (OLIVEIRA, 2007, p. 69).

Foram utilizadas como fontes documentais: o acervo do Grupo Cignus (Organização Não Governamental, registrada sob CNPJ n. 29.720.544/0001-00 e com sede na Av. T-9 c/Rua C-210 qd.524 Lt.13 Ed. Galeria Shallon - Subsolo. Jardim América, CEP 74270-230) e o acervo institucional da entidade que sedia o evento (UEG), no período de 2010 a 2019; e os Anais publicados nas edições de 2015, 2017 e 2019. Estes acervos foram selecionados seguindo os seguintes critérios:

- Serem projetos finalizados no sistema com: submissão, aprovação do comitê da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PrE) da Universidade

Estadual de Goiás (UEG), execução finalizada com entrega de relatório, sendo disponibilizado o arquivo final na plataforma Pegasus;

- Registros oficiais, arquivados por ano no acervo do Grupo Cignus em sua sede;

- Documentos publicados em site oficial da Universidade.

Deste modo, foram analisados os projetos submetidos à PrE UEG, entre os anos de 2010 e 2019, pelos respectivos coordenadores de cada edição, disponíveis na plataforma Pegasus do site <https://www.adms.ueg.br/extensao/acao/pesquisa> assim como os anais disponíveis no site <https://www.anais.ueg.br/index.php/GPT>, dos anos de 2015, 2017 e 2019.

Também foram analisadas imagens de documentos oficiais e imagéticas (fotografias e vídeos) do acervo do Grupo Cignus, contendo registros dos festivais, notas fiscais, arquivos em CorelDraw com a arte dos eventos, assim como os registros publicados pelo grupo Cignus em sua página oficial (no site oficial): <http://www.grupocignus.com>.

## PONTES EM EDIFICAÇÃO... OS FESTIVAIS COMO ALICERCE

O atual formato do Congresso foi tecido por redes, que se conectaram localmente, regionalmente e, por fim, nacionalmente. O processo de estruturação do atual formato deu-se ao longo de nove anos e oito edições. Novos olhares, novas possibilidades, estruturações institucionais, conexões entre coletivos que ansiavam partilhar experiências, saberes, conhecimentos – por meio dos registros científicos, das coreografias, dos cursos, dos diálogos tecidos nos cafés e nos jantares.

Do projeto inicial ao atual formato foram muitos processos, mudanças e transformações, não apenas do projeto inicial, como do próprio nome do evento e das pessoas que atuaram/contribuíram para a concretização das oito edições realizadas até 2019.

A **primeira edição** do evento ocorreu no segundo semestre do ano de 2010, na UEG Campus ESEFFEGO. A proposta, partia da organização da disciplina de “Fundamentos da



Ginástica I”, do curso de Licenciatura em Educação Física dessa IES. Os acadêmicos da disciplina foram responsáveis pela divulgação e realização do festival, bem como pela gestão da inscrição dos grupos interessados.

Tanto na edição realizada no dia 02 de dezembro de 2010, quanto na **segunda**, que ocorreu em 03 de junho de 2011, registrou-se a presença de grupos de ginástica e dança de outras IES do Estado de Goiás, entretanto, ainda

predominavam os grupos acadêmicos das disciplinas de Ginástica e Dança. Nessas duas primeiras edições, houve a participação externa de alguns grupos e, a partir de diálogos entre docentes das diferentes IES da cidade (UEG, Universidade Federal de Goiás – UFG, Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUCGO), decidiu-se unir os trabalhos realizados, uma vez que havia inúmeras pontes que os ligavam.

**Figura 1** – Cartazes de divulgação do I e II Festival de Ginástica Geral



Fonte: Acervo Grupo Cignus

Os cartazes de divulgação das duas primeiras edições, fazem referência ao nome da modalidade que vigorou até 2006: ginástica geral. Segundo o site institucional da Federação Internacional de Ginástica (FIG, 2019), foi a partir de janeiro de 2007 que adotou-se internacionalmente a denominação Ginástica para Todos (GPT) para definir o que antes era conhecido como Ginástica Geral; dado este corroborado por Santos (2009) e Toledo e Schiavon (2008). Entretanto, a gestora do evento (docente da ESEFFEGO) optou pela utilização do termo ginástica geral nos dois primeiros eventos, para que o mesmo estivesse coerente e alinhado com o Projeto Curricular do Curso (PPC) de Licenciatura em Educação Física da

ESEFFEGO (ESEFFEGO, 2005), assim como, com a denominação “ginástica geral” na ementa da disciplina *Fundamentos Pedagógicos da Ginástica I*. Além disso, o termo acompanhava o movimento realizado pelo Fórum realizado em Campinas (SP), que inicialmente trazia a denominação “Ginástica Geral” nas edições de 2001, 2003, 2005, 2007, 2010, 2012 e 2014 e apenas em 2016 passou a utilizar o termo “Ginástica para Todos”, passando a ser denominado “Fórum Internacional de Ginástica Para Todos” (FIGPT, 2019).

O festival, por sua vez, foi registrado como Projeto de extensão vinculado a UEG a partir das edições realizadas em 2011, sendo submetido à plataforma *Pegasus* da UEG. O título do projeto



foi o mesmo, desde 2011, como “Festival de Ginástica Geral” (UEG, 2011). Segundo esse documento, nesse mesmo ano haveriam duas edições: o II Festival em junho e o III Festival em outubro.

O documento registra ainda que haveria uma diferenciação nas programações das edições de junho e de outubro (UEG, 2011), na edição de junho seria realizado apenas o festival com as apresentações dos grupos ginásticos; na segunda edição do ano, no mês de outubro, para além do festival, ocorreria a realização de oficinas, comunicação oral de trabalhos científicos e a palestra de uma professora convidada que tecesse diálogos com a GPT.

E ao longo destas edições houve um amadurecimento gradativo, que culminaria numa grande transformação.

## **PONTES EM ORNAMENTAÇÃO: DE FESTIVAL A CONGRESSO**

A submissão do projeto em 2011, como um evento institucional, marca uma mudança sistemática na gestão e organização do mesmo. O que a priori foi realizado dentro de uma disciplina, tornou-se um evento institucional com parcerias entre diferentes IES e com o apoio da secretaria do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte do Estado de Goiás (CBCE-GO).

A **terceira edição** teve como instituição realizadora o CBCE-Goiás, e a organização colaborativa entre a UEG, Universidade Federal de Goiás (UFG), PUC Goiás, Estácio Goiás e por grupos ginásticos específicos como: Cignus,

Corpoencena, Circus, Eetaow e Porquê conforme registro divulgado no cartaz de 2013). Além disso, nessa edição, os documentos evidenciam que houve uma programação que foi além das apresentações nos festivais, havendo também a proposta de oficinas, comunicação oral de trabalhos científicos e relatos de experiências. Ou seja, o evento passava por uma transição, embora ainda adotasse o nome “Festival”.

Outra importante transformação foi a adoção de uma temática central, que, embora não apareça como subtítulo do evento, foi presente e conduzida por todo evento, à começar pela palestra de abertura, refletindo o debate do momento sobre a questão do termo Ginástica Geral x Ginástica para Todos, a partir do tema “Ginástica para todos/Ginástica Geral e Dança: trânsitos e tangências”. A professora convidada para a referida palestra foi a professora *Dra. Vilma Lení Nista-Piccolo*, co-fundadora do Grupo Ginástico Unicamp e docente aposentada da FEF/UNICAMP, na área da Ginástica.

A submissão do projeto com uma perspectiva que buscasse outras formas de partilhas de saber, como os cursos, as palestras, os momentos científicos, para além dos festivais, é demonstrada por meio da preocupação exposta no documento submetido à PrE-UEG, que apresenta a necessidade de debates e uma melhor compreensão sobre “o que seria essa Ginástica para Todos” (UEG, 2011, p. 7), mas, não apresenta uma organização efetiva para os trabalhos científicos, o eixo central do projeto está pautado nas oficinas e no festival (UEG, 2011).



Figura 2 – Cartaz de divulgação do III Festival de Ginástica para Todos e Dança no Centro-Oeste



Fonte: Acervo Grupo Cignus

Segundo o relatório final do projeto (UEG, 2011), o evento contou com 358 inscritos, em sua grande maioria acadêmicos dos cursos de Educação Física das IES da região metropolitana de Goiânia. Não há registros sobre quantos trabalhos foram apresentados e estes também não foram publicados, uma vez que não houve a produção de Anais. Este relatório ainda apresentou que as edições posteriores teriam a gestão central em alguma das IES envolvidas, sendo eleita a UFG – Campus Samambaia, como próxima sede; a ideia apresentada inicialmente era que o evento se tornasse itinerante, e a coordenação central fosse sempre assumida por todas as IES envolvidas (UEG, 2011).

Com a finalidade de manter o projeto em sua essência, foi acordado na avaliação do evento e registrado no relatório oficial do mesmo (UEG, 2011) que este permaneceria na Secretaria do CBCE-Goiás, ainda que a gestão e realização fosse de alguma IES específica, o projeto não poderia sofrer alterações significativas, nem perder o cunho de debate, pesquisa e formação crítica.

Conforme o estabelecido no relatório anterior (UEG, 2011), o evento de 2012 teve sua sede na Faculdade de Educação Física e Dança

da UFG. O projeto de extensão foi registrado na UEG e na UFG, sendo que, na UEG o mesmo foi registrado sob o número 2012PRE0100001, e com o título “IV Festival de Ginástica Geral/Para todos”, o que já traz indícios do posicionamento dos professores/ pesquisadores envolvidos na organização do evento, no que diz respeito à mudança do termo Ginástica Geral para Ginástica para Todos.

Posicionamento este, confirmado com a divulgação do mesmo, no qual transparece a disposição do coletivo envolvido na gestão do evento: a opção em utilizar o termo GPT e não GG a partir dessa edição, assim como a inclusão da Dança

[...] a partir das reuniões realizadas entre os professores da UFG e da UEG, foi decidido a utilização apenas do termo GPT, excluindo GG de todas as divulgações e documentos à partir desse momento e, a inclusão de Dança, em virtude do curso de Dança da FEFD-UFG, uma vez que o mesmo sediará esse ano. (UEG, 2011, p. 13).

Assim, a **quarta edição** contou com uma mesa temática de abertura, que passou a ser composta por dois professores pesquisadores: um





da área da GPT e outro da Dança, sendo que nesse ano, as professoras convidadas, respectivamente a estas áreas, foram: a professora *Dra. Eliana de Toledo* (docente da FCA-UNICAMP) e a professora *Dra. Valéria*

*Figueiredo* (docente da FEFD UFG). Esta edição manteve a estrutura do evento anterior, mantendo as oficinas temáticas, as apresentações culturais (festivais), apresentação de trabalhos científicos e relatos de experiências.

**Figura 3** – Cartaz de divulgação do IV Festival de Ginástica para Todos e Dança no Centro-Oeste



Fonte: Acervo Grupo Cignus

No relatório final da quarta edição (UEG, 2012), identificamos que houveram 306 inscritos, sendo novamente, predominantemente composto por acadêmicos de graduação das IES envolvidas. Além disso, não há registro de quantos trabalhos científicos foram aprovados ou quanto a publicação de anais. É interessante observar que, tal qual na edição anterior (UEG, 2011), o eixo central encontra-se nas oficinas e festivais.

Entretanto, no processo de avaliação desta edição, foi pontuado e registrado em relatório, o parecer da professora convidada (Eliana de Toledo), que também atuava no comitê gestor do FIGPT, acerca da dimensão do evento e que ele não se reduzia mais a apenas um *Festival*, sugerindo que o mesmo assumisse a denominação de Congresso (UEG, 2012). Ainda no relatório, foi apresentado pelo comitê da Secretaria do CBCE que no ano seguinte, seria a realização do Congresso Goiano de Ciências do Esporte (CONGOCE), e que o mesmo seria realizado em Catalão e, portanto, seria viável que os dois eventos ocorressem no mesmo período, diminuindo custos e congregando os grupos para

as frentes promovidas pela gestão da secretaria daquele período.

Essa última sugestão foi acatada, e, em 2012, a **quinta edição** foi realizada na Cidade de Catalão – Goiás, junto à VIII edição do CONGOCE, promovido pela Secretaria do CBCE-Goiás em parceria com a Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Foram convidadas para essa edição as professoras *Dra. Livia Tenório Brasileiro* (docente da Escola Superior de Educação Física – ESEF da Universidade de Pernambuco – UPE – área da Dança) e a professora *Dra. Michele Viviane Carbinatto* (docente da USP - área da GPT, sendo que esta segunda também representava o comitê de GPT da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG). Nesse ano, o evento não foi registrado junto à PrE-UEG. Para além do cartaz de divulgação, o único registro encontrado sobre essa edição encontra-se na página do Sistema Online de apoio a congressos (SOAC) do CBCE (<http://congressos.cbce.org.br/index.php/7congoc e/5festival>) e na página do grupo Cignus (<http://www.grupocignus.com>), mas, não foram encontrados anais, nem a programação completa.



**Figura 4** – Cartazes de divulgação do VI Festival de Ginástica para Todos e Dança no Centro-Oeste realizado junto a VIII Edição do Congresso Goiano de Ciências do Esporte (CONGOCE)



**Fonte:** Acervo Grupo Cignus

A **sexta edição** desse evento ocorreu em 2015 (UEG, 2015). Segundo o documento oficial protocolado junto a PrE UEG, “Em 2013 decidiu-se por mantê-lo bienal. Sendo que, a coordenação do mesmo voltaria para a Universidade Estadual de Goiás” (UEG, 2015, p. 5), e a justificativa para que o evento se tornasse bienal (em anos ímpares), foi pautada na ocorrência do FIGPT também ser bienal (em anos pares) em Campinas-SP e que, organizar os grupos financeiramente para duas viagens era dispendioso e que limitaria a participação ou a um evento ou a outro, sendo, assim, definido que os Congressos de GPT no Centro-Oeste seriam realizados em anos ímpares a partir daquela data (UEG, 2015).

O registro oficial da **sexta edição** junto à UEG ocorreu como *VI Festival de Ginástica para Todos e Dança no Centro-Oeste*, divergente da informação constante no cartaz de divulgação onde já consta *Congresso*. O que reflete o debate realizado anteriormente (UEG, 2011) quanto ao caráter do evento não estar restrito apenas à realização de festivais. Nessa edição, estiveram

presentes os professores Dr. *Jorge Sérgio Perez Gallardo* (docente aposentado da UNICAMP - Dança e GPT), novamente a professora Dra. *Michele Viviane Carbinatto* (docente da Universidade de São Paulo - USP – e diretora do Comitê Técnico Científico de GPT da CBG) e a professora Dra. *Andresa Ugaya* (docente da Universidade Estadual Paulista - UNESP - Dança e GPT) tecendo diálogos sobre dança popular, GPT, corpo, arte e expressão.

O documento refere-se a parceria entre as IES “abarcando outras IES, como UFG, PUC, Estácio, UFG Catalão, para a organização do evento em âmbito regional - convidando todos os interessados da região, Centro-Oeste, partindo do referencial proposto por nosso Campus” (UEG, 2015, p.6), avigorando o caráter interinstitucional e, reforçando ainda que o projeto central encontra-se na secretaria do CBCE-Goiás (UEG, 2015). Além disso, a mudança do termo de *Festival* para *Congresso*, também é marcada pela publicação, pela primeira vez, dos anais com os trabalhos científicos. Inicialmente, o mesmo foi publicado no site do CBCE no link



<http://congressos.cbce.org.br/index.php/6gptdan/6gtpdan> e reorganizado em 2019, sendo publicado junto as edições seguintes no site <https://www.anais.ueg.br/index.php/GPT>.

Nos Anais da sexta edição do Congresso de GPT e Dança (OLIVEIRA et al., 2015), encontramos a programação completa, trabalhos científicos em formato de resumo, sendo 11 relacionados à Ginástica e 11 à Dança. Outro dado interessante que os Anais fornecem refere-se à localização geográfica de seus autores, confirmando a presença de diferentes IES da região e o comparecimento de um grupo de pesquisadores de Petrolina – Pernambuco.

A **sétima edição** ocorreu em 2017, sendo promovido pelo CBCE-Goiás e organizado pelas Universidades: UEG, UFG e Estácio. Contando com apoio da PUC-Goiás, IFG, Grupo Cignus, Secretaria de Educação do Estado de Goiás e, pela primeira vez, da Federação Goiana de Ginástica – o que é apresentado no relatório final (UEG, 2017, p.3) que essa aproximação são “esforços para a promoção da Ginástica em Goiás e região Centro-Oeste em diferentes níveis: acadêmicos e também, federativo”.

Os Anais dessa edição (FERREIRA et al., 2017) foram publicados no site <https://www.anais.ueg.br/index.php/GPT>. É importante ressaltar que, de acordo com as normas do Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia (IBICT, 2019), que regula a expedição de ISSN (*International Standard Serial Number*) “o ISSN somente poderá ser solicitado a partir do segundo número publicado”, o que ocorreria a partir dessa edição, uma vez que seria a segunda vez que os Anais seriam publicados.

Nesse documento vislumbramos: a diversidade da comissão organizadora, composta por profissionais vinculados às diferentes IES do Estado de Goiás; a publicação de trabalhos científicos: sendo três completos, 55 resumos expandidos; a programação completa que contou com a presença de docentes e pesquisadores de diferentes Estados e regiões brasileiras (Ceará, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro). Ao mapearmos os trabalhos, também encontramos participantes das regiões mencionadas. Ao término desse evento, foi

realizada uma avaliação pelos presentes e, sugerido que o evento não mencionasse mais apenas a região Centro-Oeste, mas, que acolhesse as outras regiões brasileiras, tornando-se nacional. Assim, os pesquisadores presentes naquela reunião, se dispuseram a compor a comissão da oitava edição (UEG, 2017).

A **oitava edição** foi submetida à plataforma Pegasus como projeto de extensão da UEG e da UFG. Realizado na cidade de Caldas Novas, em parceria com o SESC-Goiás, com a temática “*Ecos da história: territorialização da GPT no Brasil*”, expressa a transformação do evento ao longo das oito edições – de evento local à evento nacional, agregando professores, pesquisadores, grupos ginásticos, grupos de pesquisa na difusão da GPT pelo Brasil. Essa edição é marcada por questões importantes:

1) a comissão organizadora é composta por integrantes de cinco diferentes Estados brasileiros – Goiás, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Ceará;

2) foram publicados 91 trabalhos aprovados, mais os trabalhos apresentados na XV World Gymnaestrada (WG), em Dornbirn em 2019 (numa parceria com a CBG).

Assim, os Anais encontram-se divididos em cinco seções, sendo 59 trabalhos de GPT, 18 trabalhos de dança, 6 trabalhos de Ginástica Competitiva, 8 trabalhos de Ginástica e Escola e 21 trabalhos da WG 2019.

3) O registro da representatividade de todas as regiões brasileiras e os respectivos Estados com inscrições registradas: “*Norte*: Amazonas, Tocantins, Pará e Tocantins; *Nordeste*: Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Bahia; *Centro-Oeste*: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás; *Sudeste*: Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo; *Sul*: Rio Grande do Sul e Paraná”, sendo os inscritos predominantemente pós-graduandos e professores (OLIVEIRA, 2019, p. 10);

4) a presença do GymBrasil, evento oficial da CBG de GPT, numa articulação mediada pela Federação Goiana de Ginástica (FGG).

5) a parceria com a Revista Corpoconsciência – para a indicação dos melhores trabalhos em resumo, para serem submetidos como artigos. Fortalecendo a



produção do conhecimento científico em GPT, o evento, a Revista e a região (já que ambas as sedes fazem parte da Região Centro-Oeste);

6) Ampliação dos apoiadores e parceiros, com diferentes perfis e de diferentes regiões do

país, com destaque para o estado de Goiás e São Paulo.

Conforme podemos apreciar na tabela abaixo, as publicações nos Anais 2015, 2017 e 2019 apresentarem a seguinte composição:

**Tabela 1** – Levantamento da composição de trabalhos e cursos das últimas três edições do CONGPT

	Trabalhos completos	Resumos Ginástica	Resumos Dança	Cursos
Anais 2015	-	11	11	NI
Anais 2017	3	41	16	14
Anais 2019	-	94	18	11

NI = Não informado

Fonte: construção dos autores

A partir dos dados apresentados, nota-se que o evento foi construído ao longo de oito edições no intervalo de 2010-2019 e constituído *por pontes* que conectam saberes, temáticas, pesquisadores, participantes. Entre os anos de 2010 e 2013 a periodicidade do evento não ocorreu de forma regular e a partir de 2013, o mesmo ocorreu de forma bienal com edições em 2013, 2015, 2017 e 2019. Embora a partir da terceira edição o evento tenha assumido o mesmo formato, foi mantida sua numeração a cada edição, oscilando a nomenclatura até chegar

à definição de *Congresso de Ginástica para Todos - CONGPT*. Quanto aos anais, é possível encontrar apenas os das edições de 2015, 2017 e 2019. E, ainda, com relação ao registro do perfil dos participantes nas edições do evento, identificamos que da primeira a sexta edição prevaleceram acadêmicos (graduandos), sendo que a oitava possuiu um diferencial, prevalecendo pós-graduandos e docentes (de escolas e universidades) de diferentes regiões do país.

**Figura 5** – Cartazes de Divulgação do VI Congresso de Ginástica Para Todos e Dança no Centro-Oeste, VII Congresso de Ginástica Para Todos e VIII Congresso de Ginástica Para Todos e GymBrasil (edição nacional)



Fonte: Acervo Grupo Cignus



## **SOBRE A PONTE... PARA ALÉM DE UM LUGAR DE PASSAGEM, UM LUGAR DE ENCONTROS**

O Congresso de GPT realizado na região Centro-Oeste do país tem se consolidado como um importante espaço de formação pedagógica e profissional, de divulgação, de partilhas, de apresentação da Ginástica e das possibilidades de praticá-la. Cada vez mais consolida-se como um lugar de difusão da GPT e de encontro de diferentes pessoas e grupos, que veem neste lugar uma possibilidade de conhecimento, de experiência e de convivência, agregando grupos de diferentes regiões do Brasil.

O ponto de partida do CONGPT foi o festival de disciplinas da IES da ESEFFEGO, e depois com as IES parceiras do município de Goiânia. As pontes construídas possibilitaram encontros que impulsionaram o crescimento do evento, no que diz respeito a produção científica e também produção corporal. Assim, o evento assumiu proporções regionais e a partir de 2019 nacional, em um movimento contínuo do local ao global.

Outrora também é importante ressaltar que, a proposição desse evento parte de docentes vinculados à IES, inicialmente com foco no produto final das disciplinas (coreografias elaboradas pelos acadêmicos) e, posteriormente, com a conexão entre os docentes, amplia-se e agrega à necessidade de capacitação nas referidas áreas o que adita aos festivais a proposição de oficinas, o que remete ao fluxo: 1) proposição de festivais por docentes em suas IES de forma isolada; 2) proposição de festivais que congreguem as diferentes IES e os trabalhos realizados por disciplinas ou grupos de ginástica e dança; 3) necessidade de aprofundamento teórico-prático acerca dos conceitos de GPT e de práticas corporais da dança, como forma de aprofundamento/formação continuada; 4) inclusão de momentos coletivos científicos, ou seja, a proposição dos festivais em ambiente universitário culminou em um ciclo de formação: os festivais enquanto espaços de construção de saberes, mas também como estímulo à busca por novos conhecimentos, novas práticas, novas pesquisas, etc.

Esse movimento nos remete aos apontamentos feitos por Toledo (2005, p. 197-198) sobre o espaço universitário como um importante lugar para o desenvolvimento da ginástica no Brasil, em especial, da denominada ginástica geral:

O espaço universitário se mostra, neste cenário de divulgação e aplicação da Ginástica Geral, como um espaço privilegiado para desenvolvê-la em diferentes aspectos, justamente por possuir características muito próprias:

- possibilitar a capacitação de futuros professores e técnicos, na área de Educação Física por exemplo, dentro do espaço curricular, quando considerada como uma disciplina ou como um conteúdo de disciplinas gímnicas;
- incentivar o desenvolvimento de pesquisas na área, na graduação e/ou na pós-graduação, e também através da formação de grupos de estudos ou grupos de pesquisa;
- disponibilizar uma estrutura física e organizacional que possibilita a formação de grupos de Ginástica Geral, com o objetivo de apresentação (espaço extra-curricular);
- viabilizar a parceria ou convênio com outras instituições, de ensino ou não, para o desenvolvimento de projetos e eventos nesta área;
- promover cursos, palestras e “workshops”, abertos ao público em geral ou especificamente para os alunos da instituição, nesta área;
- promover Simpósios, Congressos e Fóruns, que possam abordar esta temática.

Destacamos que, esse crescimento por meio dos espaços institucionais, com apoio de uma secretaria regional do CBCE atuante e de grupos consolidados de GPT e/ou dança, permitiu um trânsito de saberes com pouco recurso financeiro. Destaque que, em geral, as edições foram realizadas em espaços públicos ou em parceria (sem custos de locação de espaço). Além disso, ressaltamos que, em nenhum dos documentos oficiais (UEG, 2011, 2012, 2015, 2017) encontramos valores de “prolabores” para os professores convidados, apenas o custeio de passagens e hospedagem.



Além da questão dos custos financeiros, o princípio do evento apresentado nas submissões a PrE-UEG, apontam para a democratização e acesso da GPT e da dança pela comunidade. Isso também foi apontado no relatório final de 2017 (UEG, 2017), com a solicitação do grupo presente na avaliação que fosse mantido esse caráter. Ainda que o mesmo não tenha fins lucrativos, apresenta a preocupação da manutenção do mesmo, uma vez que não possui nenhum tipo de financiamento privado ou governamental.

Há muitas questões que norteiam a proposição e a consolidação do evento. Ressaltamos, porém, pontos para reflexão:

- *O ponto de partida para a sua existência* – ocorreu a partir dos festivais. Ainda que fosse um evento proposto por docentes universitários, seu início não se deu pelo científico, que se consolidou apenas em edições posteriores; tendo, portanto, os festivais como espaços pedagógicos e de formação profissional. É importante ressaltar que para a realização dos festivais há várias frentes: 1) daqueles que estão preparando suas coreografias – processo de produção, apresentação e trocas realizadas nos bastidores; 2) da organização/gestão do evento – desde a preparação do espaço, aparelhagem de som, inscrições, recebimento das músicas, organização das sequências, etc. 3) Perspectivas dos expectadores; 4) diálogos entre os participantes nos bastidores; contribuem para a difusão e propagação da GPT. Em alguns casos ainda, os próprios participantes do festival são também pesquisadores e/ou congressistas do evento, possibilitando uma experiência muito plural e distinta sobre a ginástica para todos. E, ainda, trazemos à luz as temáticas apresentadas por diferentes grupos nos festivais: condições sociais, desastres ambientais, política, inclusão, entre outros, que propiciam aos expectadores reflexões que ultrapassam os movimentos gímnicos e instiga novos olhares, novas leituras sobre determinadas condições da vida, da sociedade.

- *O financiamento dos participantes* – no Brasil temos vários grupos de GPT vinculados a IES, como: Grupo Ginástico Unicamp e Grupo Ginástico Lapegi Unicamp (respectivamente da

Faculdade de Educação Física e da Faculdade de Ciências Aplicadas – UNICAMP), Cignus (UEG), Gymnarteiros (Universidade Federal Ceará – UFC), Empeíria e Gymnusp (respectivamente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades e da Escola de Educação Física e Esporte – USP), Cia Gímnica (UEM), Grupo de Diamantina (UFVJM), entre outros. As fontes de financiamento para tais grupos, em geral, estão ligadas a ações do próprio grupo (como rifas, sorvetadas, feijoadas, etc), ou com a possibilidade de envio de trabalho de pesquisa para financiamento do participante, uma vez que as Universidades e fontes de fomento possuem critérios que, em geral, não contemplam a composição coreográfica. Por não se tratar de modalidade competitiva, ainda há pouco investimento do setor privado, o que dificulta a participação dos grupos (tanto universitários como os vinculados a clubes, escolas, etc).

- *O financiamento do próprio evento*: no caso do CONGPT, o recurso financeiro, segundo o relatório de 2017 (UEG, 2017), não há investimento privado. A organização financeira do evento inicia a partir da secretaria do CBCE e o valor das inscrições, deve cobrir o custo com a passagem e hospedagem dos professores convidados. Por manter a política de baixo custo nas inscrições para favorecer acadêmicos da graduação, em geral, o evento cobre apenas o custo das passagens, o que estimula e determina a criação de parcerias para a realização do mesmo. E, ainda, apontamos o compromisso dos professores convidados nas diferentes edições que, sabendo que o evento não possui fins lucrativos e nem algum tipo de financiamento, participaram e, muitas vezes, contribuíram também com materiais. Destaque ainda, para todos os professores envolvidos nas comissões organizadoras das diferentes edições que também assumem postura semelhante, em prol da difusão da GPT no Brasil.

- *A institucionalização e os relatórios*: a data de realização da edição seguinte é decidida pelo coletivo presente no momento da avaliação final do evento, o que geralmente antecipa dois anos para a preparação do mesmo. A comissão organizadora inicia suas atividades no início do ano da realização e o mesmo é cadastrado em



IES, assim como também os relatórios. Ou seja, as atividades relacionadas ao congresso permeiam o ano em que ocorre, finalizando com a produção dos relatórios finais.

- *As parcerias entre docentes e IES* – o evento foi tomando forma em virtude das parcerias realizadas inicialmente entre os docentes das disciplinas de ginástica das IES que possuíam cursos de Educação Física na região metropolitana de Goiânia; posteriormente com a inclusão da dança em virtude do curso de Dança oferecido pela FEFD/UFG e, na última edição realizada em 2019, com a parceria com IES de outros Estado e grupos de pesquisa em nível nacional.

- *A manutenção da parceria* – com a secretaria regional do CBCE Goiás, que se manteve presente em todas as edições, exercendo o importante papel da difusão do conhecimento científico; promovendo a expansão do debate; oportunizando aos sócios a participação das discussões sobre a temática.

- *Os diálogos com outras regiões* – a presença de convidados para palestras, cursos,

que possuíam uma experiência e produção marcante para a área.

- *Entre a tradição e o novo* – a inspiração num evento internacional consolidado como o FIGPT, que completará 19 anos e sua décima edição em 2020, mantendo sua tradição nesta área mas sempre trazendo novos atrativos (em seus conteúdos e formatação), respeitando as diferenças regionais e locais.

Assim, salientamos o importante papel deste artigo, de abordagem histórica, para a descrição de caminhos e estratégias de um Festival que se tornou Congresso. Ações estas que foram selecionadas e executadas ao longo do tempo, em prol da democratização e desenvolvimento de uma nova prática da cultura gímnica, possibilitando o estabelecimento de relações com outras novas práticas esportivas. Artigo este que, se constitui, também, como um banco de ideias para outros protagonistas e uma possível inspiração para novas atividades e estudos científicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho e colaboradores (Orgs.). In: Fórum Internacional de Ginástica Geral, VI, 2012. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/SESC, 2012.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho e colaboradores (Orgs.). In: Fórum Internacional de Ginástica Geral, VII, 2014. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/SESC, 2014.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth (Orgs.). **Ginástica para todos: um encontro com a coletividade.** Campinas, SP: Unicamp, 2017.

CIGNUS. **Grupo Cignus.** Disponível em: <<http://www.grupocignus.com/sobre>>. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

ESEFFEGO. **Projeto pedagógico do curso de licenciatura em educação física.** Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, GO, 2005.

FERREIRA, Alexandre (Orgs.). Congresso de Ginástica para Todos. In: Congresso de Ginástica para Todos: reflexões teórico-práticos a partir das bases, VII, 2017. **Anais...** Goiânia, GO: ESEFFEGO, 2017.

FIG. **Federation Internationale de Gymnastique.** Discipline: Gymnastics for all. Disponível em: <<https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/hist-gfa.php>>. Acess em 23 de outubro de 2019.



FIGPT. **Fórum Internacional de Ginástica Para Todos**. Disponível em: <<http://www.forumgpt.com>>. Acesso em 15 de abril de 2019.

GIL, Gilberto. **Discurso no lançamento do Ano Ibero-Americano da Leitura**. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/discursos>>. Acesso em 15 de abril de 2019.

IBICT. Centro Brasileiro do ISSN. **Publicação eletrônica-Online**. Disponível em: <<http://cbissn.ibict.br/index.php/solicitar-issn/publicacao-eletronica/online>>. Acesso em 03 de outubro de 2019.

MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto S. N. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 2010.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Michelle Ferreira de (Org.). Congresso de Ginástica para Todos. In: Congresso de Ginástica para Todos. Ecos da história: territorialização da GPT no Brasil, VIII, 2019. **Anais...** Caldas Novas, GO: ESEFFEGO, 2019.

OLIVEIRA, Michelle Ferreira de e colaboradores (Orgs.). Congresso de Ginástica para Todos. In: Congresso de Ginástica para Todos: corpo, expressão, movimento e arte, VI, 2015. **Anais...** Goiânia, GO: ESEFFEGO, 2015.

OLIVEIRA, Michelle Ferreira de e colaboradores. Entre a técnica e ação pedagógica: elementos para reflexão acerca da construção de uma proposta de GPT a partir da experiência de um grupo universitário em Goiás. **Conexões**, v. 15, n. 4, p. 465-485, out./dez. 2017.

OLIVEIRA, Michelle Ferreira de; MASTRODI, Fabiano Bragantini; TOLEDO, Eliana de. Ginasticando pelo Brasil: os festivais de ginástica para todos. In: II Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte. **Corpoconsciência**, v. 22, n. 1, Supl. 2, jan./abr., p. 38, 2018.

PAOLIELLO, Elizabeth e colaboradores (Orgs.). Fórum Internacional de Ginástica Geral, V, 2010. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/ SESC, 2010.

PATRICIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Festivais Ginásticos: princípios formativos na visão de especialistas. **Conexões**, v. 13, n. especial, p. 98-114, mai., 2015.

PATRICIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CARBINATTO, Michele Viviene. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 30, n. 1, p. 199-216, jan./ mar., 2016.

SANTOS, José Carlos Eustáquio dos. **Ginástica para todos: elaboração de coreografias e organização de festivais**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009.

SCHIAVON, Laurita Marconi e colaboradores (Orgs.). In: Fórum Internacional de Ginástica para Todos, VIII, 2016. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/ SESC, 2016.





TOLEDO, Eliana de. O papel da universidade no desenvolvimento da ginástica geral no Brasil. In: AYOUB, Eliana; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado (Orgs.). **Anais [do] III Fórum Internacional de Ginástica Geral**. Campinas, SP: SESC/ Unicamp, 2005.

TOLEDO, Eliana de e colaboradores (Orgs.). **Fórum Internacional de Ginástica para Todos, IX, 2018. Anais...** Campinas, SP: Unicamp/ Várzea Paulista, SP: Fontoura, São Paulo, SP: SESC, 2018.

TOLEDO, Eliana de; SCHIAVON, Laurita Marconi. **Ginástica Geral: diversidade e identidade**. In: PAOLIELLO, Elizabeth (Org.). **Ginástica geral: experiências e reflexões**. São Paulo: Phorte, 2008.

UEG. **III Festival de Ginástica Geral**. Protocolo Geral: 2010PRE0100001. Ano base/Exercício 2011. Unidade Universitária de Goiânia, ESEFFEGO, 2011.

UEG. **IV Festival de Ginástica Geral/Para Todos**. Protocolo Geral: 2012PRE0100001. Ano base/Exercício 2012. Unidade Universitária de Goiânia, ESEFFEGO, 2012.

UEG. **V Congresso de Ginástica Para Todos e Dança no Centro-Oeste**. Protocolo Geral: 2013PRE0100001. Ano base/Exercício 2013. Unidade Universitária de Goiânia, ESEFFEGO, 2013.

UEG. **VI Congresso de Ginástica Para Todos e Dança no Centro-Oeste**. Protocolo Geral: 2015PRE0100001. Ano base/Exercício 2015. Unidade Universitária de Goiânia, ESEFFEGO, 2015.

UEG. **VII Congresso de Ginástica Para Todos e Dança no Centro-Oeste**. Protocolo Geral: 2017PRE0100001. Ano base/Exercício 2017. Unidade Universitária de Goiânia, ESEFFEGO, 2017.

UEG. **VIII Congresso de Ginástica Para Todos**. Em processo de cadastramento – incompleto. Aguardando ata do Conselho Acadêmico Universitário. 2019.

Dados da autora:

Email: michelle.oliveira@ueg.br

Endereço: Rua Urias de Oliveira Filho, Qd. 49, Lt. 16, Jardim Europa, Goiânia, GO, CEP 74325-040, Brasil

Recebido em: 01/11/2019

Aprovado em: 09/12/2019

Como citar este artigo:

OLIVEIRA, Michelle Ferreira de; TOLEDO, Eliana de. Construindo pontes: o caso do Congresso de Ginástica para Todos no Centro-Oeste. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 02, p. 26-36, mai./ ago., 2019.



# O DESAFIO DE ENSINAR ESPORTES: ASPECTOS PEDAGÓGICOS A SEREM CONSIDERADOS NA PRÁXIS

## THE CHALLENGE OF TEACHING SPORTS: PEDAGOGICAL ASPECTS CONCERNING PRAXIS

## EL DESAFÍO DE LA ENSEÑANZA DEPORTIVA: ASPECTOS PEDAGÓGICOS A TENER EN CUENTA EN LA PRAXIS

Layla Maria Campos Aburachid

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil  
Email: laylabur@hotmail.com

Paula Soares Francisco

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil  
Email: paulasoaresf@hotmail.com

Schelyne Ribas da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil  
Email: schelys@hotmail.com

Talita Ferreira

Centro Universitário de Várzea Grande, Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil  
Email: tali-gabi@hotmail.com

Pablo Juan Greco

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
Email: pablojgreco@gmail.com

### RESUMO

O ensino dos esportes é um tema amplo e dinâmico, uma vez que está em constante discussão acadêmica, assim como qualquer área de estudo. Sob o ponto de vista do desenvolvimento da técnica e da tática, as várias possibilidades de aplicação desses conteúdos fazem emergir aspectos pedagógicos que, até o momento, eram abordados em discussões isoladas. O presente estudo teve como objetivo discorrer sobre tais aspectos contidos no processo de ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes sociomotrizes, que são caracterizados pela colaboração-oposição de seus praticantes. Ainda, procurou-se tecer relações entre o domínio do treino (geral e específico), os estilos de ensino (dos reprodutivos aos produtivos), a motivação para a prática e as formas de aprendizagem (implícita e explícita). O ensaio pretende contribuir com uma reflexão teórica acerca dos aspectos pedagógicos e suas interrelações, para a diversidade da prática no ensino dos esportes.

**Palavras-chave:** Ensino; Aprendizagem; Esportes.

### ABSTRACT

The teaching of sports is a broad and dynamic subject, as it is in constant academic discussion as is any area of study. From the point of view of the development of technique and tactics, the various possibilities of application of these contents give rise to pedagogical aspects that until now, were addressed in isolated discussions. The study aimed to discuss about such aspects contained in the teaching-learning-training process of sociomotor sports, characterized by collaboration-opposition of its participants. Still, we sought to



weave relationships between the dimensions of training domain (general and specific), teaching styles (reproductive and productive), motivation to practice and the learning forms (implicit and explicit). This study intends to contribute with a theoretical reflection about the pedagogical issues and their interrelations, for the diversity of the practice in the teaching of sports.

**Keywords:** Teaching; Learning; Sports.

## RESUMEN

La enseñanza del deporte es un tema amplio y dinámico, ya que se encuentra en constante discusión académica, como lo es cualquier área de estudio. Desde el punto de vista del desarrollo de la técnica y las tácticas y a partir de las diversas posibilidades de aplicación de estos contenidos surgen aspectos pedagógicos que, hasta ahora, se abordaron en discusiones aisladas. El presente estudio tuvo como objetivo discutir sobre los aspectos contenidos en el proceso de enseñanza-aprendizaje-entrenamiento de los deportes sociomotores, que se caracterizan por la colaboración-oposición de sus practicantes. Aún así, buscamos tejer relaciones entre el dominio del entrenamiento (general y específico), los estilos de enseñanza (reproductivo a productivo), la motivación para practicar y las formas de aprendizaje (implícito y explícito). El ensayo pretende contribuir con una reflexión teórica sobre los aspectos pedagógicos y sus interrelaciones a la diversidad de la práctica en la enseñanza del deporte.

**Palabras clave:** Enseñanza, Aprendizaje, Deportes.

## INTRODUÇÃO

Os processos de ensino-aprendizagem na área da Educação, e conseqüentemente da Educação Física, basearam-se nas aplicações práticas de teorias advindas da Psicologia Educacional e da Pedagogia. O uso da grafia (hífen) que unifica o ensino e a aprendizagem representa uma dinâmica de relacionamento entre tais termos, que se concretizam em função da dependência do treinamento, que no contexto do ensino dos esportes, apresenta uma interação construída pela tríade professor-aluno-ambiente, a partir de um processo contínuo de desenvolvimento das capacidades e habilidades no âmbito físico, tático-técnico, cognitivo, psicológico, emocional, social e cultural (GRECO; BENDA, 1998). Apesar de ainda existirem profissionais que trabalham com o ensino dos esportes voltados somente para o resultado, a discussão em busca de um processo amplo de ensino, pensado e planejado para a aprendizagem plena dos indivíduos por meio do esporte tem repercutido (BENTO, 2006), principalmente a partir da promoção dos estudos em Pedagogia do Esporte. Tal esforço tem contribuído com respostas às questões relacionadas à aplicação prática de seu ensino: Por que e para que ensinar? Quem ensina e quem

aprende? O quê e como se ensina? Onde e quando se ensina?

Os conhecimentos produzidos acerca do ensino visam sustentar academicamente o desenvolvimento de planejamentos pedagógicos aplicados ao esporte em qualquer contexto. A eleição e aplicação de uma determinada maneira de ensinar constitui em aporte pedagógico para o alcance dos objetivos do professor, o que influenciará tanto na formação geral do indivíduo quanto no desenvolvimento do seu jogo (WALLHEAD; O'SULLIVAN, 2005; GRAÇA; MESQUITA, 2013).

Ao final da década de 1980 e na década de 1990, os livros de treinamento esportivo, em sua maioria em língua russa e alemã, foram traduzidos para a língua portuguesa, tornando-se referências nos cursos de Educação Física no Brasil. Apresentavam o ensino dos esportes de maneira generalista, com base em princípios advindos dos esportes individuais como o atletismo, a natação e o ciclismo. Esses textos enfatizavam os aspectos das capacidades físicas e técnicas sem considerar o contexto específico de sua realização, pois classificavam os esportes como coletivos e individuais, não abordando demais subclassificações, como o uso do espaço de jogo e a forma de interação dos participantes. Entretanto, alguns anos antes na Europa, Mahlo



(1970) lançou o Modelo do Ato Tático, no qual considera que toda ação de jogo é necessariamente tática, com seus jogadores assumindo comportamentos conscientes e orientados a um objetivo. Teodorescu (1984), na obra Problemas da Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos, afirma que os aspectos físicos do desenvolvimento morfofisiológico e funcional dos sujeitos podem ser desenvolvidos com as influências positivas do jogo no processo de aprendizagem e prática. Bayer (1986), apresenta no Ensino dos Jogos Esportivos uma reorganização dos métodos de ensino para os jogos esportivos coletivos, fundamentados na teoria global funcional, apoiando o processo de ensino nos elementos comuns às modalidades esportivas.

Seguindo a emergência de novos conceitos, Almond (1986), Moreno (1994) e Parlebás (2001) propuseram classificações derivadas da análise das lógicas internas dos esportes, considerando a interação com outros indivíduos (esportes sociomotriz) ou ações isoladas do contexto (esportes psicomotriz). O atletismo, a natação e o ciclismo, citados anteriormente, são exemplos clássicos de esportes psicomotriz.

No caso dos esportes sociomotriz, as estruturas básicas do funcionamento do jogo referem-se a sua lógica interna, às regras de ações e às características das situações das realizações motoras como dependentes dos princípios táticos das modalidades. Logo, no marco das modalidades sociomotriz com oposição direta, como as lutas e os esportes de raquete, a lógica manteve-se similar à dos jogos esportivos coletivos (Handebol, Rugby, Futebol, dentre outros), onde o contexto da ação é caracterizado por sua imprevisibilidade, aleatoriedade e complexidade (GARGANTA, 2009). Tais modalidades apresentam então, uma maior interferência contextual quanto às exigências de tomada de decisão, solicitando do indivíduo a capacidade de adaptação em um ambiente em constante mudança para solucionar os problemas das ações esportivas em jogo (WEIGEL; RAAB; WOLLNY, 2015); ações estas que se caracterizam pela intencionalidade tática, determinada pelos seus objetivos em interação com o ambiente (NITSCH, 2009).

Dos pensamentos quanto ao ensino dos esportes, suscitaram os aspectos pedagógicos contidos nas práticas a serem aqui apresentados. Apesar de, isoladamente, cada aspecto pedagógico ser reconhecido em demais publicações da área da Educação Física (GURVITCH; METZLER, 2013; GRAÇA; MESQUITA, 2013), reforça-se aqui que não se tratam de novos conhecimentos, mas sim de reflexões de como tais aspectos se relacionam, podendo servir de suporte para a atuação prática dos professores, rumo a um processo de ensino-aprendizagem-treinamento aplicado aos esportes.

O seguinte apartado se foca no objetivo do estudo que foi discorrer e tecer relações entre os aspectos pedagógicos contidos no processo de ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes sociomotriz.

## DESENVOLVIMENTO

### Aspectos pedagógicos contidos no processo de ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes sociomotriz

Assim como praticar o jogo esportivo, ensinar esporte não é uma ciência exata. A decisão por parte do professor sobre como deve agir depende da prévia observação quanto à experiência anterior do aluno, a característica da modalidade, a evolução da complexidade do conteúdo a ser ensinado, os equipamentos/materiais, o espaço e tempo disponíveis. Quanto aos conteúdos, não há carência em obtê-los, pois na atualidade, estão disponíveis em várias plataformas e de maneira globalizada. O problema que emerge na práxis é a falta de conhecimento do professor em “como ensinar” um determinado conteúdo, e que consequências sua atuação enquanto facilitador poderá gerar no aprendiz. Este “como ensinar” envolve a planificação da evolução dos conteúdos e sua concretização por meio de diferentes aspectos pedagógicos, como:

- o domínio do treino (geral e específico);
- os estilos de ensino (dos reprodutivos aos produtivos);



- as formas de aprendizagem (implícita e explícita);

- a motivação para a prática, sendo todos aqui voltados à aplicação prática de conteúdos táticos e técnicos do esporte.

Os referidos aspectos pedagógicos emergiram a partir da tese de doutorado intitulada *Impacto de Diferentes Métodos de Ensino no Desempenho Tático-Técnico no Badminton*, de Aburachid (2015a). Ao desenvolver seu estudo, a autora observou associações entre os aspectos pedagógicos que estavam presentes em determinadas propostas de ensino. Logicamente, nenhum professor é obrigado a aplicar propostas de ensino de forma engessada, podendo fazer uso de distintas combinações e distintos aspectos pedagógicos para otimizar seu processo de ensino. Esse ensaio visa expor tais aspectos e suas interrelações, na tentativa de colaborar e facilitar o ensino dos esportes.

Escolheu-se então, a fim de apresentar uma organização textual, apresentar em forma de subitens cada um dos aspectos pedagógicos presentes no processo de ensino dos esportes.

### **Domínio do treino**

As propostas de classificação dos esportes quanto às estruturas básicas do funcionamento de jogo e de sua lógica interna apresentada por Bayer (1986), Almond (1986), Moreno (1994) e da praxiológica motriz de Parlebás (2001) ofereceram sustentação teórica ao desenvolvimento dos processos de aprendizagem, trazendo consigo o reconhecimento das similaridades entre as famílias dos esportes (de invasão, de rede/parede, de corrida/campo e de alvo) e as possibilidades a serem exploradas por meio da aplicação de processos de ensino gerais, via vivência de jogos que trabalhassem, principalmente, os conteúdos táticos. Logo, o domínio do treino divide-se em geral e específico (RAAB, 2007).

No domínio geral, o treino tático contempla diferentes situações, ampliando os conceitos semelhantes entre modalidades, proporcionando a transferência de conhecimentos entre os jogos. Este é um dos princípios do Teaching Games for

Understanding (TGfU) (BUNKER; THORPE, 1986) e de suas variantes em demais países. Nessa proposta metodológica, as características situacionais quanto ao uso do espaço, a forma de participação dos jogadores e o tipo de decisões a serem tomadas, são reconhecidas e enfatizadas para apoiar processos de transferência de experiências. Na prática, ao estimular um aluno a vivenciar e solucionar problemas táticos do Handebol, espera-se que o mesmo possa gerar transferência positiva, por meio de sua experiência anterior em outra modalidade de invasão, como no jogo de Rugby, por exemplo. Esse processo de ensino se aplica às aulas de Educação Física escolar desde o ensino fundamental até o ensino médio, pois estimula o conhecimento geral das modalidades.

Por outro lado, também se aplica ao ensino de esportes em escolinhas e clubes, permitindo também ao professor o aprofundamento em características específicas de uma só modalidade, mas para isso, orienta-se que os alunos tenham previamente desenvolvido conhecimentos gerais das famílias de esportes (GRECO et al., 2015). Ao tratar o processo de ensino dessa maneira, orientado em apenas um esporte, o professor se dirige ao aspecto pedagógico do domínio do treino específico. As situações de jogo se tornam mais estreitas, com o aluno sendo dirigido à execução de fundamentos específicos para chegar à melhor decisão. A proposta de ensino *Situation Model of Anticipated Response consequences in Tactical decisions (SMART)* de Raab (2015), utiliza o domínio do treino tático específico, com o professor verbalizando e provocando o conhecimento também verbalizado dos aprendizes, para que reconheçam o que fazer (decisão tática) e como fazer (ação motora - técnica esportiva) em situações específicas do esporte.

### **Estilos de ensino**

Entende-se estilo de ensino como a interpretação pessoal das estratégias a serem aplicadas em uma aula, compreendendo em um conjunto das ações do professor, a fim de concretizar os objetivos de aprendizagem propostos (ABURACHID, 2015b).



No modelo teórico do espectro dos estilos de ensino de Mosston (1990), apresenta-se a classificação de um conjunto de estratégias conforme um mapa relacional entre os padrões de comportamento, seus elementos e suas conexões. O processo de ensino requer uma sequência de decisões tomadas pelo professor, que se diferenciam de acordo com o estilo de ensino e as decisões tomadas pelos alunos acerca do modo de aprender. As decisões de ambas as partes não se contrapõem, mas sim se complementam, podendo o professor utilizar mais de um estilo em uma mesma aula ou em uma sequência delas (LUGUETTI; TSUKAMOTO; DANTAS, 2011). Expõe-se a seguir, os estilos mais aplicados no âmbito do ensino dos esportes na educação física.

Os estilos de ensino partem desde a orientação direta do professor com o aluno, intitulada como reprodutiva, perpassa pelas características de cooperação entre professor-aluno, expandindo-se até a orientação realizada entre os alunos, intitulada como produtiva (KRUG, 2009). Os dois estilos reprodutivos são o de "comando" e o de "tarefa". No estilo de comando o professor controla todas as decisões, desde o objetivo da aula até as atividades a serem executadas pelo aluno. No estilo reprodutivo de tarefa, apesar de direcionar as ações, o professor é menos rígido abrindo espaço a perguntas e buscando a participação dos alunos. A aprendizagem recíproca apresenta-se como um limiar entre os estilos reprodutivo e produtivo, pois apesar dos alunos avaliarem o desempenho dos colegas, é o professor quem estabelece os critérios para sua realização.

Por outro lado, os estilos produtivos incentivam os alunos a descobrir caminhos, levando-os a solucionar problemas. Os estilos aqui citados são a "descoberta guiada" e a "resolução de problemas". A descoberta guiada tem como característica o apelo ao envolvimento cognitivo do aluno, que por meio de pistas (questões) lançadas pelo professor, encontra as soluções dos seus próprios problemas. O estilo de resolução de problemas caracteriza-se por permitir ao aluno encontrar soluções diversificadas advindas do meio atuante, provocado pelo professor com esta finalidade

pré-determinada. Nesse estilo, o professor tem o papel de incentivar, orientar e facilitar o processo de ensino, para que os alunos possam individualmente, em duplas ou grupos chegar à solução de um problema de várias maneiras; ambos os estilos garantem um processo de educação problematizadora.

o ensino dos esportes utilizou-se por muitos anos o estilo de comando, com os alunos reproduzindo ações conforme a determinação do professor. As jogadas ensaiadas são um exemplo de estilo de comando, sendo treinadas para posterior reprodução em competição. Ora, como treinar jogadas ensaiadas, em um contexto situacional fechado, se não é possível saber qual será a reação dos adversários? Como se compatibiliza esta forma de pensamento e de trabalho em "esportes sociomotrízes" que se caracterizam pela aleatoriedade e imprevisibilidade das ações? Além disso, no exemplo citado, o ritmo de aula se torna lento, já que o professor está constantemente interrompendo as situações de jogo para estabelecer seus padrões decisórios. Esse tipo de treinamento mecanizado torna-se ineficaz, uma vez que não estimula o aluno a reconhecer sinais relevantes para tomar decisões frente à imprevisibilidade das situações dos jogos, além de quebrar o ritmo da aprendizagem. Infelizmente, não se pode dizer que tais práticas não mais ocorram, como afirmam Paes (2006) e Robles Rodriguez, Giménez e Abad (2011).

### **Formas de aprendizagem**

As formas de aprendizagem é um tema de estudo que procura compreender como os indivíduos aprendem um conhecimento. Portanto, a aquisição de experiências pode acontecer de duas maneiras: implícita (incidental) e/ou explícita (intencional). Com o auxílio da neurociência, entende-se que as duas formas de aprendizagem não são necessariamente antagônicas e sim complementares (REBER, 2013). Na aprendizagem implícita a aquisição de conhecimento ocorre sem intenção, sem o reconhecimento por parte do aprendiz das estruturas e relações entre os eventos ou objetos



(FRENSCH, 1998). O aprendizado se apresenta por meio de processos automatizados, mas colabora fortemente para a formação do conhecimento (MASTERS; MAXWELL, 2004).

Como exemplo, o estudo de Aburachid (2015a) ilustra a aplicação prática dessa forma de aprendizagem: propôs-se aos alunos um jogo de badminton reduzido (em meia quadra), em situação de 1x1. A conquista dos pontos se dava quando a peteca atingisse as áreas logo à frente da rede até a linha de saque e do fundo da quadra. Logo, a área central da quadra não valeria para pontuar. Dessa forma, apresentou-se apenas a regra do jogo, não explicitando a melhor posição em quadra para rebater a peteca, nem quais técnicas seriam as mais indicadas para se obter sucesso. Portanto, não se explicitou as regras táticas de ação e as pistas situacionais, somente os objetivos fulcrais do jogo, e os alunos foram desenvolvendo sua maneira de jogar para conquistar pontos.

Por outro lado, a aprendizagem explícita define-se como aquisição de conhecimento intencional, frequentemente guiada por hipóteses ou regras auxiliares externas (FRENSCH, 1998). Ocorre em situação de produção de conhecimento verbalizado e demonstrativo, ou por treinamento repetitivo de um mesmo movimento. Resulta assim, a aprendizagem da intenção do sujeito direcionada ao objetivo, significa que o aprendiz tem a intenção de aprender sobre determinado objeto (TIELEMANN et al., 2008).

Ambas as formas de aprendizagem se baseiam nas regras de contingência SE-ENTÃO da tomada de decisão nos esportes (RAAB, 2015). Estas regras determinam que as decisões sejam tomadas mediante a percepção: "SE percebo que meu adversário não retornou do fundo da quadra, ENTÃO rebato uma peteca mais curta próxima à rede para dificultar sua devolução e promover deslocamentos longos, evitando assim ser atacado". Todavia, na aprendizagem implícita, o jogador aprende estas regras de forma situacional e na aprendizagem explícita, o professor aponta as pistas pertencentes às regras de contingência, revelando as possíveis consequências das ações esportivas.

No contexto da aprendizagem motora, a aprendizagem de alguma informação complexa sem a capacidade de saber conscientemente o que foi assimilado é conhecida como aprendizagem implícita (MORAES, 2009). Os indivíduos aprendem sem intenção e sem capacidade de articular com clareza o que foi aprendido. As regras aprendidas não podem ser verbalizadas, uma vez que não estão acessíveis à consciência. O autor anteriormente citado ainda aponta que em situações estressantes há indícios de que a aprendizagem implícita seja mais robusta do que a aprendizagem explícita.

### **Motivação para a prática**

Apesar de não ser efetivamente um aspecto pedagógico do "como ensinar" o nível de motivação para a prática dos alunos e professores pode se tornar uma variável comportamental determinante para otimizar o processo de ensino-aprendizagem. A motivação e as experiências anteriores do praticante são elementos que podem impulsionar ou afetar negativamente o resultado referente ao aprendizado das habilidades (TANI et al., 2004; PANSERA et al., 2016). A aplicação de determinados processos de ensino podem levar a uma redução da motivação e conseqüentemente do engajamento dos alunos na realização das atividades, diminuindo o clima de maestria motivacional. Os estilos de ensino reprodutivos apresentam a desvantagem de serem menos motivante para os alunos, assim como processos de ensino que estimulam somente o aprendizado da técnica esportiva, e a falta de motivação para a prática pode estar na impossibilidade imediata de apreciar, de praticar ativamente o jogo (GRECO et al., 2015).

### **Relações entre os aspectos pedagógicos contidos no processo de ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes sociomotrizes**

Na seqüência, seguem as relações entre os aspectos pedagógicos apresentadas por meio de estudos de revisões de literatura e pesquisas de campo, realizadas tanto no âmbito da Educação



Física escolar quanto em escolinhas de esporte ou clubes.

### **Relação entre o Domínio do treino e Estilos de ensino**

O TGfU vem sendo uma das propostas de ensino mais aplicadas, conforme as revisões de literatura de Oslin e Mitchell (2006) e Harvey e Jarrett (2013). Os autores ainda apontam que os estudos de intervenção ora apresentam a aplicação do TGfU para verificar a transferência de conhecimentos entre modalidades esportivas de raquete e rede, como Tênis e Pickleball, ora verificam os desempenhos tático-técnicos em uma modalidade específica (Basquetebol, Badminton, Voleibol), utilizando assim, o domínio do treino geral e específico, respectivamente. Isso confirma que esta proposta de ensino pode ser aplicada com o intuito de se focar no domínio do treino geral, promovendo transferências de aprendizagem de um esporte para outro ou específico, o que amplia o leque de possibilidades do professor ou treinador em explorar diferentes aprofundamentos dos conteúdos esportivos.

O estilo de ensino no TGfU se alterna entre a descoberta guiada, por conter os questionamentos do professor durante as aulas (CLEMENTE, 2014), assim como solução de problemas, porque os alunos são expostos ao jogo e devem resolver os problemas que surgem nele, a partir das condições de manipulação do professor. Já na proposta de ensino do SMART (RAAB et al., 2015) o professor segue dois estilos de ensino utilizando o domínio do treino específico. Em um momento, verbaliza e discute junto aos alunos o que fazer (ação tática), os colocando em jogos onde os sinais perceptivos já foram assinalados. Em outro momento, coloca os alunos em jogo para tomarem decisões, assumindo o estilo de solução de problemas.

### **Relação entre o Domínio do treino e Formas de aprendizagem**

Memmert e Roth (2007) examinaram a eficácia de diferentes abordagens de treinamento em esportes coletivos para o desenvolvimento da

criatividade tática em 139 crianças, com cerca de 7 anos de idade, durante 15 meses. As crianças foram divididas em grupos de domínio do treino específico (Handebol, Futebol, Hóquei) e domínio do treino geral. A análise de efeitos relacionados com o tratamento mostrou que o grupo de domínio do treino geral exibiu melhorias na criatividade geral, e que os grupos domínio do treino específico mostraram melhorias na criatividade orientada para o jogo em que foram treinados. Apesar de distintos domínios de treino, a aprendizagem foi estimulada da forma implícita em todos os grupos, por meio da proposta de ensino da Escola do Bola (KROGER; ROTH, 2002).

O estudo de Raab (2003) aponta que o ensino do Handebol por meio da aprendizagem implícita resultou em melhores e mais rápidas tomadas de decisões, em situações de baixa complexidade. Já a aprendizagem explícita resultou em melhores decisões em situações de alta complexidade. Neste caso, o domínio do treino foi específico para o ensino do Handebol. Quanto à percepção no jogo, a aprendizagem implícita é um mecanismo potencial elevar a qualidade da tomada de decisão, comprovada em estudos realizados também no Tênis (FARROW; ABERNETHY, 2002), no Handebol (RAAB, 2003), no Tênis de mesa (POOLTON; MASTERS; MAXWELL, 2006) e no Basquetebol (RAAB et al., 2009), sendo portanto, estimulada também em treinamentos específicos para jovens e adultos.

### **Relação entre Estilo de ensino e Motivação para a prática**

A seguir, apresentam-se estudos que avaliaram os efeitos de diferentes estilos de ensino sobre o comportamento dos alunos, conseqüentemente que influenciou o clima motivacional de aulas de Educação Física. Morgan, Kingston e Sproule (2005) aplicaram sessões de intervenção em três grupos sob os estilos de comando, recíproco e descoberta guiada. Os sujeitos do grupo de descoberta guiada sentiram-se motivados para a prática, por aprender novas técnicas e melhorá-las, apresentando interesse na aprendizagem,





autoconfiança e senso de satisfação. No estilo recíproco, os alunos tiveram prazer em experimentar diferentes formas de aprendizagem da técnica, enquanto no estilo de comando, os alunos se sentiram limitados na aprendizagem.

Os estudos de Tjeerdsma, Rink e Graham (1996), Nye (2010) e Wallhead, Hagger e Smith (2010) apresentaram resultados esperados para indícios de melhora da motivação dos alunos ao aplicarem estilos de ensino produtivos. Os resultados melhoraram a participação dos alunos no processo, a identificação de ideias como desafio, competição e interação social, interesse na aprendizagem, autoconfiança e senso de satisfação, compromisso com as aulas e com os colegas e o aumento da percepção do suporte autônomo.

Ames (1992) aponta que o comportamento assumido de acordo com o estilo de ensino aplicado está intimamente ligado ao clima de maestria motivacional e sugere que, a fim de fomentar um clima motivacional, os professores devem se concentrar em variedade, diversidade, novidade de tarefas e metas de trabalho criadas para o progresso individual na aprendizagem.

### **Relação entre Formas de aprendizagem, Estilos de ensino e Motivação para a prática**

Aburachid (2015b) revelou a influência do nível de motivação para a prática dos alunos sobre o efeito da evolução do desempenho da técnica e da tática, após a aplicação de uma proposta de ensino integrativa no badminton em aulas de Educação Física escolar. A elevação da motivação intrínseca explicou em 55% e 40% a

evolução da aprendizagem das competências técnicas e táticas, respectivamente. Já a elevação da motivação intrínseca explicou em 28% a evolução da competência tática ao final da intervenção. Essa proposta de ensino aplica, na maioria da unidade didática, formas de aprendizagem implícita e o estilo de ensino de solução de problemas.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O texto pretendeu discorrer e tecer relações entre os aspectos pedagógicos contidos no processo de ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes sociomotrizes. Nesse ensaio, para além da apresentação conceitual dos aspectos pedagógicos que surgem no ato de ensinar do professor/treinador, as relações existentes entre eles buscam estimular a reflexão quanto as possibilidades de sua utilização na aplicação de práticas esportivas. As pesquisas de campo que realizam intervenção pedagógica têm objetivado apresentar propostas de ensino, principalmente, na verificação de quais processos fazem com que os alunos aprendam melhor. Compreender mais sobre esses temas poderá levar o professor a refletir sobre sua práxis, e assim estimulá-lo no planejamento e aplicação de suas aulas. Estudos sobre a observação de como os professores se comportam em ação, seu nível de motivação, conhecimentos acerca dos conteúdos e dos alunos e sua motivação são os desafios que estão em andamento para se evoluir no conhecimento acerca dos processos de ensino-aprendizagem dos esportes.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABURACHID, Layla Maria Campos. **Impacto de diferentes métodos de ensino no desempenho tático-técnico no badminton**. 2015. 199 f. Tese (Doutorado em Ciências do Esporte). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2015a.

ABURACHID, Layla Maria Campos. O ensino dos esportes de raquete: uma atuação pedagógica diversificada. In: LEMOS, Kátia Lucia Moreira; GRECO, Pablo Juan; MORALES, Juan Carlos Pérez (Orgs.). **Anais 5º Congresso Internacional dos Jogos Desportivos**. Belo Horizonte, MG: EEFETO/UFGM, p. 217-236, 2015b.



ALMOND, Len. Reflecting on themes: a games classification. In: THORPE, Rod; BUNKER, David; ALMOND, Len (Orgs.). **Rethinking games teaching. Loughborough**. Leicestershire: University of Technology, p. 71-72, 1986.

AMES, Carole. Classroom: Goals, structures, and student motivation. **Journal of educational psychology**, v. 84, n. 3, p. 409-414, 1992.

BAYER, Claude. **La enseñanza de los juegos deportivos colectivos**. Barcelona, Espanha: Hispano-Europea, 1986.

BENTO, Jorge Olímpio. Da pedagogia do desporto. In: TANI, Go; BENTO, Jorge Olímpio; PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza (Orgs.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BUNKER, David; THORPE, Rod. A model for the teaching of games in the secondary school. **Bulletin of physical education**, v. 10, p. 9-16, 1982.

CLEMENTE, Filipe Manuel. Uma visão integrada do modelo teaching games for understanding: adequando os estilos de ensino e questionamento à realidade da educação física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 36, n. 2, p. 587-601, 2014.

FARROW, Damian; ABERNETHY, Bruce. Can anticipatory skills be learned through implicit video based perceptual training? **Journal of sports sciences**, v. 20, p. 471 – 485, 2002.

FRENSCH, Peter. One concept, multiple meaning: on how to define the concept of implicit learning. In: STADLER, Michael; FRENSCH, Peter. (Orgs.). **Handbook of implicit learning**. London, UK: Sage Publications, 1998.

GARGANTA, Julio. Trends of tactical performance analysis in team sports: bridging the gap between research, training and competition. **Revista portuguesa de ciência do desporto**, v. 9, n. 1, p. 81–89, 2009.

GRAÇA, Amândio; MESQUITA, Isabel. Modelos e concepções do ensino nos jogos esportivos. In: TAVARES, Fernando. (Org.). **Jogos desportivos colectivos: ensinar a jogar**. Porto, Portugal: Porto, 2013.

GRECO, Pablo Juan; BENDA, Rodolfo Novellino. **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

GRECO, Pablo Juan; MORALES, Juan Carlos Pérez; ABURACHID, Layla Campos; LÓPES, Mariana Calábria; SILVA, Schelyne Ribas; BENDA, Rodolfo Novellino. Iniciação Esportiva Universal: o jogo do “ABC” na alfabetização esportiva. In: LEMOS, K.L.M.; GRECO, P.J.; MORALES, J.C.P. (Org.). **Anais 5º Congresso Internacional dos Jogos Desportivos**. Belo Horizonte, Minas Gerais: EEFETO/UFMG, 2015.

GURVITCH, Rachel; METZLER, Michael. Aligning learning activities with instructional models. **Journal of physical education, recreation and dance**, v. 84, n. 3, p. 30-37, 2013.



HARVEY, Stephen; JARRETT, Kendall. A review of the game-centred approaches to teaching and coaching literature since 2006. **Physical education and sport pedagogy**, v. 19, n. 3, p. 1-24, 2013.

LUGUETTI, Carla Nascimento; TSUKAMOTO, Mariana Harumi; DANTAS, Luiz Tourinho. Aspectos didáticos-pedagógicos. In: BÖHME, Maria Tereza Silveira (Org.). **Esporte infantojuvenil: treinamento a longo prazo e talento esportivo**. São Paulo; Phorte, 2011.

KROGER, Christian; ROTH, Klaus. **Escola da bola: um abc para iniciantes nos jogos esportivos**. São Paulo: Phorte, 2002.

KRUG, Dircema Helena Francechetto. **Metodologia do ensino da educação física: o spectrum de estilos de ensino de muska mosston e uma nova visão**. Curitiba, PR: JM Livraria Jurídica, 2009.

MAHLO, Friedrich. **O acto tático no jogo**. Lisboa, Portugal: Compendium, 1970.

MASTERS, Richard; MAXWELL, Jonathan. Implicit motor learning, reinvestment and movement disruption: what you don't know won't hurt you. In: HODGES, Nicola; WILLIAMS, Mark (Eds.). **Skill acquisition in sport: research, theory, and practice**. London: Routledge, 2004.

MEMMERT, Daniel; ROTH, Klaus. The effects of non-specific and specific concepts on tactical creativity in team ball sports. **Journal of sports sciences**, v. 25, n. 12, p. 1423-1432, 2007.

MORAES, Renato. Aprendizagem motora implícita em crianças e adolescentes. In: De ROSE JR., Dante e colaboradores (Orgs.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

MORENO, José Hernández. **Fundamentos del deporte: análisis de las estructuras del juego deportivo**. 2. ed. Barcelona, Espanha: INDE, 1994.

MORGAN, Kevin; KINGSTON, Kieran; SPROULE, John. Effects of different teaching styles on the teacher behaviours that influence motivational climate and pupils' motivation in physical education. **European physical education**, v. 11, n. 3, p. 257-285, 2005.

MOSSTON, Muska. **The spectrum of teaching styles**. New York, NY: Longman, 1990.

NITSCH, Jürgen. Ecological approaches to sport activity. **International journal of sport psychology**, v. 40, p. 152-176, 2009.

NYE, Susan. Effects of the tactical games approach on student engagement in a sport education badminton season. **VAHPERD Journal**, v. 31, n. 1, p. 19-24, 2010.

OSLIN, Judith; MITCHELL, Stephen. Game-centred approaches to teaching physical education. In: KIRK, David; MACDONALD, Doune; O'SULLIVAN, Mary (Eds.). **The handbook of physical education**, London: Sage, 2006.

PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: especialização esportiva precoce. In: TANI, Go; BENTO, Jorge Olímpio; PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza (Orgs.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.



PANSERA, Simone Maria; VALENTINI, Nadia Cristina; SOUZA, Mariele Santayana; BERLEZE, Adriana. Motivação intrínseca e extrínseca: diferenças no sexo e na idade. **Psicologia escolar e educacional**, v. 20, n. 2, p. 313-320, 2016.

PARLEBÁS, Pierre. **Léxico de praxiologia motriz juegos, deporte y sociedad**. Barcelona, Catalunã: Paidotribo, 2001.

POOLTON, Jamie M.; MASTERS, Richard S. W.; MAXWELL, Jonathan. The influence of analogy learning on decision-making in table tennis: Evidence from behavioral data. **Psychology of sport and exercise**. v. 7, p. 677–688, 2006.

RAAB, Markus. Decision making in sport: influence of complexity on implicit and explicit learning. **International journal of sport and exercise psychology**, v.1, p. 406-433, 2003.

RAAB, Markus. Think smart, not hard-a review of teaching decision making in sport from an ecological rationality perspective. **Physical education and sport pedagogy**, v. 12, n. 1, p. 1-22, 2007.

RAAB, Markus e colaboradores. Discovery learning in sports: implicit or explicit processes? **International journal of sport and exercise psychology**, v. 7, n. 4, p.413-430, 2009.

RAAB, Markus. SMART-ER: a situation model of anticipated response consequences in tactical decisions in skill acquisition-extended and revised. **Frontiers in psychology**, v. 5, p. 1-5, 2015.

REBER, Paul J. The neural basis of implicit learning and memory: a review of neuropsychological and neuroimaging research. **Neuropsychologia**, v. 51, p. 2026–2042, 2013.

ROBLES RODRIGUEZ, José; GIMÉNEZ, Funes-Guerra; ABAD, Manuel Tomás. Metodología utilizada en la enseñanza de los contenidos deportivos durante la E.S.O. **Revista internacional de medicina y ciencias de la actividad física y el deporte**, v. 10, n. 41, p. 35-57, 2011.

TANI, Go e colaboradores. Aprendizagem motora: tendências, perspectivas e aplicações. **Revista paulista de educação física**, v. 18, ago. N. esp., p. 55-72, 2004.

TEODORESCU, Leon. **Problemas da teoria e metodologia nos jogos desportivos**. Lisboa: Livros Horizonte, 224 p., 1984.

TIELEMANN, Nele; RAAB, Markus; ARNOLD, Andre. Effekte von instruktionen auf motorische lernprozesse: lernen durch analogien oder bewegungsregeln? **Zeitschrift für sportpsychologie**, v. 15, p. 118-128, 2008.

TJEERDSMA, Bonnie L.; RINK, Judith E.; GRAHAM, Kathy C. Student perceptions, values, and beliefs prior to, during, and after badminton instruction. **Journal of teaching in physical education**. v. 15, n. 4, p. 464-476, 1996.

WALLHEAD, Tristan; O’SULLIVAN, Mary. Sport education: physical education for the new millennium? **Physical education and sport pedagogy**, v. 10, n. 2, p. 181 – 210, 2005.



WALLHEAD, Tristan; HAGGER, Martin; SMITH, Derek. Sport education and extra-curricular sport participation: an examination using the trans-contextual model of motivation. **Research quarterly for exercise and sport**, v. 82, n. 4, p. 442 – 55, 2010.

WEIGEL, Peter; RAAB, Markus; WOLLNY, Rainer. Tactical decision making in team sports-a model of cognitive processes. **International journal of sports science**, v. 5, n. 4, p. 128 – 138, 2015.

Dados do autor:

Email: laylabor@hotmail.com

Endereço: Rua Buenos Aires, 100, complemento 2103, Jardim das Américas, Cuiabá, MT, CEP 78060-634, Brasil

Recebido em: 29/05/2019

Aprovado em: 04/12/2019

Como citar este artigo:

ABURACHID, Layla Maria Campos e colaboradores. O desafio de ensinar esportes: aspectos pedagógicos a serem considerados na práxis. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 03, p. 122-133, set./ dez., 2019.